

DANIEL HENRIQUE RIBEIRO

**Racionalidades e contra-racionalidades da implantação  
de grandes projetos urbanos: o caso do Itaquerão**

Dissertação apresentada como exigência para a  
obtenção do título de Mestre em Urbanismo ao  
Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Orientador: Manoel Lemes da Silva Neto

Campinas  
2018

Ficha catalográfica elaborada por Marluce Barbosa CRB 8/7313  
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

t711.4 Ribeiro, Daniel Henrique.

R484r Racionalidades e contra-racionalidades da implantação de grandes projetos urbanos: o caso do Itaquerão / Daniel Henrique Ribeiro. – Campinas: PUC-Campinas, 2018.  
185f.

Orientador: Manoel Lemes da Silva Neto.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias, Pós-Graduação em Urbanismo.

Inclui anexo e bibliografia.

1. Planejamento urbano. 2. Projeto arquitetônico. 3. Segregação urbana. 4. Políticas públicas. I. Silva Neto, Manoel Lemes da. I. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias. Pós-Graduação em Urbanismo. III. Título.

CDD – 22. ed. t711.4

**DANIEL HENRIQUE RIBEIRO**

**“RACIONALIDADES E CONTRA-RACIONALIDADES DA  
IMPLANTAÇÃO DE GRANDES PROJETOS URBANOS:  
O CASO DO ITAQUERÃO”**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Urbanismo do Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito para obtenção do título de Mestre em Urbanismo.

Área de Concentração: Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Lemes Da Silva Neto

Dissertação defendida e aprovada em 29 de Junho de 2018 pela Comissão Examinadora constituída dos seguintes professores:



---

**Prof. Dr. Manoel Lemes Da Silva Neto**

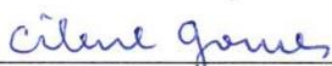
Orientador da Dissertação e Presidente da Comissão Examinadora  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas



---

**Profa Dra Vera Santana Luz**

Pontifícia Universidade Católica de Campinas



---

**Profa Dra Cilene Gomes**

Universidade do Vale do Paraíba

À Sandra e José, meus pais.  
À Leonirde e Heitor, meus avós.  
À Tamyris e Charles, meus irmãos.

## AGRADECIMENTOS

A Manoel Lemes da Silva Neto, pela paciência e orientações, por demonstrar sua intensa preocupação e generosidade.

A meus pais José e Sandra, pelo carinho e apoio.

A meus avós Heitor e Leonirdes pelo amor e zelo.

A meus irmãos Charles e Tamyris pelo amor incondicional.

A professora Vera Santana Luz, por me acolher em sua disciplina como estagiário e ser essa mãezona.

Aos integrantes do LADEUR que partilharam dos desafios e conquistas deste trabalho.

A Daniela e ao Henderson que foram meus guias em Itaquera e na Zona Leste.

Aos amigos arquitetos Guilherme Oliveira e Giliarde Silva pelo auxílio na elaboração dos mapas e nas trocas de ideias.

A Carla Steffen pela ajuda e companheirismo.

Aos meus amigos irmãos, Igor Araújo, Leonardo Afonso, Luiz Miguel, Thiago Ribeiro, Bruno Ventura e Afonso Carvalho pela amizade e cumplicidade.

Ao Samuel Mantovani pela parceria que nasceu na graduação e se manteve firme por todo o mestrado.

A professora Cilene Gomes que juntamente com a Vera contribuíram imensamente na qualificação.

Às vozes de Itaquera que me fizeram enxergar o mundo de outra forma.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo financiamento concedido à realização da pesquisa (processo nº 2017/06889-0).

## RESUMO

Na área de Arquitetura e Urbanismo, o tema proposto relaciona-se com as implicações socioespaciais provenientes de “Grandes Projetos Urbanos”. Tais projetos se caracterizam pelo porte, especificidade do programa arquitetônico-urbanístico e, especialmente, transformações que induzem nas localidades onde são implantados. Sob o contexto da função social da arquitetura e urbanismo, indaga-se se a proposição e implantação de projetos urbanos de grande porte implicam produzir projetos socialmente necessários. A análise envolve um estudo de caso: o Itaquerão ou Arena Corinthians. Esse estádio de futebol foi inaugurado em 2014 e desencadeia transformações significativas no entorno imediato em que foi implantado e na Zona Leste da cidade de São Paulo. Tal classe de intervenção espacial é inédita na história da periferia urbana do município e a pesquisa envolve a documentação das transformações espaciais promovidas pelo Itaquerão em seus momentos iniciais. A metodologia propõe o desenvolvimento de elementos teórico-empíricos relacionados à abordagem do assunto no campo das ciências sociais aplicadas, em especial, pesquisa de campo envolvendo questionários e entrevistas. Pretende-se contribuir na produção do conhecimento voltado às dinâmicas espaciais contemporâneas, à metodologia de projetos arquitetônico-urbanísticos, assim como subsidiar a formulação de políticas públicas de caráter territorial.

Palavras chave: segregação socioespacial, grandes projetos urbanos, racionalidades, território usado.

## ABSTRACT

In the area of Architecture and Urbanism, the proposed theme is related to the socio-spatial implications of "Great Urban Projects" (GPU). Such projects are characterized by the size, specificity of the architectural-urban program and, especially, transformations that induce in the places where they are implanted. Under the context of the social function of architecture and urbanism, one inquires whether the proposition and implantation of GPUs imply producing socially necessary projects. The analysis involves a case study: the Itaquero or Arena Corinthians. Inaugurated in 2014 in the district of Itaquera, São Paulo city, this football stadium has triggered significant transformations in the immediate surroundings that are reflected in the East Zone of the city. It can be said that this class of spatial intervention is unprecedented in the history of the urban periphery of São Paulo, the research involves documentation of the transformations arising from the installation of Itaquero in its initial moments. The methodology proposes the development of theoretical-empirical elements related to the subject approach in the field of applied social sciences, especially field research involving questionnaires and interviews. The aim is to contribute to the production of knowledge focused on contemporary space dynamics, to the methodology of architectural-urbanistic projects, as well as to subsidize the formulation of public policies of a territorial character.

Key-words: socio-spatial segregation, large urban projects, rationalities, territory used.

## Lista de figuras

Figura 1: Vista do @22 Baecelona com destaque a Torre Agbar do arquiteto Jean Nouvel.....	24
Figura 2: Vista do Porto Madero em Buenos Aires .....	25
Figura 3: Vista do Porto Maravilha.....	26
Figura 4- Plano do Polo Institucional Itaquera Fonte: Prefeitura de São Paulo. ....	52
Figura 5 - Polo Institucional Itaquera Fonte: Prefeitura de São Paulo. ....	53
Figura 6: Pannel de LED exibindo homenagem a Chapecoense após a tragédia em novembro de 2016. Fonte: <a href="http://trivela.uol.com.br/estadios-pelo-mundo-entram-em-sintonia-com-arena-condã-e-prestam-homenagem-a-chape/">http://trivela.uol.com.br/estadios-pelo-mundo-entram-em-sintonia-com-arena-condã-e-prestam-homenagem-a-chape/</a> .....	54
Figura 7- Ilustração do autor de um dia de jogo, com a vista do Bairro de Itaquera ao fundo do estádio. ....	55
Figura 8-- Vista da estação com o projeto antigo do estádio. Fonte: <a href="http://www.saopauloantiga.com.br/estadio-do-corinthians/">http://www.saopauloantiga.com.br/estadio-do-corinthians/</a> .....	56
Figura 9- Maquete projeto antigo do estádio. Fonte: <a href="http://www.saopauloantiga.com.br/estadio-do-corinthians/">http://www.saopauloantiga.com.br/estadio-do-corinthians/</a> .....	56
Figura 10- Fachada oeste da Arena Corinthians. Foto: Giliarde Silva.....	58
Figura 11- Poupa Tempo Itaquera. Foto: Giliarde Silva.....	58
Figura 12- Etec/Fatec Itaquera. Foto: Giliarde Silva. ....	58
Figura 13- Croqui da implantação do Polo com os equipamentos em 2018 e destaque para o Sistema Viário. ....	59
Figura 14: Croqui de observação do autor mostrando a Radial Leste e a linha do trem com os viadutos ao fundo. ....	60
Figura 15- Imagem extraída da fanpage do movimento "Comunidade da Paz Itaquera Resiste 2017".....	84
Figura 16- Reunião da Comunidade da Paz em dezembro de 2017. Disponível em: <a href="https://www.facebook.com/PazResiste2017/photos/pcb.1033341413474231/1033341283474244/?type=3&amp;t">https://www.facebook.com/PazResiste2017/photos/pcb.1033341413474231/1033341283474244/?type=3&amp;t</a> .....	84
Figura 17: Fachada do Residencial Di Pedra Fonte: Divulgação. ....	109
Figura 18: Plantas de 1 e 2 dormitórios. Fonte: Divulgação. ....	110
Figura 19: Fachada do empreendimento Plano Itaquera. Fonte: Divulgação. ....	111
Figura 20: Plantas de 1 e 2 dormitórios. ....	111
Figura 21: Imagem divulgação do empreendimento Carolina Vilage Itaquera.....	112
Figura 22: Plantas de 2 e 3 dormitórios. ....	112
Figura 23: Fachada do empreendimento Living Family. Fonte: Divulgação.....	113
Figura 24: Plantas com 2 e 3 dormitórios. ....	113
Figura 25: Perspectiva do empreendimento Arena. Fonte: Divulgação. ....	114
Figura 26: Plantas com dois e três dormitórios. ....	114
Figura 27: Fachada do empreendimento Kamimura. Fonte: Divulgação. ....	115
Figura 28: Planta tipo. ....	116
Figura 29: Fachada do empreendimento Ello Home Club. Fonte: Divulgação.....	117
Figura 30: Plantas com 1 e 2 dormitórios. ....	117
Figura 31: Perspectiva do empreendimento Smart Spaces. Fonte: Divulgação. ....	118
Figura 32: Planta tipo. ....	118
Figura 33: Perspectiva da entrada do empreendimento Saint Dimas. Fonte: Divulgação. ....	119
Figura 34: Plantas Tipos. ....	120



Figura 35: Vista aérea atual. 2018 Google. ....	127
Figura 36: Cenário 1 - Ausência da resistência.....	127
Figura 37: Cenário 2 - Atuação das resistências.....	128

## Lista de tabelas

Tabela 1: Quadro da análise do mercado imobiliário. ....	106
--	-----

## Lista de mapas

Mapa 1: A1 - Contextos espaciais da área de estudo.....	49
Mapa 2: A2 - Contextos espaciais da área de estudo.....	50
Mapa 3: B1 - Densidade urbana populacional e faixa etária ano 2010. ....	63
Mapa 4: B2 - Renda por capita ano 2007.....	64
Mapa 5: B3 - População por grau de instrução, ano 2007.....	65
Mapa 6: B4 - Pessoas residentes por cor ou raça, ano 2010. ....	66
Mapa 7: C1 - Densidade habitacional e situação dos domicílios particulares, ano 2010. ....	67
Mapa 8: C2 - Renda per capita e banheiros por domicílios, ano 2010.....	68
Mapa 9: D1 - Taxa de crescimento media geométrica anual, ano 2000 - 2010.....	69
Mapa 10: D2 - Índice do adensamento populacional, ano 2000 - 2010. ....	70
Mapa 11: E1 - Definição territorial da amostragem de questionário e entrevistas. ....	79
Mapa 12: F1 - Mapa de fluxos OD 1987, ZONA 92 – Itaquera.....	88
Mapa 13: F2 - Mapa de fluxos OD 1997, ZONA 227 – Itaquera.....	89
Mapa 14: F3 - Mapa de fluxos OD 2007, ZONA 182 – Itaquera.....	90
Mapa 15: F4 - Densidade das viagens produzidas por zona - Motorizadas (Coletivo x individual).....	91
Mapa 16: F5 - Densidade das viagens produzidas por zona (Motorizada x Não motorizada).....	92
Mapa 17: F6 - Tempo médio das viagens produzidas por zona (transporte coletivo)..	93
Mapa 18: F7 - Rede de transporte coletivo. ....	94
Mapa 19: F8 - Rede de transporte coletivo – Metrô.....	95
Mapa 20: F9 - Rede de transporte coletivo - Ônibus.....	96
Mapa 21: F10 - Rede de transporte coletivo - Rede cicloviária. ....	97
Mapa 22: F11 - Rede de transporte coletivo - Trem.....	98
Mapa 23: G1 - Equipamentos Culturais e fluxos OD 2007, zona 182. ....	99
Mapa 24: G2 - Equipamentos Educação e fluxos OD 2007, zona 182. ....	100
Mapa 25: G3 - Equipamentos Saúde e fluxos OD 2007, zona 182. ....	101
Mapa 26: G4 - Equipamentos Esporte e fluxos OD 2007, zona 182. ....	102
Mapa 27: G5 - Vazios urbanos. ....	103
Mapa 28: H1 - Zoneamento Plano diretor 2014. ....	107
Mapa 29: H2 - Lançamentos Imobiliários. ....	108

# Sumário

RESUMO .....	6
ABSTRACT.....	7
APRESENTAÇÃO .....	11
INTRODUÇÃO .....	13
Parte I.....	22
I. Sobre Grandes Projetos Urbanos.....	23
II. As racionalizações .....	27
III. Arquitetura e cidade.....	35
a. Por uma outra monumentalização.....	35
b. O poder do projeto.....	41
Parte II.....	45
IV. Zona Leste.....	46
a. Sobre o Itaquera e o Polo Institucional de Itaquera.....	51
b. Moradores e frequentadores.....	60
i. Desenvolvimento de banco de dados georreferenciados de variáveis demográficas.....	60
ii. Aplicação de questionário e realização de entrevistas com moradores e usuários do Polo Institucional de Itaquera. ....	71
c. Ação Local.....	80
V. Contextualização Urbana .....	85
a. Organização espacial da cidade.....	85
b. Política urbana .....	104
Parte III.....	123
VI. Desenho de paisagens urbanas possíveis .....	124
VII. Considerações:.....	129
Referências bibliográficas .....	135
Anexo I .....	139
Anexo II .....	145
Anexo III .....	163
Anexo IV.....	177

## APRESENTAÇÃO

Esta dissertação é um dos frutos do curso de mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Também fruto de uma inquietação pessoal a respeito dos possíveis impactos que a implantação de projeto de arquitetura e/ou urbanismo possa causar na vida das pessoas que moram ou frequentam seu entorno imediato.

Esta inquietação me levou a procurar o Professor Manoel, que abriu meus olhos a estudar os impactos dos grandes projetos urbanos, entre os quais escolhemos analisar o caso do Itaquerão, a Arena Corinthians, recém-construída na Zona Leste de São Paulo, região periférica da cidade.

Nasci em um bairro periférico da cidade de Campinas, e aos cinco anos de idade meu pai decidiu voltar para sua cidade natal, no sul de Minas, para fugir da violência que se instalava na cidade grande na década de 90 e criar seus filhos com mais liberdade em uma cidade pequena. O retorno à Campinas se deu no momento do ingresso na faculdade, contemplado por uma almejada bolsa de estudos em uma renomada universidade. Retornei à Campinas, a viver na periferia e a usar o transporte público, vivenciando intensamente o curso que havia escolhido.

Em meio a uma universidade majoritariamente frequentada pela classe A, foram inúmeros os constrangimentos ao dizer minhas origens e ao falar o bairro que morava.

Ter vivido na pele o que ouvi nos relatos dos moradores da Zona Leste me fez tomar uma postura perante o trabalho, a de apenas ouvir, onde precisei me desconectar de minha história para ouvir as outras. Agora, frente à finalização do trabalho, vejo o quão importante foi ouvir para não cair nas generalizações comuns ao tema periferia. Perceber que cada indivíduo tem sua história e suas peculiaridades que o tornam único.

O trabalho se desenvolve em três partes. Na primeira, são discutidos os conceitos de Grandes Projetos Urbanos (GPU), de racionalidade e contra-racionalidade e a própria arquitetura nos textos “Arquitetura e cidade” e “Por uma

outra monumentalização”, onde é feita uma reflexão do ponto de vista do arquiteto.

Na segunda parte, é desenvolvido o estudo do território propriamente dito, a compreensão histórica da Zona Leste, o estudo do Polo Instrucional Itaquera, as análises demográficas, as entrevistas e questionários, a busca pela ação local e a contextualização urbana, por meio da organização espacial da cidade, e a política urbana.

A terceira parte destina-se ao desfecho do trabalho com o desenho de paisagens urbanas possíveis, de cenários e tendências da configuração territorial da área de estudo, que são o ponto de convergência entre sínteses obtidas no decorrer do trabalho e do processo de reflexão.

A busca pela compreensão das contra-racionalidades se deu ainda tímida neste trabalho, tal fato justifica-se por se tratar de um primeiro trabalho publicado por integrantes do Laboratório de Desenho de Estratégias Urbano-Regionais (LADEUR) da PUC Campinas, grupo este que vem se dedicando a compressão do tema.

## INTRODUÇÃO

A Arena Corinthians, estádio de futebol que foi inaugurado em maio de 2014, mais conhecido como “Itaquerão” é o centro do presente trabalho. O estádio, que pertence ao Sport Club Corinthians Paulista, está situado no Polo Institucional de Itaquera, distrito de Itaquera, zona leste do município de São Paulo, e foi idealizado para receber a abertura da Copa do Mundo de 2014, sendo posteriormente o palco das partidas do Corinthians, recebendo uma média de pública alta em seus dias de jogos, o que leva uma grande população nômade ao local, que se desloca pelo metrô e também por carros e ônibus, nas vias que ligam os demais bairros a Itaquera.

Na medida em que essas intervenções são compreendidas como instrumentos de política urbana no contexto da globalização (Castells e Borja, 1996), as implicações socioespaciais da Arena Corinthians com as transformações que ocorreram em seu entorno, as políticas urbanas advindas com sua chegada e o atrito que pode ter sido causado entre o projeto dos agentes hegemônicos e as aspirações da população local e dos agentes sociais é a questão principal que norteia o trabalho.

A partir do contexto do que se denominou “Grandes Projetos Urbanos (GPUs)” (Ultramari e Rezende, 2007), o Polo Institucional Itaquera, onde o Itaquerão é o principal equipamento e induz transformações significativas na organização espacial de seu entorno imediato, podendo configurar, na zona leste da cidade, área de influência mais ampla. Foi observado que tais implantações resultam em duas principais abordagens sobre o tema. A primeira afirma que a acirram a desigualdade, assim como a desintegração social (Arantes et al., 2002; Ribeiro e Silva, 2004); e o segundo pensamento considera que a implantação de projetos como este pode levar a efeitos positivos, de infraestrutura a ampliação do lazer e de atividades culturais (Castells e Borja, 1996; Ultramari e Ciffoni, 2014).

Tendo em vista que a implantação do projeto é relativamente nova, os desdobramentos dos conflitos de interesse podem ser mais facilmente

perceptíveis pela pesquisa de campo proposta neste de trabalho. O registro histórico desse momento inicial da implantação do Itaquerao é de grande relevância documental e, sua análise, essencial como subsídio à formulação de políticas públicas de caráter territorial.

A compreensão das dinâmicas envolvidas nesse processo, porque recentíssimas, ainda podem ser substancialmente reveladas nos dias de hoje. A afinidade da população com o Itaquerao é evidente. O poder de transformação social do projeto urbano é notável. Reforça a noção elementar de que o urbanismo é portador de reformas positivamente relacionadas ao interesse social. Contraditoriamente, o mesmo Itaquerao é portador de racionalidades econômico-financeiras que tendem a dissipar o projeto de interesse territorial. Isto é, de todos. Da ótica desse cenário possível, não tardará muito para que os registros das resistências locais, em seus primórdios, estejam apagados ou esquecidos.

Desse modo, analisa e discute os processos associados à construção do Itaquerao na zona leste de São Paulo e o potencial representado pelo projeto urbano na alteração de padrões espaciais em desvantagem. Com isso sinaliza, e ainda em tempo, a urgência de defesa das racionalidades populares por parte do poder público. A interrogação de processos econômicos, político-culturais e ideológicos responsáveis pela fragilidade dos elos entre gestão urbana e experiência popular, constitui-se no principal celeiro das hipóteses de trabalho. Essas hipóteses trabalham a necessidade de mediações entre projetos socialmente necessários e a função social e institucional da arquitetura e urbanismo.

Pode-se dizer que o Itaquerao e Polo Institucional, "GPU" construído na periferia urbana de São Paulo, é experiência inédita (Oliveira, 2015, p. 128).

Nos anos 1990, Flávio Villaça chamou a atenção ao fato de que a zona leste de São Paulo, em relação à “cidade”<sup>1</sup>, era vista como “inferior”<sup>2</sup>, um “subúrbio ou periferia” considerados longe (2001, p. 326)<sup>3</sup>. E não é diferente na atualidade. A zona leste permanece alvo de preconceito, “resultado da diferenciação social a partir de uma localidade geográfica” (Pereira, 2012, p. 79).

Reflete assimetrias produzidas pela segregação socioespacial (Kowarick, 1979; Caldeira, 2000; Ribeiro, 2003; Marques e Torres, 2005). “Através da segregação, as camadas de alta renda dominam o espaço urbano, não só produzindo suas áreas residenciais nas áreas mais agradáveis e bem localizadas, mas também atuando sobre toda a estrutura urbana segundo seus

---

<sup>1</sup> “Região geral da cidade [com] um padrão ambiental e estético inexistente no restante do espaço urbano” (2001, p. 326) identificada, ideologicamente, como “(...) parte da cidade onde se concentram as camadas de mais alta renda. Nesse sentido, desenvolvem-se preconceitos com relação a outras regiões que não essa parte da cidade” (p. 348).

<sup>2</sup> “A zona Norte, do Rio, e a zona Leste, de São Paulo, por exemplo, são tratadas como regiões ‘inferiores’. A *Folha de S. Paulo* de 18 de junho de 1995, no caderno Imóveis, traz a manchete: ‘Zona Leste deixa o preconceito para trás’, numa reportagem que não consegue esconder precisamente o fato de que há preconceito com relação à zona Leste. Um morador da região, entrevistado, responde: ‘Dizem que eu moro no interior’ (p. 9-3). Outro exemplo: as importantes avenidas da área de concentração das camadas de alta renda são apresentadas como vias da cidade, mas o mesmo não ocorre com vias de outras regiões. Ainda a *Folha de S. Paulo*, edição de 11 de maio de 1995, p. 9-9, apresenta esta manchete: ‘Operação Faria Lima muda a cara da cidade’. No entanto, a avenida Celso Garcia, importante via da zona Leste não é, para o jornal, uma ‘via da cidade’. Na edição de 30 de outubro de 1991 (p. 7-9), declara-se: ‘Em plena avenida Celso Garcia, uma das mais movimentadas da *zona Leste da cidade* (...)’” (Id., *ibid.*, 348-349).

<sup>3</sup> “Por toda a parte, estar distante é sinônimo de ser prejudicado; nos países subdesenvolvidos, estar distante é ainda pior; é se condenar a ser pobre. O termo distância deve ser tomado numa acepção sócio-econômica que caracteriza a situação geográfica das periferias; não é uma questão de distância física, mas de acessibilidade. Preços dos produtos vendidos sensivelmente mais caros, difícil acesso aos serviços privados e públicos, tudo isso caracteriza um *capitis diminutivo* do indivíduo em função de sua localização no espaço” (Santos, 1979, p. 229-230). *Capitis diminutivo*: “diminuição da capacidade no velho Direito Romano; hoje a expressão é usada para significar diminuição ou perda da autoridade, geralmente humilhante ou vexatória” (*Enciclopédia jurídica*. Disponível em: <<http://www.encyclopedia-juridica.biz14.com/pt/d/capitis-diminutio/capitis-diminutio.htm>>. Acesso em: 8 dez. 2016.).

interesses” (Villaça, 1997, p. 4). E as classes dominantes comandam a produção do espaço urbano no Brasil por meio de “três mecanismos”: o controle do mercado, o controle do Estado e, em especial, pela ideologia (Id., 2001, p. 334-352).

Desse ponto de vista, o projeto das classes dominantes e, conseqüentemente, do Estado, produziu bairros essencialmente populares na zona leste de São Paulo (Rolnik e Frúgoli, 2001). Canalização de córregos, saneamento, mas, principalmente, obras de infraestrutura viária transformaram rapidamente paisagens que, até meados do século passado, mantinham-se como zonas rurais (Saraiva, 2008, p. 95-96): nos anos 1960, a via Radial Leste em direção à Vila Matilde e Arthur Alvim; nos anos 1980, a ampliação da Linha Vermelha do Metrô de São Paulo no sentido das estações Sé – Corinthians-Itaquera. Com raras exceções, a exemplo do Parque Ecológico do Tietê e do Parque do Carmo, inaugurados em 1976, pode-se dizer que a zona leste tão somente abrigou pontes, viadutos e moradias populares. Em Itaquera, construíram-se conjuntos habitacionais gigantescos<sup>4</sup>.

Embora a região tenha despertado pontualmente o interesse privado dos agentes econômicos, em especial na expansão do mercado imobiliário, da construção civil, do comércio e serviços, décadas se passaram reproduzindo tal estado de “desproteção”.

A novidade surge com os preparativos para a Copa do Mundo de 2014, quando se divulga a construção do Itaquerão e do Polo Institucional de Itaquera em 2011.

---

<sup>4</sup> “A cada fim de semana, 200 novas famílias mudam-se para lá, atraídas pela terra ainda barata e pelas moradias populares. Apenas a COHAB, com os conjuntos Itaquera I, II e III ainda não inteiramente concluídos, levará para o bairro perto de 200 mil pessoas [...] Estimulado por esse crescimento, está nascendo grande núcleo comercial, formado por profissionais liberais e pequenos negociantes. [...] A região é carente de tudo [...] mas nada disso consegue frear a ocupação de Itaquera, onde a cada dia o poder público identifica oito construções clandestinas (O Estado de São Paulo, 15/10/1981)” (Saraiva, 2008, p. 96).



O anúncio do “estádio do Corinthians” em Itaquera é, contudo, anterior. Olavo Setúbal, prefeito de São Paulo entre 1975 e 1979, teria declarado sua construção “até 1985” (Saraiva, 2008, p. 96). Mas, se o tivesse feito naquela época, em nada seria equiparável a importância da “Arena Corinthians” no cenário da “cidade global” de hoje (Levy, 1997; Sassen, 1998; Ferreira, 2007).

A Arena Corinthians é um estádio de futebol cujas circunstâncias fogem à regra dos outros equipamentos similares em função e porte existentes em São Paulo. O Itaquerão faz frente aos tradicionais Estádio Municipal “Paulo Machado de Carvalho”, também conhecido como Estádio do Pacaembu (1940), ao Estádio “Cícero Pompeu de Toledo”, ou Estádio do Morumbi (1960), e ao antigo “Palestra Itália” (1902), reinaugurado como uma arena multiuso, o Allianz Parque, em 2014. Esses três estádios situam-se no centro e no sudoeste da cidade, setores historicamente identificados com a localização das elites e pela presença ativa da legislação urbanística (Villaça, 2001; Rolnik, 2003).

Um dos pontos a se analisar com a implantação do estádio e modernização do local se relaciona as consequências para aquela centralidade, como o alargamento de sua periferia e expulsão de pessoas de suas casas. A resistência firme de agentes sociais é a única forma de evitar que a modernização afaste famílias mais carentes da região do Estádio, impelidas a procurarem por outro lugar para viver. O risco é de que as vantagens sejam apenas para a parte da população mais privilegiada. Trata-se de um confronto entre os projetos “hegemoneizantes” e o representativo da resistência social.

Outra abordagem analítica envolve considerar o próprio pensamento urbanístico. Fala-se então, do contraponto entre “urbanismo moderno” e “urbanismo modernizador” (Somekh, 2014, p. 49-50)<sup>5</sup>. Desse ponto de vista, vislumbrar o “projeto” do urbanismo moderno (e da cultura arquitetônica

---

<sup>5</sup> “Para o urbanismo moderno, a cidade é o objeto principal, e sua essência, as questões sociais. O urbanismo paulistano, apesar de pautado em uma racionalidade influenciada pelo ideário internacional, não pode ser considerado moderno [mas, sim, modernizador], pois a questão social não ocupa o centro de seu discurso, mas sim a eficiência e o desenvolvimento da cidade e do capital. A globalidade dos planos é aparente, uma vez que exclui a população mais pobre” (p. 50).

moderna) como possível histórico de transformações sociais (Kopp, 1990) não deve ser integralmente dissolvido pela crítica que envolve sua prática contemporânea. Como possibilidade, há como compreender a produção da cidade encarando perspectivas democráticas e redistributivas. É a essência do pensamento arquitetônico-urbanístico, como disciplina.

Se a natureza da problematização pode ser política, também pode envolver questões de método. Nesse caso, de análise espacial. Sob a ótica da teoria social crítica, a compreensão do fenômeno territorial, em seu sentido mais largo, permite observar outros ângulos a respeito das implicações socioespaciais da implantação do Itaquerão.

Há, nesse caso, peculiaridades que podem oferecer outras interpretações à identificação da população local com esse “GPU”, ou, então, segundo a interpretação de Carlos Vainer, com essa espécie de “urbanismo monumentalista patriótico” (2002, p. 94) que o caso do Itaquerão sugere.

Por mais paradoxal que seja, no cotidiano dos agentes que usam e praticam aquele território, há um sentimento de orgulho absolutamente legítimo. É possível categorizá-lo como irracional, mas também observá-lo sob o prisma da manifestação de um modo particular de cultura popular<sup>6</sup>. Com a implantação

---

<sup>6</sup> “A tensão entre local e lugar indica os limites de análises do território que contemplam apenas os atores hegemônicos (Estado, agências multilaterais e grandes corporações). Sem reduzir a importância das pesquisas dedicadas a estes atores, cabe dizer que é preciso realizar o estudo das tendências contra-hegemônicas. (...) As dificuldades enfrentadas na pesquisa da contra-hegemonia advêm da própria complexidade do *local* e do *lugar*. O local é sobre-determinado por constituir o locus de realização de projetos definidos por atores das outras escalas da realidade social. No entanto, o local não esgota o contexto. Este é também *lugar*, isto é, a espacialidade da ação espontânea, do inesperado, do acaso, do não-planejado, das experiências incertas. (...) O lugar opõe-se ao pensamento único, mas, também, ao politicismo e ao economicismo. Ele é, sobretudo, vida social, memória coletiva, sociabilidade e ação espontânea. Com a distinção entre local e lugar, aqui proposta, procura-se indicar a complexidade dos contextos. Não existem barreiras rígidas entre local e lugar, a não ser aquelas construídas pelos muros que isolam os espaços orgânicos da pobreza dos espaços alisados da modernidade tardia. Para além (e aquém) destas barreiras, são tecidos os pactos, as negociações, as áreas de dúvida e os acordos estratégicos que constroem o cotidiano urbano” (Ribeiro, 2009, p. 153).

desse estádio de futebol, é flagrante a manifestação de contentamento de muitos moradores da zona leste de São Paulo. Antes, não houve nada parecido. Motivo de admiração<sup>7</sup>, não raro, a valorização da região e de seus imóveis é assunto de

---

<sup>7</sup> Assinada por Yan Boechat, a reportagem “De Itaquera a Itaquerão” na revista *Isto é*, publica o seguinte: “Novo, controverso e ainda sem tradição, o Itaquerão, no entanto, já é motivo de orgulho para os moradores do seu entorno. Aos domingos, pais levam os filhos para visitá-lo, famílias inteiras vão passar a tarde em volta dele, para conhecer de perto o que, a partir de agora, será o símbolo de Itaquera. Poucos sabem que o Itaquerão, distante mais de 400 quilômetros do Rio de Janeiro, tem, de certa forma, uma ligação direta com o Maracanã. Os dois estão localizados exatamente ao lado de duas importantes estações que um dia foram a Estrada de Ferro Central do Brasil, a ferrovia brasileira construída durante o reinado de dom Pedro II e que, por muitas e muitas décadas, foi a principal ligação entre as duas maiores cidades brasileiras” (Edição n. 21, 17 de jun. de 2016. Disponível em: <http://www.istoe2016.com.br/de-itaquera-a-itaquerao/>. Acesso em: 10 jan. 2017).

“Moradores de Itaquera contam histórias do bairro – No dia mais importante da história de Itaquera, vizinhos do estádio dizem o que mudou com a Copa”, título de reportagem de Filipe Sansone no jornal *Diário de S. Paulo*. “Seu Adriano, o senhor sabe como vai ficar aqui na quinta-feira (hoje)?” “Ora, o prédio vai ficar no mesmo lugar.” É com esse bom humor que o aposentado José Adriano da Silva, de 62 anos, síndico de um dos edifícios da Cohab mais próximo ao Itaquerão, responde sobre como será a quinta-feira histórica para os moradores do local de onde é possível enxergar o estádio de Brasil e Croácia a menos de 50 metros de distância. A maior parte dos moradores do bairro vai assistir ao jogo em casa, mas os mais antigos, assim como Adriano, têm plena consciência de que o Mundial de futebol vai deixar um grande legado ao bairro no extremo Leste da capital. (...) A também aposentada Lenira Idalina Santos Teodoro, 66, moradora da Cohab há 34 anos, lembra-se, ao mostrar fotos antigas, que o local onde hoje fica o estádio do Corinthians era um brejo, sempre cheio de lama, sobretudo após dias de chuva, onde seus quatro filhos costumavam brincar. (...) “Aqui já não é mais periferia”, diz Idalina, orgulhosa. Para que o estádio e as obras viárias nos arredores fossem realizados, entretanto, ela e as outras oito pessoas (filhos, netos e cunhados) que dividem o apartamento de um quarto, cozinha e banheiro tiveram de encarar vários obstáculos. “Na construção do viaduto (que fica a menos de 20 metros da janela da família) era pó para todo lado. Tivemos problemas de bronquite, rinite e conjuntivite”, relembra. (...) A cerca de dois quarteirões da Cohab, na Avenida Padre Sena Freitas, a pensionista Solange Aparecida Pereira, 57, vive em uma casa de três cômodos e também acredita que o “progresso chegou” a Itaquera. Ela lembra que a rua, hoje asfaltada, antes era um córrego sujo. “A gente espera mais (gente) nos jogos do Corinthians. Só espero que não tenha muvuca, protesto e quebra-pau durante a Copa.” (Edição de 12 jun. 2017. Disponível em: [http://www.diariosp.com.br/noticia/detalhe/68587/\\_moradores-de-itaquera-contam-historias-do-bairro](http://www.diariosp.com.br/noticia/detalhe/68587/_moradores-de-itaquera-contam-historias-do-bairro). Acesso em: 29 mar. 2016).

conversas informais entre os passageiros da linha Leste-Oeste do Metrô de São Paulo<sup>8</sup>.

*“Ante a racionalidade dominante, desejosa de tudo conquistar, pode-se, de um ponto de vista dos atores não beneficiados, falar de irracionalidade, isto é, de produção deliberada de situações não-razoáveis. Objetivamente, pode-se dizer também que, a partir dessa racionalidade hegemônica, instalam-se paralelamente contra-racionalidades” (Santos, 1996, p. 246)<sup>9</sup>.*

---

<sup>8</sup> A observação decorrente da utilização desse meio de transporte durante a pesquisa de campo.

<sup>9</sup> “Essas contra-racionalidades se localizam, de um ponto de vista social, entre os pobres, os migrantes, os excluídos, as minorias; de um ponto de vista econômico, entre as atividades marginais, tradicional ou recentemente marginalizadas; e, de um ponto de vista geográfico, nas áreas menos modernas e mais "opacas", tornadas irracionais para usos hegemônicos. Todas essas situações se definem pela sua incapacidade de subordinação completa às racionalidades dominantes, já que não dispõem dos meios para ter acesso à modernidade material contemporânea. Essa experiência da escassez é a base de uma adaptação criadora à realidade existente. (...) O que muitos consideram, adjetivamente, como ‘irracionalidade’ e, dialeticamente, como "contra-racionalidade", constitui, na verdade, e substancialmente, outras formas de racionalidade, racionalidades paralelas, divergentes e convergentes ao mesmo tempo” (Santos, 1996, p. 246)

“As horizontalidades, pois, além das racionalidades típicas das verticalidades que as atravessam, admitem a presença de outras racionalidades (chamadas de irracionalidades pelos que desejariam ver como única a racionalidade hegemônica). Na verdade, são contra-racionalidades, isto é, formas de convivência e de regulação criadas a partir do próprio território e que se mantêm nesse território a despeito da vontade de unificação e homogeneização, características da racionalidade hegemônica típica das verticalidades. (...) Ao contrário das verticalidades, regidas por um relógio único, implacável, nas horizontalidades assim particularizadas funcionam, ao mesmo tempo, vários relógios, realizando-se, paralelamente, diversas temporalidades. (...) Trata-se de um espaço à vocação solidária, sustento de uma organização em segundo nível, enquanto sobre ele se exerce uma vontade permanente de desorganização, ao serviço dos atores hegemônicos. Esse processo dialético impede que o poder, sempre crescente e cada vez mais invasor, dos atores hegemônicos, fundados nos espaços de fluxos, seja capaz de eliminar o espaço banal, que é permanentemente reconstituído segundo uma nova definição. (...) Pode-se dizer que, ao contrário da ordem imposta, nos espaços de fluxos, pelos atores hegemônicos e da obediência alienada dos atores subalternizados, hegemônizados, nos espaços banais se recria a ideia e o fato da Política, cujo exercício se torna indispensável, para providenciar os ajustamentos necessários ao funcionamento do conjunto, dentro de uma área específica. Por

Abrigada no tema da inserção territorial de “Grandes Projetos Urbanos” e a partir do caso do Itaquerao, a pesquisa privilegia o estudo de questionamentos que se opõem no domínio das racionalidades e, sob outros impulsos, outras racionalidades. Ou seja, a compreensão do projeto urbano como um elemento do território apropriado pela prática social e pela cultura popular<sup>10</sup>.

Portanto, a escolha do tema decorre tanto de preocupações sociais imediatas como da possibilidade de que o seu tratamento permita a articulação socialmente útil de conceitos relacionados à problemática urbana. Acredita-se que um trabalho dessa natureza possa apresentar resultados positivos tanto para a área das ciências sociais aplicadas, como para a formulação de políticas territorialista por entidades da sociedade civil e órgãos de governo comprometidos com a democratização da vida urbana e a superação de mecanismos responsáveis pela fragilização do tecido social.

---

meio de encontros e desencontros e do exercício do debate e dos acordos, busca-se explícita ou tacitamente a readaptação às novas formas de existência (Santos, 2000, p. 110-111).

<sup>10</sup> “A resistência ao caráter deletério da última modernização não pôde ser realizada, apenas, pela luta por condições igualitárias de vida. Esta modernização não promete igualdade e nem integração social e, sim, competitividade e busca ininterrupta por eficácia. Como enfrentar os seus termos? Acreditamos que um dos caminhos deva ser procurado na resistência ao economicismo que hoje orienta intervenções urbanas. Um outro caminho poderia ser encontrado na análise crítica dos impulsos globais, buscando-se a denúncia dos seus sentidos e a apropriação socialmente justa de suas consequências, e, outro ainda, na construção de ideários radicalmente democráticos que conduzam à apropriação social dos espaços urbanos, o que implicará em diálogos abertos e tentativos com os sujeitos sociais de antigas e da atual modernização” (Ribeiro e Silva, 2004, p. 364).



# Parte I

## **I. Sobre Grandes Projetos Urbanos**

Grandes Projetos Urbanos (GPU) se caracterizam pelo porte, especificidade do programa arquitetônico-urbanístico e, especialmente, as transformações que induzem nas localidades onde são implantados.

Pode se apontar como origem deste tipo de intervenção o Movimento City Beautiful nos Estados Unidos por volta de 1890 promovido por Daniel Burnham, traduzido em projetos emblemáticos como o Passeio público, o Mall, em Washington, 1901; Cleveland, 1902; San Francisco, 1905 e Chicago, 1909. O movimento City Beautiful ocorreu no século XX nas cidades comerciais do centro oeste e do norte americanos, a fim de eliminar o complexo de inferioridade e impulsionar os negócios. Manifestou-se também na expansão do império britânico, onde os projetos visaram à supremacia do império e o exclusivismo racial. E por fim, nos anos 30 grandes ditadores totalitários procuraram impor em suas capitais megalomaniacas, visão de glória (Hall 2007).

Teve influência dos bulevares e passeios públicos oitocentistas das cidades europeias, à Paris de Haussmann, com obras iniciadas em 1852, e à Viena de Franz Joseph, a Ringstrasse, o anel viário e contemplativo construído entre 1859-1916 com a derrubada das muralhas unindo a área central da elite e os subúrbios dos mais pobres.

A partir dos anos 80 houve a implantação de alguns importantes “GPU”, com a ideia de revitalização, de reutilização, de reestruturação de algum trecho da cidade que estava em desuso.

A cidade, desde a revolução industriais produzia “coisas”, como exemplo aqui no Brasil, a cidade de Franca no interior de São Paulo conhecida por sua produção de calçados. Agora, neste novo momento em que a cidade deixa de produzir coisas e passa a produzir serviços no contexto da globalização, a estrutura industrial da cidade fica vazia. Então para requalificar essas áreas são propostos projetos urbanos e econômicos para atender esses novos usos.

Para exemplificar, três importantes projetos merecem destaque, o @22 Barcelona, o Porto Madero em Buenos Aires e o Porto Maravilha no Rio de Janeiro.

O @22 Barcelona no processo de reestruturação produtiva do território pós-industrial do bairro Poblenou, antigo bairro industrial do século 18, onde se iniciou como setor de indústria têxtil. O projeto implantado visa atrair novas atividades econômicas altamente tecnológicas para alavancar o desenvolvimento da cidade. A ideia é criar um bairro com uso misto de altíssima qualidade urbana e densa, que quebra o monótono skyline urbano de Barcelona, a torre Agbar do arquiteto Jean Nouvel passa a ser um marco na paisagem. O projeto de reestruturação produtiva do bairro abrange uma área de 1,2 milhões de metros quadrados, com estimativa de construir 3 milhões de metros quadrados destinados aos negócios, o que geraria cerca de 100.000 postos de trabalhos.



**Figura 1: Vista do @22 Baecelona com destaque a Torre Agbar do arquiteto Jean Nouvel**

Disponível em: <http://www.mustrealty.com/wp-content/uploads/2015/03/22@-district-barcelona.jpg>

Na mesma linha de projetos urbanos, nos anos 90, em Buenos Aires é implantado o projeto do Porto Madero, o antigo porto que enfrentava problemas por ser muito raso e foi desativado por não comportar navios modernos. O projeto de reutilização da área portuária visa dinamizar a região e trazer novos



usos e empreendimentos, assim são construídas torres corporativas e espaços para negócios, hotéis para receber pessoas de todo o mundo. O grande marco construído foi a Puente de la Mujer, obra do arquiteto Santiago Calatrava, que se tornou cartão postal do novo empreendimento urbano.



**Figura 2: Vista do Porto Madero em Buenos Aires**

Disponível em: <https://i1.wp.com/airesbuenosblog.com/wp-content/uploads/2015/07/puertomaderobuenosaires02.jpg>

No Rio de Janeiro, na última década está sendo implantando o projeto do Porto Maravilha, fruto de uma Operação Urbana Consorciada que visa à revitalização urbana da Região Portuária do Rio de Janeiro, marcada pela limpeza da paisagem com a demolição do Elevado da Perimetral, a fim de criar espaços livres e receber novos edifícios para abrigar os novos usos. O projeto traz para a área o uso cultural, como o Anexo da Biblioteca Nacional e o Museu do Amanhã, a obra arquitetônica de maior destaque, também projeto do arquiteto Santiago Calatrava, que novamente constrói o marco do projeto.



**Figura 3: Vista do Porto Maravilha**

Disponível em: [http://www.rio.rj.gov.br/image/image\\_gallery](http://www.rio.rj.gov.br/image/image_gallery)

Os três projetos citados a cima vieram de acordo com a estruturação econômica da lógica capitalista, fundamentada no Consenso de Washington, com a abertura comercial e investimentos estrangeiros diretos, com eliminação das restrições. Permitindo que o capital aja sobre o território urbano visando seus lucros. Assim os grandes projetos urbanos são feitos por equipes multidisciplinares a fim de fechar a conta positiva.

No Brasil os Grandes Projetos Urbanos perdem força na utilização como ferramentas públicas e até mesmo por parte do meio acadêmico devido a grande atração por ações pontuais como em saneamento, habitação e transporte.

*“Em países como o Brasil, tais intervenções na paisagem urbana devem concorrer por recursos com outros tipos de ação, tendo, portanto, reduzidas suas influências. São reduzidas suas influências na malha urbana e ainda despertam pouco interesse da parte dos urbanistas e estudiosos de nosso país. Cada vez mais recorrentes na literatura anglo-saxônica, ainda são pouco discutidos nas literaturas nacional e latinoamericana. (...) o número de intervenções que*

*poderiam ser consideradas como Grandes Projetos Urbanos no Brasil, assim como em outros países com sérias demandas sociais e relativa baixa dinâmica do mercado imobiliário, é pequeno por se ver obrigado a concorrer com outras ações de uma eventual política urbana nacional. Tal política, caso se possa realmente considerar a práxis atual como resultado de uma política concertada, pode ser assim resumida: controle de uso do solo (antiga prática do planejamento urbano que agora se opõe ao chamado Planejamento Estratégico); planejamento participativo (vide atuais esforços de se generalizar a confecção de Planos Diretores participativos pelo Ministério das Cidades); projetos de atendimento à demanda urbana básica (recursos do Banco Mundial e do Banco Interamericano, maiores financiadores de projetos urbanos no Brasil, com prioridade para as áreas de saneamento, habitação e transporte); e priorização para regularizar áreas invadidas (tentativas diversas de aplicação do Estatuto da Cidade, o qual facilita a legalização de tais assentamentos). Nesse conhecido cenário de regularização, participação comunitária, atendimento deficitário a áreas carentes de infra-estrutura e regulação urbanística, os Grandes Projetos Urbanos no Brasil ainda despertam pouco interesse entre estudiosos e, diferentemente de outros países, são pontuais. O fato de serem pontuais não permite a identificação de projetos estratégicos capazes de alterar o todo urbano das cidades onde são implementados” (Ultramari e Resende 2007)*

## **II. As racionalizações**

Racionalidade é a qualidade de ser sensato, com base em fatos ou razões, aqui tratadas como as formas de dominações hegemônicas sob a lógica do capital. Já as ditas contra-racionalidades nada são, além de outras racionalidades paralelas, que ante a racionalidade dominante surge entre os atores não beneficiados, entre os pobres, os migrantes, os excluídos e as minorias marginalizadas. Segundo Santos (1996) de um ponto de vista geográfico, ocorre nas áreas mais opacas, que são irracionais para os usos hegemônicos.

*“[...] são contra racionalidades, isto é, formas de convivência e de regulação criadas a partir do próprio território e que se mantem nesse território a despeito da vontade de unificação e homogeneização características da racionalidade hegemônica típica das verticalidades.” (Santos, 2001, p.110).*

No contexto da globalização, as consequências induzidas pelos projetos urbanos polarizam-se em torno a duas abordagens – acirram a desigualdade e a desintegração social (Arantes et al., 2002; Ribeiro e Silva, 2004) ou podem produzir efeitos positivos, tais como requalificação de áreas subutilizadas, otimização de infraestruturas, ampliação das atividades turísticas e de espaços de lazer e de cultura e o resgate da cidadania (Castells e Borja, 1996; Ultramari e Ciffoni, 2014).

De um lado os impactos negativos que vêm com a apropriação política e os benefícios de grupos pequenos; do outro, o lado positivo, relacionado à infraestrutura, mais cultura para a população local e impactos econômicos.

“A partir das ideias que constroem o conceito de Grandes Projetos, parece se constituírem dois grupos distintos e opostos. De um lado, um grande risco de malversação de recursos, apropriação indevida por grupos minoritários, geração de impactos negativos de difícil mitigação e compensação, apropriação política de seus resultados, construção de imagens falsas de uma cidade e de uma sociedade. De outro lado, recuperação de áreas com sub-habitação, valorização de símbolos importantes para a imagem e para a competitividade da cidade, utilização de infra-estruturas subutilizadas e disponibilização de espaços urbanos renovados, com amenidades, cultura e lazer, entre outros. Tal dicotomia de ideias revela a constituição de grupos localizados ideologicamente à esquerda e à direita” (Ultramari e Rezende, 2007, p. 13).

As ideias sobre a implantação de projetos urbanos explicam processos antagônicos de racionalização das cidades, isto é, racionalidades, mas desconsideram, nessa problematização, o estudo de tendências contra-hegemônicas, isto é, contra-racionalidades (Santos, 1996; Ribeiro, 2009).

À propósito, Milton Santos, partindo do conceito de racionalidade tomado de Weber e de Habermas, conclui que “a “racionalização [que] designa, em primeiro lugar, a extensão dos domínios da sociedade submetidos aos critérios da decisão racional” (p. 230) não é única racionalidade possível, mesmo porque, para Weber, a racionalização é um “processo de adaptação” em que “é possível distinguir duas tendências: uma racionalização ‘por baixo’ e uma racionalização por ‘cima’” (Habermas, 1968, 1973, p. 32, apud Santos, *ibid.*, p. 230)<sup>11</sup>.

A racionalização por baixo refere-se à força do “lugar”, a resistência dos menos favorecidos, a comunidade local articulada em movimentos sociais, que se organizam para garantir a sobrevivência e permanência. Adotamos a distinção entre local e lugar proposta por Ribeiro, assim:

*“O local é sobre-determinado por constituir o locus de realização de projetos definidos por atores das outras escalas da realidade social. No entanto, o local não esgota o contexto. Este é também lugar, isto é, a espacialidade da ação espontânea, do inesperado, do acaso, do não-planejado, das experiências incertas. (...) O lugar opõe-se ao pensamento único, mas, também, ao*

---

<sup>11</sup> “A superioridade do modo de produção capitalista em relação aos que o precederam deve-se a duas coisas: o aprimoramento de um mecanismo econômico que torna permanente a expansão dos subsistemas de atividade racional com respeito a um fim e a elaboração de uma legitimação econômica que permite ao sistema de dominação adaptar-se às novas exigências de racionalidade desses subsistemas em via de desenvolvimento. É esse processo de adaptação que Max Weber concebe como uma ‘racionalização’. Mas aqui é possível distinguir duas tendências: uma racionalização ‘por baixo’ e uma racionalização ‘por cima’” (Habermas, 1968, 1973, p. 32)” (Santos, 1996, nota de rodapé 2, p. 230). O próprio M. Weber, na *Ética do Protestantismo* (1958, p. 194, ed. americana), havia previsto a convivência de formas diversas de racionalidade, ao dizer que “uma coisa não é jamais irracional em si mesma, mas apenas de um particular ponto de vista racional” (p. 247).

*politicismo e ao economicismo. Ele é, sobretudo, vida social, memória coletiva, sociabilidade e ação espontânea.” (Ribeiro, 2009, p. 153).*

A racionalização por cima refere-se à ação das forças hegemônicas, ações reguladoras do estado e do capital que agem no local e enfrentam as resistências do lugar.

No caso, seria possível admitir um período, um intervalo de tempo para tal racionalização em Itaquera. Tem início nos anos 1960, “quando a cidade não tinha mais para onde crescer, [e] o dique foi rompido com a abertura da Radial Leste pelo ex-prefeito Faria Lima” (Saraiva, 2008, p. 95). Culmina em 2014, com a produção de uma paisagem de “cidade global” onde, outrora, se chamava de “lestão”<sup>12</sup>. Na verdade, a racionalização está em pleno vapor, sendo mais razoável supor que esse meio século, entre a década de 1960 e a Copa do Mundo, corresponde a uma primeira fase desse período relacionado ao “processo de adaptação” ainda em curso.

As intervenções urbanas, especialmente de grande porte, impulsionam coexistências conflituosas entre agentes e projetos hegemônicos e sujeitos sociais portadores de projetos e ideários radicalmente democráticos no que se refere à apropriação social dos espaços urbanos (Ribeiro e Silva, 2004).

Por hipótese, assiste-se, atualmente, ao tensionamento entre projetos de proveniências relativamente opostas. Os de interesse das forças do mercado e

---

<sup>12</sup> “Conhecida na cidade por seus constantes e longos congestionamentos, a Radial Leste vai ganhar projeção mundial por seis dias, enquanto for a avenida da Copa. Ela é o principal caminho do centro até a arena de abertura do Mundial, em Itaquera, na zona leste. Anunciada em 1945, a ligação começou a ser aberta 12 anos depois. A partir daí, avançou rumo ao leste enquanto a população se multiplicava. (...) A ideia era levar a via do parque D. Pedro 2º até a Vila Matilde (10 km), seguindo a linha Estrada de Ferro da Central do Brasil. O primeiro trecho foi inaugurado em 1957” (Folha de S. Paulo, 4 maio 2014).

aqueles originados dos segmentos sociais mais diretamente atingidos pelo impacto causado pela presença do Itaquerão no cotidiano local<sup>13</sup>.

As implicações socioespaciais da implantação do Itaquerão podem ser desde já entrevistadas, e não são animadoras<sup>14</sup>. Enquadrado no rol dos megaprojetos em compasso com o fenômeno de globalização, as análises sobre tais projetos suscitam sérios questionamentos.

À luz do planejamento estratégico, “seguramente a formalização mais acabada da cooperação público-privada” (Borja, 1995, p. 16, apud Vainer, 2002, p. 87-88), experiências como as de Barcelona, Bilbao e Lisboa compõem a “cidade-espetáculo”, “*um pensamento único das cidades* – em que se cassam o interesse econômico da cultura e as alegações culturais do comando econômico – que ronda as cidades em competição pelo financiamento escasso no sistema mundial (...)” (Arantes, 2002, p. 67).

Nesse quadro referencial teórico, há, claramente enunciadas, a formulação do ideário das “cidades ganhadoras”<sup>15</sup> (Vainer, id., p. 92) e a sua crítica. “Cidade-

---

<sup>13</sup> “A cidade já vinha criando os seus excluídos e os seus irracionais. O processo de globalização acelera esta tendência. Ao mesmo tempo, há uma demanda de produtividade por atores privilegiados e uma produção de irracionalidade para a maior parte. (...) Enquanto novos objetos se instalam (prédios inteligentes, vias rápidas, infraestruturas) em algumas áreas urbanas, na maior parte da aglomeração permanecem objetos herdados representativos de outras épocas” (p. 244-245)

<sup>14</sup> “Por fim, em relação à Itaquera: o bairro merece intervenções urbanísticas que proporcionem melhorias para a região? Claro que sim! Itaquera, um dos centros da Zona Leste, a região mais povoada – e historicamente negligenciada – de São Paulo, carece de investimentos urbanísticos há muito planejados e nunca implementados. Mas, seguramente, um estádio não tem a capacidade de transformação urbanística positiva que se quer vender com a construção do Itaquerão” (Rolnik, 9 jun. 2011).

<sup>15</sup> “Cabe ainda ao governo local a promoção interna à cidade para dotar seus habitantes de ‘patriotismo cívico’, de sentido de pertencimento, de vontade coletiva de participação e de confiança e crença no futuro da urbe. Esta promoção interna deve apoiar-se em obras e serviços visíveis, tanto os que têm um caráter monumental e simbólico como os dirigidos a melhorar a qualidade dos espaços públicos e o bem-estar da população” (Castells & Borja, 1996, p. 160, apud Vainer, id., p. 94).

mercadoria”, “cidade-empresa”, não haveria outra noção mais perversa a circunscrever os projetos de megaeventos que a de “cidade-pátria” (Id., ibid., p. 91-98)<sup>16</sup>. Nas palavras de Otilia Arantes, “estamos diante da reposição da armadilha clássica do subdesenvolvimento (ou seja, da modernização sem desenvolvimento, isto é, sem homogeneização social), a velha dualidade brasileira<sup>17</sup>, elevada, aliás, agora a paradigma da polarização mundializada” (Ibid., p. 69).

Com certeza, o peso da associação entre o velho patrimonialismo brasileiro (Faoro, 2001) e o “ente mercado” da globalização (Ribeiro, 2005) compõe, indissociavelmente, o tensionamento radical entre ações oriundas das forças econômicas e das urgências sociais. Mas há outras contextualizações possíveis? Em que pese o debate estabelecido, não está de todo afastada a perspectiva de “recuperação de autoestima cidadã”.

*“Tal qual a Paris de Haussmann, a Viena do Imperador Franz Joseph e o Movimento City Beautiful de Burnham, os GPUs contemporâneos são criticados especialmente devido ao processo de gentrification que possam gerar, à eventual malversação de recurso público, à possível apropriação política de sua imagem, aos ganhos imobiliários de grupos envolvidos, à expulsão de população original e muitas vezes a uma inapropriada apologia de um passado que talvez nunca tenha existido. Nesta postura receosa, há uma evidente minimização de eventuais aspectos positivos, tais como a revalorização ou a*

---

<sup>16</sup> “(...) O urbanismo monumentalista patriótico é reentronizado, produzindo ao final do século XX os novos arcos do triunfo do capital transnacionalizado. A instrumentalização imediata e consciente das tecnologias urbanísticas e arquitetônicas, bem como de capitais, para mobilizar consciências, é claramente enunciada como tendo por objetivo primeiro alimentar o *patriotismo cívico*” (Vainer, 2000, p. 94).

<sup>17</sup> “Ver a este respeito o ensaio de Ermínia Maricato (...) ‘As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias...’” (Maricato, 2000, p. 121-196). Arantes, 2000, nota 65, p. 69.



*refuncionalização de áreas subutilizadas, a otimização de infraestruturas disponíveis, a disponibilização de espaços de lazer e cultura, o incremento de atividades turísticas e, em especial, a recuperação de autoestima cidadã” (Ultramari e Ciffoni, 2014, p. 4-5).*

## **Gentrificação**

Um dos pontos críticos dos grandes projetos urbanos é a chamada gentrificação, que nem sempre foi vista como algo negativo. Foi em 1963 que o termo foi utilizado pela primeira vez, em artigo produzido por Ruth Glass, socióloga britânica. O trabalho falava sobre mudanças ocorridas na cidade inglesa, Londres, que via a ocupação dos bairros operários pelos “gentry” (bem-nascidos). Desde a década de 80 o termo se tornou negativo. O que antes era visto como melhora em áreas abandonadas nas cidades passou a ser visto como uma forma de urbanismo que levava a exclusão social, expulsando aqueles que são mais pobres das áreas centrais ou de locais com interesse imobiliário.

A gentrificação ocorre quando há uma ressignificação do lugar valorizando os espaços, com especulação imobiliária e até mesmo construções que tem como público alvo outras classes sociais<sup>18</sup>.

Em Itaquera, o processo de valorização dos imóveis foi mais forte durante a construção do Estádio e Copa do Mundo, quando os preços atingiram números altos e levaram muitos moradores a venderem suas casas, principalmente para aproveitar a valorização; outros compraram pela mesma razão:

---

<sup>18</sup> As mudanças principais que este processo ocasiona são os seguintes, segundo Martins: 1) A reorganização da geografia urbana com a substituição de um grupo por outro; 2) A reorganização espacial de indivíduos com determinados estilos de vida e características culturais; 3) A transformação do ambiente construído com a criação de novos serviços e melhorias; 4) A alteração de leis de zoneamento que permita um aumento no valor dos imóveis, aumento da densidade e uma mudança no perfil socioeconômico. (MARTINS, 2014, p.1). MARTINS, Andréia. Gentrificação: O que é e de que maneira altera os espaços urbanos. Artigo UOL Vestibular, 2014. Disponível em: <http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/gentrificacao-o-que-e-e-de-que-maneira-altera-os-espacos-urbanos.htm> (Acesso em 14/03/2018)

*“(...) antigamente os apartamentos da COHAB tinham um valor menor e com essa inserção que teve do estádio, do metro e da ETEC, enfim, teve um aumento sim, ficou mais valorizada a região e hoje em dia os apartamentos tem um preço maior (...)” (W.P. Itaquera, depoimento concedido ao autor).*

*“(...) o fato é que o movimento imobiliário em Itaquera teve um aumento significativo e os valores, tanto para aluguel quanto para venda dos apartamentos, subiram muito. As visitas às imobiliárias do bairro demonstraram que a compra e venda destes imóveis se deu principalmente nos momentos prévios à Copa (...) tiveram inclusive moradores da COHAB que compraram apartamentos como um investimento futuro, acreditando em uma ainda maior valorização da região. Além disso, deve-se dizer que o principal tipo de movimentação imobiliária que ocorreu na COHAB 1 foi o aluguel de apartamentos, que tinham grande procura mesmo com os altos preços, em torno de R\$800 a R\$1000” (GOERCK, 2014, p.49-50).*

No entanto, mesmo após a Copa a valorização permaneceu, mas o aumento de renda da população não acompanhou o movimento, como verificou a reportagem do UOL<sup>19</sup>, em 2017 “muitas pessoas tiveram de deixar o bairro rumo a locais ainda mais distantes do centro. Itaquera, dessa forma, está, aos poucos, recebendo moradores de renda mais alta”.

Na comunidade da paz, onde até os dias de hoje há expectativas sobre o futuro e os agentes sociais ainda atuam fortemente para garantir os direitos da população, sendo um ponto importante no que tange a luta entre aqueles que já habitavam o local e os interessados pela nova estrutura com a chegada do

---

<sup>19</sup>

Disponível

em:

[https://www.uol/esporte/especiais/itaquera.htm?utm\\_source=facebook.com&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=fb-esporte&utm\\_content=geral#imagem-4](https://www.uol/esporte/especiais/itaquera.htm?utm_source=facebook.com&utm_medium=social&utm_campaign=fb-esporte&utm_content=geral#imagem-4) (Acesso em 12/03/2018)

estádio, na época dos movimentos finais da construção do estádio, houve a chegada de novos moradores, de olho nos possíveis benefícios que a Arena traria, devido à promessa do poder público, como Goerck (2014) observou em seu estudo. O que foi freado logo depois, quando a Prefeitura fez o registro de todos que já habitavam o local, para o processo prometido de levá-los ao conjunto habitacional.

*“Desde que o estádio começou a ser construído, muita gente saiu fora e já voltou. Todos esses barracos novos na beira da avenida são todos novos, não tem nem 1 ano. Isso porque eles querem ganhar casa né, saíram todos de outras comunidades pra vim morar aqui. E ainda acho que vão ganhar antes dos moradores antigos. Todos esses barracos de madeira são todos novos.” (Entrevistado T, 59 anos, Comunidade da Paz; GOERCK, 2014, p 50).*

### **III. Arquitetura e cidade**

#### **a. Por uma outra monumentalização**

Parafraseando Milton Santos, “Por uma outra globalização”, propõem discutir o conceito de monumentalidade na arquitetura, sem partir para a dualidade dos prós e contras, mas compreender seus significados de modo a clarear o pensamento urbanístico para uma nova monumentalidade, não negar o design e a forma, porém incluir a dimensão humana, o caráter de pertencimento, a identidade cívica e a monumentalização do projeto do sujeito coletivo.

O estudo das racionalidades e contra-racionalidades da implantação de Grandes Projetos Urbanos evidencia que dentre as racionalidades há diversos posicionamentos, os prós, os contras e os neutros. A contra-racionalidade é a voz do território em si, a voz do lugar, do sujeito comum que está fora do plano e constitui a resistência. Compreender que o estudo do território não se faz apenas sob dados censitários, com dados frios e oficiais; o esforço para compreensão da dimensão do lugar implica em olhar o outro lado da moeda, da vida como ela é.

De uma forma generalizada os Grandes Projetos Urbanos (GPU) possuem uma fórmula, desde a estratégia financeira com as Parcerias Público-Privadas, os planos de marketing e até mesmo o resultado formal. Tais projetos nascem como proposta de revitalização de regiões urbanas consolidadas que se encontram subutilizadas, em sua maioria regiões portuárias ou industriais ligadas diretamente aos centros das cidades.

É notável que em todos projetos surgem uma peça arquitetônica com a finalidade de se tornarem um ícone do empreendimento urbano, como as obras do arquiteto Santiago Calatrava no Porto Maravilha e no Puerto Madeiro e em Itaquera, no Polo Institucional a Arena Corinthians. A necessidade de ícones arquitetônicos para as cidades competitivas mundialmente é clara e se manifesta nas falas do então prefeito de São Paulo João Doria em uma entrevista à Folha de São Paulo onde afirma<sup>20</sup> que em São Paulo não há ícones arquitetônicos que representam a cidade, e os poucos que se pode notar foram construídos há décadas. A ausência de tais obras compromete a atratividade e a imagem da cidade global. Tal fala provocou a classe de historiadores da arquitetura que acusaram o prefeito de não conhecer sua cidade e muito menos arquitetura.

---

<sup>20</sup> “É inacreditável como a terceira maior capital do mundo, a sétima maior cidade do planeta, não tenha edifícios icônicos. Qual é o símbolo da cidade? Não tem. Tem a ponte estaiada [ponte Octavio Frias de Oliveira] e o MASP, um projeto da década de 50, da Lina Bo Bardi, e ficamos aí. Não faz sentido São Paulo não ter uma simbologia arquitetônica à altura de seus arquitetos e de sua dimensão. Vamos ter edifícios icônicos, sim. São Paulo tem que pensar grande, é uma cidade global”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/09/1921904-doria-anuncia-projeto-para-o-centro-de-sp-e-muda-prazo-durante-entrevista.shtml>

Gabriel Rostey em sua coluna no Estadão<sup>21</sup> comenta tal afirmação dizendo que não se pode confundir boa arquitetura com ícone, pois o ícone seria um símbolo que representa a cidade; ainda afirma que projetos tais como a Casa Modernista de Gregori Warchavchik, Conjunto Nacional, o Centro Cultural São Paulo e a Japan House por mais exemplares que sejam em sua arquitetura não possuem a virtude de serem ícones paulistanos. Diferente do MASP que é facilmente notado e reconhecido pela população.

Mas o que seria então um ícone arquitetônico? O termo ícone segundo o dicionário Michaelis é definido por: “pessoa ou coisa que faz alusão ao que é mais característico ou representativo nela”, ou seja, um ícone arquitetônico seria uma obra que representaria as demais obras, ou “Signo que faz analogia com o objeto a ele relativo”, termo este muito confundido com o termo monumento que segundo o dicionário Michaelis cabem tais definições: 1 Obra artística, de importância arquitetônica e escultural, erigida para homenagear alguém ilustre ou algum fato histórico ou acontecimento notável. 2 Mausoléu em homenagem póstuma a vítimas de guerras, atentados, catástrofes ou qualquer acontecimento que resultou em muitas mortes. 3 Qualquer edifício ou construção grandiosa, digna de admiração por sua importância histórica, por sua majestade ou tamanho. 4 Obra intelectual digna de passar à posteridade por sua contribuição às artes ou ciências.

O termo ícone cabe aos projetos que tem por finalidade serem de fato o ícone dos grandes projetos urbanos, o símbolo, o atrativo como de fato ocorre com o Museu do Amanhã, tal obra é facilmente assimilada pelo imaginário

---

<sup>21</sup> Não se pode confundir boa arquitetura com um ícone. Um ícone é um símbolo que representa a cidade, ou, de acordo com o Dicionário Michaelis, “Signo que faz analogia com o objeto a ele relativo”.

Por mais pioneira que seja a Casa Modernista de Gregori Warchavchik, por mais exemplar que seja a multifuncionalidade e transição entre público e privado projetada por David Liebeskind no aconchegantíssimo Conjunto Nacional, por mais bem-sucedida a implantação pensada por Eurico Prado Lopes e Luiz Telles para o Centro Cultural São Paulo, ou por mais inspirador que seja o uso dos bambus de Kengo Kuma na Japan House, não, não são ícones (e isso em nada os diminui). Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/blogs/estado-da-arte/por-que-nao-ambicionamos-novos-icone-arquitetonicos/>

popular, a procura por uma foto no ângulo correto e a disputa entre os visitantes para conseguirem fazer tal registro revelam que de fato se tornou o ícone não só do empreendimento do Porto Maravilha, mas ao lado do Pão-de-Açúcar, dos Arcos da Lapa e do Cristo Redentor compõem o imaginário da cidade carioca.

Os ícones também são monumentos partindo da compreensão de que uma obra se torna monumento pela sua escala, um objeto urbano que se difere dos demais pelo seu tamanho; ou pelo seu significado histórico ou espiritual, desde a lembrança de grandes feitos, a lembrança de uma promessa futura ou até mesmo a construção de um passado de glória para projeção de um futuro grandioso. O monumento pode compreender desde o ideário de uma nação ou até mesmo de uma pequena tribo ou grupo, significar para muitos ou poucos, mas carregam em si significado, as catedrais góticas são monumentais pela escala e pelo significado espiritual, a distinção do solo sagrado do solo profano e a Torre Eiffel em Paris carrega em si a imagem de um futuro grandioso e promissor.

Um ícone arquitetônico é algo que fica no imaginário do cidadão comum, o cartão de visita da cidade ou da região, não carrega necessariamente um significado, apenas se distingue dos demais objetos construídos por sua forma. Ganha sentido com o tempo por constituir a imagem da cidade no imaginário do cidadão comum; não necessita de conhecimento prévio para ser notado.

Um monumento pode ser um ícone ou não, carrega em si significado, sua concepção parte da ideia de materializar um sentimento de orgulho, de homenagem ou de devoção. Pode significar para muitos ou para poucos.

As obras monumentais são os monumentos pela escala, suas proporções se distinguem na paisagem urbana, não são necessariamente ícones e nem monumentos. Enquadram-se nesta categoria os grandes shoppings centers e os grandes estádios de futebol.

A cidade é constituída majoritariamente pela arquitetura funcional, as residências, os comércios, os serviços e as instituições. Objetos urbanos que não se destacam no cenário urbano a não ser pela estranheza, como o Edifício Rainha da Sucata na Praça da Liberdade em Belo Horizonte. A arquitetura

funcional é a arquitetura do cotidiano, dos barracos autoconstruídos nas favelas as residências luxuosas que empregaram diversos projetistas; com maior ou menor sofisticação, são todas funcionais e fazem parte do cotidiano do homem comum e por serem do cotidiano reforçam a importância da arquitetura não funcional na constituição da imagem do lugar.

A boa arquitetura pressupõe a boa funcionalidade, o emprego correto dos materiais e a harmonia com os sistemas naturais. Porém atender a tais pré-requisitos não a torna um ícone, há em São Paulo diversos exemplos de belíssimos projetos de arquitetura, porém necessitam conhecimento prévio para sua compreensão.

Ao construir os edifícios se dá a forma da cidade, a construção da cidade dentro do movimento moderno pressupõe a questão social como centro, o que não é observado nos Grandes Projetos Urbanos, sendo apenas “urbanismo modernizador” e não “urbanismo moderno” (Somekh, 2014, p. 49-50)<sup>22</sup>. Retomar a cultura arquitetônica moderna vislumbrando transformações sociais a fim de produzir a cidade encarando perspectivas democráticas e redistributivas se faz necessário para uma outra monumentalização, a monumentalização do projeto do sujeito coletivo.

A arquitetura é uma arte, uma técnica que é feita para outro. É da natureza da arquitetura ser para o outro, e antes de ser poesia e pedra é função social, é resolver a utilitas.

*“(...) eu gosto de falar que arquitetura é poesia que se faz com pedras (...). A arquitetura primeiro de tudo, antes de ser poesia e antes de ser pedra, mas ela é poesia e pedra na sua estrutura fundante,*

---

<sup>22</sup> “Para o urbanismo moderno, a cidade é o objeto principal, e sua essência, as questões sociais. O urbanismo paulistano, apesar de pautado em uma racionalidade influenciada pelo ideário internacional, não pode ser considerado moderno [mas, sim, modernizador], pois a questão social não ocupa o centro de seu discurso, mas sim a eficiência e o desenvolvimento da cidade e do capital. A globalidade dos planos é aparente, uma vez que exclui a população mais pobre” (p. 50).

*ela é uma função social, que eu faço para o outro, mas então o que eu posso falar? Eu posso falar que falar que a arquitetura tem função social é uma redundância, porque a arquitetura é a própria função social da função social, ela é construir a utilitas, a arquitetura é resolver o serviço, é resolver a necessidade, o que é preciso para o outro, em si. Se ela é isso por natureza, eu não posso falar mais qual é a função social da arquitetura e qual o seu objetivo, porque ela é isso, inteira, se não ela não tem sentido.” (Arq. Vera Santana Luz - Entrevista concedida ao autor.*

A monumentalização do projeto do sujeito coletivo é urgente e a respostas de como fazê-la não temos, não existem cidades equilibradas entre os homens e entre os homens e as coisas. O desenho da cidade e dos edifícios está a serviço de um ideal e de um sistema que inventamos, deste ponto de vista a arquitetura reside na resistência.

A luta por uma outra monumentalização é a luta por dar significado as resistências, é a construção do lugar da resistência que pode materializar em construção ou não.

É nesse sentido que se faz necessária à compreensão da totalidade no estudo das ciências sociais aplicadas, as racionalidades explicam apenas uma parte, mas também é necessário enxergar as contra-racionalidades que são na verdade outras racionalidades.

*Há sim, insurgência contra o modo de vida proposto pela gestão neoliberal da cidade e recusa da exclusão associada à produção da cidade para o mercado. Nesta insurgência, que tanto pode ser explosiva quanto surda e cotidiana, conjugam-se identidades apenas esboçadas e valores tradicionais; ação organizada e ação espontânea; conquista de territórios e movimentos culturais; táticas de sobrevivência e indignação pela morte de crianças e jovens; ação isolada e fenômenos de multidão; sensibilidade e razão. Como disse Milton Santos (2000), uma outra sensibilidade encontra-se a gestação do*



*presente, envolvendo o aprendizado das ruas, a vitalidade dos espaços opacos... novas linguagens e formas de comunicação. (RIBEIRO, A. C. T., 2013, p. 220)*

O homem é um ser biológico que faz poesia, e a busca pela poesia está na noção de que por ser um ser biológico deixará de existir, com a compreensão do ciclo da vida e seu fim surge a necessidade de se perpetuar e essa perpetuação está na poesia. A construção do monumento está na natureza humana. Apontamos para construção mais do que ícones que marcam e constitui o imaginário do lugar; dar significado as lutas legítimas das contra-racionalidades através da construção de espaços de resistências, espaços para manifestações, locais de trocas de saberes popular. É neste sentido que caminha a construção de cidades democráticas.

Não a negação da forma, mas a forma a serviço da monumentalização do projeto do sujeito coletivo.

#### **b. O poder do projeto**

Com o esforço em ser disciplinar em um trabalho multidisciplinar, cabe enquanto arquiteto a reflexão a respeito do poder de transformação do projeto, no entanto é necessário distinguir se o projeto é um projeto moderno, ou seja, se carrega em si perspectivas libertárias ou é apenas um projeto modernizador, trazendo consigo apenas a renovação em detrimento ao fortalecimento do território.

O urbanismo moderno (Kopp, 1990; Somekh, 2014) e o projeto do sujeito coletivo conduzem sentidos equivalentes; na produção do espaço urbano, afirmam a centralidade de perspectivas democráticas, libertárias e redistributivas.

*“Para o urbanismo moderno, a cidade é o objeto principal, e sua essência, as questões sociais. O urbanismo paulistano, apesar de pautado em uma racionalidade influenciada pelo ideário internacional, não pode ser considerado moderno [mas, sim, modernizador], pois a questão social não ocupa o centro de seu discurso, mas sim a eficiência e o desenvolvimento da cidade e do capital. A globalidade dos planos é aparente, uma vez que exclui a população mais pobre”* (Somekh, 2014 p. 50).

O Professor Arq. Araken Martinho<sup>23</sup> em entrevista concedida ao autor adverte que o problema enfrentado por nosso país são as novas formas de urbanização que estão cada vez mais multidisciplinares, cabendo ao arquiteto manter relação com as diversas áreas do conhecimento para poder exercer sua disciplina.

*“(...) o que me parece mais sério é que cada vez fique mais claro aos estudantes de arquitetura que o nosso problema não é a arquitetura, o nosso problema é a urbanização, o nosso problema é o território, o nosso problema são as novas formas de produção que estão acontecendo e que nós temos pouca teoria pra dar conta delas com respeito ao desenvolvimento que se faz sobre o território nosso. É importante que se mantenha muito coligado todas as áreas do conhecimento e os profissionais que estão trabalhando para que cada vez mais tenhamos consciência da responsabilidade da nossa profissão, que cada vez é maior, quando mais o mundo progride.”* (Arq. Araken Martinho - Entrevista concedida ao autor)

Tal advertência entra em consonância com Nestor Goulart Reis em sua obra “Notas sobre Urbanização Dispersa e Novas Formas de Tecido Urbano” de 2006, onde ao criticar sobre as visões simplistas nas análises dos condomínios

---

<sup>23</sup> Graduado em Arquitetura E Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1956). Foi professor titular da Pontifícia Universidade Católica de Campinas nas disciplinas de Projeto D e Projeto e Patrimônio -Técnicas Retrospectivas até 2012.

fechados afirma que o processo de urbanização é mais complexo, pois envolvem diversos setores de atuação do mercado imobiliário.

*“(...) os empreendimentos imobiliários, com nova escala, com áreas maiores de usos mistos, envolvem setores como hotelaria, escritórios, serviços, lazer, áreas esportivas, indústrias, comércio em várias formas (inclusive shoppings e hipermercados), com as mais variadas combinações. (...) os megaempreendedores são ao mesmo tempo incorporadores, administradores de shoppings ou hotéis, construtores e gestores de complexos urbanos de usos múltiplos, com milhares de usuários ou habitantes.” (Reis, 2006)*

Cabe então questionar como o arquiteto deva se portar perante a multidisciplinaridade que envolve os projetos urbanos, e conhecendo os diversos fatores que resultam no projeto exercer a sua disciplina, ou seja, o desenho de modo a contemplar e ser generoso com os diversos usuários do espaço.

*“A função social do arquiteto é que a população tenha espaços de qualidade. Boa parte da população do Brasil não tem acesso a espaço de qualidade, os espaços são desorganizados, são maus construídos e possuem todos os defeitos que podemos imaginar e é dever do arquiteto sanar esses problemas. Mas como você vai sanar esses problemas se você não estiver próximo aos problemas?” (Arq. Laura Bueno - Entrevista concedida ao autor)*

O projeto carrega em si o poder de transformação, altera a noção de pertencimento ao local, cria marcos, cria símbolos e gera orgulho. Uma simples pracinha ou um edifício público com um belo projeto causa uma transformação muito grande principalmente nas periferias, onde a escassez de espaços urbanos de qualidade faz parte da história.

Compreender as implicações da implantação de grandes projetos se faz necessário, e com este trabalho buscamos evidenciar o poder de transformação que o projeto carrega em si. Se um simples projeto de uma arena de futebol e de alguns equipamentos públicos já causou tamanha transformação, quem dirá

se tiver a cidade toda projetada, com espaços urbanos de qualidade, com moradias dignas, equipamentos de educação propícios para o desenvolvimento.

Resta-nos manter a esperança, ao desenhar, praticar a generosidade, propor os passeios largos, espaços arborizados e agradáveis. Ser generoso ao desenhar a unidade mínima de moradia, os espaços coletivos, nos edifícios públicos e nos edifícios privados.



## Parte II

#### **IV. Zona Leste**

A zona leste de São Paulo é, segundo os dados do último Censo (2010), a região com o índice populacional maior na cidade, tendo ultrapassado os cinco milhões de habitantes. Teve sua origem de ocupação nas margens do antigo caminho que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro, o eixo da antiga ferrovia Central do Brasil implantada no final do século XIX.

O desenvolvimento da povoação ocorre a partir da implantação da estação ferroviária, em 1875, com loteamentos destinados as camadas mais simples, muitos deles irregulares ou clandestinos, e conjuntos habitacionais construídos pelo poder público. O eixo Leste-Oeste se consolida como principal estruturador com a construção da via Radial Leste, na década de 1970 e com a implantação da linha Leste do metrô (Rolnik e Frúgoli, 2001).

A história conta que em 1580, tribos indígenas ocuparam a região. Em 1962, os jesuítas fundaram a primeira igreja naquela região, a Capela de São Miguel Arcanjo, em São Miguel Paulista. A importância do local veio com os anos, devido à ligação entre São Paulo e Rio de Janeiro. Foi no final do século XIX, com a industrialização de São Paulo, que as áreas antes rurais foram substituídas por bairros e indústrias. O descontrole na imigração levou a marginalização dos bairros operários, devido à falta de infraestrutura.

Os anos que se seguiram só fez com que a região de periferia recebesse ainda mais moradores que, sem fiscalização, faziam suas moradas em locais sem o mínimo de infraestrutura, com casas sem eletricidades ou saneamento básico. A pobreza passou a ser vista principalmente nas regiões denominadas Leste 1 (Penha, Ermelino Matarazzo, Itaquera e São Mateus) e Leste 2 (Itaim Paulista, Guaianases, São Miguel Paulista e Cidade Tiradentes). Portanto, a busca por moradia foi o grande impulsionador do crescimento da zona leste.

Entre 1950 e 1960, o aumento da população em São Paulo chega ao seu auge, com muitas pessoas vindas da zona rural para cidade em busca de trabalho nas fábricas. Aqueles que tinham renda baixa encontravam na compra de lotes irregulares uma opção para conseguir uma moradia dentro do orçamento, sendo esta uma característica forte na região da zona leste.

“A irregularidade do ponto de vista das normas urbanísticas estabelecidas pelo poder público, diz respeito à metragem e às condições de segurança da área - como os riscos de enchentes e deslizamentos de terra. Havia também disponibilidade de loteamentos regulares, mas que não cabiam no orçamento das famílias mais pobres (Pereira, 2012).”

O Estigma da região começava a aparecer, com a segregação socioespacial que tem como base as diferenças entre os moradores do centro e os da periferia. Os avanços por parte de políticas públicas, que poderiam melhorar a situação daqueles que estavam habitando a região, foram implementados sempre de forma lenta, talvez até como estratégia para evitar mais problemas relacionados à crise de habitação<sup>24</sup>.

O crescimento permaneceu na zona leste forte, principalmente entre 1940 e 1990. A Radial Leste foi criada em 1960. A linha do metrô na década de 1970. Necessidade, para que as mercadorias pudessem circular e as pessoas, já que a zona leste sempre teve como ideia uma região de dormitórios, onde as pessoas precisam sair para trabalhar em outros pontos da cidade.

Aos poucos as mudanças vão acontecendo. Nos anos que antecederam a década de 1990, os bairros que mais se aproximam do Centro já começam a apresentar mudanças urbanísticas, sofrendo a especulação imobiliária. Começa a construção de edifícios. A urbanização vai ocorrendo dos bairros mais próximos ao Centro para os demais, chegando à região de Itaquera e limítrofes

---

<sup>24</sup> “Essa lentidão era uma maneira encontrada pelo poder público de amenizar a crise habitacional, já que a sua omissão incentivando a ocupação desenfreada dos espaços periféricos era uma estratégia que a um só tempo satisfazia os interesses dos proprietários de terras e da classe trabalhadora, que ali encontrava moradia, mesmo que em condições indignas. Ou seja, a ausência de planejamento urbano, nesse caso, pode ser compreendida como uma ação estratégica com fortes rebatimentos políticos (Pereira, 2012).”

na década de 1990. Os primeiros conjuntos habitacionais da região são desta época - construídos pelo Estado.

Na Zona Leste atual, é perceptível que alguns de seus distritos são subcentralidades, com comércio diversificado, assim como a oferta de serviços, que fazem com que a necessidade de ir ao centro seja menor. Itaquera, São Miguel e São Mateus são alguns dos subcentros que atendem aqueles que moram nas suas fronteiras. Shoppings centers, grandes redes de varejo, opções de lazer também chegaram à região nos últimos anos.

Talvez até por estas mudanças, a implantação do Estádio seja vista com bons olhos por boa parte da população, que acredita que isso ajude nas melhorias, atraindo a atenção do poder público. No entanto, mesmo com as mudanças que ocorreram na região nos últimos anos, ela ainda se mantém entre as piores rendas per capita da cidade. Em 2017, a renda não chegava a R\$2 mil para os habitantes de José Bonifácio, Carrão, Parque do Carmo, São Mateus, São Miguel, Ermelino Matarazzo, Aricanduva, Cidade Líder, Cangaíba, São Rafael, Vila Matilde, Ponte Rasa, Artur Alvim, Jardim Helena, Guaianases e Lajeado (zona leste). É o que aponta o Mapa da Desigualdade, pesquisa organizada com dados oficiais pela Rede Nossa SP. Há muito a se fazer pela Zona Leste.

Constituída por bairros essencialmente populares, pode-se dizer que a zona leste tão somente abrigou pontes, viadutos e moradias populares.





**ladeur** Laboratório de Desenho de Estratégias Urbano-Regionais

Racionalidades e contra-racionalidades da implantação de Grandes Projetos Urbanos: o caso do Itaquerao

**Contextos espaciais da área de estudo**

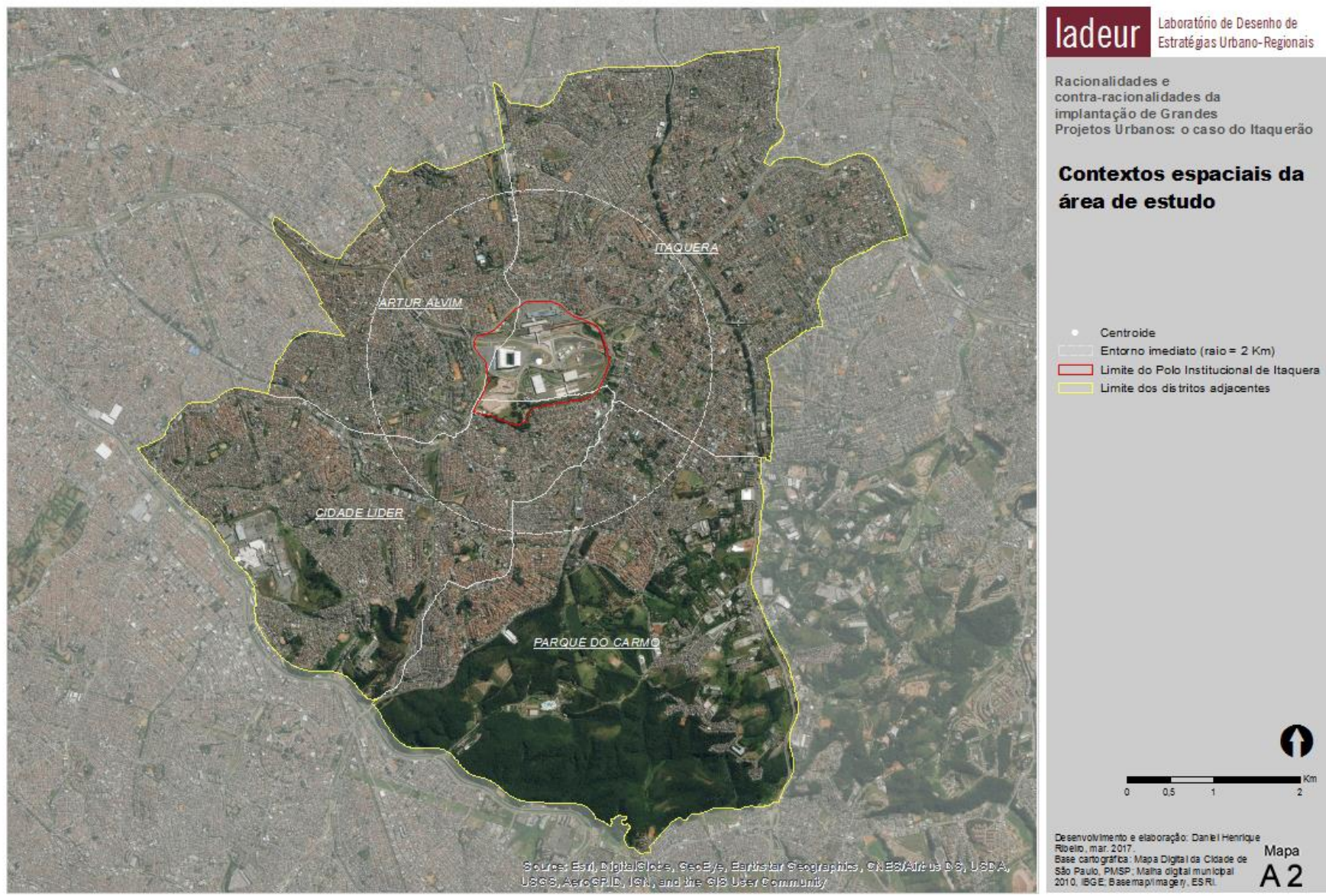
- Centroide
- Entorno imediato (raio = 2 Km)
- ▭ Limite do Polo Institucional de Itaquera
- ▭ Limite dos distritos adjacentes
- ▭ Limite de prefeituras regionais Leste 1

0 1,25 2,5 5 Km

Desenvolvimento e elaboração: Daniel Henrique Ribeiro, mar. 2017.  
 Base cartográfica: Mapa Digital da Cidade de São Paulo, PMSP; Malha digital municipal 2010, IBGE; Base map imagery, ESRI.

**Mapa A1**

Mapa 1: A1 - Contextos espaciais da área de estudo.



Mapa 2: A2 - Contextos espaciais da área de estudo.

### **a. Sobre o Itaquerão e o Polo Institucional de Itaquera**

Na zona leste de São Paulo, o Itaquerão constitui-se em um espaço urbano dotado de conteúdo técnico e socioeconômico ímpar. Não está isolado. Primeiramente, porque a implantação do estádio está em meio ao “Polo Institucional de Itaquera”. Depois, porque conforma uma porção da paisagem urbana, a de uma “área luminosa”, “teatro da ação dos vetores da modernidade globalizadora”, em contraste a “frações urbanas que ‘envelhecem’”, especificidades daquele lugar subordinadas a uma “lógica urbana unitária” (Santos, 2000 p. 245-246).

O polo institucional de Itaquera nasceu atrelado ao estádio como projeto da Prefeitura, para trazer melhorias para a região com implantação de equipamentos públicos, por meio de parcerias com instituições públicas e privadas, para atendimento direto às demandas da região. Há o Polo Educacional, voltado à formação e capacitação profissional, colaborando com o esforço para a geração de empregos e o projeto de adequação do sistema viário do entorno, priorizando o transporte público.

O Polo em seu projeto seria composto por um Fórum, uma Rodoviária, uma FATEC e SENAI, uma incubadora e laboratórios (Parque Tecnológico Leste), um Centro de Convenções e Eventos, um Batalhão Polícia Militar, Obra Social /Assistencial, a Arena Corinthians, o Poupa Tempo, o Shopping Itaquera, a estação de metrô e por empreendimentos privados. Grandes partes dos projetos já estão instalados.

Em reportagem realizada três anos após a construção do Estádio, o site de notícias UOL<sup>25</sup> mostrou que boa parte do projeto não foi concretizada. Não foram construídos ainda; O Fórum, o edifício da PM e Bombeiros, o Centro de Convenções, edifício comercial, o Parque Tecnológico, e o SENAI.

---

<sup>25</sup> Teve copa, e o resto? Disponível em: [https://www.uol/esporte/especiais/itaquera-.htm?utm\\_source=facebook.com&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=fb-esporte&utm\\_content=geral#as-promessas](https://www.uol/esporte/especiais/itaquera-.htm?utm_source=facebook.com&utm_medium=social&utm_campaign=fb-esporte&utm_content=geral#as-promessas)

Entre as obras realizadas pela Secretaria Municipal de Serviços e Obras estão: a construção do viaduto próximo da Arena Itaquera e a canalização de 250 metros do córrego Laranja-Azeda. Pelo governo estadual, foram concluídas seis obras viárias, como as alças novas para acesso entre a Jacu-Pêssego e a Nova Radial, com o pontilhão para passagem de veículos sobre o Rio Verde. A Fatec e uma nova UPA também foram concluídas com sucesso.

Sobre o Fórum Regional de Itaquera, em resposta ao UOL, a Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento (SMUL), informou que a prefeitura está estudando se ainda é permitido para o local. Em relação ao parque tecnológico, serão necessários novos estudos devido a mudanças na legislação.



Figura 4- Plano do Polo Institucional Itaquera Fonte: Prefeitura de São Paulo.

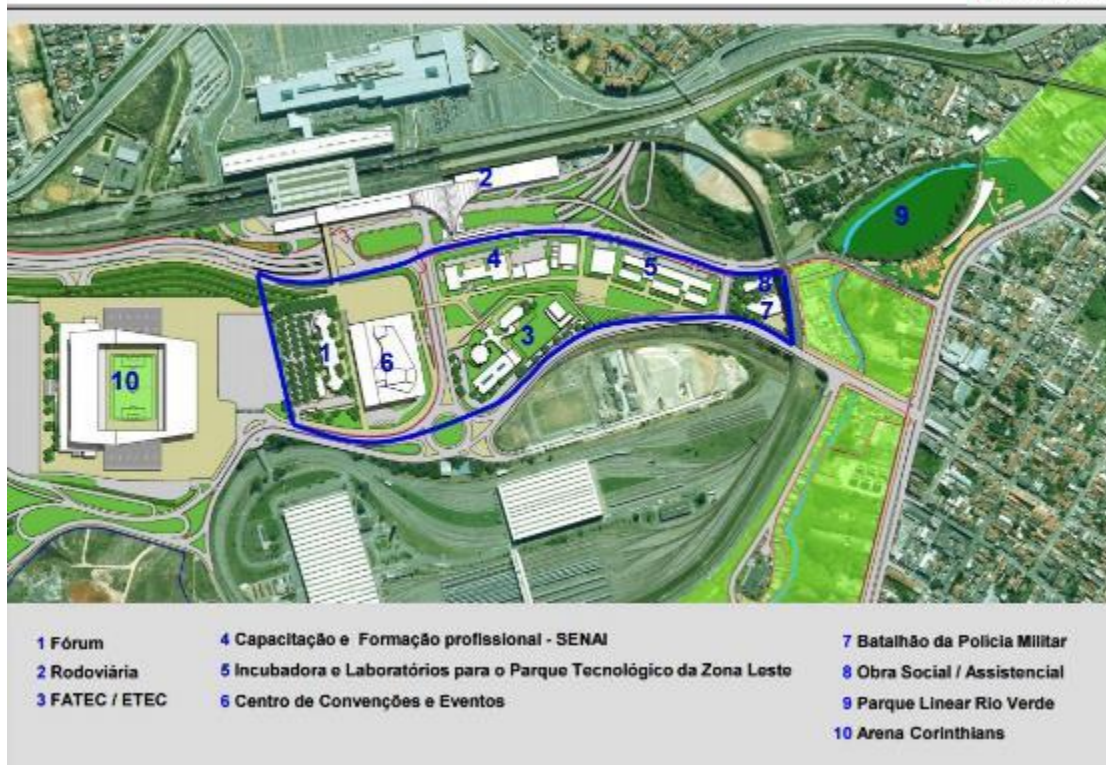


Figura 5 - Polo Institucional Itaquera Fonte: Prefeitura de São Paulo.

A construção do tão desejado estádio corintiano foi anunciada no aniversário do clube, em 2010, no dia 1º de setembro. As obras foram iniciadas em maio de 2011, quando foi iniciada a terraplanagem no terreno de 197 mil m<sup>2</sup> que fica na Zona Leste de São Paulo, no bairro de Itaquera. Confirmado para abertura da Copa do Mundo no Brasil, em 2014, o estádio ficou pronto no ano da competição. Desde a copa, a Arena Corinthians se tornou ponto turístico e levou o bairro a ser conhecido por todo o país.

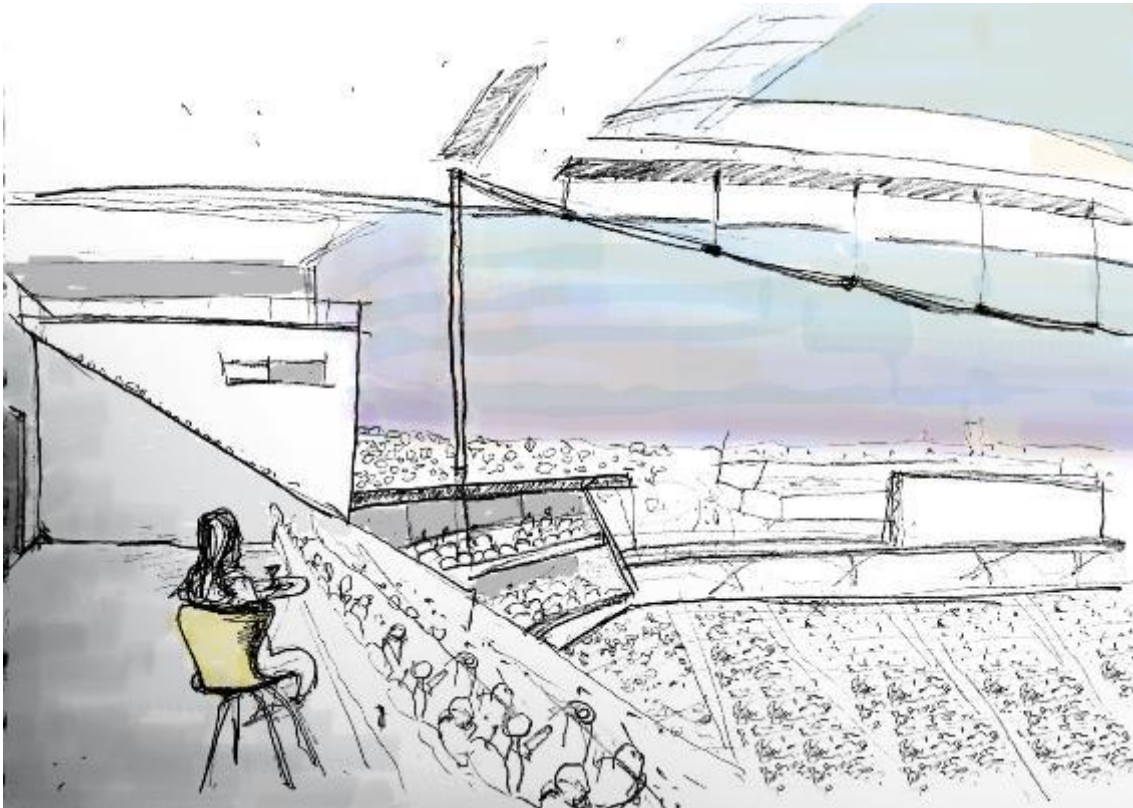
O Itaquerão possui formato retangular, possui quatro setores (Norte, Sul, Leste e Oeste). Um painel de LED, com 170 metros de largura e 20 metros de altura, fica no lado leste onde são exibidas mensagens e informações sobre os jogos, um marco importante na paisagem.



Figura 6: Painel de LED exibindo homenagem a Chapecoense após a tragédia em novembro de 2016. Fonte: <http://trivela.uol.com.br/estadios-pelo-mundo-entram-em-sintonia-com-arena-conda-e-prestam-homenagem-a-chape/>

Para quem chega pelo lado Oeste vê um painel de vidro, formado por 1.350 peças, com 30 metros de altura por 240 metros de comprimento que possui uma ondulação com o propósito de simular o movimento da rede ao fazer o gol. Nas arquibancadas Norte Sul estão os telões de 30m x 7,5m (Maiores do mundo em estádios, segundo o site da Arena.)

O projeto do estádio conta com recursos tecnológicos de última geração, com sistema de arrefecimento para controlar a temperatura do gramado e o que mais chama a atenção é o requinte do acabamento do estádio e suas dependências, mármore branco e guarda-corpo de vidro não foram economizados para fazer o átrio de eventos onde fica exposto a taças e premiações.



**Figura 7- Ilustração do autor de um dia de jogo, com a vista do Bairro de Itaquera ao fundo do estádio.**

### **Análise do projeto urbano.**

O projeto urbano do polo institucional se constitui em um vazio urbano, local onde havia uma várzea alagada, porém passou a ter maior importância com o anúncio da construção do Estádio do Corinthians, ainda na década de 70, com os esforços do então presidente do clube Vicente Matheus, a partir do segundo mandato do presidente, iniciado em 1972, durante a gestão do então Prefeito Olavo Egydio Setubal e com o apoio do Presidente da República, Ernesto Geisel. O estádio que seria construído teria capacidade muito maior de público e não estaria a altura para sediar a Copa do mundo de 2014.

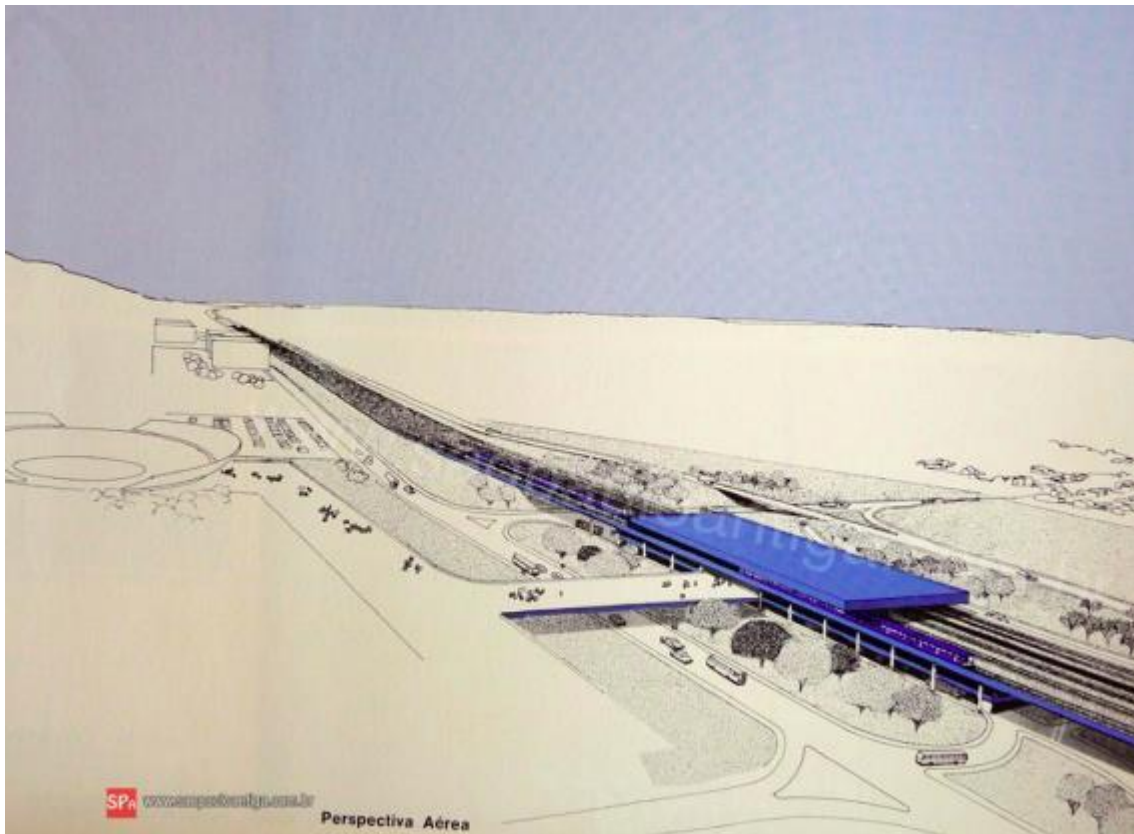


Figura 8-- Vista da estação com o projeto antigo do estádio. Fonte: <http://www.saopauloantiga.com.br/estadio-do-corinthians/>

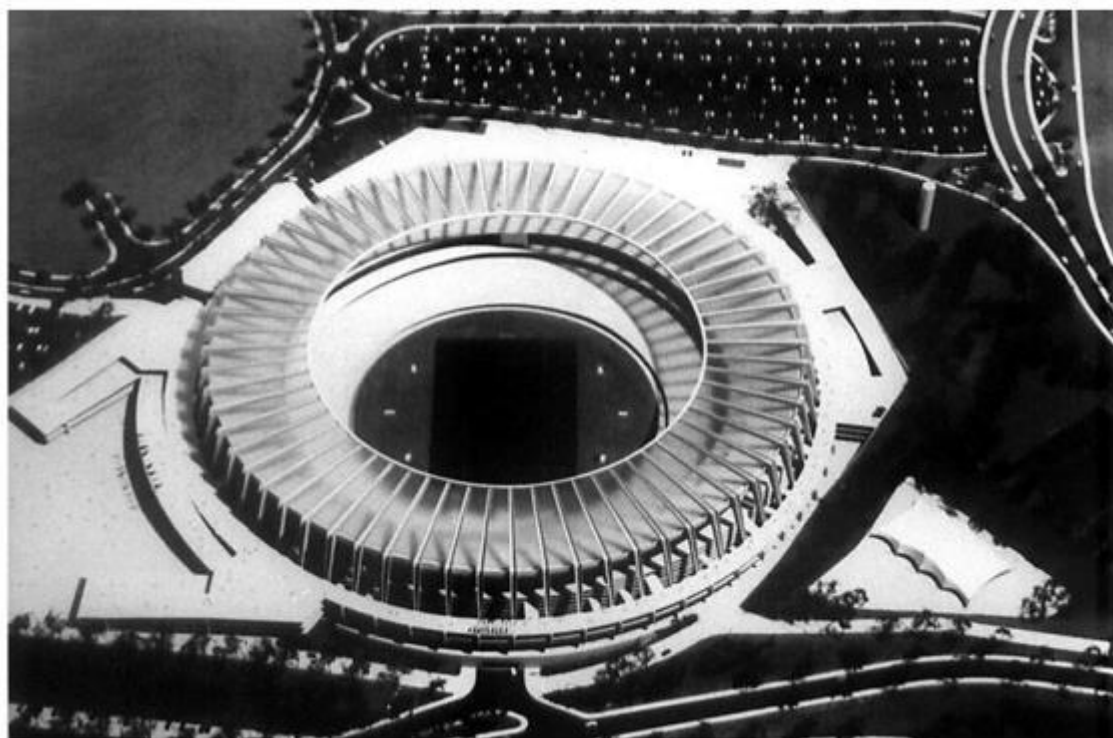


Figura 9- Maquete projeto antigo do estádio. Fonte: <http://www.saopauloantiga.com.br/estadio-do-corinthians/>



A futura presença do estádio foi tão importante que houve um replanejamento do Metro, que tirou a estação do centro de Itaquera e colocou neste vazio, também colocando lá a integração com os trens da CPTM. O estádio, desde o seu primeiro projeto nasceu imbricado com a presença da estação provando o seu caráter de passagem em detrimento a lugar de permanência.

Os edifícios e equipamentos propostos para o Polo que foram implantados apresentam qualidades espaciais e técnicas construtivas acima do padrão que se tem no entorno, projetos arquitetônicos que buscam soluções técnicas racionais que proporcionam o bom equilíbrio entre a função e a estética.

Com o destaque para o edificio da Etec/Fatec, para o edifício do Poupatempo projetado por Paulo Mendes da Rocha e a Arena Corinthians, uma das mais belas arenas no mundo. A crítica que se faz sobre o projeto de implantação está na não relação com o entorno, as disposições dos equipamentos criam verdadeiras barreiras, ao sul o pátio do metro isola completamente a comunidade, sendo necessário uma extensa volta para a população ter acesso as áreas do Polo, a oeste, a Arena Corinthians com sua imensa área de estacionamento cria outra grande barreira, um grande equipamento independente, que se não fosse por sua história poderia estar plugado em qualquer outra estação do município.

Ao Norte o Shopping Metro Itaquera, o mais importante da Zona Leste também é um programa autônomo e autorreferente. O Poupatempo plugado ao metrô atrai diversos usuários que nem se quer saem da estação. A Etec/Fatec ocupa uma região central que possui uma fácil ligação ao metrô, a grande crítica dos usuários é a falta de movimento neste percurso que o torna perigoso. A UPA, o menor fisicamente, fica no extremo leste, o que seria o mais fácil acesso para os moradores do entorno.



**Figura 10- Fachada oeste da Arena Corinthians. Foto: Giliarde Silva.**



**Figura 11- Poupa Tempo Itaquera. Foto: Giliarde Silva**



**Figura 12- Etec/Fatec Itaquera. Foto: Giliarde Silva.**

O sistema viário proposto pelo projeto é agressivo e incompatível com a escala humana, repele o usuário por sua expressividade. A linha do metrô e do trem corta o Polo e juntamente com a Radial Leste, apesar de serem essenciais para irrigarem o fluxo dos equipamentos, seccionam o território reafirmando que a escala ali pensada não é a do homem, mas sim a dos macro equipamentos.

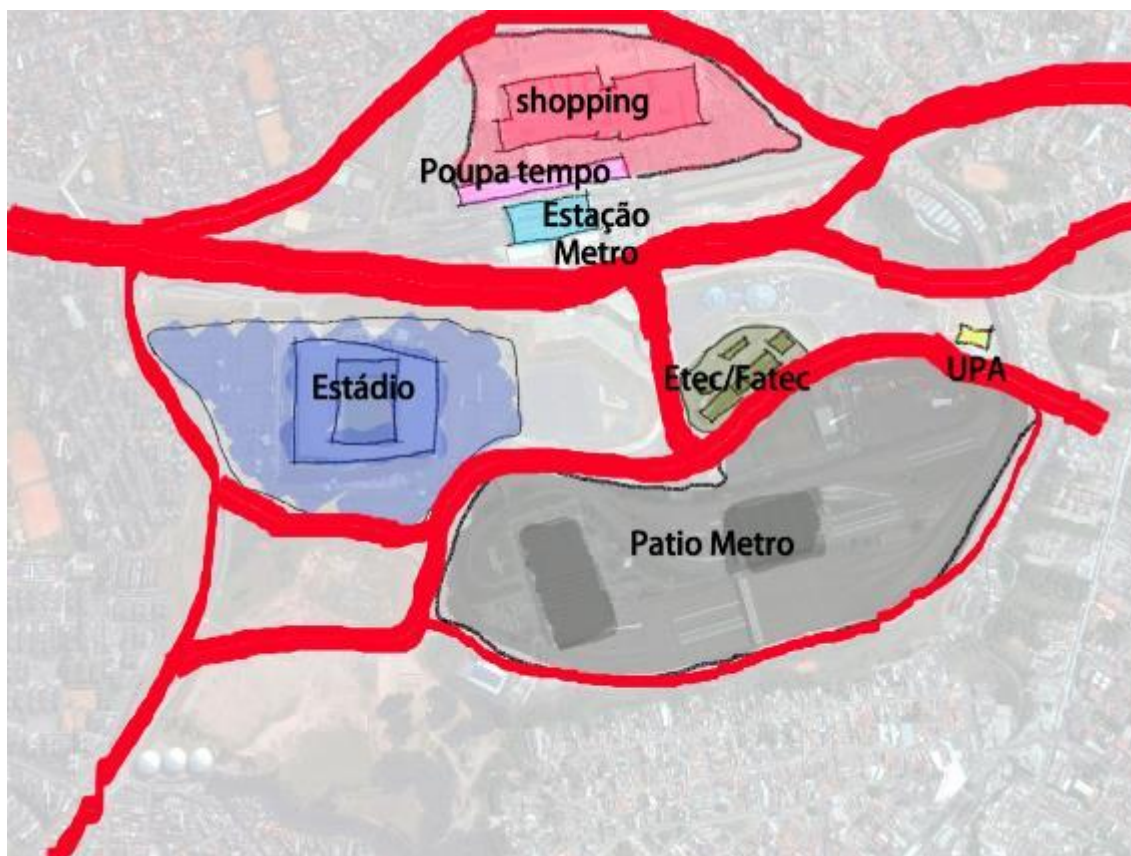


Figura 13- Croqui da implantação do Polo com os equipamentos em 2018 e destaque para o Sistema Viário.



Figura 14: Croqui de observação do autor mostrando a Radial Leste e a linha do trem com os viadutos ao fundo.

#### **b. Moradores e frequentadores**

As características dos moradores e frequentadores do Polo Institucional de Itaquera são observadas por meio de dois procedimentos: (i) desenvolvimento de banco de dados georreferenciados de variáveis demográficas; e, (ii) aplicação de questionário e realização de entrevistas com moradores e usuários do Polo Institucional de Itaquera.

Com a análise das variáveis é possível construir um retrato socioeconômico da população da região do entorno ao Polo e com o questionário e entrevistas além de corroborar para o retrato, documentam os pontos de vistas dos usuários sobre a implantação e seus impactos.

##### **i. Desenvolvimento de banco de dados georreferenciados de variáveis demográficas.**

Com a finalidade de conhecer o público residente na região de Itaquera, nas proximidades do Polo Institucional de Itaquera, foram elencadas variáveis

demográficas onde as fontes primárias de informações são provenientes dos censos demográficos de 2000 e 2010: Resultados do Universo por setor censitário e Microdados da Amostra por áreas de ponderação (IBGE) e as Pesquisas Origem Destino do Metro de 2007. Nos censos de 2000 e 2010, as variáveis demográficas dos Resultados do Universo são selecionadas a partir das características gerais da população, dos domicílios, dos responsáveis pelos domicílios, escolaridade (alfabetização), renda. Os indicadores propostos decorrem de formulações consolidadas por Silva Neto (2014; 2015), em especial o índice de adensamento populacional.

Para efeito comparativo do período 2000/2010 foi utilizado à metodologia proposta por Oliveira e Silva Neto (2014).

A **Densidade Urbana Populacional** (mapa B 1) da região do polo e seu entorno é variada devido à multiplicidade de formas de tecidos urbanos, a norte e a leste onde se encontra respectivamente a Vila Capanema com a favela do Zorrinho e um conjunto da COHAB a densidade é de 168,15 a 240,57 habitantes por ha, ao sul do Polo onde o tecido é composto por loteamentos abertos com a presença de uma franja de moradias irregulares é de 97,69 a 119,91 habitantes por ha. E a faixa etária da população é predominantemente adulta, de 31 a 65 anos compreende 45% da população.

A **Renda Per Capta** (mapa B 2) da região do polo e seu entorno é 460,00 a 650,00 reais, o mapa também mostra que a oeste em direção ao centro a renda tende a ser maior. A mancha a sul do perímetro aos distritos adjacentes onde a renda é zero fica a localidade do Parque do Carmo, onde não há moradores.

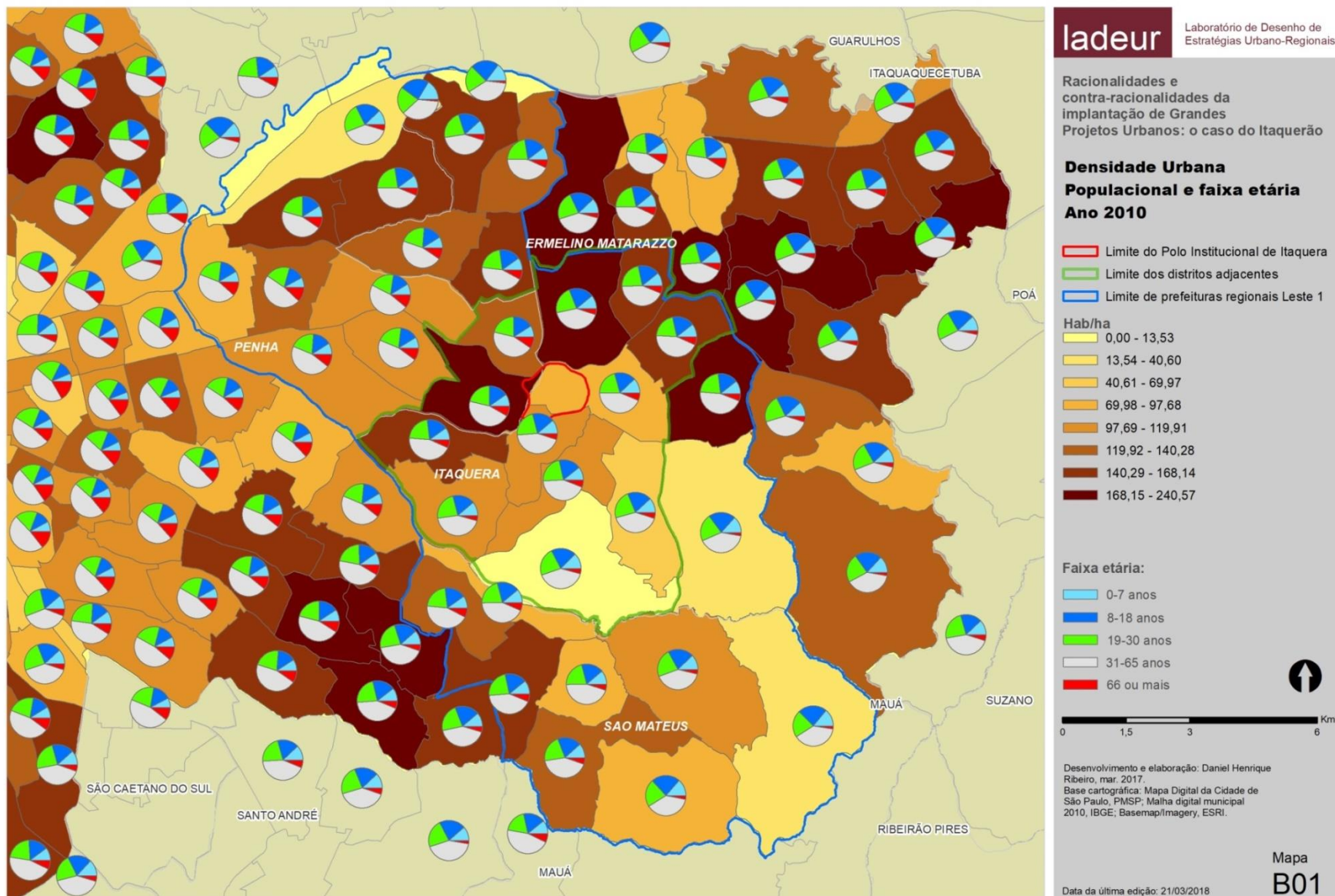
A **População por grau de instrução** (mapa B 3) da região revela que em torno de um quarto da população é analfabeta ou possuem o primário incompleto, menos de cinco por cento da população possuem curso superior completo e em torno de um quarto possuem curso superior incompleto o que em consonância com a faixa etária, a maioria composta por adultos, permite prever taxas de escolaridades mais elevadas nos próximos anos. Os dados são de 2007 da pesquisa Origem Destino do Metrô.

A **Pessoas residentes por raça ou cor** (mapa B 4) aponta para uma maioria branca, seguida por um terço de pardos. Menos de 10% da população se declarou preta no censo de 2010.

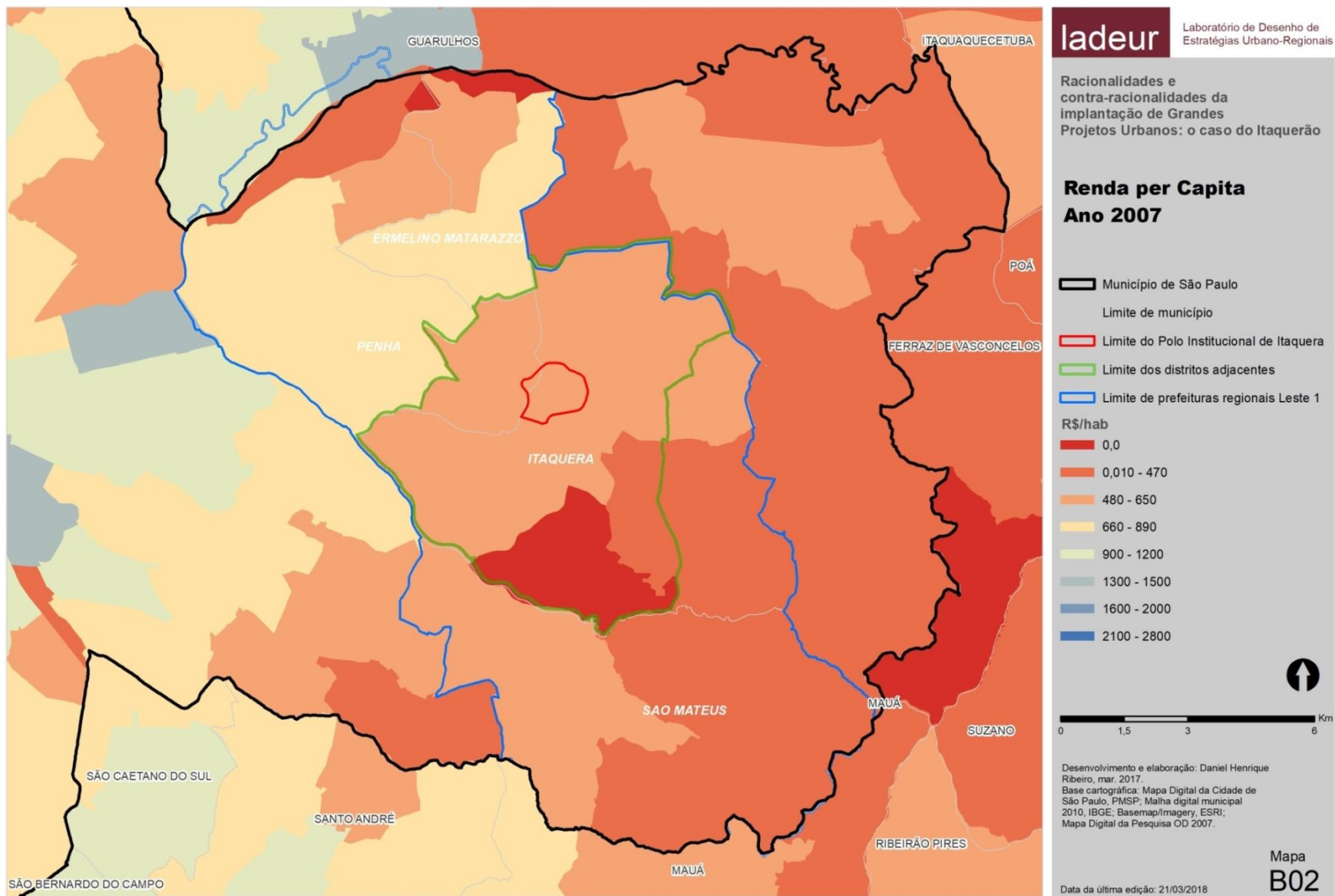
A **Densidade habitacional e situação de domicílios particulares - ano 2010** (mapa C 1) demonstra que as zonas a norte e a leste onde encontra-se respectivamente uma favela e um conjunto da COHAB que apesar de densidade populacional semelhantes, possui nos conjuntos da COHAB entre 52,6 a 71,44 residências por hectare e ao norte entre 45,3 a 52,59 residências por hectare, indicando mais indivíduos por residência. O entorno apresenta-se consolidado, mais de 60% das dos domicílios são próprios e quitados e menos de 20% dos domicílios são alugados.

A **Renda Per Capta e banheiros por residência - ano 2010** (mapa C 2) revela que a região onde se inseriu o Polo Institucional Itaquera manteve a mesma faixa de renda de 2007, ficando entre 474,07 a 648,15 reais por morador. Mais de 60% das residências possuem apenas um banheiro e em torno de 5% possuem dois banheiros. Este mapa aponta a relação entre o número de banheiros e a renda.

A **Taxa de crescimento média geométrica anual - ano 2000-2010** (mapa D 1) e o **Índice de adensamento populacional – IAP - ano 2000-2010** (mapa D 2) evidenciam que no período de 2000 a 2010 as áreas que mais se adensaram foram as periferias.

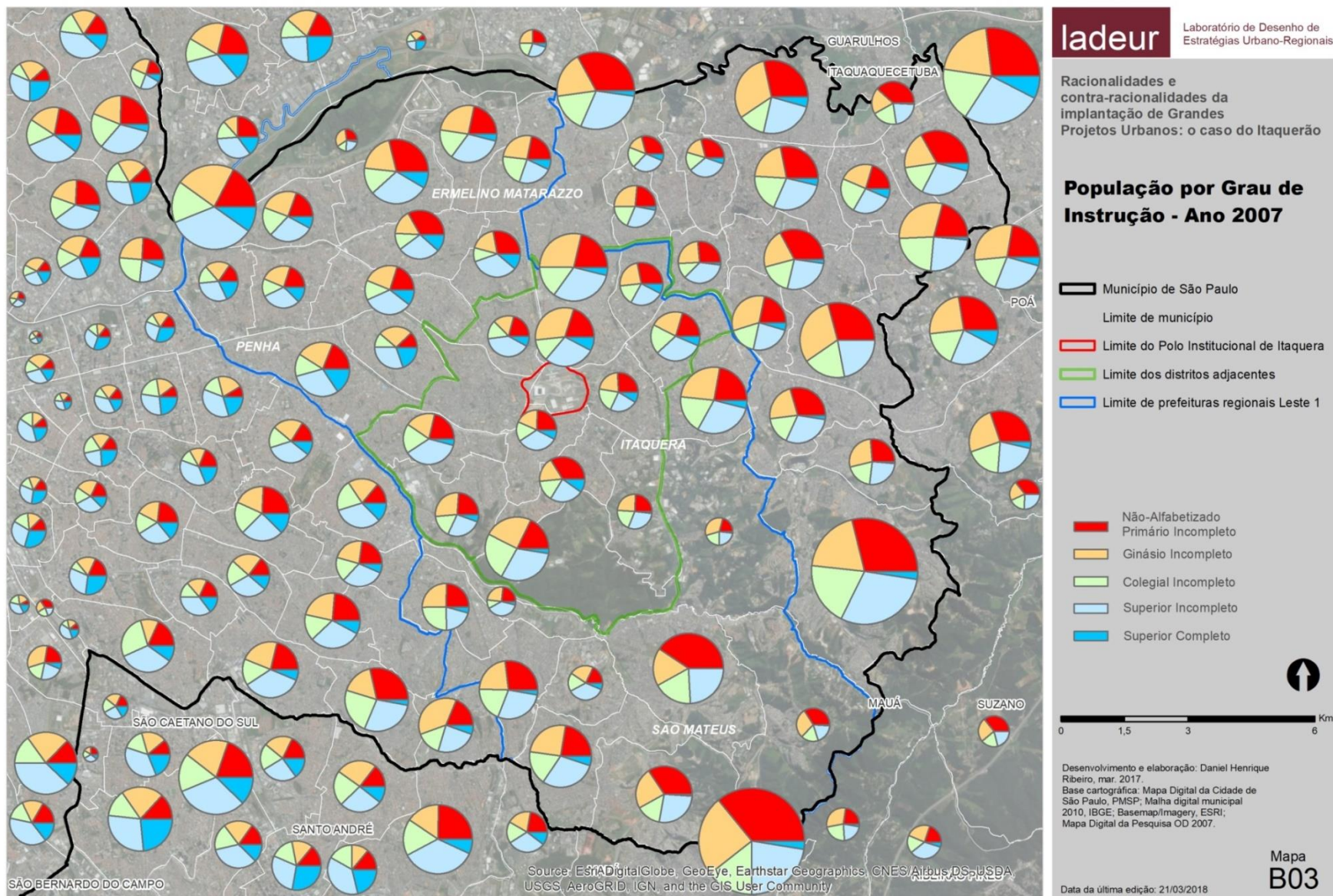


Mapa 3: B1 - Densidade urbana populacional e faixa etária ano 2010.

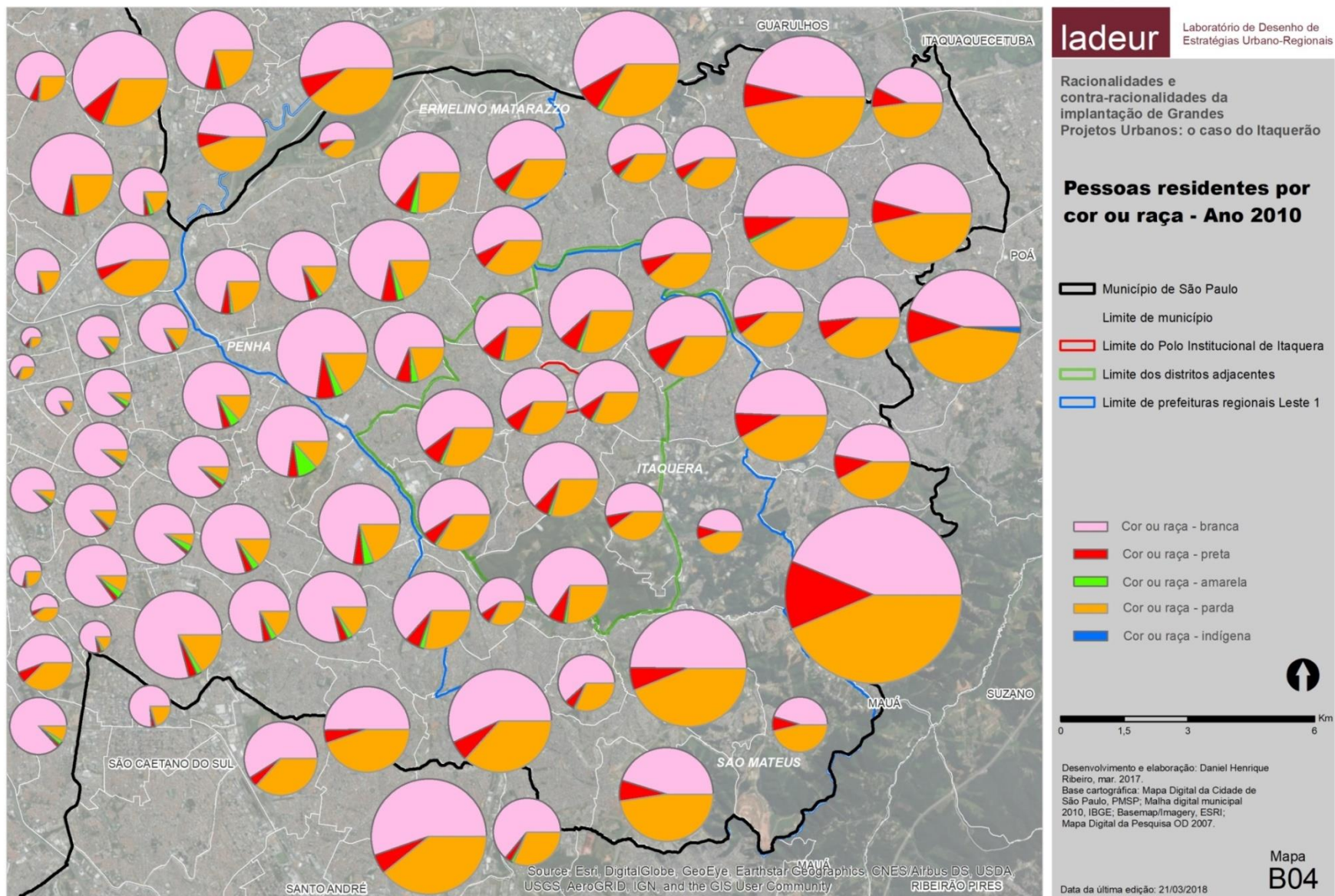


Mapa 4: B2 - Renda per capita ano 2007.

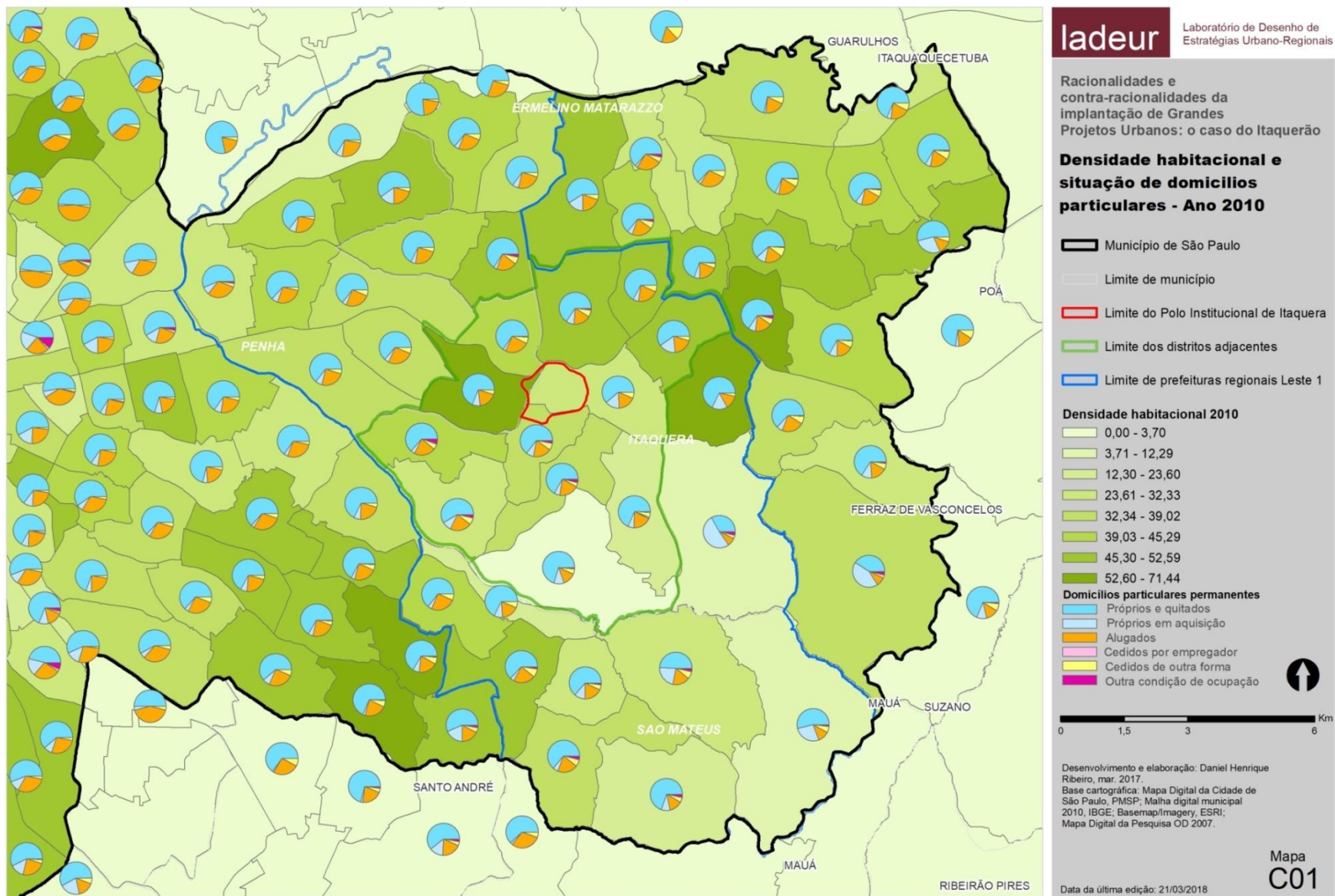




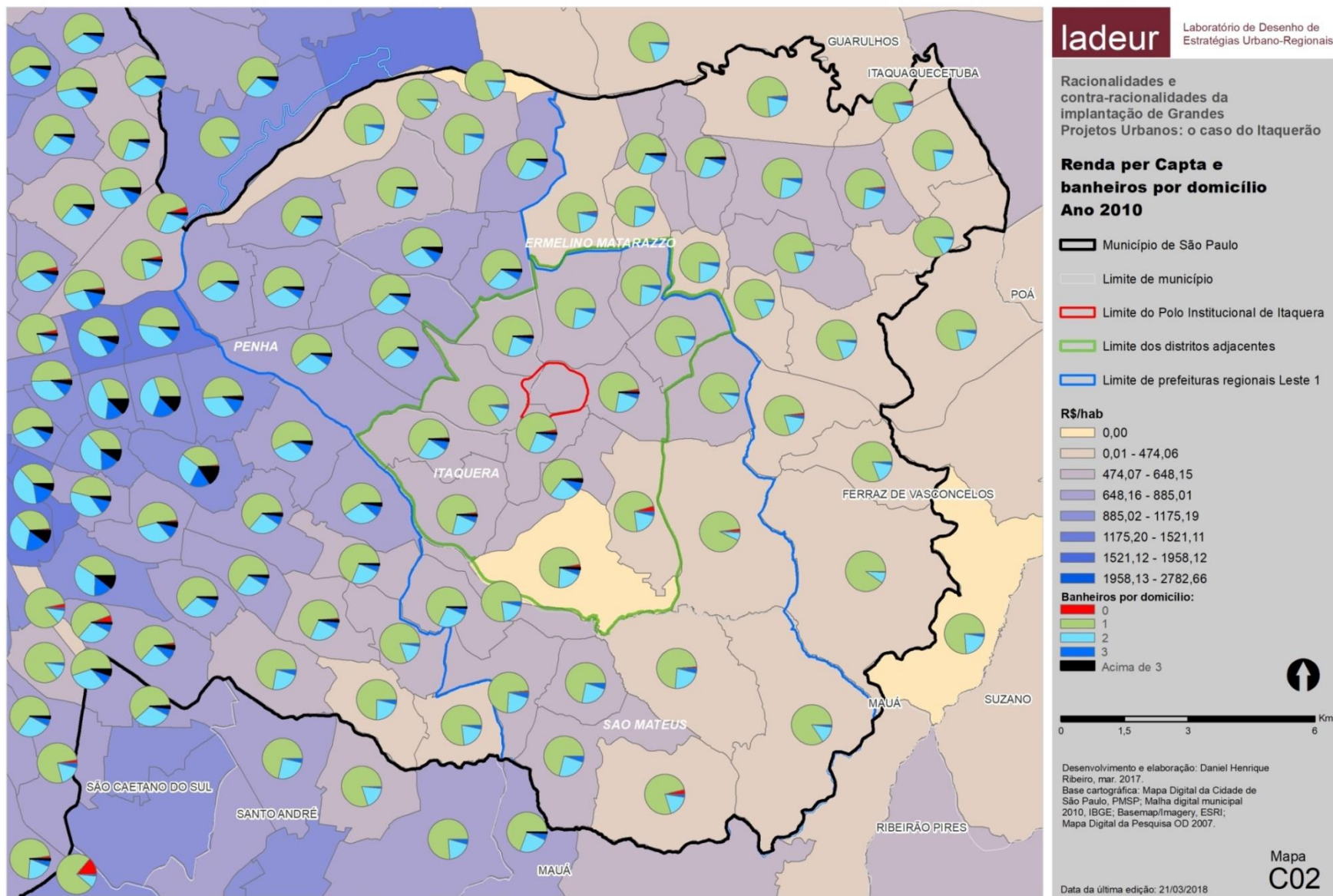
Mapa 5: B3 - População por grau de instrução, ano 2007.



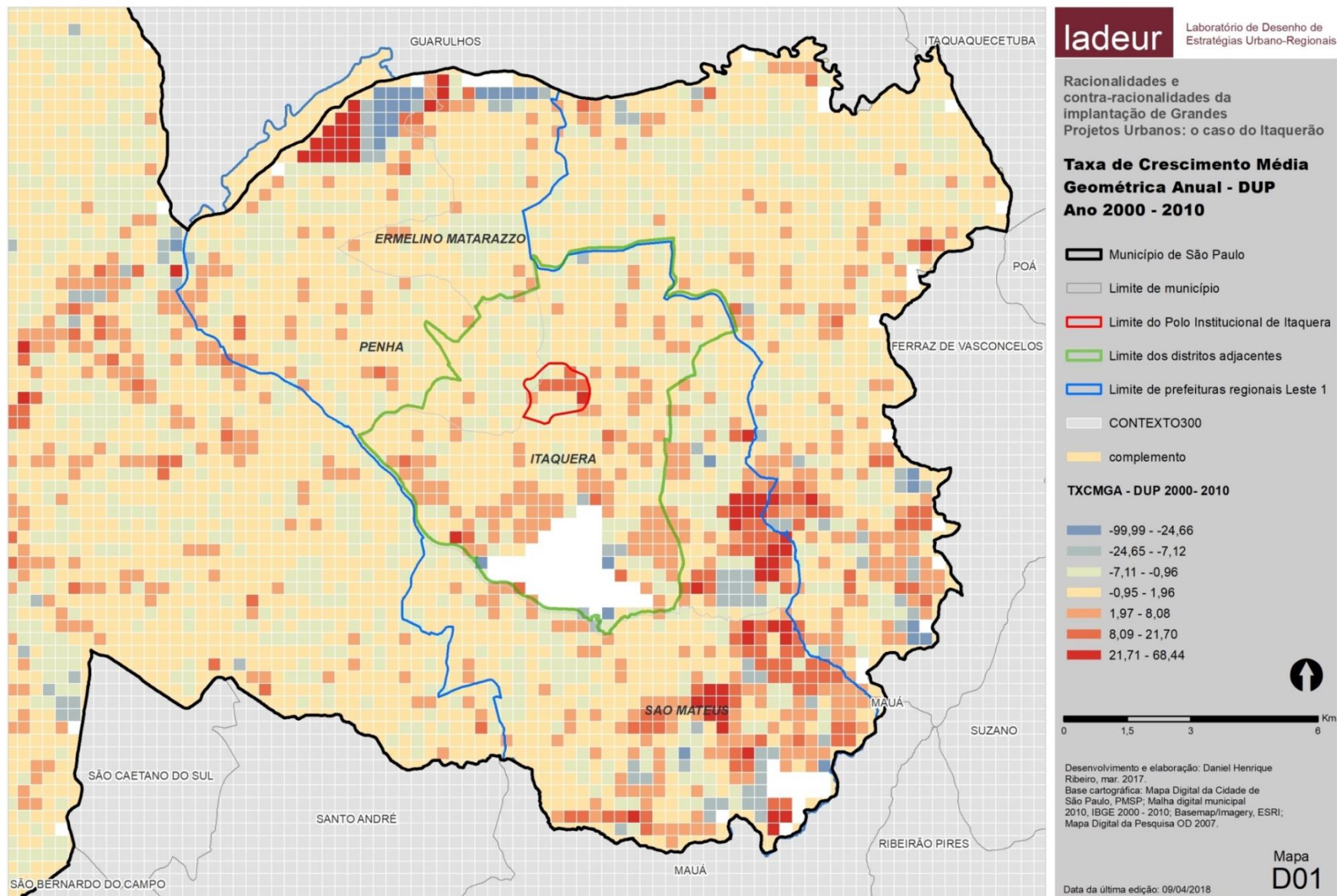
Mapa 6: B4 - Pessoas residentes por cor ou raça, ano 2010.



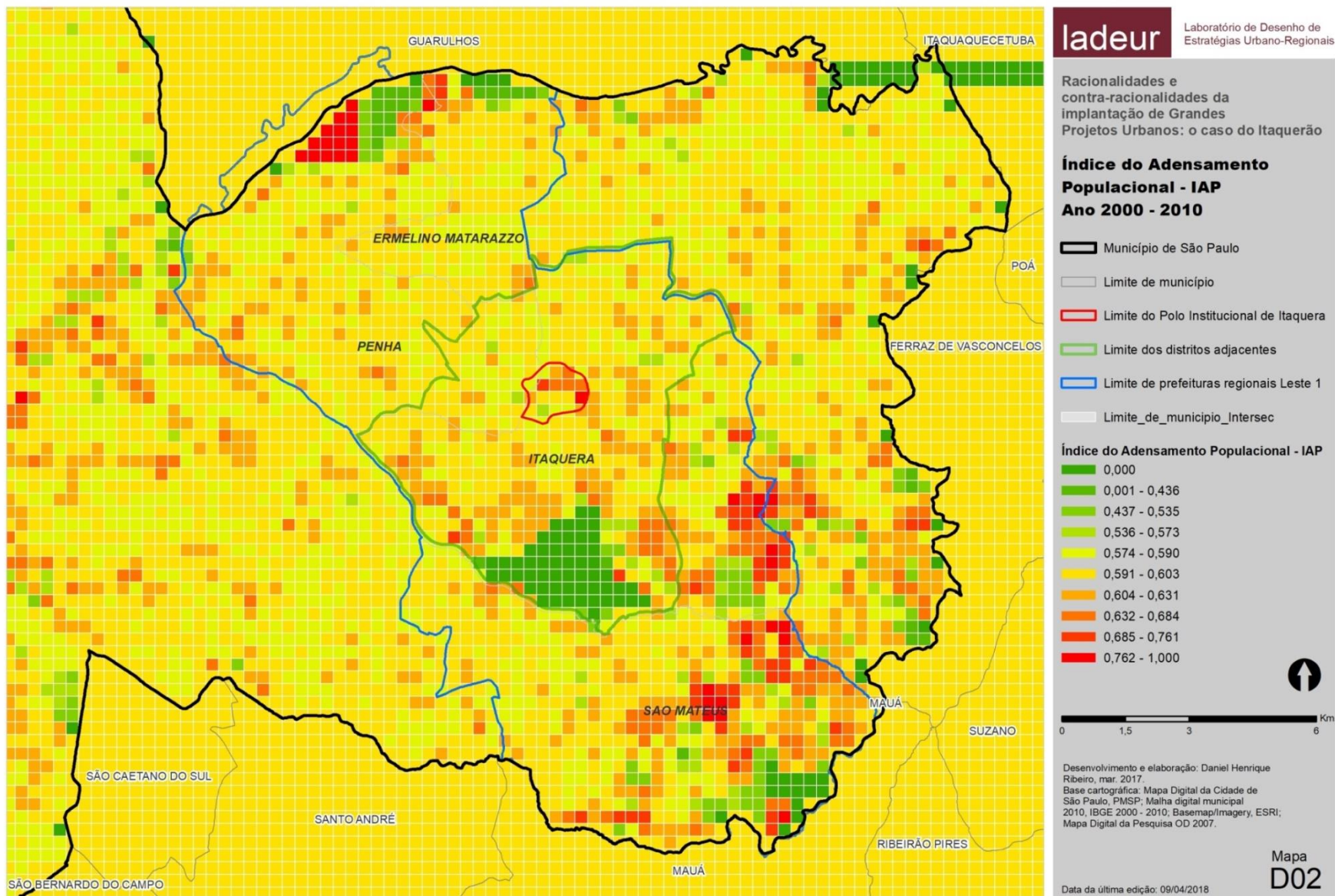
Mapa 7: C1 - Densidade habitacional e situação dos domicílios particulares, ano 2010.



Mapa 8: C2 - Renda per capita e banheiros por domicílios, ano 2010.



Mapa 9: D1 - Taxa de crescimento média geométrica anual, ano 2000 - 2010.



Mapa 10: D2 - Índice do adensamento populacional, ano 2000 - 2010.

## **ii. Aplicação de questionário e realização de entrevistas com moradores e usuários do Polo Institucional de Itaquera.**

Para conhecer o público que utiliza o entorno do Polo Institucional de Itaquera e entender como eles enxergam a implantação do Polo e da Arena Corinthians foram aplicados questionários<sup>26</sup> com a finalidade de documentar estes pontos de vistas que muitas vezes são deixados de lado.

O questionário objetiva verificar o perfil do respondente quanto ao vínculo que mantem com o entorno imediato da área de estudo, idade, sexo, condição de moradia, meio de transporte, expectativa com relação a valorização imobiliária, autoestima e sentimento de segurança.

A definição do tamanho da amostra se deu através da escolha como limite da área de estudo as seguintes Áreas de Ponderação envolvidas do Polo Institucional de Itaquera: 3550308005146, 3550308005198, 3550308005202, 3550308005204, 3550308005203 e 3550308005148 (mapa I01). Estas englobam 310 setores censitários, com população estimada de 217.005 habitantes em 2010 (IBGE). A amostra atingida, com 250 questionários, confere à pesquisa margem de erro de 10% e nível de confiança de 90%.

Do público que respondeu ao questionário, 18,8% moram, 69,2% estudam, 4,4% trabalham e 7,6% moram e estudam dentro do raio de dois quilômetros a partir do centroide do Polo. Dos participantes 62,8% eram jovens de faixa etária de 14 a 18 anos, esse fato se explica por um dos métodos de coleta ser questionário on-line e a facilidade dos jovens em responderem pesquisas pela internet.

63,2% são do sexo masculino, 35,2% do sexo feminino e 1,6% não quiseram responder. 56,8% moram com os pais, 21,6% moram com familiares, 16,4% com cônjuge ou companheiro(a), 0,8% moram em Moradia coletiva (pública, religiosa, etc.), 3,6% moram sozinhos e 0,8 não quiseram responder.

---

<sup>26</sup> Por se tratar de atividade de pesquisa envolvendo seres humanos, o projeto de aplicação do questionário foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da PUC-Campinas e aprovado, em 15/12/2016, na Plataforma Brasil.

Quanto a situação da moradia, 64,4% moram em residência Própria e quitada, 16,4% em residência própria em financiamento, 10,4% moram em residência alugada, 4,4% em imóvel cedido/emprestado e 4,4% não quiseram responder.

Sobre o meio de transporte do público é 80,4% transporte coletivo (ônibus, metrô, trem, etc.), 15,2% transporte particular, 2,8% a pé, 0,8 bicicleta, 0,4% carona e 0,4% não quiseram responder.

Questionados sobre a valorização dos imóveis após a implantação do estádio, 52,7% afirmaram que houve muita valorização, 30,5% disseram que houve uma valorização média, 8,6 disseram que houve pouca valorização e 8,2% afirmaram que não houve valorização. Sobre os valores dos aluguéis após a implantação do estádio 86,1% afirmaram que houve alterações ficando mais caro, 11,8 % disseram que não houve alterações e 2,1% acredita que tenha ficado mais barato.

Quando indagados se em algum momento a pessoa teria tido vergonha ou receio em dizer que morava, estudava ou trabalhava em Itaquera, 92,5% disseram nunca terem sentido e 7,5% afirmam já terem sentido vergonha ou receio em dizer.

Dos 7,5% dos entrevistados que afirmaram já terem sentido vergonha 50% afirmam que após a implantação do estádio não tem vergonha em dizer que mora em Itaquera e 50% continua tendo vergonha ou receio.

Sobre a valorização imobiliária, 12,5% dos entrevistados que moram na região e afirmam ter havido valorização pretendem vender seus imóveis para comprarem outra residência em outro local mais barato ou pretendem vender para investir em algum negócio próprio ou pretendem vender por outro motivo.

Sobre a segurança da região, questionados se houve alterações na segurança da região após a implantação do Estádio e dos demais projetos próximos, 36,3% afirmaram ter ficado mais seguro, 42,9% afirmam ter ficado mais perigoso e 20,8% da população dizem não ter alterado a segurança.



De modo geral, os dados obtidos com o questionário vão de encontro com os resultados obtidos a partir da análise das variáveis demográficas.

O questionário por ser específico conseguiu apontar que houve sim uma pequena alteração no orgulho dos moradores e usuários dos equipamentos do Polo Institucional, outra questão de suma importância apurada se refere ao direito e interesse de empreender do morador com a valorização de seu imóvel, fato este que é negligenciado na maioria das análises.

As entrevistas completam essa documentação, os relatos dos moradores e usuários são mais factíveis, além de corroborarem com os dados obtidos no questionário vão mais a fundo, os entrevistados ao contarem suas histórias evidenciam sentimentos com relação ao lugar que jamais se conseguirá compreender sem que desça ao território.

Para entender um pouco da história das pessoas que vivem na região, foram realizadas algumas entrevistas em profundidade. O primeiro entrevistado foi o Sr. José Vilson, 64 anos, que mora em uma casa próxima ao Estádio corintiano. É possível ir a pé ao Itaquerão, de sua casa, que já serviu de estacionamento para familiares que foram a Itaquera, para assistir a jogos na Copa de 2014 e jogos do Corinthians.

José Vilson é do interior de São Paulo (Tupã), mas mora em São Paulo há anos. Após o casamento com sua esposa Neuza (66 anos), morou um tempo na Zona Norte de São Paulo, até conseguir um apartamento da COHAB, na Zona Leste de São Paulo, na década de 1980. Após três anos de casados, já estavam em sua casa. "Era ganhar na loteria, naquele tempo, mesmo sendo da COHAB", contou a Dona Neuza.

O ano era 1981 e o casal tinha o primeiro filho, com 3 meses. Depois de 2 anos veio o segundo filho. O trabalho dos dois era no Centro da cidade. Precisavam levantar as 4h15 da manhã, para chegar às 7h na empresa, por usar o ônibus de Itaquera até o Hospital das Clínicas. "Uma viagem sofrida", disse o Sr. Vilson. Para pegar o segundo ônibus do trajeto, tinha uma caminhada de quase 2 km, depois do Parque Dom Pedro, contou.

Os finais de semana em Itaquera eram sempre com envolvimento com a igreja, pois a família é católica. Em Itaquera, na época, não tinha quase nada em relação a comércio, segundo a Dona Neuza. O envolvimento com a igreja católica foi forte e os laços com a comunidade se mantêm até os tempos atuais. O Sr. Vilson atualmente, aposentado, é voluntário do Escreve Cartas, do Poupa Tempo. "Cada dia era uma batalha", diz Vilson, sobre os tempos que se deslocava longas distâncias, de ônibus, para trabalhar.

Sobre as mudanças em Itaquera, desde a chegada, na década de 1980, dona Neuza responde sem titubear: "100%, 100%".

"A zona Leste é muito grande e quando a gente veio para cá, saía 4h45 para chegar às 7h no trabalho. A chegada do Metrô até o Belenzinho, nos anos seguintes, começou a facilitar. Já podia sair de casa às 5h15. Quando o Metrô chegou a Penha, e, em seguida até Itaquera, o trajeto que levava duas horas, passou a ser de uma hora", contou o Sr. Vilson, sobre o deslocamento casa/trabalho.

Em seguida veio o trem, que também contribuiu para uma vida mais fácil. É interessante verificar que os relatos de melhoria da vida do casal, que chegou a Itaquera quando a região ainda tinha pouca infraestrutura, se relaciona diretamente ao transporte coletivo. Durante 20 minutos, o relato esteve todo relacionado ao transporte; das dificuldades do uso de ônibus à chegada gradual do metrô impactando na diminuição do tempo para se deslocar de casa para o trabalho, o que melhorou a qualidade de vida.

Quando se trata dos tempos atuais, com a notícia da construção do Itaquerão, o Sr. Vilson conta que este papo já vinha de tempos, desde a construção do Metrô. Para ele, a obra trouxe melhorias: "O estádio trouxe um aparato de coisas. Construíram o posto de saúde 24/h, a estação, o projeto do shopping - porque tem uma febre muito grande entre os empresários de que é interessante ter shopping perto das estações do Metrô. Então, a parceria deles, acho que deu certo, esta parte."

A parte que, para o Sr. Vilson, não deu muito certo, é a mesma que a esposa destaca como ponto negativo. O olhar para as favelas. "Para mim que sou

corintiana, achei ótimo", disse Dona Neuza, que não gostou, no entanto, do contexto total do empreendimento "Só que não gostei muito, porque fizeram o melhor estádio do Brasil e do lado nós temos uma favela. Foi feito de tudo melhor: semáforo, lâmpada, iluminação, tudo ao redor do estádio e esqueceu o povão que é vizinho. Devia ter melhorado pelo menos o asfalto, que até hoje não melhorou, que é esta avenida que sobe e sai na Artur Alvim."

Para ela, a vida da população mudou. Disse que foi bom porque dá para ir até a pé para o Metrô, inclusive para estas pessoas que não receberam a atenção merecida. Dona Neuza acredita que não teve um pensamento no urbanístico que contemple a população, privilegiou a população flutuante que visita o estádio, que é composta em sua maioria pela elite.

Apesar das ressalvas, o casal vê que o Estádio trouxe um saldo positivo de um modo geral. Segundo eles, agora Itaquera é a referência e as mudanças foram para toda a região, inclusive para as pessoas de Mogi, Suzano, Ferraz de Vasconcelos, que estão próximas. "Ali é o ponto de tudo. Do trem, do Metrô, do shopping, do Estádio. É o ponto de tudo", diz dona Neuza. "Esqueceram o centro de Itaquera", conta Sr. Vilson. "Tem a escola técnica agora. O crescimento foi muito bom. Pelo comércio - pessoal vai trabalhar no shopping, pelo poupa tempo, mais condução, mais trabalho, novas vias..." destaca Dona Neuza, que diz que tem muito orgulho em dizer que mora perto do Estádio; que fica exibindo para todo mundo, porque dá para ir a pé.

"Foi um progresso muito grande", diz Sr. Vilson. "Metrô, shopping e estádio veio para fazer o fechamento do progresso, que foi grande já com o conjunto habitacional", completa dona Neuza. Sobre o aumento no valor das casas, Dona Neuza ressalta que aumentou muito, "até os apartamentos, que era de cem e cento e vinte mil e hoje está duzentos e tantos mil". Sr. Vilson completa: "Até o conjunto habitacional ficou valorizado".

Para o Sr. Vilson, a zona norte da cidade não teve a mesma evolução que a zona leste e isso é por causa do Estádio. O casal esteve no Itaquera, no tour do Estádio. "Fiquei maravilhada", Dona Neuza contou sorridente.

Henderson, de 35 anos, foi outro que deu seu depoimento sobre a implantação do Estádio. Ele morou em Itaquera dos 4 meses de idade até os 23 anos, e depois, mudou para o bairro Cidade Líder, também na zona leste. Seus melhores amigos ainda estão em Itaquera. Para ele, o estádio foi relevante, principalmente para a moral do pessoal da região, pois com o estádio veio muitas soluções. "Melhorou muito no sentido das pessoas se sentirem valorizadas no lugar que elas estão. O maior acesso, principalmente as outras regiões da cidade. Até então, você só tinha um fluxo, que era a saída do metrô e a Avenida Radial Leste. Hoje em dia tem outras opções, com mais fluidez."

Henderson diz que Itaquera deixou de ser os fundos da cidade. "Ampliou-se a periferia da periferia, se a gente puder dizer assim, que são as cidades dormitórios que ficam no extremo da zona leste - Ferraz de Vasconcelos, Poá, esta região que meio que recebeu mais gente, com moradores depois da chegada do Estádio." Por ter crescido na região, ele vê a chegada do Estádio e o polo como positiva, diminuindo, inclusive o deslocamento das pessoas. "Equipou muito a cidade e, pensando nestas pessoas que moram mais aos fundos de São Paulo, elas tem acesso à saúde e educação de uma maneira melhor agora, sem precisar atravessar para os lados da zona sul da cidade. Hoje em dia você consegue uma faculdade de tecnologia ali, em Itaquera mesmo." Para ele, os jovens foram beneficiados, pois agora conseguem se divertir no próprio bairro, pois as opções melhoraram, como ir ao cinema por exemplo.

O quarto entrevistado é o Professor Arquiteto Wagner Pereira, coordenador pedagógico da ETEC Itaquera 2. Wagner mora na Penha. Para ele, a chegada dos novos equipamentos em Itaquera levou a alteração significativa nos preços "Antigamente os apartamentos da COHAB tinham um valor menor e com essa inserção que teve do estádio, do metro e da ETEC, enfim, teve um aumento sim, ficou mais valorizada a região e hoje em dia os apartamentos tem um preço maior." O professor viu mudanças também no sentimento dos moradores. "Acabou criando uma autoestima. Antigamente falavam: mora na COHAB, mora em Itaquera; as pessoas tinham até um certo receio de falar né; e hoje em dia já não, já vejo que eles têm até um certo orgulho. 'Moro perto do estádio do Corinthians' que é a referência, enfim. Então deu uma valorizada sim."

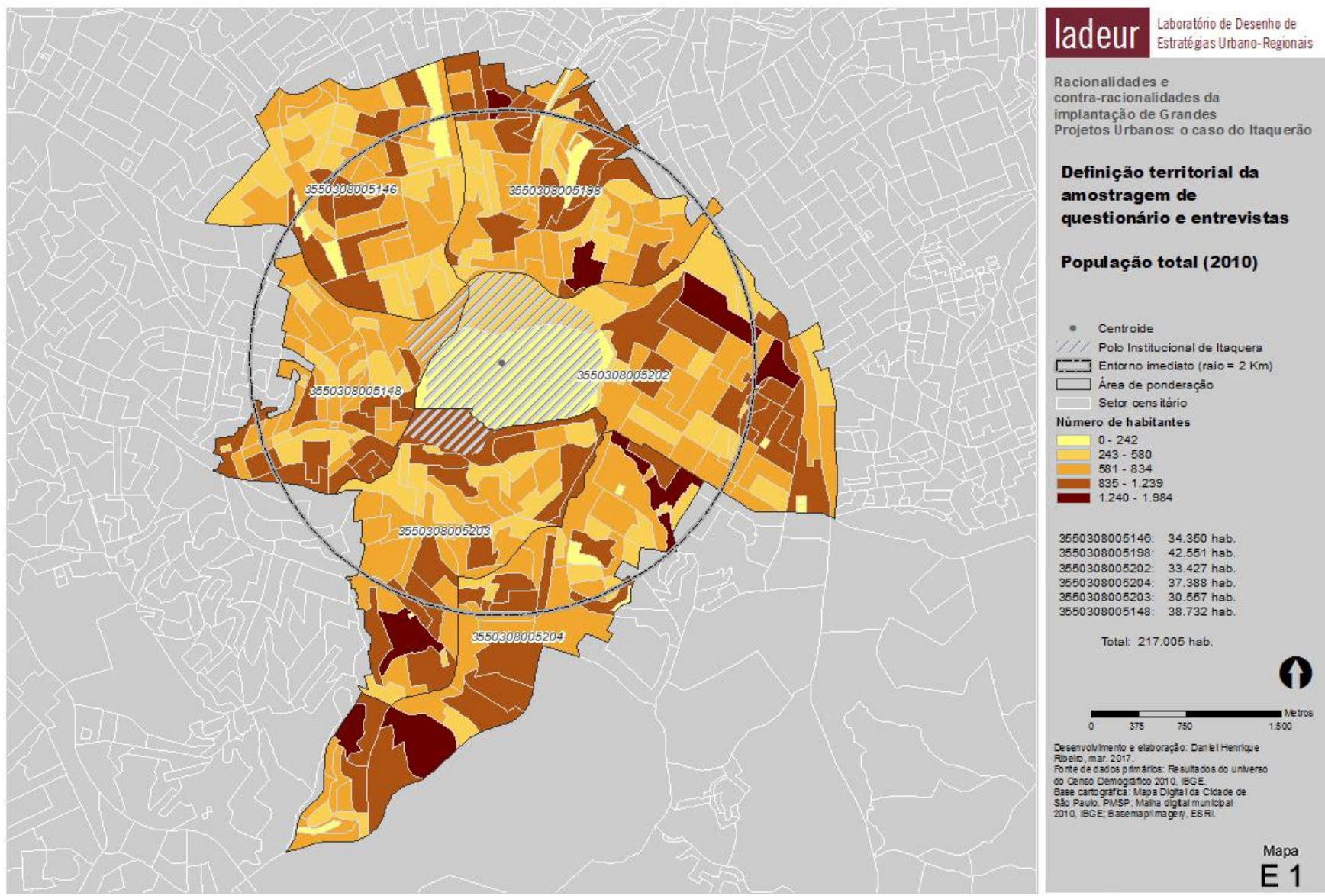
Wagner destacou que a ETEC, na verdade, atende a toda a região, muito além de Itaquera. “Pela facilidade do metrô e do trem eu tenho alunos que vem, tipo de Suzano, Mogi e Itaqué, tudo estudar aqui também, por causa da facilidade do meio de transporte.”

Como arquiteto, Wagner conta que gostou do projeto, mas viu pontos que poderiam ter ficado melhores. “Acho que essa arquitetura que a gente tem aqui pós-modernista ajudou bastante na facilidade, uma leitura limpa da arquitetura, vem de encontro também aos estilos dos cursos que a gente oferece, que é da área de construção civil, então é uma arquitetura limpa. O que acho, assim um pouquinho, que na parte de baixo da edificação do lado do metrô e do shopping tem um movimento legal, uma circulação, tem uma rodovia, tem um trânsito legal só que a parte de trás, ele ficou meio anulada, porque eu tenho o pátio do metrô e essa avenida, que é uma avenida meio morta, até meio perigosa, passa de vez em quando um carro, de vez em quando um ônibus, então acho que esse lado de traz não ficou tão valorizado.”

Wagner citou que, em dias de jogos tem muito policiamento, o que, para ele, poderia ter também nos demais dias, para assegurar a segurança da população e alunos que estudam ali. Os equipamentos ali implantados são vistos pelo arquiteto como um grande marco para a região da Zona Leste “quando a gente implanta uma escola, uma UPA e um estádio, o que estou fazendo, estou desenvolvendo lugares que outrora não eram desenvolvidos. Com isso vem estudo, vem emprego, vem procura, vem oferta, vem uma valorização para a região, como um todo, como social, cultural como econômico para a região; então esse investimento que fizeram aqui em Itaquera foi de grande importância para a população e para os arredores também.”

Para ele, a implantação do polo institucional Itaquera foi positiva. Wagner vê como três os pontos de referência, principalmente, que valorizam a região. “Então hoje em dia o grande ponto de referência, são três na verdade: o Estádio do Corinthians, o Shopping Itaquera e a ETEC/FATEC. São três grandes atrativos que tem na região, então acho que valorizou bastante com essa implantação.”

Sobre o legado da Copa, Wagner diz que foi criada toda uma infraestrutura: viadutos e vias, que mesmo depois de ter encerrado não se perdeu. “Não ficou uma arquitetura morta, tipo assim: usei para os jogos e usei para aquela atividade e morreu, acabou, perdi. Não, tudo o que foi feito para ser utilizado nesses momentos a gente está usando até hoje.”



Mapa 11: E1 - Definição territorial da amostragem de questionário e entrevistas.

### **c. Ação Local**

No humanismo concreto de Milton Santos (SANTOS 1987), o território surge com duas faces; na primeira a ação é sempre interação, um diálogo entre quem impõem as regras do território normado (os mortos) com os vivos, oferecendo a interlocução necessária para a realização de seus desígnios. Na outra face o território é composto pelas experiências daqueles que sobrevivem em ambientes hostis e antagônicos, o território é o território usado, praticado (Ribeiro 2005).

Neste território usado é onde encontramos as resistências, as ditas contra-racionalidades que se traduzem em ações locais, projetos e reivindicações de acesso aos equipamentos públicos, de permanência e de apropriação do espaço. A busca por tais projetos e resistência se deu por meio de pesquisas eletrônicas em sites e blogs e por meio da realização de entrevistas com moradores de Itaquera que apontaram algumas resistências.

Em Itaquera existem diversas organizações de pessoas que se unem em prol de suas reivindicações, a exemplo associações de mulheres e moradores, instituições de ações e filantrópicas, porém a pesquisa conseguiu localizar um movimento em especial que esta diretamente relacionado a territorialidade e a permanência, a Comissão de Moradores da Vila da Paz.

A Comunidade da Vila da Paz pode ser apontada como o local onde a população sofreu o maior impacto com a notícia da construção do Itaquirão, com a ameaça e medo de ter que deixar suas casas. Localizada a pouco mais de 500 metros do estádio, teve a promessa de realocação, mas pouco saiu do papel. O projeto de um corredor de ônibus voltou a trazer indefinição para os moradores da comunidade, que, em 2017, ainda seguiam na luta para defender suas moradias.

A Comissão de Moradores da Vila da Paz, que é atuante na defesa dos direitos dos moradores, contou ao UOL que a prefeitura fala em pagar auxílio-aluguel, no caso de precisar forçar a mudança sem ter a realocação planejada,



que seria para um conjunto habitacional. Esta é uma hipótese que gera medo, pelo risco do paliativo impedir o projeto definitivo de vez, que já se arrasta há anos.

A Comissão promete resistência para defender as casas e enviou uma carta aberta a cidade de São Paulo, em 2017. A comunidade tem uma história de lutas, desde a década de 1990, com vitórias, e muitas conquistas com a implantação do estádio<sup>27</sup>. Agora, um novo projeto que altera o traçado para operação de um corredor de ônibus ameaça novamente os moradores. Por ser uma área com famílias pobres, os projetos que envolvem trazer desenvolvimento

---

<sup>27</sup> A área da comunidade da Paz começou a ser ocupada na década de 1990 e desde então centenas de famílias se estabeleceram no local. A primeira ameaça de remoção aconteceu em 1995, sob o argumento de que a área era pública, mas a resistência foi vitoriosa. O judiciário compreendeu que as crianças que moravam na comunidade estavam todas matriculadas e corriam o risco de perder o ano na escola caso fossem removidas.

Em 2012, com a confirmação da abertura da Copa do Mundo de Futebol na Arena Corinthians, estádio localizado a menos de 1 km da comunidade, as famílias voltaram a ser ameaçadas pela construção do Parque Linear Rio Verde, o que fomentou um importante processo de resistência pela permanência e de crítica aos megaeventos esportivos.

Após um processo de articulação e mobilização com diversos atores, foi elaborado um Plano Popular Alternativo de Urbanização para a Favela da Paz, construído pela comunidade com a Peabiru, o grupo Comunidades Unidas de Itaquera e o Instituto Pólis, com apoio do Comitê Popular da Copa. O Plano proposto mostrou ser possível a permanência da comunidade, com a construção do Parque.

O Plano Popular se tornou um instrumento de luta e resistência, que resultou em uma série de vitórias. A área foi transformada em Zona Especial de Interesse Social (ZEIS – 1), as famílias que estavam muito próximas ao córrego foram removidas e realocadas imediatamente em sua moradia definitiva (o que foi chamado de “chave por chave”), o parque linear foi implementado e apropriado pelos moradores, houve ligação de redes oficiais de água e energia e as famílias que continuaram na comunidade assinaram um acordo com a prefeitura garantindo que, caso a remoção acontecesse posteriormente, seria respeitada a diretriz do ‘chave por chave.’” Disponível em <https://observasp.wordpress.com/2017/05/16/prefeitura-de-sp-volta-a-ameacar-comunidade-da-paz-sem-apresentar-justificativas-tecnicas/> (Acesso em 15/03/2018)

para a região tendem a não levar em consideração suas vontades, o que faz com que a luta e resistência seja necessária para tentar manter as casas ou conseguir o cumprimento das promessas feitas à época da Copa.

*“CARTA ABERTA À CIDADE DE SÃO PAULO*

*EM DEFESA DAS COMUNIDADES VILA DA PAZ – MIGUEL INÁCIO CURI E FRANCISCO MUNHOZ*

*Desde a década de 1990, nós moradores e moradoras da Comunidade da Paz, Miguel Inácio Curi e Francisco Munhoz, sofremos com ameaças de despejo e remoção por parte da prefeitura, entra governo e sai governo, é sempre a mesma ladainha, desde então, as famílias vêm se mobilizando e seguem resistindo às mais variadas formas de pressão.*

*Com a chegada da Copa da FIFA em 2014, estas Comunidades (localizadas a 800 a 1500 metros do Itaquerão, palco da abertura da Copa) se tornaram um dos principais alvos de remoção por parte da Prefeitura e do Estado, que previu a construção de um parque linear nas margens do Rio verde, passando bem em cima de nossas casas. Naquele momento nós nos mobilizamos e articulamos com diversos grupos e buscamos formas de lutar contra a remoção destas Comunidades, por diversas vias e conseguimos impedir as remoções. Quem saiu, foi pra sua Moradia.*

*Depois de muita luta, a área da Comunidade da Paz se tornou uma Zona Especial de Interesse Social (ZEIS 1) e foi realizado um acordo com a Prefeitura e o Grupo Organizador da Copa em São Paulo, no qual se comprometiam a respeitar uma das principais diretrizes do Plano Popular Alternativo de Urbanização da Comunidade da Paz: o ‘chave por chave’, ou seja, as famílias que precisassem realmente sair só sairiam quando o apartamento estivesse pronto para que a família o ocupasse. O que também impediu a remoção das demais Comunidades do Parque Linear do Rio Verde.*

*Ocorre, que nas últimas semanas, para nossa tristeza e indignação, fomos informados pela Secretaria de Habitação do Município, que agora a Prefeitura deseja construir um corredor de ônibus em cima de nossas casas e novamente querem nos tirar daqui, com um pagamento de auxílio aluguel, até que, (segundo a Prefeitura), outro conjunto*

*habitacional fique pronto. Nós não aceitamos auxílio aluguel e não aceitamos remoção. A Prefeitura Prometeu e tem que cumprir. Vamos resistir e defender as nossas casas.*

*Entendemos e apoiamos os corredores de ônibus, principalmente porque somos usuários do transporte público, porém, não aceitamos que o corredor passe justamente por cima de nossas moradias.*

*Conhecemos nossos direitos, queremos participar efetivamente das iniciativas que alteram nossas vidas diretamente. Queremos discutir o percurso do corredor, queremos discutir os atendimentos habitacionais, queremos que nosso acordo com a prefeitura seja respeitado!*

*Além disso, como moradores de Itaquera e frequentadores do Parque do Carmo não aceitaremos sua privatização! O Parque do Carmo é nosso, as Comunidades da Paz, Miguel Inácio Curi e Francisco Munhoz são nossas e a Cidade também!*

*São Paulo, 06 de Maio de 2017.*

*Comissão de Moradores da Vila da Paz – Miguel Inácio Curi e Francisco Munhoz*

*EM DEFESA DE NOSSAS MORADIAS - NENHUM DIREITO A MENOS!!!!”*



Figura 15- Imagem extraída da fanpage do movimento "Comunidade da Paz Itaquera Resiste 2017



Figura 16- Reunião da Comunidade da Paz em dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/PazResiste2017/photos/pcb.1033341413474231/1033341283474244/?type=3&t>

## V. Contextualização Urbana

### a. Organização espacial da cidade

Como princípio metodológico, o trabalho busca analisar a cidade do ponto de vista do espaço geográfico e, conseqüentemente, considerá-la como um “conjunto de fixos e fluxos”, ao compreender que os fixos permitem ações que alteram o próprio lugar e os fluxos atraído e/ou gerados pelos fixos modificam o significado e o valor do lugar.

*“Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam” (Santos, 1982, p. 53; Santos, 1988, pp. 75-85).*

A realidade geográfica é expressa através da interação entre fixos e fluxos, porém conforme alerta Milton Santos, há cada vez mais diversificação dos fluxos, pessoas, mercadorias e informação circulam cada vez mais e com maior velocidade.

*“(…) Fixos e fluxos juntos, interagindo, expressam a realidade geográfica e é desse modo que conjuntamente aparecem como um objeto possível para a geografia. Foi assim em todos os tempos, só que hoje os fixos são cada vez mais artificiais e mais fixados ao solo; os fluxos são cada vez mais diversos, mais amplos, mais numerosos, mais rápidos” (Santos, 1996, p. 50).*

Os fluxos em Itaquera foram especializados com base nas pesquisas Origem Destino dos anos de 1987, 1997 e 2007 e resultaram nas cartografias F1, F2 e F3, não sendo possível a comparação entre anos pelo fato da alteração dos perímetros das zonas de pesquisa a cada ano, mas indicam muito sobre a área e reforçam os relatos obtidos nas entrevistas com moradores.

É visível o aumento das viagens próximas com o passar dos anos, o que indica a noção de centralidade da região. Antes os moradores em sua maioria

viajavam longas distâncias para terem acesso aos seus trabalhos, escolas e demais equipamentos, até o ano de 2007 já era possível identificar essa tendência de centralidade. A chegada de mais equipamentos tende a reforçar essa centralidade cada vez mais.

A **Densidade das viagens produzidas por zona – motorizadas (coletivas x privadas)** (mapa F4) também reforçam esta centralidade, e revela que mais de 60% das viagens motorizadas geradas são de transporte coletivo, o que reforça a ideia de dependência do transporte coletivo pela população.

A **Densidade das viagens produzidas por zona – motorizadas x não motorizada** (mapa F5) revela que mais da metade das viagens são motorizadas.

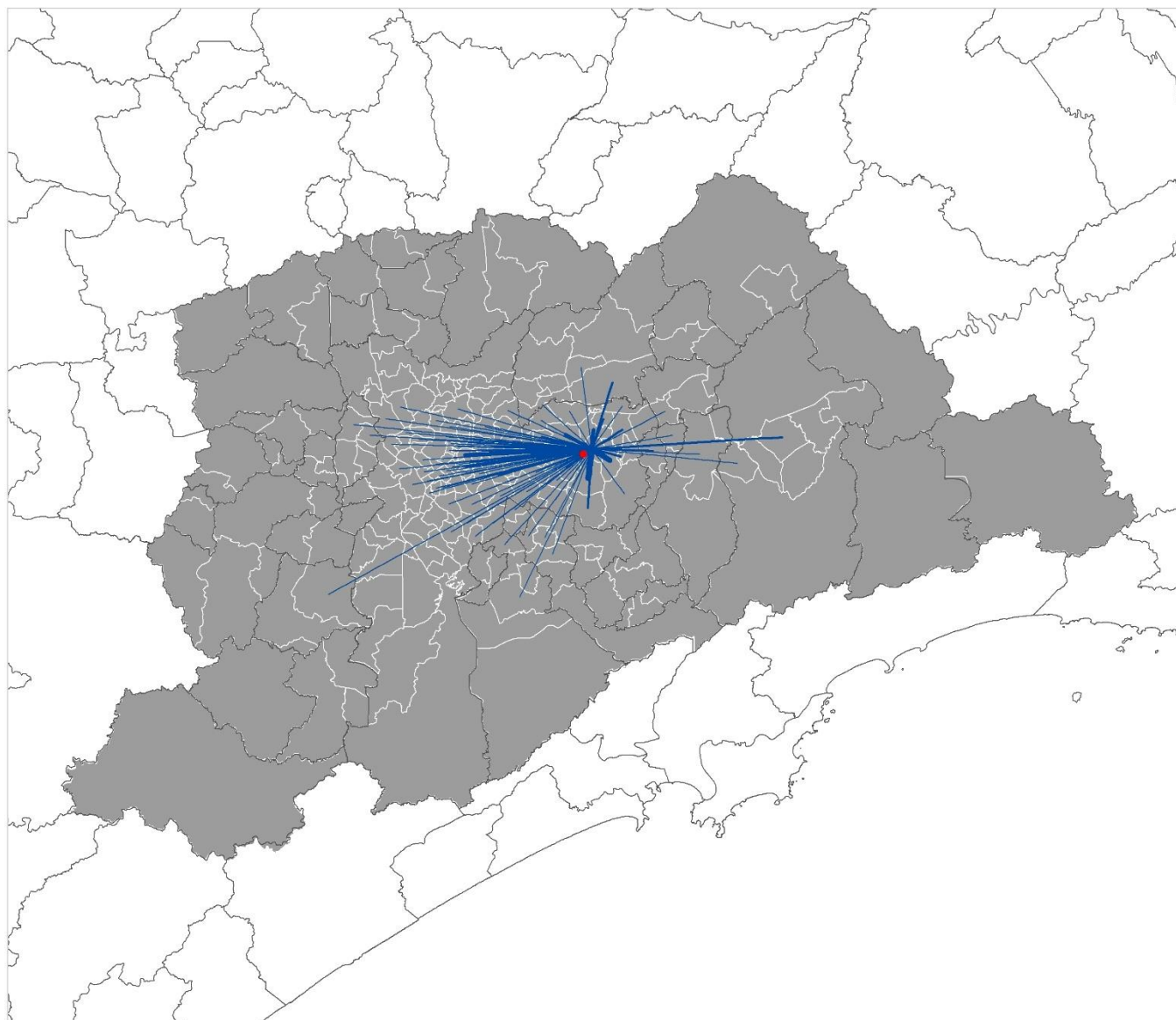
O **Tempo médio das viagens produzidas por zona (transporte coletivo)** (mapa F6) mostra que na área de estudo, a medida que se aproxima do Polo Institucional o tempo de viagem reduz, isso se explica pela presença da estação do Metro, da estação da CPTM e do terminal de ônibus que novamente reafirmam a centralidade do Polo. Para as zonas próximas ao Polo o tempo médio de viagem é de 41,7 a 60 minutos e para zonas mais distantes chegam a 140 minutos.

A **Rede de transporte coletivo** (mapa F7) apresenta a estruturação do transporte coletivo na Zona Leste, aponta o eixo da Radial Leste juntamente com a linha Vermelha do metro e o trem da CPTM como o principal estruturador da mobilidade na zona leste de São Paulo.

A **Rede de transporte coletivo: Metrô** (mapa F8) mostra a linha Vermelha que chega até a estação Corinthians Itaquera, a **Rede de transporte coletivo: Ônibus** (mapa F9) mostra que a região Leste como conta com acesso a linhas de ônibus e tem conexões importantes com as estações de metrô. A **Rede de transporte coletivo: Rede Ciclovária** (mapa F10) apresenta a deficiência deste modal, ainda pouco explorado e pouco servido de infraestrutura adequada. A **Rede de transporte coletivo: Trem** (mapa F11) mostra a importância da região no fluxo metropolitano, a presença da estação da CPTM no Polo permite que pessoas de Suzano e Mogi das Cruzes utilizem da infraestrutura e dos equipamentos do Polo.

O conjunto de cartografias G1, G2, G3 e G4 apresentam os equipamentos de cultura, educação, saúde e esportes sobrepostos ao mapa de fluxo da pesquisa Origem Destino 2007, permitindo assim compreender a relação entre os fluxos e os fixos. O maior sentido dos fluxos é para o oeste em direção ao centro onde possui mais equipamentos.

Os **Vazios Urbanos** (mapa G5) foram levantadas áreas vazias ou ociosas em um raio de cinco quilômetros para que juntamente com a observação da ação do mercado imobiliário possa se constatar a tendência dos lançamentos imobiliários (mapa H2) estarem ao leste do Polo, por ser mais periferia e por conter as áreas ociosas ainda remanescentes.



Racionalidades e contra-racionalidades da implantação de Grandes Projetos Urbanos: o caso do Itaquerão

**Mapa de Fluxo**  
**Origem x Destino 1987**  
**Zona 92 - Itaquera**

**Viagens Produzidas 149.304**  
**Viagens Atridas 147.538**

- Centroide
- Total de Viagens**
- 0,00
- 0,01 - 5,00
- 5,01 - 20,00
- 20,01 - 20,00
- 20,01 - 50,00
- 50,01 - 60,00
- 60,01 - 70,00
- 70,01 - 80,00
- 80,01 - 100,00
- 100,01 - 485,00
- Zonas OD 1987



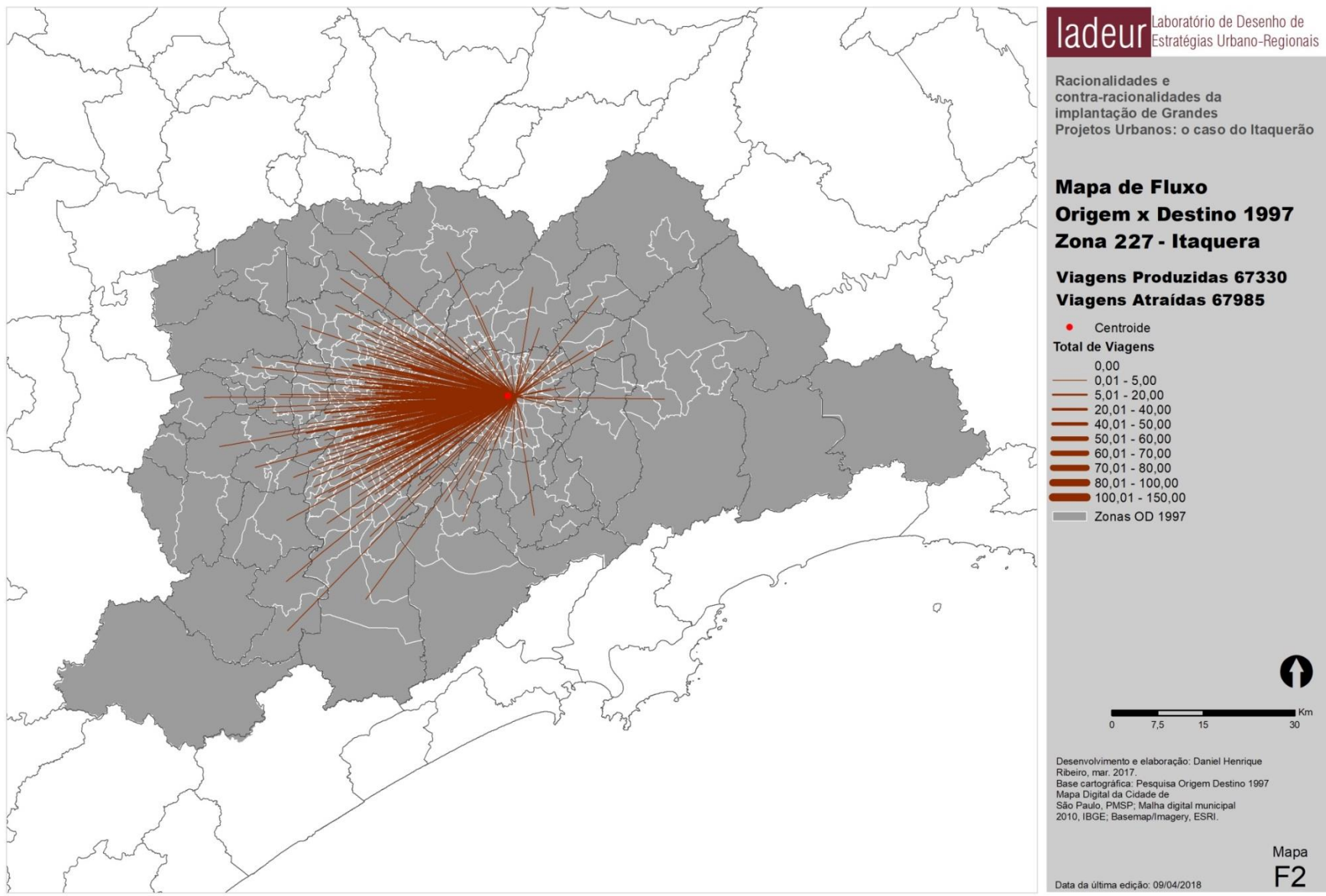
Desenvolvimento e elaboração: Daniel Henrique Ribeiro, mar. 2017.  
Base cartográfica: Pesquisa Origem Destino 1987  
Mapa Digital da Cidade de São Paulo, PMSP; Malha digital municipal 2010, IBGE; Basemap/imagery, ESRI.

Mapa  
**F1**

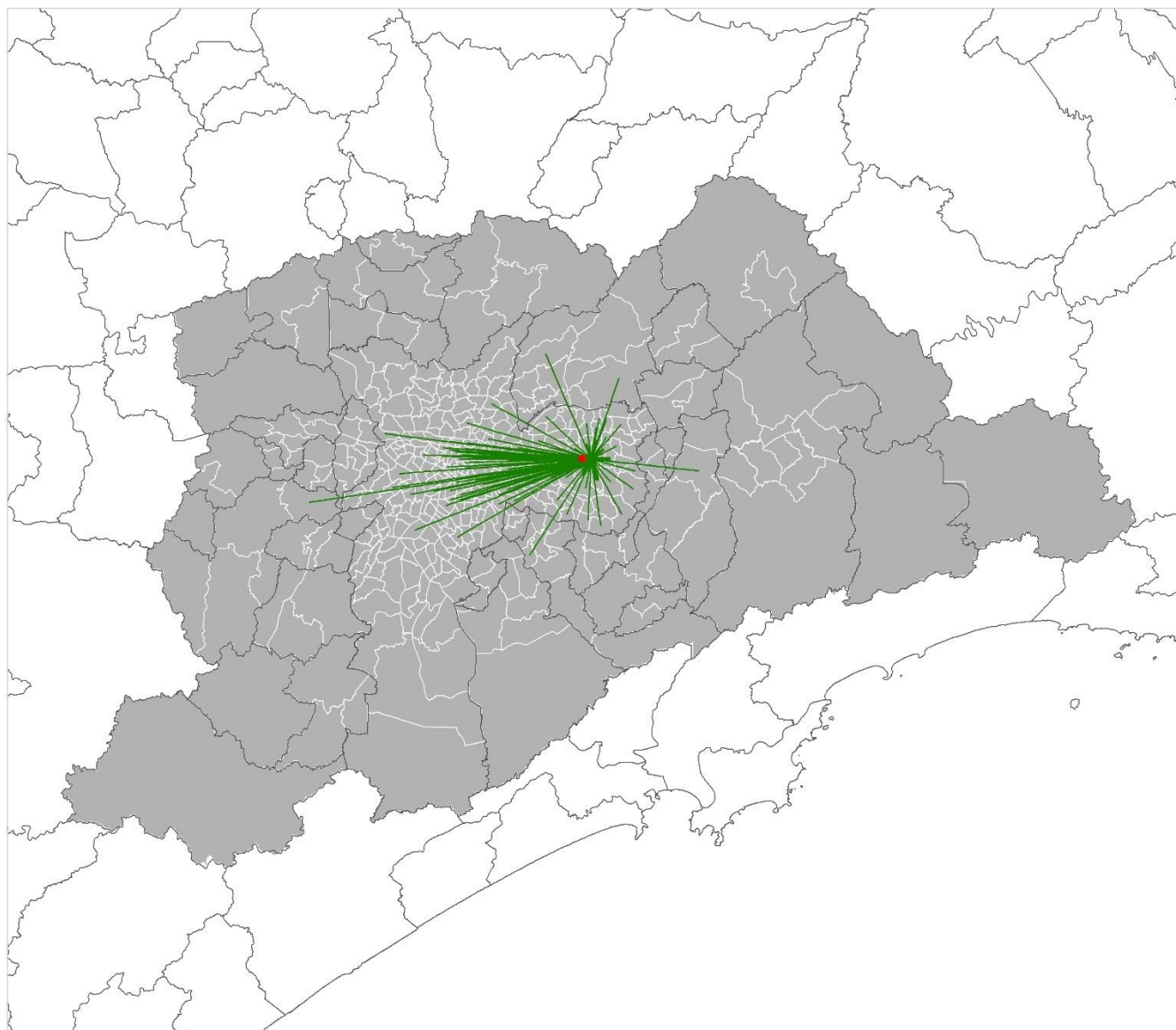
Data da última edição: 09/04/2018

Mapa 12: F1 - Mapa de fluxos OD 1987, ZONA 92 – Itaquera.





Mapa 13: F2 - Mapa de fluxos OD 1997, ZONA 227 – Itaquera.

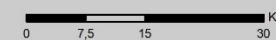


Racionalidades e contra-racionalidades da implantação de Grandes Projetos Urbanos: o caso do Itaquerão

**Mapa de Fluxo**  
**Origem x Destino 2007**  
**Zona 182 - Itaquera**

**Viagens Produzidas 93.018**  
**Viagens Atraídas 92.836**

- Centroide
- Total de Viagens**
- 0,00
- 0,01 - 5,00
- 5,01 - 20,00
- 20,01 - 40,00
- 40,01 - 50,00
- 50,01 - 60,00
- 60,01 - 70,00
- 70,01 - 80,00
- 80,01 - 100,00
- 100,01 - 127,00
- Zonas OD 2007

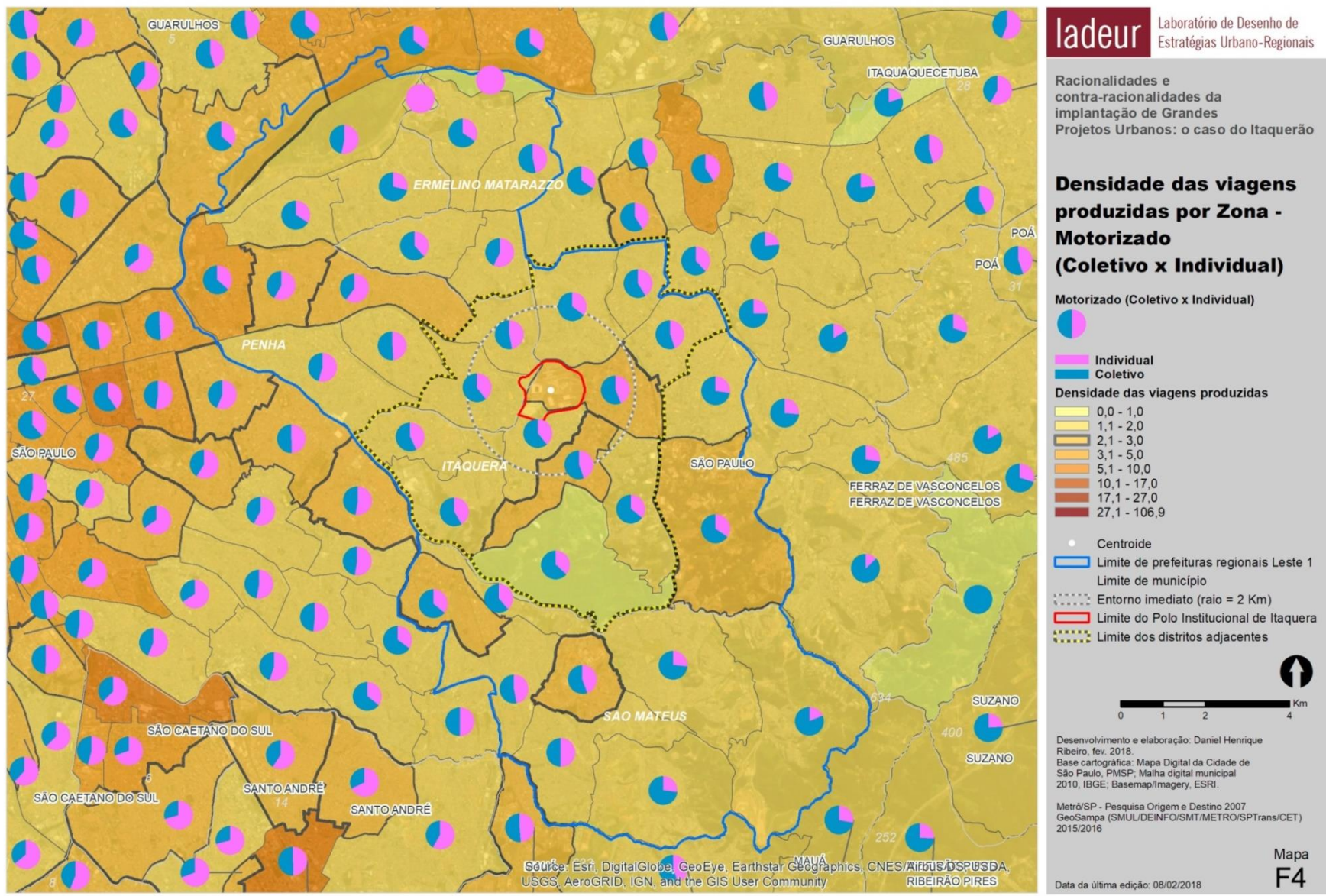


Desenvolvimento e elaboração: Daniel Henrique Ribeiro, mar. 2017.  
Base cartográfica: Pesquisa Origem Destino 2007  
Mapa Digital da Cidade de São Paulo, PMSP; Malha digital municipal 2010, IBGE; Basemap/Imagery, ESRI.

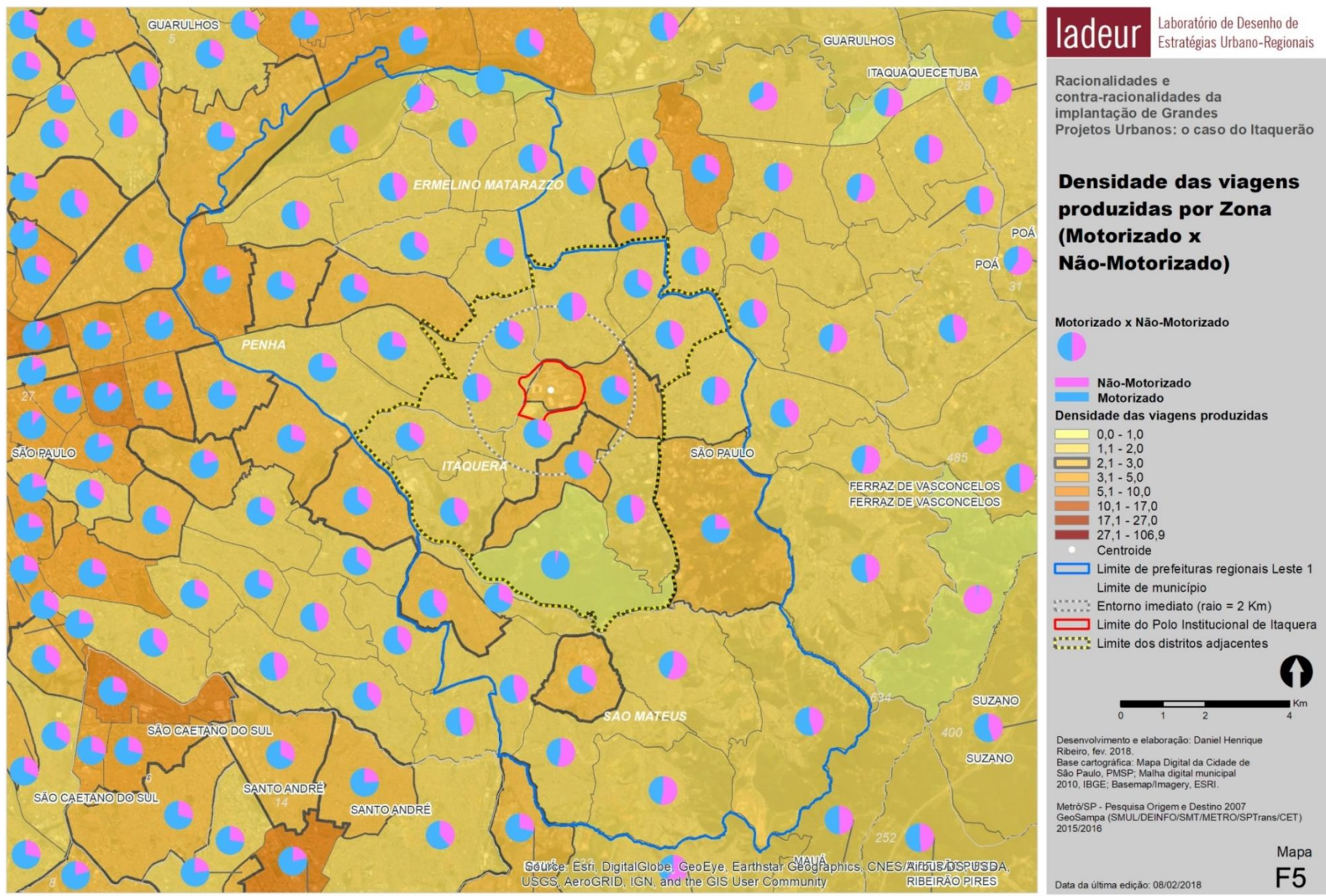
Mapa  
**F3**

Data da última edição: 09/04/2018

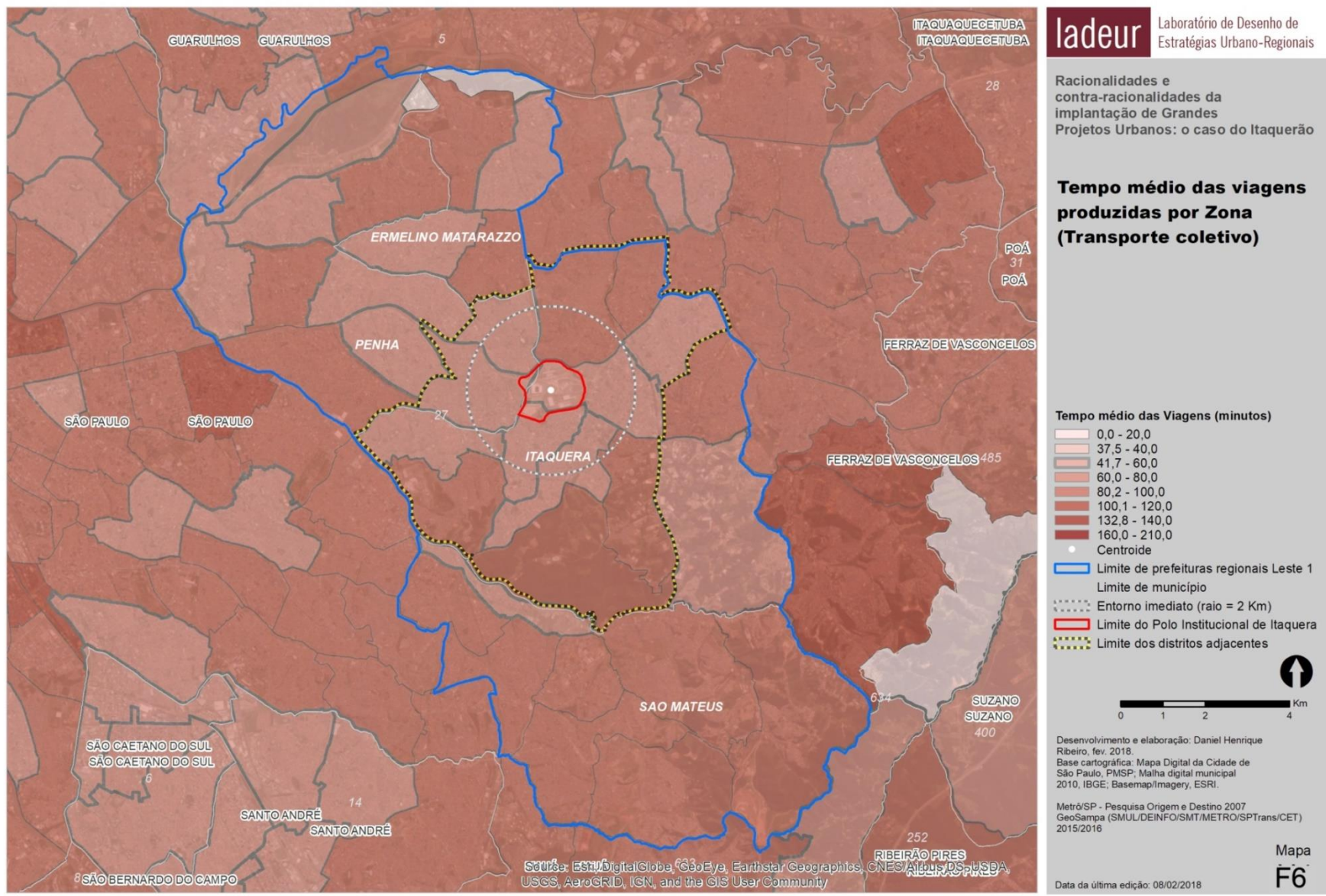
Mapa 14: F3 - Mapa de fluxos OD 2007, ZONA 182 – Itaquera.



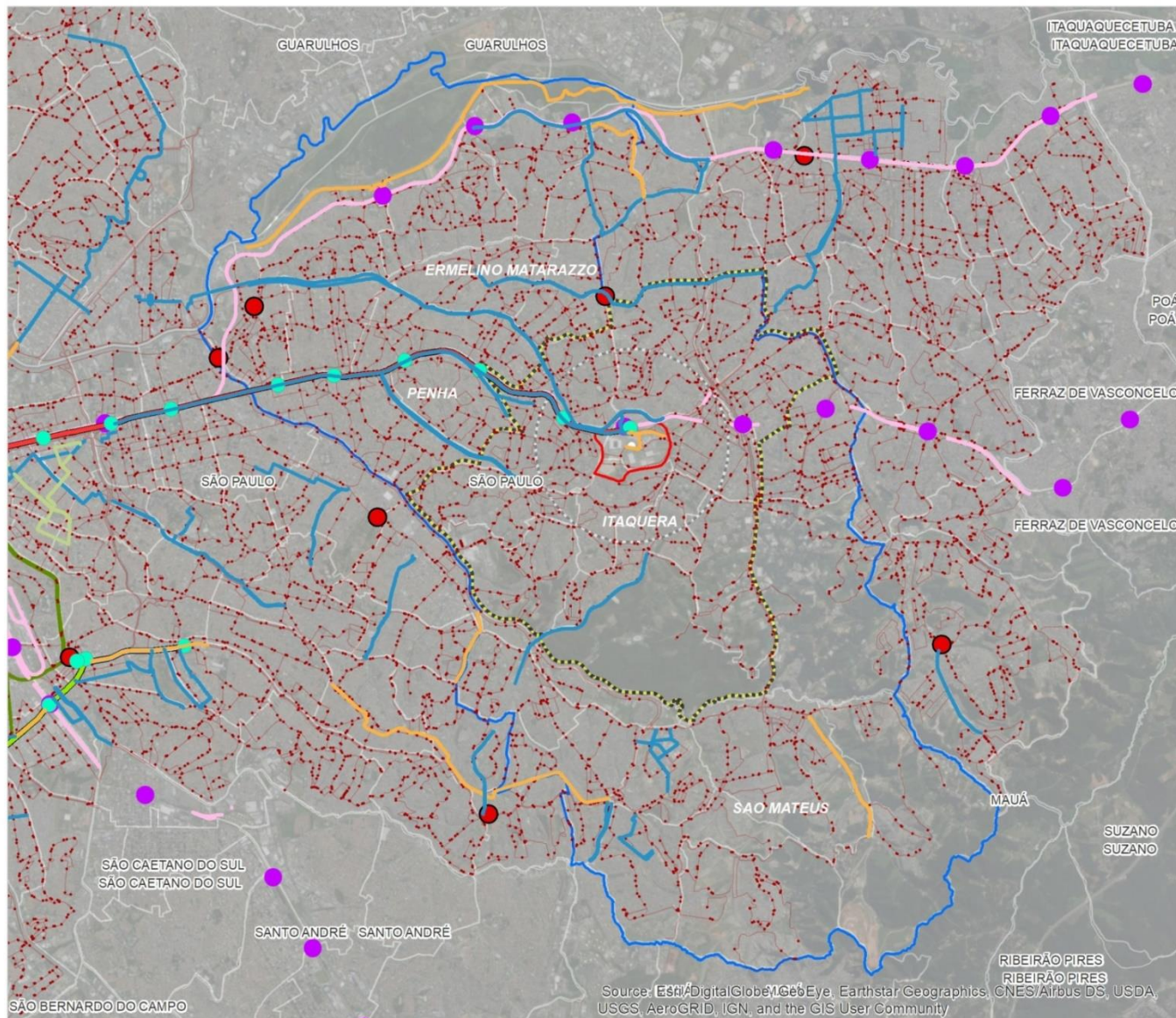
Mapa 15: F4 - Densidade das viagens produzidas por zona - Motorizadas (Coletivo x individual).



Mapa 16: F5 - Densidade das viagens produzidas por zona (Motorizada x Não motorizada).



Mapa 17: F6 - Tempo médio das viagens produzidas por zona (transporte coletivo).



**ladeur** Laboratório de Desenho de Estratégias Urbano-Regionais

Racionalidades e contra-racionalidades da implantação de Grandes Projetos Urbanos: o caso do Itaquerão

**Rede de transportes coletivos**

- Ciclo faixa
- Ciclo passarela
- Ciclorota
- Ciclo via
- Estação de Metrô
- Linhas do Metrô
  - AMARELA
  - AZUL
  - LILAS
  - PRATA
  - VERDE
  - VERMELHA
- Estação de Trem
- Ferrovia
- Terminal de Ônibus
- Ponto de Ônibus
- Corredor de Ônibus
- Linha de Ônibus

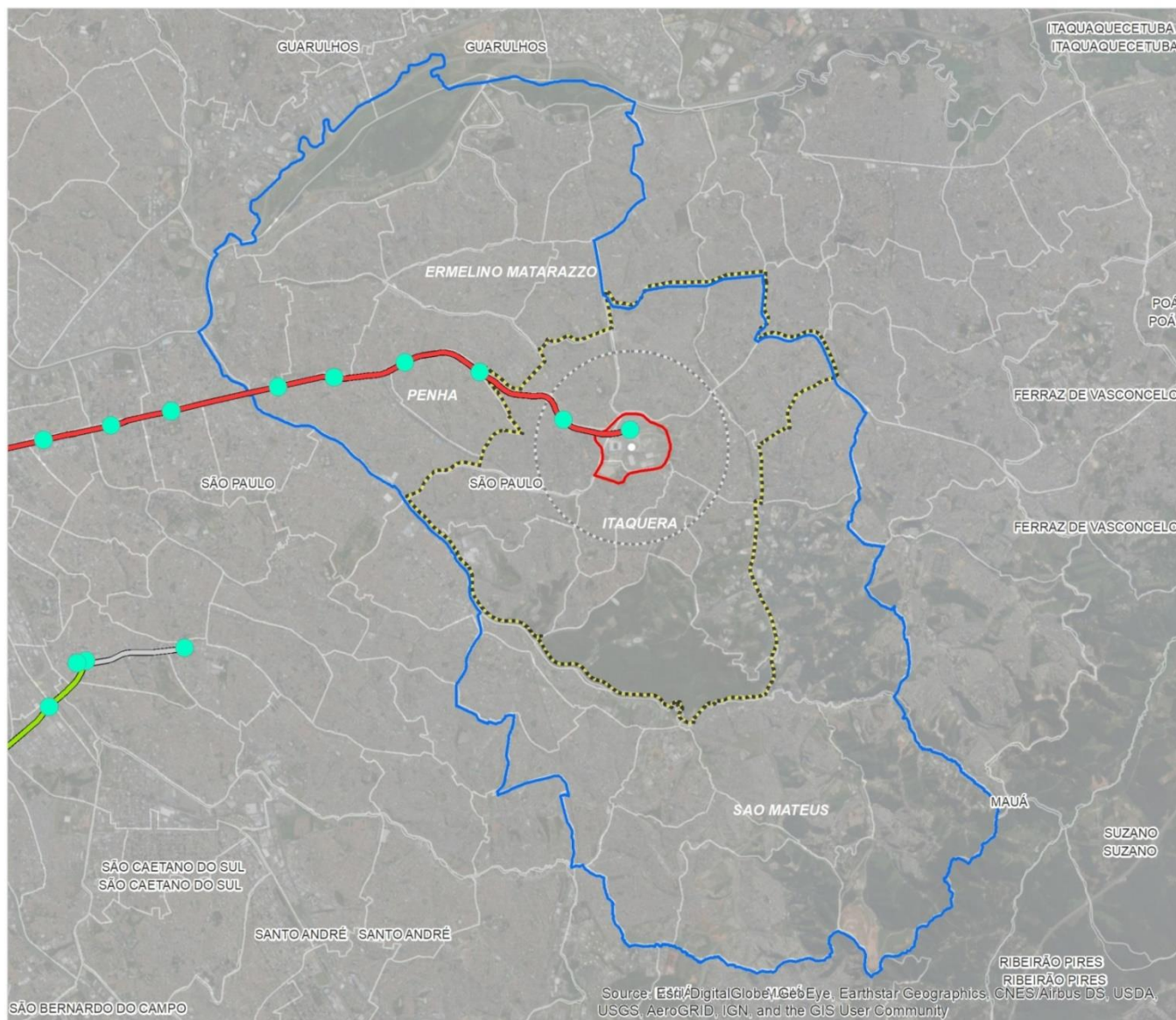
Desenvolvimento e elaboração: Daniel Henrique Ribeiro, fev. 2018.  
 Base cartográfica: Mapa Digital da Cidade de São Paulo, PMSP; Malha digital municipal 2010, IBGE; Basemap/Imagery, ESRI.

Metrô/SP - Pesquisa Origem e Destino 2007  
 GeoSampa (SMUL/DEINFO/SMT/METRO/SPTTrans/CET) 2015/2016

Mapa **F7**

Data da última edição: 09/02/2018

Mapa 18: F7 - Rede de transporte coletivo.



**ladeur** Laboratório de Desenho de Estratégias Urbano-Regionais

Racionalidades e contra-racionalidades da implantação de Grandes Projetos Urbanos: o caso do Itaquerao

**Rede de transportes coletivos**

Metrô

- Estação de Metrô
- Linhas do Metrô
  - AMARELA
  - AZUL
  - LILAS
  - PRATA
  - VERDE
  - VERMELHA
- Centroide
- Limite de prefeituras regionais Leste 1
- Limite de município
- Entorno imediato (raio = 2 Km)
- Limite do Polo Institucional de Itaquera
- Limite dos distritos adjacentes
- Zonas

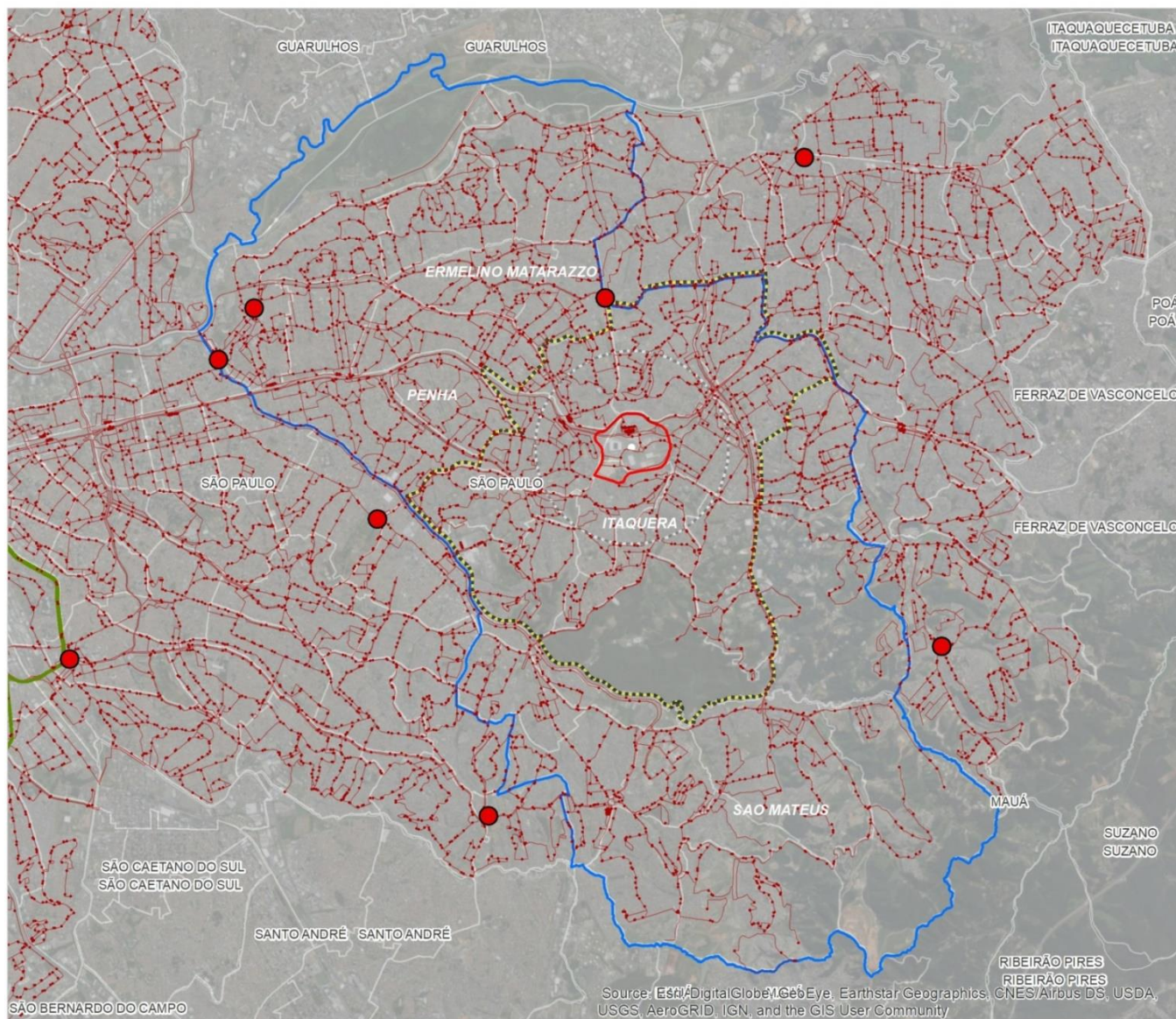
Desenvolvimento e elaboração: Daniel Henrique Ribeiro, fev. 2018.  
 Base cartográfica: Mapa Digital da Cidade de São Paulo, PMSP; Malha digital municipal 2010, IBGE; Basemap/imagery, ESRI.

Metrô/SP - Pesquisa Origem e Destino 2007  
 GeoSampa (SMUL/DEINFO/SMT/METRO/SPTTrans/CET) 2015/2016

Mapa **F8**

Data da última edição: 09/02/2018

Mapa 19: F8 - Rede de transporte coletivo – Metrô.



**ladeur** Laboratório de Desenho de Estratégias Urbano-Regionais

Racionalidades e contra-racionalidades da implantação de Grandes Projetos Urbanos: o caso do Itaquerao

**Rede de transportes coletivos**

Ônibus

- Terminal de Ônibus
- Ponto de Ônibus
- Corredor de Ônibus
- Linha de Ônibus

- Centroide
- Limite de prefeituras regionais Leste 1
- Limite de município
- Entorno imediato (raio = 2 Km)
- Limite do Polo Institucional de Itaquera
- Limite dos distritos adjacentes
- Zonas

0 1 2 4 Km

Desenvolvimento e elaboração: Daniel Henrique Ribeiro, fev. 2018.  
 Base cartográfica: Mapa Digital da Cidade de São Paulo, PMSP; Malha digital municipal 2010, IBGE; Basemap/Imagery, ESRI.

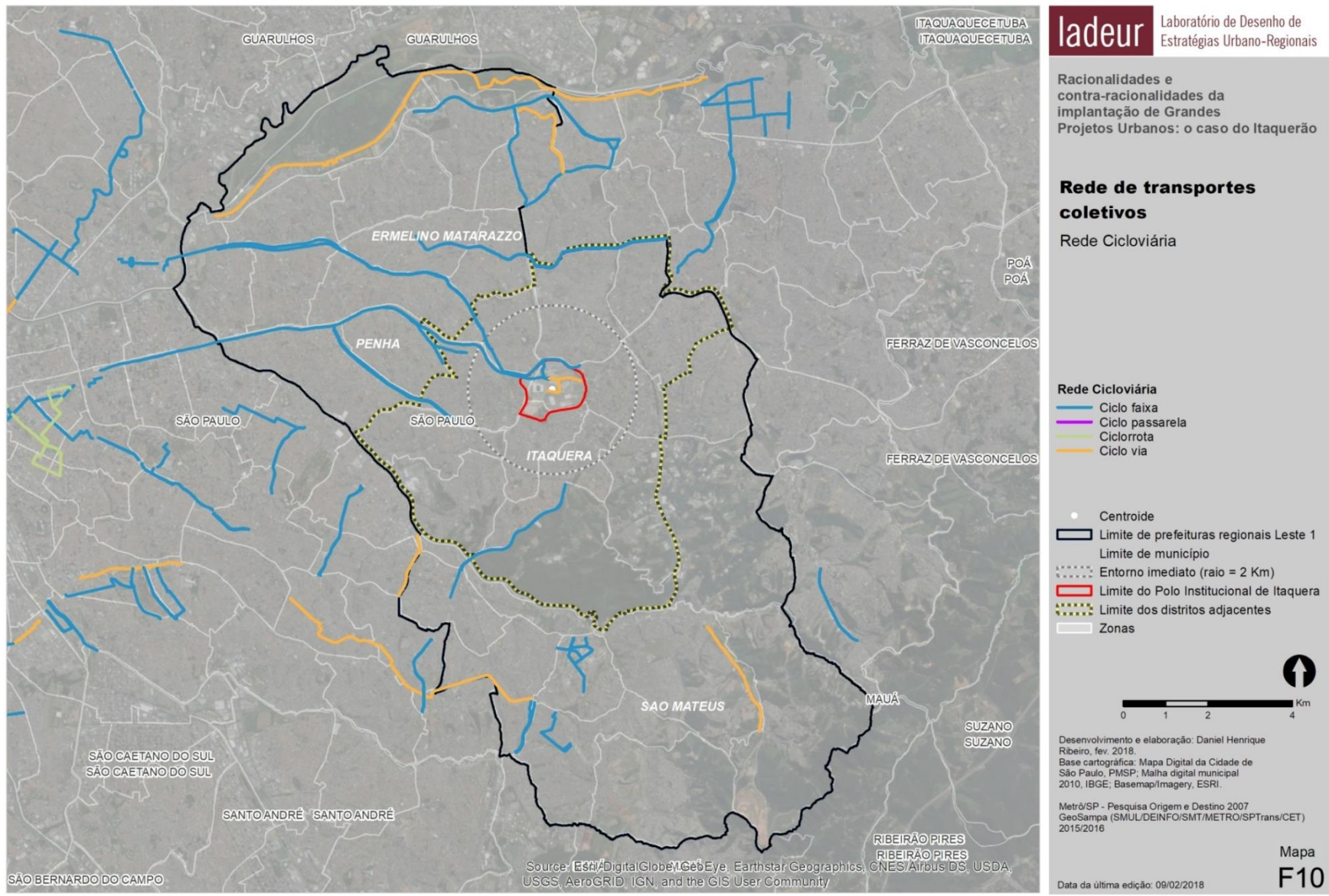
Metrô/SP - Pesquisa Origem e Destino 2007  
 GeoSampa (SMUL/DEINFO/SMT/METRO/SPTTrans/CET) 2015/2016

Data da última edição: 09/02/2018

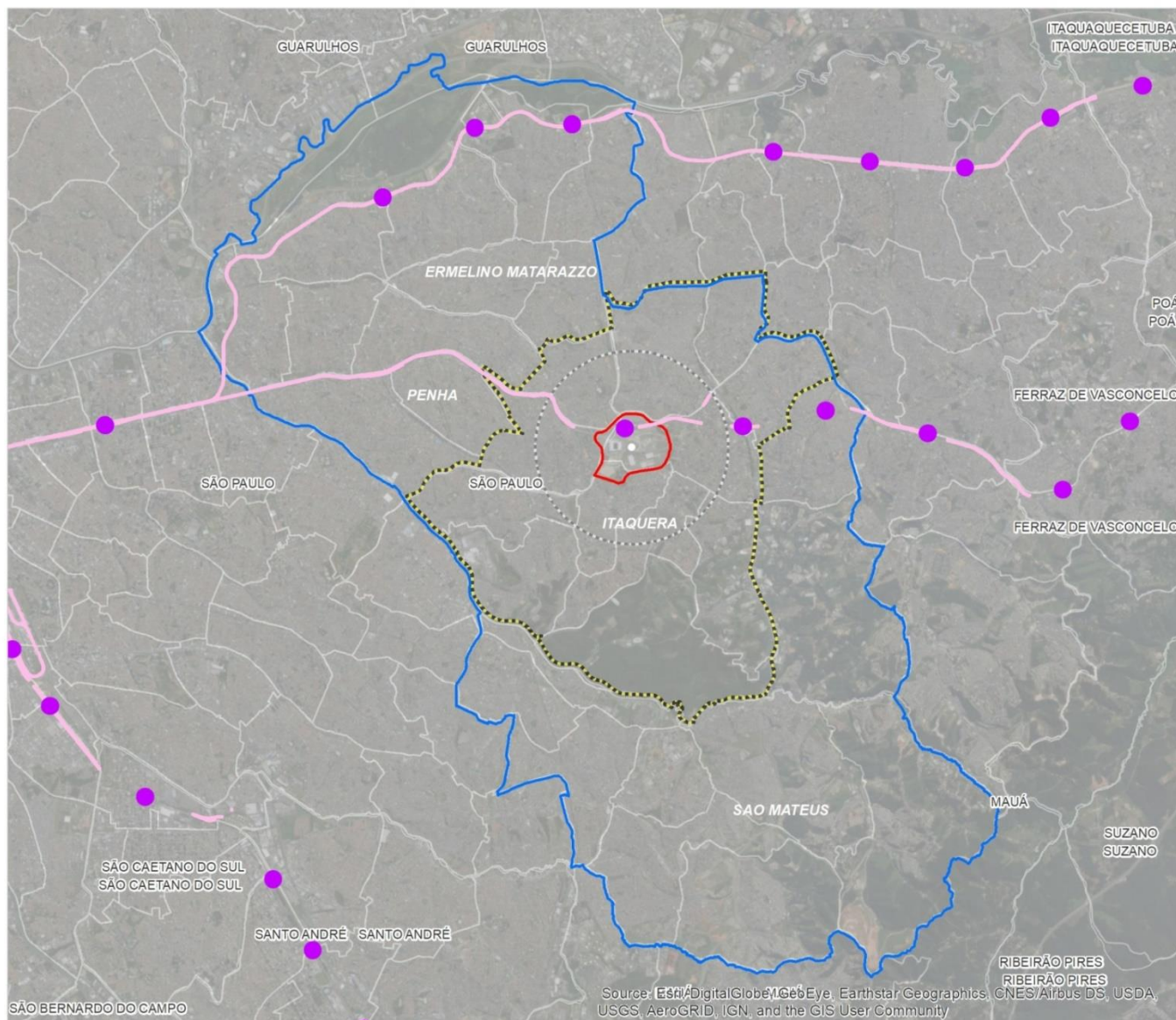
Mapa  
**F9**

Mapa 20: F9 - Rede de transporte coletivo - Ônibus.





Mapa 21: F10 - Rede de transporte coletivo - Rede cicloviária.



**ladeur** Laboratório de Desenho de Estratégias Urbano-Regionais

Racionalidades e contra-racionalidades da implantação de Grandes Projetos Urbanos: o caso do Itaquerao

**Rede de transportes coletivos**

Trem

- Estação de Trem
- Ferrovias
- Centroide
- Limite de prefeituras regionais Leste 1
- Limite de município
- Entorno imediato (raio = 2 Km)
- Limite do Polo Institucional de Itaquera
- Limite dos distritos adjacentes
- Zonas

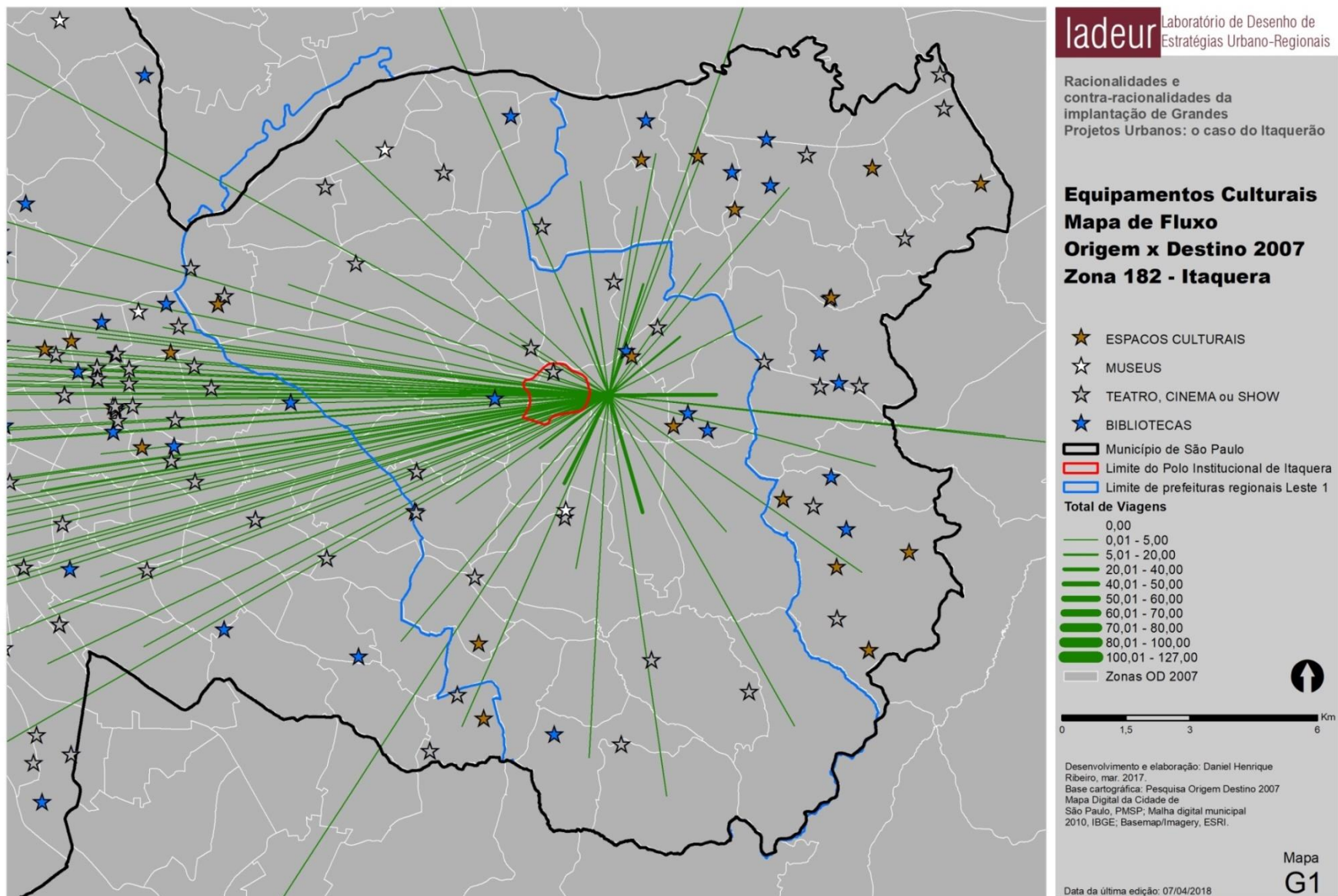
Desenvolvimento e elaboração: Daniel Henrique Ribeiro, fev. 2018.  
 Base cartográfica: Mapa Digital da Cidade de São Paulo, PMSP; Malha digital municipal 2010, IBGE; Basemap/imagery, ESRI.

Metró/SP - Pesquisa Origem e Destino 2007  
 GeoSampa (SMUL/DEINFO/SMT/METRO/SPTTrans/CET) 2015/2016

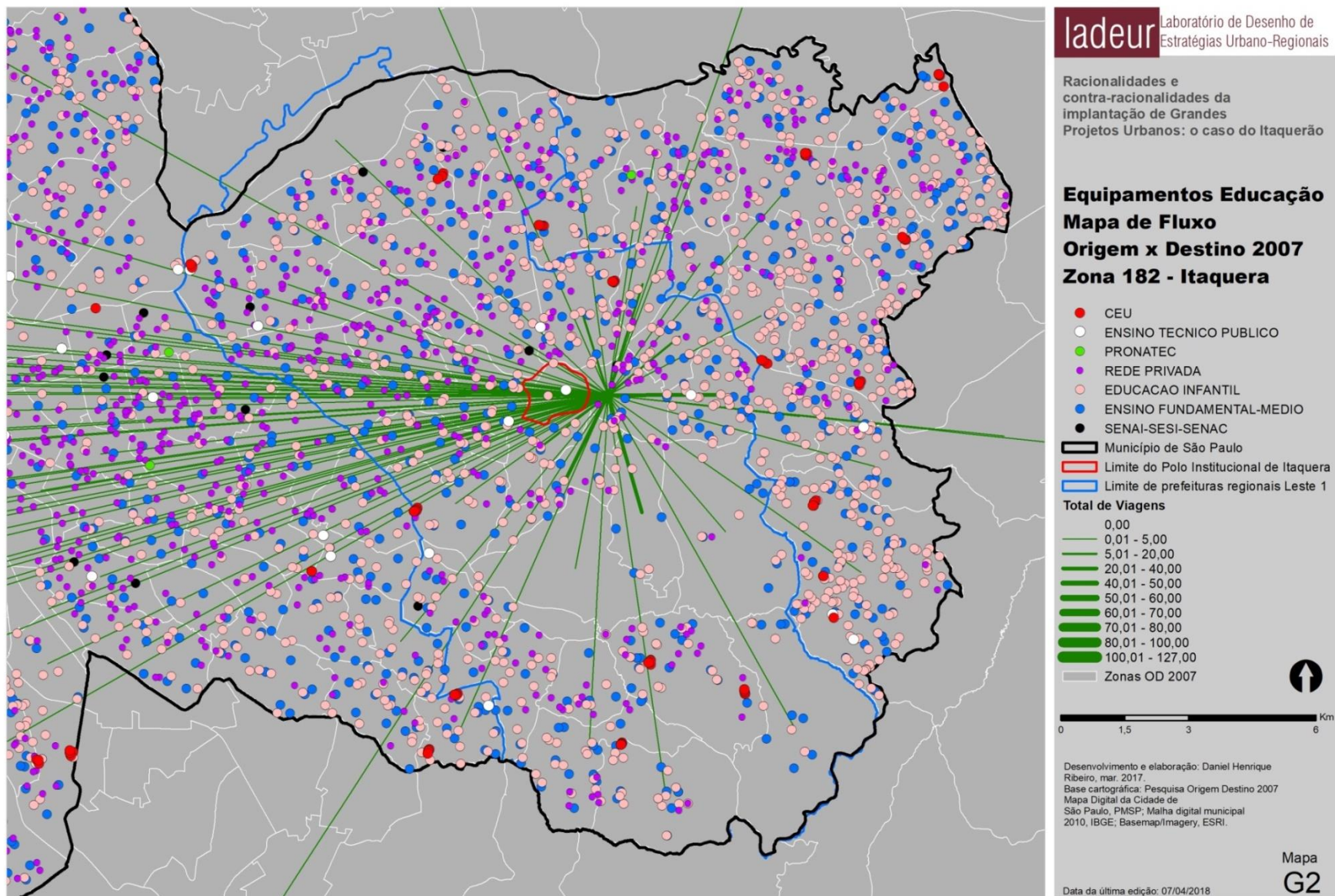
Mapa **F11**

Data da última edição: 09/02/2018

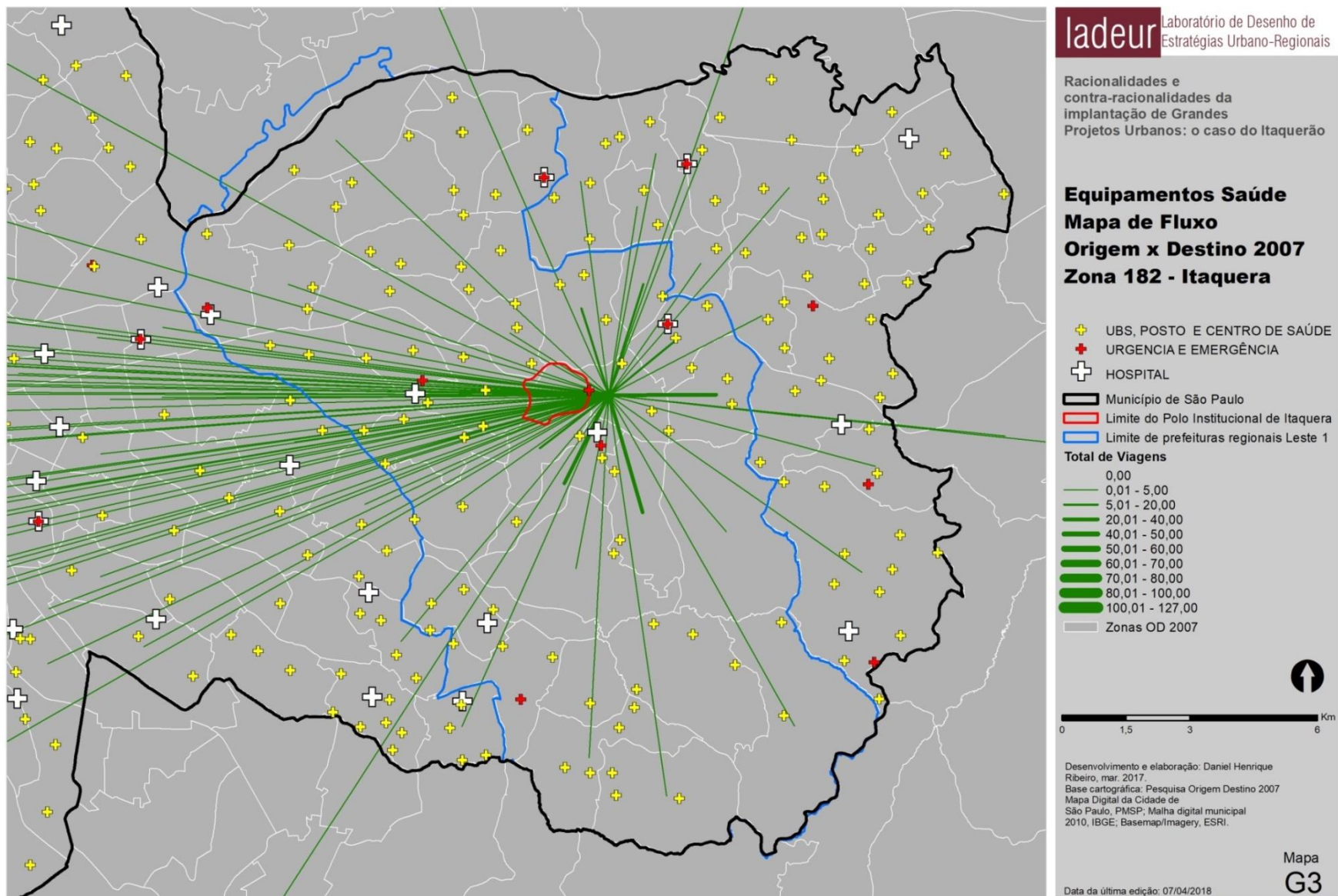
Mapa 22: F11 - Rede de transporte coletivo - Trem.



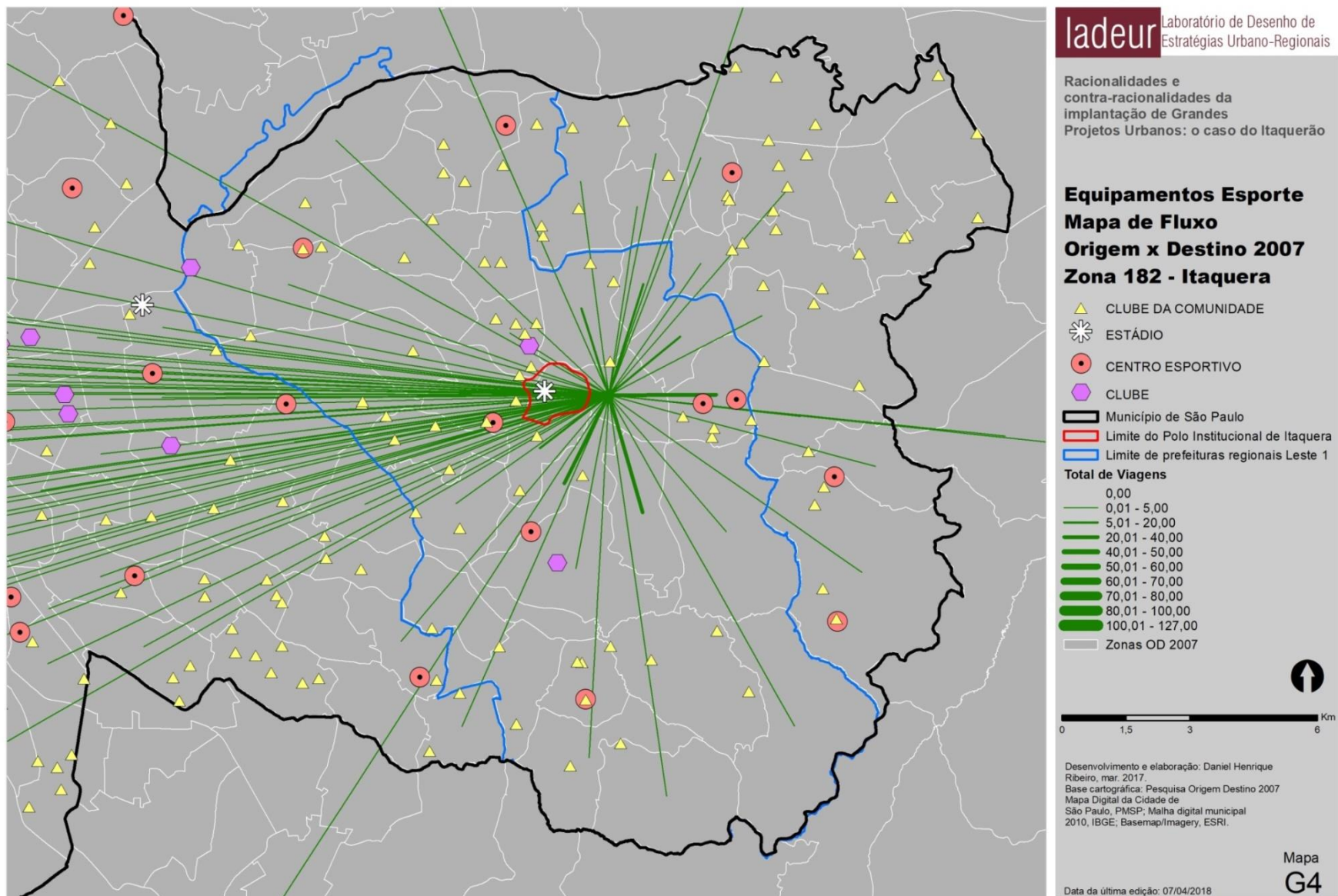
Mapa 23: G1 - Equipamentos Culturais e fluxos OD 2007, zona 182.



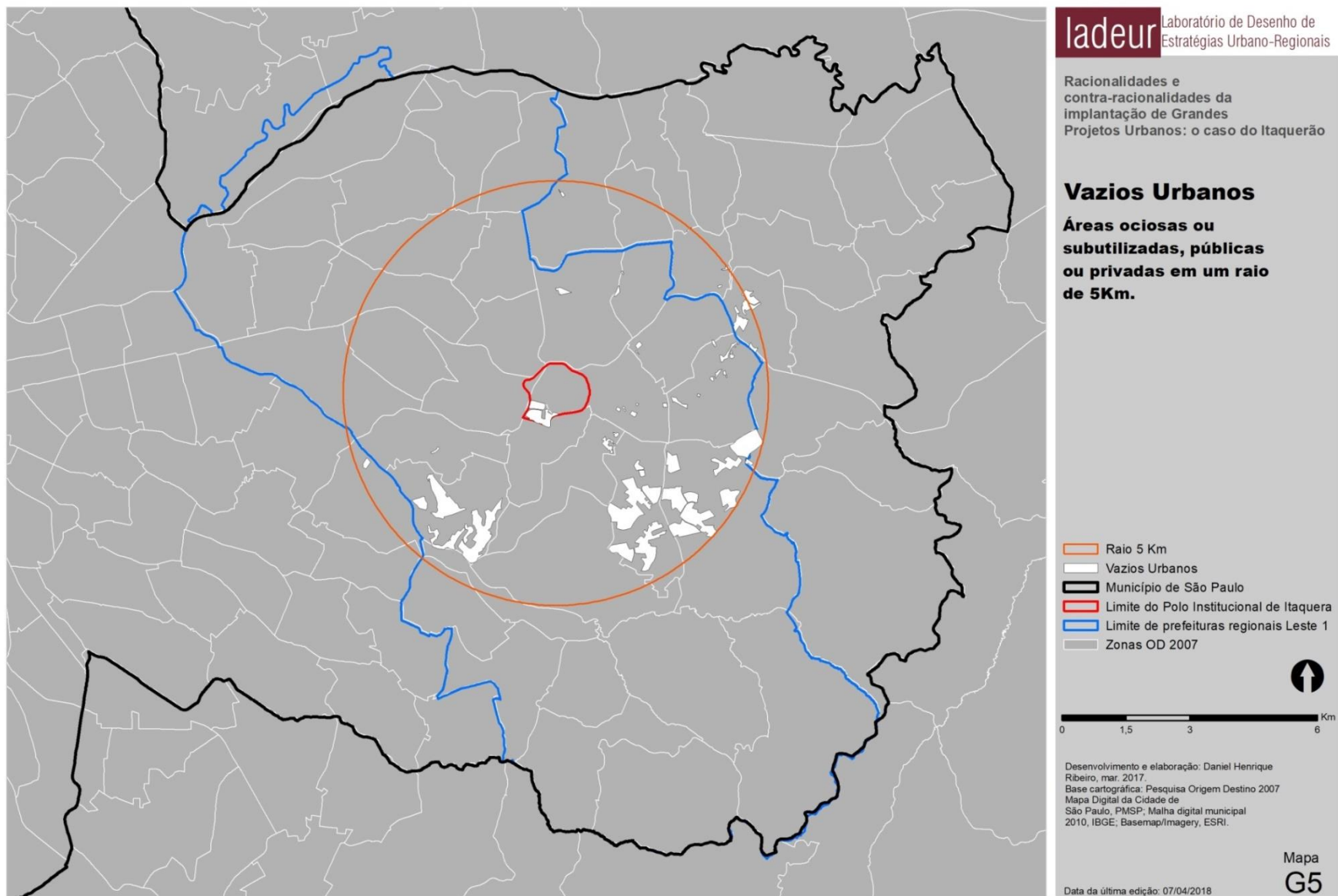
Mapa 24: G2 - Equipamentos Educação e fluxos OD 2007, zona 182.



Mapa 25: G3 - Equipamentos Saúde e fluxos OD 2007, zona 182.



Mapa 26: G4 - Equipamentos Esporte e fluxos OD 2007, zona 182.



Mapa 27: G5 - Vazios urbanos.

## **b. Política urbana**

A política urbana envolve a problematização dos mecanismos de controle da produção do espaço da cidade praticados pelas classes dominantes, que seriam o controle de mercado, o controle do Estado e a ideologia (Villaça, 2001); assim o ponto de partida para compreender a estruturação do território por meio das políticas urbanas é a identificação dos controles exercidos pelo capital e pelo estado.

A ação do capital/mercado imobiliário no território conflita com a regulação do estado por princípios opostos, o primeiro visando lucros com suas ações e o segundo normatizando tais ações. Há sempre uma competição de forças na produção do espaço urbano, o capital com propósito de gerar lucros, o território que são as resistências e o estado que fica na mediação, porém nunca autônomo, sua direção está diretamente ligada a seus princípios partidários e a quem os elegeu.

Enquanto normativas do Estado atuantes sobre o território de São Paulo têm o Plano Diretor Estratégico (PDE) lei nº 16.050 de 31 de julho de 2014 e a Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo (LPUOS) Lei nº 16.402/2016 que estão diretamente ligadas aos impactos provenientes da criação de “espaços luminosos” no tecido urbano.

O Plano Diretor Estratégico teve um papel fundamental na amortização dos impactos provenientes da implantação do Polo e do Estádio e através de sua normatização vem garantindo o acesso de novas moradias próximas ao Polo a pessoas com rendimentos mais baixos, minimizando o efeito de gentrificação.

Como exemplo da atuação da normatização temos a construção de 256 unidades habitacionais destinadas a famílias com renda familiar mensal igual ou inferior a R\$ 4.344,00 ou R\$ 724,00 per capita muito próximo ao estádio e ao metrô, através da determinação da ZEIS (Zona de Interesse Social).

O **Zoneamento do Plano diretor de 2014** (mapa H1) consolidado na LPUOS de 2016 apresenta de forma clara a ação do estado na determinação do desenho urbano através da lei, é possível identificar o desenho futuro desta porção da



cidade e as estratégias de desenvolvimento urbano adotadas em sua composição. Dois pontos a se destacar, (i) a estratégia de criar corredores estruturadores próximos as grandes vias atraindo mais densidade próximo a infraestruturas e (ii) a criação de ZEIS nas áreas vazias ou ociosas (ver mapa G5) garantindo a construção de moradias mais acessíveis próximas as infraestruturas. Estes dois pontos em especial são os principais definidores para atuação do setor imobiliário.

A atuação do setor imobiliário foi investigada com a identificação de tendências de valorização do uso do solo na área de estudo e em suas adjacências. O trabalho está embasado na análise conjuntural (Santos, 2008) de lançamentos imobiliários durante os meses de agosto, setembro e outubro de 2017 em pesquisa eletrônica em sites dedicados a promover vendas de edifícios de apartamentos na região.

Como fruto desta análise conjuntural foi possível identificar tendências de ocupação, por meio da caracterização dos empreendimentos: número de apartamentos, metragem das unidades, área do lote, localização, utilização das áreas comuns e linguagem construtiva e valores.

Os **Lançamentos Imobiliários** (mapa H2) mapeados durante a observação apontaram a oferta de 2268 unidades em um raio de até cinco quilômetros do centroide do Polo Institucional. E como reflexo da normatização do estado através do zoneamento proposto no PDE, é possível observar a oferta de unidades mais acessíveis financeiramente (e até com restrição de compra) próximo à infraestrutura.

Análise do mercado imobiliário em um raio de até 5 km do centroide do Polo Institucional de Itaquera nos meses de agosto, setembro e outubro de 2017.									
Empreendimento	Distancia	N° de unidades	Valor a partir de:	Metragens	Valor por m²	Zoneamento	N° dormitório	N° vagas	Banheiros
Di Petra	1060m	256	R\$ 136.800,00	24 a 38m²	R\$ 5.700,00	ZEIS 3	1 e 2	1	1
Plano&Itaquera	1648m	68	R\$ 178.800,00	40 e 41m²	R\$ 4.470,00	ZM	2	0	1
Carolina Village Itaquera	2083m	399	R\$ 239.000,00	47 a 63m²	R\$ 5.085,11	ZEUP	2 e 3	1	2
Living family	2110m	402	R\$ 210.000,00	45, 54 e 62,76m²	R\$ 4.611,33	ZEUP	2 e 3	1	1 e 2
Condomínio Arena	2194m	195	R\$ 293.000,00	57 e 65m²	R\$ 5.140,35	ZEUP	2 e 3	1	2
Kamimura Residencial	2432m	56	R\$ 230.000,00	50m²	R\$ 4.600,00	ZEUP	2	1	1
Ello Home Club	2500m	380	R\$ 199.000,00	44 A 45m²	R\$ 4.522,73	ZEIS 2	1 e 2	0	1
Smart Spaces	4416m	288	R\$ 187.000,00	40m²	R\$ 4.675,00	ZEIS 2	2	1	1
Saint Dimas	4720m	224	R\$ 182.324,00	44m²	R\$ 4.143,73	ZEIS 3	2	1	1

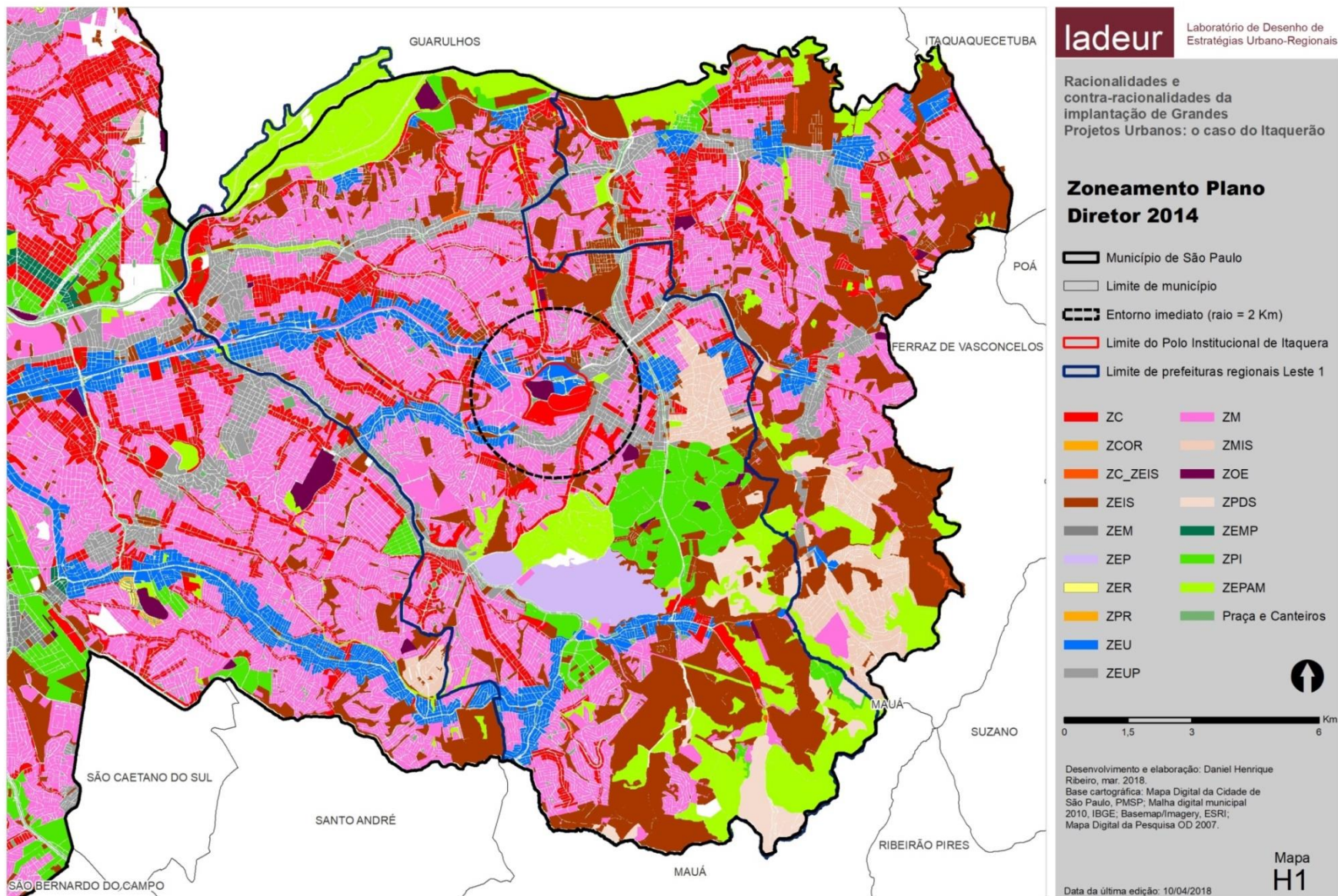
**Tabela 1: Quadro da análise do mercado imobiliário.**

Os valores dos imóveis orbitam de R\$ 4.146,00 a R\$ 5.700,00 por m². Os valores por m² na região estão diretamente ligados à proximidade com o Polo, comparando a distância do polo como o valor, dado que passa despercebido nos anúncios pelo fato das unidades mais próximas possuírem menor metragem, aparentando serem mais baratas.

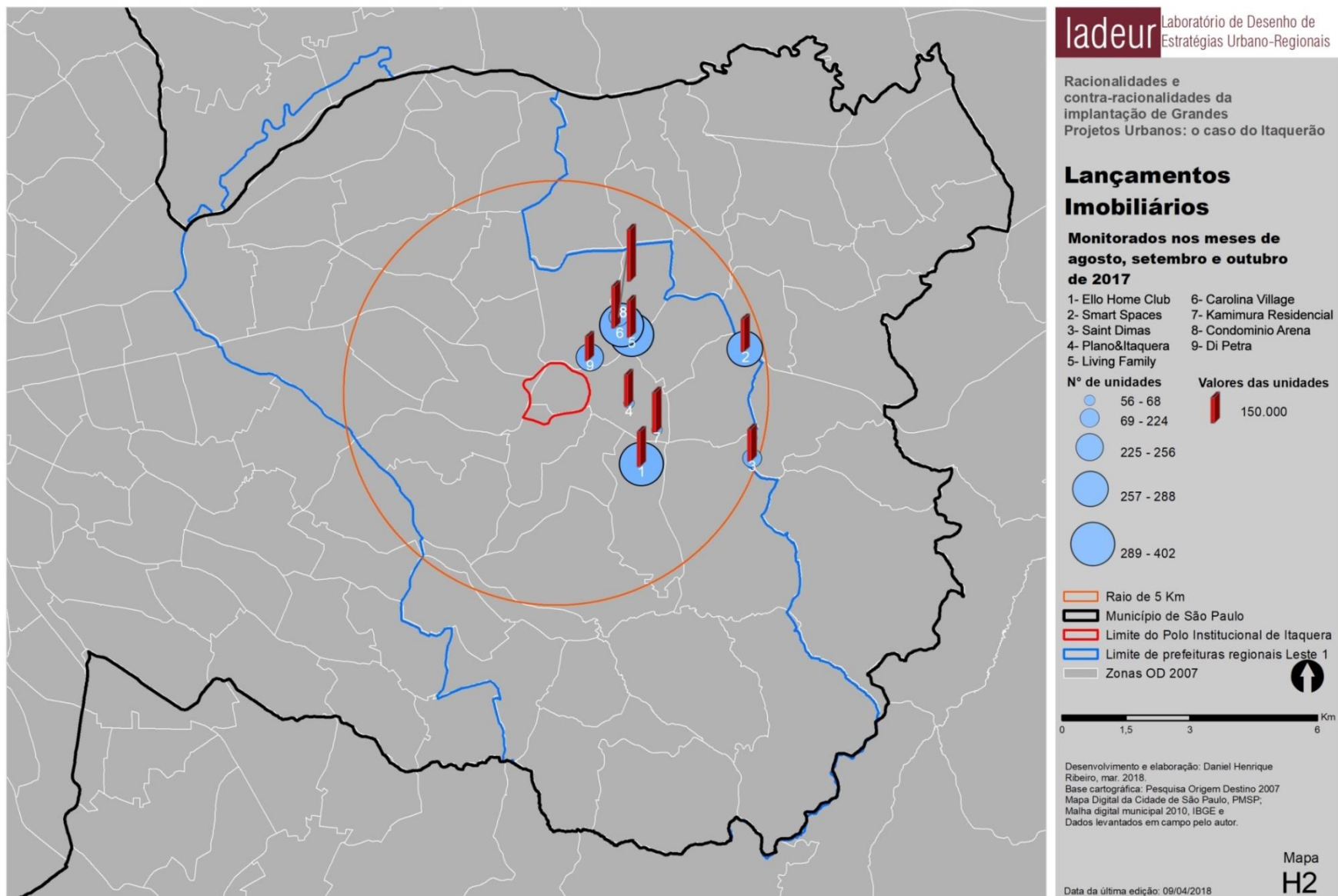
Outro dado importante é a limitação das vagas de garagem, os empreendimentos analisados possuem uma vaga por apartamento, sendo que dois dos nove não possuem vagas indicando a dependência e importância do transporte coletivo.

Comparando os lançamentos imobiliários com os dados obtidos do levantamento do Censo de 2010, IBGE, percebemos uma continuação das tendências, o número de banheiros por domicílio (mapa C02) tende a ser um na maioria dos domicílios, onde pode se concluir que os lançamentos imobiliários estão indo de encontro com a renda da população local.

Tal fato reforça a ideia de controle do território, a produção do espaço tende a permanência de um estigma da Zona Leste como lugar dos menos favorecidos.



Mapa 28: H1 - Zonamento Plano diretor 2014.



Mapa 29: H2 - Lançamentos Imobiliários.

O empreendimento Di Petra, da Imangai Empreendimentos Imobiliários, situado a 1060 metros do centro do Polo, na R. Manuel Ribas, 147 - Vila Campanela, São Paulo com 256 unidades de 24 e 38m<sup>2</sup> com 1 ou 2 dormitórios e uma vaga é o empreendimento mais próximo ao polo, em um terreno de ZEIS 3 apresenta o m<sup>2</sup> mais caro entre os empreendimentos.

*“Chegou a hora de realizar seu sonho. Ao lado do metrô Itaquera, lazer completo e um preço imbatível. Venha visitar o apartamento decorado e antecipe-se ao lançamento. O Di Petra possui uma completa área de lazer que inclui praças, piscina, bicicletário, salão de festas, churrasqueira, brinquedoteca e playground. Tudo isto inserido em uma grande área de jardim, que possibilitará a você desfrutar a companhia de amigos e familiares.” (divulgação do empreendimento)*



**Figura 17: Fachada do Residencial Di Pedra Fonte: Divulgação.**



Figura 18: Plantas de 1 e 2 dormitórios. Fonte: Divulgação.

O empreendimento Plano&Itaquera , da construtora Plano&Plano, situado a 1648m do centro do Polo, na Rua Paes Landim, 100 com 68 unidades de 40 e 41m<sup>2</sup> com dois dormitórios e um banheiro, sem vaga de garagem tem seu metro quadrado vendido a 4.470,00 reais.

*“Apartamento perfeito para você e sua família:- Subsídio de até R\$ 27.500 do governo;*

*- Torres altas com elevador; - Lazer e Segurança de condomínio; - Fácil acesso ao transporte público.*

*Você conta também com uma infraestrutura completa que a região oferece em relação a Saúde, Educação, Lazer, Acessibilidade, Facilidade a Transporte Público, várias opções de Comércio. Segurança: Morar em um condomínio fechado é mais seguro e gera também mais privacidade.”  
(Divulgação do empreendimento)*



Figura 19: Fachada do empreendimento Plano Itaquera. Fonte: Divulgação.



Figura 20: Plantas de 1 e 2 dormitórios.

O empreendimento Carolina Village Itaquera, da Construtora One, situado a 2083 metros do centro do Polo, na Rua Carolina Fonseca, Itaquera com 399 unidades de 47, 52 e 63m<sup>2</sup> com 2 ou 3 dormitórios e uma vaga garagem. O seu metro quadrado é vendido a 5.085,11 reais.

*“Apartamento Carolina Village, uma nova maneira de viver: bem perto. Toda a facilidade que você precisa em uma região cercada de serviços, comércio e lazer. Obras aceleradas! Visite o decorado! Que tal morar em*

um 2 e 3 dormitórios com suíte e sacada no melhor de Itaquera? Carolina Village!" (Divulgação do empreendimento)

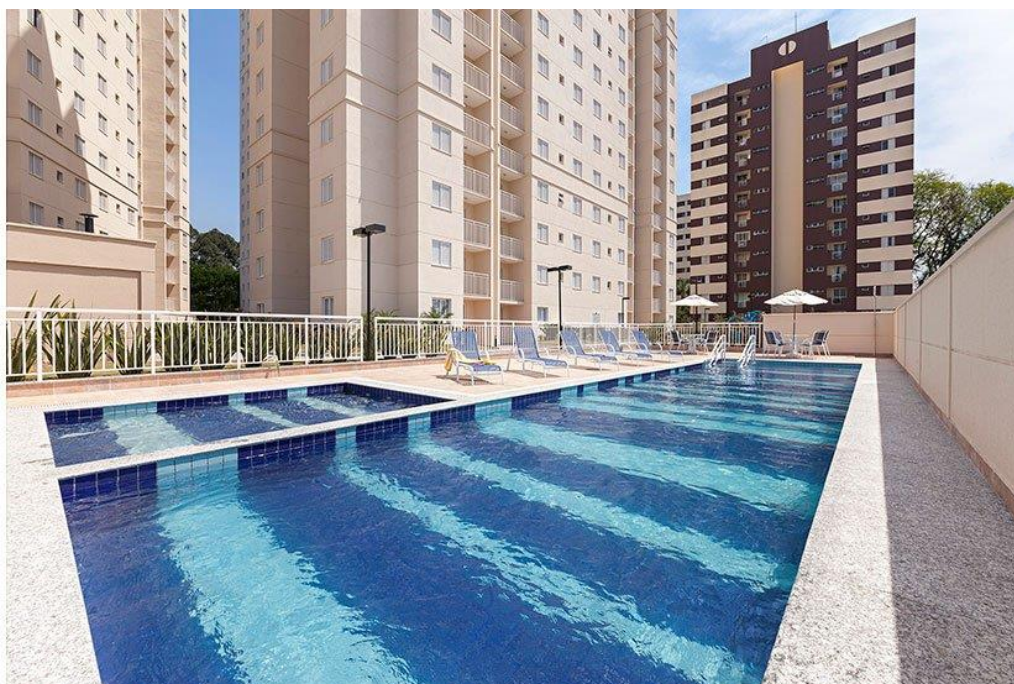


Figura 21: Imagem divulgação do empreendimento Carolina Village Itaquera.



Figura 22: Plantas de 2 e 3 dormitórios.

O empreendimento Living family, do Grupo Cyrela, situado a 2110 metros do centro do Polo, na Av. Pires do Rio, 4615 com 402 unidades de 45, 54 e 62,76m<sup>2</sup> com dois ou três dormitórios, um ou dois banheiro e uma vaga garagem tem seu metro quadrado vendido a 4.611,33 reais.



**“OPORTUNIDADE TAMANHO FAMILIA**

**PRÁTICO:** Facilidades e conveniências em um bairro completo e com mobilidade.

**DESCONTRAÍDO:** Pertinho do Shopping Itaquera, do estádio Arena Corinthians e do Parque do Carmo.

**CONFORTÁVEL:** Apartamentos com suíte e um lazer gigante com espaços para todos da família.” (Divulgação do empreendimento)



**Figura 23: Fachada do empreendimento Living Family. Fonte: Divulgação.**



**Figura 24: Plantas com 2 e 3 dormitórios.**

O empreendimento Condomínio Arena, da Construtora Even, situado a 2194 metros do centro do Polo, na Rua Carolina Fonseca, Itaquera com 195 unidades de 57 e 65 m<sup>2</sup> com dois ou três dormitórios, dois banheiros e uma vaga garagem tem seu metro quadrado vendido a 5.140,55 reais.

*“Muito conforto, lazer, espaço e comodidade. Área de lazer completa para todas as idades! Com uma piscina tamanho família, churrasqueira, área fitness, brinquedoteca e muito mais, em uma localização privilegiada e com fácil acesso a linhas de trem, metrô e ônibus, e a 2 minutos da Av. Jacu Pêssego.” (Divulgação do empreendimento)*



Figura 25: Perspectiva do empreendimento Arena. Fonte: Divulgação.



Figura 26: Plantas com dois e três dormitórios.

O empreendimento Kamimura Residencial, da Construtora Riformato, situado a 2432 metros do centro do Polo, na Rua Baltazar Nunes, com 56 unidades de 50m<sup>2</sup> com dois dormitórios, um banheiros e uma vaga garagem tem seu metro quadrado vendido a 4.600,00 reais.

*“Perfeito para sua família e para você aproveitar a vida ao máximo. Projetado para que o seu dia-a-dia seja muito bem aproveitado. Condomínio fechado com lazer e segurança, unindo conforto e bem estar. Apartamentos com 02 dormitórios, cozinha americana, sala 02 ambientes, terraço e uma vaga de garagem; Ótima localização, próximo do Shopping Metro Itaquera, Itaquera e importantes vias de acesso aos principais pontos da cidade e amplo transporte público. Localizado em um bairro em expansão, com grande rede de comércio e de serviços, sinônimo de valorização e qualidade de vida.”*  
(Divulgação do empreendimento)



Figura 27: Fachada do empreendimento Kamimura. Fonte: Divulgação.



**Figura 28: Planta tipo.**

O empreendimento Ello Home Club, da Atua Construtora, situado a 2500 metros do centro do Polo, na Rua Victório Santin, 3086 Itaquera-SP, com 380 unidades de 44 e 45m<sup>2</sup> com um e dois dormitórios, um banheiros e não possui vaga garagem tem seu metro quadrado vendido a 4.522,73 reais.

*“Valorize seu tempo e more em um lugar que oferece o conforto e a comodidade de viver próximo de tudo. More a 2 minutos da Jacu-Pêssego/Nova Trabalhadores, a 5 minutos do Itaquera, a 7 minutos da Radial Leste, do Shopping Itaquera e do Metrô Corinthians-Itaquera, a 8 minutos do Parque do Carmo. More aqui e tenha mais qualidade de vida.”*  
(divulgação do empreendimento)



Figura 29: Fachada do empreendimento Ello Home Club. Fonte: Divulgação.



Figura 30: Plantas com 1 e 2 dormitórios.

O empreendimento Smart Spaces, da Econ Construtora, situado a 4416 metros do centro do Polo, na Estrada Itaquera-Guaianazes, 1989 - Itaquera, com 288 unidades de 40m<sup>2</sup> com dois dormitórios, um banheiros e uma vaga garagem tem seu metro quadrado vendido a 4.675,00 reais.

*“Smart é viver com muito conforto e bem-estar*

*Smart é morar à 8 min. do metrô e shopping metrô Itaquera.” (Divulgação do empreendimento)*



Figura 31: Perspectiva do empreendimento Smart Spaces. Fonte: Divulgação.



Figura 32: Planta tipo.

O empreendimento Saint Dimas, da MRV, situado a 4720 metros do centro do Polo, na Rua Santana do Rio Preto Vila Cosmopolita, São Paulo - SP, com 224 unidades de 44m<sup>2</sup> com dois dormitórios, um banheiros e uma vaga garagem divididos em 9 edifícios tem seu metro quadrado vendido a 4.134,73 reais.

*“Parque Saint Dimas é o mais novo empreendimento da MRV em São Paulo. O condomínio fechado com apartamentos de 2 dormitórios, vaga de garagem e portaria 24h é uma excelente opção para quem deseja conforto e segurança, tudo isso aliado à muita diversão!*

*Com lazer completo, o empreendimento possui Salão de Festa, Espaço Gourmet, Churrasqueira, Espaço Kids, Espaço Fitness, Piscinas adulto e infantil e Playground.*

*O Parque Saint Dimas está localizado no bairro Guaianazes, uma região em constante crescimento e que oferece tudo o que sua família precisa. Próximo à Estação de Trem Dom Bosco e a aproximadamente 5 km estádio do Corinthians.” (Divulgação do empreendimento)*



**Figura 33: Perspectiva da entrada do empreendimento Saint Dimas. Fonte: Divulgação.**



**Figura 34: Plantas Tipos.**

A proximidade com o estádio do Corinthians e das infraestruturas de transporte estão presentes nos discurso de marketing e vendas, reforçando a importância destes equipamentos na construção da imagem do lugar. Outro fenômeno que vem ocorrendo é a criação de empreendimentos autorreferentes, com áreas de lazeres que se assemelham a clubes.

O discurso de vendas também apela para segurança como justificativa aos condomínios fechados. A localização é sem dúvida o que mais influenciaram no preço final do metro quadrado, empreendimentos mais próximos a centralidade do Polo tende a serem mais caros.

*“Mercado urbano e território urbano são noções inseparáveis e realidades interdependentes, havendo, porém, submercados e subcircuitos da produção específicos, cada qual com a sua racionalidade” (Santos, 2000 p.246).*

A análise do mercado imobiliário evidencia uma tendência na construção de cidade hoje, onde os edifícios construídos rapidamente com materiais de baixa qualidade, e adornados para ganharem valor de venda.



*“(...) hoje você construindo em blocos estruturais, você consegue fazer muito mais rapidamente a construção do que se fazia com estrutura de concreto, e você tinha que fazer a forma e depois a estrutura, depois desformar, e depois fazer as alvenarias e depois fazer as instalações. Você subia o prédio em tijolos, já ia subindo tudo junto, né, então isso reduzia para burro o custo da construção, não o preço – o preço continua o mesmo, porque é o mercado que faz. Então, o cara fazia o prédio barato e vendia caro. Isso fez com que se construísse, veja o grotesco dessa história, quer dizer, a desrelação entre humanidade e urbanismo e essa corridas que acontece no setor imobiliário. (...)” (Arq. Araken Martinho - Entrevista concedida ao autor)*

O discurso de venda, tanto os textos quanto as imagens, isso inclui perspectivas e plantas decoradas, dão ideia cada vez mais que a unidade habitacional é uma mercadoria, e não um espaço útil da natureza humana, está perdendo o valor de uso, pois tudo está se tornando valor de troca.

*“(...) o sujeito falar o seguinte: mas quando eu quiser vender isso terá valor? Então, às vezes você não reforma o bendito apartamento do colega, porque se você falar: ah, eu adoraria ficar neste espaço, tem lá um quarto e isso aqui é uma sala, depois a hora que ele for vender..., então, inerente ao seu uso, prosaico, cotidiano, tem valor de troca (...). Então o valor de troca ele está sempre comprimindo esses direitos que são de vida, viver a cidade, viver o lugar, ir na UBS, não ficar doente, passear no parquinho;” (Arq. Vera Luz - Entrevista concedida ao autor)*

Este cenário fica ainda pior quando entendemos que na economia capitalista globalizada as coisas em si perdem o valor e o valor passa a ser das ações que aquela coisa representa no mercado. Então para o investidor não é só a questão da lucratividade, a questão agora é que nem a relação com o produto é mais importante do que o valor das ações.

*“(...) Agora então quando é mercado de ações, aí então é mais grave ainda, porque o incorporador ele, inclusive a decisão dele fica distanciada do próprio objeto, porque é o valor da ação é o que vale, e não o valor do produto do espaço que vai ser resultante.” (Arq. Laura Bueno - Entrevista concedida ao autor).*

A cidade que vem sendo construída traz em si a ausência do pensamento humanista, cercas e muros são os reflexos desta ideologia do valor de troca. Em um simples panfleto de divulgação de um lançamento imobiliário pode se perceber que se trata de mercadoria, o uso em si perde espaço para noção de propriedade, slogan como “a conquista da casa própria” são atrativos nesta lógica do capital.



## Parte III

## **VI. Desenho de paisagens urbanas possíveis**

A compreensão das racionalidades, dentre elas os posicionamentos contra e favoráveis à implantação de grandes projetos urbanos com suas justificativas e investigação das consequências práticas aferidas por meio de entrevistas, aplicação de questionários e análise das políticas territoriais da ação do estado, do mercado e das resistências dão suporte a construção de cenários prospectivos “do que pode vir a ser a cidade”, com base na história e no presente, de acordo com os resultados das somatórias das forças opostas do território, capital e estado.

As ideias e estudos sobre a implantação de projetos urbanos explicam processos antagônicos de racionalização das cidades, isto é, racionalidades, mas desconsideram, nessa problematização, o estudo de tendências contra-hegemônicas, isto é, contra-racionalidades (Santos, 1996; Ribeiro, 2009); a construção de cenários prospectivos devem atentar para compreensão de ambos processos, as racionalidades e as contra-racionalidades, as forças hegemônicas e as forças de resistência que lutam pela permanência dos menos favorecidos.

As intervenções urbanas, especialmente os GPU, impulsionam coexistências conflituosas entre agentes e projetos hegemônicos e sujeitos sociais portadores de projetos e ideários radicalmente democráticos no que se refere à apropriação social dos espaços urbanos (Ribeiro e Silva, 2004). Conflito este exemplificado na luta dos moradores da Comunidade da Paz, que desde o início do anúncio da implantação do estádio e do Polo Institucional sofrem ameaças de remoção.

A produção do espaço urbano com perspectivas democráticas, libertárias e redistributivas, que é a essência do urbanismo moderno (Kopp, 1990; Somekh, 2014) é de sentido equivalente ao projeto do sujeito coletivo; a distinção de “urbanismo moderno” e “urbanismo modernizador” (Somekh, 2014, p. 49-50) permite a compreensão dos impactos gerados pelos GPU, apenas a modernização do espaço urbano traz em si a perversidade, a segregação e o afastamento dos menos favorecidos da área luminosa criada.

O projeto moderno, por natureza, fortalece o território, respeita as tradições e traz modernidade sem a perversidade ou então busca meios de minimizar tais impactos.

As duas abordagens encontradas sobre os grandes projetos no contexto da globalização podem ser relacionadas a este entendimento: (i) acirrar a desigualdade e a desintegração social (Arantes et al., 2002; Ribeiro e Silva, 2004) diz respeito a projetos modernizadores; enquanto (ii) requalificação de áreas subutilizadas, otimização de infraestruturas, ampliação das atividades turísticas e de espaços de lazer e de cultura e o resgate da cidadania (Castells e Borja, 1996; Ultramari e Ciffoni, 2014) estão relacionados a projetos que se aproximam do urbanismo moderno.

A construção metodológica do trabalho permite a compreensão dos impactos dos grandes projetos urbanos, partindo da compreensão das racionalidades possíveis e chegando as ditas contra-racionalidade; permite a construção de paisagens urbanas possíveis por meio da leitura do território através das racionalidades, das contra-racionalidades e da formulação de tendências.

Essas paisagens urbanas possíveis consistem na elaboração de cenários futuros, no exercício de, a partir da análise prever os mais variáveis desenhos, com o zelo de deixar de lado as catástrofes (aqui caberia tudo).

Partir do pressuposto do urbanismo moderno, enxergar paisagens que direcionam para o fortalecimento do lugar e do sujeito coletivo nos leva a enxergar um cenário promissor, ou então, caso o território permaneça estático frente às demais forças, o cenário por mais deslumbrante que seja por ser munido pelo capital, trará consequências modernizadoras e não modernas como deveriam por princípio.

A análise dos resultados é feita com a proposição de dois cenários de tendências da configuração territorial da área de estudo. Isto é, quadros que permitirão descrever “os aspectos de estrutura, mas também as tendências aparentes ou escondidas atrás do presente” (Santos, *ibid.* p. 115)

O primeiro cenário é provocado pela ausência da resistência e na falta de “lugar”, onde o projeto do sujeito coletivo não é o princípio, o projeto acontece no local e ignora as territorialidades, a pré-existência, e pode rapidamente transformar a paisagem com novas infraestruturas, novos marcos, ícones que criam uma imagem atrativa para empresas e novos moradores com maior poder aquisitivo.

Com forte ação do setor terciário, com instalação de empresas que cada vez empregam menos, e quando empregam trás de outras regiões. As novas habitações são verdadeiros oásis, condomínios equipados com clubes completos e até serviços. A população que estavam ali antes, acaba coagida a sair, mesmo que obtenham seus lucros provenientes da valorização imobiliária, seu modo de vida se torna incompatível com o espaço.

Os espaços públicos são reduzidos, é voltado a atenção para empreendimentos, o shopping center é o local de encontro, os edifícios novos vêm em uma escala diferente da paisagem, provocando um aumento na densidade significativo.

A implantação de tais projetos depende da criação de uma nova imagem, de um novo significado que afaste o estigma de região inferiorizada. O mercado imobiliário tende a buscar esta lógica, onde o valor do metro quadrado seja mais rentável.



Figura 35: Vista aérea atual. 2018 Google.



Figura 36: Cenário 1 - Ausência da resistência.

O cenário Dois parte do pressuposto que as ações locais sejam atuantes, que haja a resistência a ponto de mobilizar o estado para criar as regulações necessárias para que a ação do mercado e do capital seja moderada, para trazerem a modernidade respeitando o território, sua história e cultura.

Neste cenário a transformação é naturalmente mais lenta, passa por diversas chancelas que garantem a participação e a consciência do processo de transformação por todos. É uma sequência de pactos firmados entre população, estado e mercado onde todos tendem a ganhar.

Os projetos que vem são voltados aos interesses de todos, aí entra em pauta a moradia digna para quem já vive no lugar, nessa hipótese barracos dão lugares a espaços públicos de qualidade, e a construção de moradia passa a ser primordial. As demandas provenientes da população são atendidas e a quebra de barreiras seja pela abertura de uma via passa a ter importância.

Implantação de CEUs, escolas, bibliotecas e parques são prioridades nesta perspectiva, equipamentos que promovem a construção de um cenário mais justo e democrático.



Figura 37: Cenário 2 - Atuação das resistências.

De forma conclusiva observamos a importância da atuação do território, a Zona Leste agora é palco para tais discussões e se não houver resistência, as adjacências do GPU composto pelo Polo Institucional Itaquera e da Arena Corinthians tende ao decorrer do tempo ser transformada em um cenário da imagem global com sua modernização.



A atuação da resistência vem aos poucos garantindo avanços para um pensamento moderno, o Plano Diretor Estratégico de 2014 deu um passo fundamental com a demarcação de ZEIS nos vazios e terrenos ociosos, o que já vem resultando em novas moradias de interesse social próximos a infraestrutura.

Os projetos lá implantados provocaram grande transformação na moral da população, o sentimento de orgulho é pujante e notório nas falas da população, resta a luta para que essa transformação continue a ser positiva.

O desafio enquanto arquitetos é dentro da disciplina da arquitetura e urbanismo contribuir para construção de projetos com princípios modernos, e para isso é fundamental compreender a lógica da estruturação dos espaços urbanos no Brasil.

## **VII. Considerações:**

O termo Grandes Projetos Urbanos (GPU) ainda é pouco estudado no Brasil em virtude de os problemas setoriais serem mais expressivos quando comparados aos países desenvolvidos. A demanda por moradia e saneamento básico tem concentrado grandes esforços em pesquisas juntamente aos temas relacionados à segregação social, questões ambientais e uma crítica aos programas do governo como o Minha Casa Minha Vida, o que gera dificuldade em definir o que seria um Grande Projeto Urbano no Brasil.

O exemplo mais claro de GPU que temos é o Porto Maravilha, no Rio de Janeiro, mas adotar os conceitos de GPU proposto por Ultramar e Rezende, 2007, permite a compreensão de que o Polo Institucional Itaquera é um importante GPU na cidade de São Paulo. Além da escala, o projeto promove significativas transformações no entorno, tanto com impactos econômicos, quanto sociais.

O desafio do trabalho é a proposição de uma metodologia que se diferencie da abordagem padrão dos prós e contras e faça uma leitura capaz de compreender as distintas forças que agem sobre o território, partindo do

entendimento que “as ações de cima para baixo (racionalidades) e as de baixo para cima (contra-racionalidades) compõem a mesma moeda”.

A adoção dos conceitos de racionalidades e contra-racionalidades de Milton Santos dão um caráter semântico às forças que agem no território que, como define Ana Clara Torres Ribeiro, transformam o local em “lugar”. Conceitos que merecem devida atenção para não caírem em uma simplificação.

O tecido urbano é palco de um jogo de forças e de interesses, onde o Estado com os três poderes, Executivo, Legislativo e Judiciário, regula tais ações e enfrenta muitas vezes forças que vão de encontro a esta regulação. O contexto é de tamanha complexidade que só as racionalidades já são capazes de criar um cenário confuso e sem perspectivas de avanços sociais.

As contra-racionalidades também não ficam longe. A elaboração de uma metodologia para ousar compreendê-las requer um conjunto de ciências e saberes para que possa se estabelecer uma leitura de conjuntura e não cair em interpretações induzidas e/ou simplificadoras.

A proposta de compreensão das ditas contra-racionalidades apresenta grandes dificuldades, o que pode resultar em uma leitura parcial. Como dificuldades, a primeira é a identificação dos agentes sociais. O contato com o território se deu por meio de um contato pessoal com um morador da região, e a identificação dos movimentos que atuam na região se deu por pesquisas eletrônicas.

No decorrer da pesquisa, percebeu-se que as ações do território ocorrem em tempo distinto das redes. Há casos em que não existem documentações e publicações na internet, ou, elas ocorrem com um atraso e simplificação que a torna quase invisível como, por exemplo, as ações da Comunidade da Paz.

Há também o inverso. Ações que são amplamente divulgadas, mas não possuem legalidade no território, acontecem com o apoio de grandes organizações, de instituições e renomadas universidades. Porém, perdem a força e possuem pouca aderência e conhecimento dos moradores. São ações políticas que têm sim sua importância, porém, por não ser originária do território, acabam com o passar do tempo.

Temos o caso do Comitê Popular da Copa SP, que contou com o apoio de mais de oitenta organizações<sup>28</sup>, entre movimentos, associações, companhias e instituições; porém, com o passar da Copa, sua atuação encerrou e não houve mais documentação das ações e lutas. O que se manteve foram apenas as

---

<sup>28</sup>ACALeO – Ação Cultural Afro Leste Organizada, ANCOP – Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa, Articulação Nacional pela Memória, Verdade e Justiça Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB/Seção São Paulo, APAC- Associação Potiguar dos Atingidos pelas Obras da Copa, Associação de Professores da PUC-SP (Apropuc), Associação dos Moradores e Amigos do Jardim Helian- Itaquera, Associação dos moradores da Vila União Sta. Teresa (AMVUST), Autônomos & Autônomas FC, Brava Cia, Buraco D’Oráculo, Casa Mafalda, Central de Movimentos Populares (CMP), Centro Acadêmico de Serviço Social – PUC SP (CASS PUC-SP), Centro Acadêmico Ruy Barbosa (CARB), Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, Coletivo da Albertina, Coletivo Canto Geral – Direito USP, Centro Santo Dias de Direitos Humanos, Coletivo NASA – ABC, Comissão Pastoral para a Caridade, Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, Comitê de Enfrentamento à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes, Companhia Kiwi, Companhia da Revista, Comunidades Unidas de Itaquera, Conselho Indigenista Missionário – CIMI/SP, Conselho Regional de Serviço Social SP – CRESS, Cooperativa Paulista de Teatro (CPT), CPT-Comissão Pastoral da Terra e Pastoral Carcerária, Democratização do Futebol, Dolores Boca Aberta Mecatrônica de Artes, Escritório Modelo da PUC – SP, ExNEEF Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física, Fanfarra do MAL (Movimento Autônomo Libertário), Fórum Estadual de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de São Paulo (FEDDCA), Fórum da Assistência Social da Cidade de São Paulo, Fórum Permanente de Acompanhamento das Políticas Públicas para População em Situação de Rua de São Paulo, Grupo de Articulação para Moradia do Idoso da Capital (GARMIC), Grupo Nós de Teatro – Fortaleza – CE, Grupo Teatral Parlandas, Hangar de Elefantes, Instituto do Negro Padre Batista, Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor-Idec, Instituto Polis, Instituto Práxis de Direitos Humanos, Jornal O São Paulo, Kombi do Rap – São Caetano do Sul, Marcha Mundial das Mulheres, Movimento de Moradia Região Central (MMRC), MDF – Movimento de Defesa dos favelados – Região Episcopal Belém, Mira Central – grupo livre de pesquisas sobre áreas urbanas centrais, Movimento de Sem Teto – MST, Movimento de Teatro de Grupo de São Paulo, Movimento de Teatro de Rua de SP, Movimento Nacional da População de Rua MNPR, Movimento Passe Livre SP (MPL), Movimento Unificado das Moradias da Várzea do Tietê, Núcleo de Antropologia Urbana da USP (NAU), Núcleo de Defesa de Direitos Humanos da População em Situação de Rua e Catadores de Materiais Recicláveis – SP (NDDH-SP), Núcleo de Direito à Cidade – USP, Núcleo Jovem Dorothy Stang, Núcleo Paulistano de Pesquisadores em Teatro de Rua, Observatório das Metrôpoles – São Paulo, Ocupa Sampa, Pastoral Afro da Arquidiocese, Pastoral da AIDS, Pastoral da Moradia Arquidiocese, Pastoral da Mulher Marginalizada (PMM), Pastoral de Rua Pombas Urbanas, Pastoral do Menor da Arquidiocese de São Paulo, Rede Brasileira de Teatro de Rua, Rede Jubileu Sul Brasil, Rede Rua, Salve Barroca – Em Prol da Vida – São Caetano, Serviço de Assessoria Jurídica Universitária SAJU, Serviço Franciscano de Solidariedade (SEFRAS), Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM), SINFRAJUPE, Sociedade dos Amigos, Moradores e Empreendedores do Bairro Cerqueira César, SAMORCC, Streetnet International, Tanq Rosa Choq, Tribunal Popular, União dos Movimentos de Moradia São Paulo (UMMSP) e Vila Nova Esperança. (disponível em: <https://comitepopularesp.wordpress.com/o-comite/quem-apoia-e-compoe-o-comite/>)

atividades que nasceram do território e continuam enfrentando o desafio diário da permanência.

As entrevistas com os moradores e frequentadores que foram realizadas ressaltaram o caráter de luta dos moradores da Zona Leste, do sonho da casa própria mesmo que em uma região afastada do centro, das conquistas com a chegada da infraestrutura e da intensa relação da população com o transporte público. Porém, mostraram apenas uma visão otimista da implantação do Polo e do estádio.

O questionário, Anexo 1, foi aplicado *on-line* e pessoalmente em locais de grande circulação. Pela internet, os respondentes eram em sua maioria jovens e não perceberam o tamanho da mudança que o estádio e o Polo provocaram no lugar. Tal percepção está mais evidente entre os mais velhos, que moram e acompanharam as transformações da Zona Leste a mais tempo.

A formulação das perguntas que compõem o questionário deve ser cuidadosa para que não haja uma indução de resposta. Como pesquisador portador de hipóteses há uma tendência em perguntar o que se quer ouvir, porém, isso não contribui para a real documentação das transformações. De modo semelhante, a procedência e aplicação das entrevistas, com base na literatura de história oral de Verena Alberti, procurou conhecer os entrevistados a fim de perceber o envolvimento com a causa e compreender suas posições.

No decorrer do trabalho, por estar dentro do campo da arquitetura e do urbanismo, percebeu-se a necessidade de retomar os conceitos que envolvem a disciplina. Assim, acrescentamos no trabalho a elaboração de entrevistas com arquitetos urbanistas com ações efetivas no projeto, na gestão e na reflexão sobre a própria arquitetura e urbanismo. As entrevistas compreendem os anexos 2, 3 e 4 e são relevantes para a contribuição do entendimento da própria disciplina da arquitetura e urbanismo e dão subsídios teóricos para compreensão do tema.

Ainda com o propósito de conhecer a Zona Leste e os moradores, desenvolveu-se a análise através de cartografias temáticas com dados primários de fontes conhecidas como IBGE e Pesquisa Origem Destino. O

grande desafio foi a periodicidade das pesquisas. O último censo do IBGE ocorreu em 2010 e a última Pesquisa Origem Destino, em 2007. Assim, tais cartografias documentaram os dados anteriores à implantação, o que deu suporte para compreensão dos impactos gerados.

A documentação inicial deverá ser confrontada no futuro com os dados dos próximos censos para que se tenha a confirmação das alterações dos padrões que se pode perceber nas entrevistas e, de modo mais singelo, nos questionários.

A contextualização urbana realizada através da leitura da organização espacial da cidade, dos sistemas de fixos e fluxos e das políticas urbanas são elementos fundamentais para a documentação das transformações.

Como é claramente perceptível à afinidade da história das pessoas com a evolução do transporte público e com a chegada das infraestruturas, a análise dos fixos (equipamentos) e dos fluxos permite perceber o fortalecimento da região como centralidade na Zona Leste. As viagens geradas em Itaquera nos anos de 1987, 1997 e 2007 ressaltam a tendência de os deslocamentos serem menores. Hoje, há mais empregos em Itaquera do que nos 80 e 90.

Com a implantação dos equipamentos, há a tendência que esse fluxo passe a ser contrário, com pessoas se deslocando para Itaquera a fim de usufruírem dos equipamentos lá instalados.

Compreender os avanços que o Plano Diretor Estratégico (PDE), Lei nº 16.050 de 31 de julho de 2014, e a Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo (LPUOS), Lei nº 16.402/2016, obtiveram com relação a função social da propriedade. Sobre a definição de ZEIS em terrenos ociosos dentro do tecido urbano e próximos a equipamentos de transporte permite uma visão mais otimista do futuro.

E ainda perceber a efetivação dessas políticas urbanas na documentação dos lançamentos imobiliários, a legislação foi capaz de garantir a implantação de empreendimentos voltados a classes mais baixas, com a limitação de renda dos compradores, garantindo a inclusão e acesso a “região luminosa da cidade”.

A documentação do mercado imobiliário, que ocorreu de forma sistêmica através do monitoramento de sites de divulgações durante três meses, e a

coleta do material de divulgação permitiram a compreensão desta nova cidade que está sendo construída.

Habitações minúsculas com elevados valores por metro quadrados em edifícios pobres, arquitetonicamente falando, com plantas apertadas e uma criação de um solo fechado, um condomínio com áreas de lazer, piscina e churrasqueira a serem compartilhados pelas inúmeras unidades do conjunto.

É nítida a precariedade dos projetos e maximização dos lucros pela aglutinação do maior número de unidades permitida pela lei, sendo este o principal norteador do projeto. Muros e introversão contribuem para a criação de não cidades que, por outro lado, procuram as melhores localizações e as proximidades com os equipamentos pelo fato da dependência da população.

Com esta leitura conjuntural proposta pela metodologia é possível tensionar a proposição de dois cenários, não é uma simplificação, mas o tensionamento a dois extremos possíveis que direcionam e orientam a proposição de políticas públicas urbanas.

A busca pela compreensão das contra-racionalidades se deu ainda tímida neste trabalho, tal fato justifica-se por se tratar de um primeiro trabalho publicado por integrantes do Laboratório de Desenho de Estratégias Urbano-Regionais (LADEUR) da PUC Campinas, grupo este que vem se dedicando a compressão do tema.

## Referências bibliográficas

- ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2005.
- ALVES, José Eustáquio Diniz Alves. *Análise de conjuntura: teoria e método*. [s. l.]: IBGE, jul. 2008. Mimeo.
- ARANTES, Otília Beatriz Fiori. Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. 3. ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2002, p. 11-74.
- ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. 3. ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.
- BORJA, Jordi (ed.). *Barcelona: un modelo de transformación urbana*. Quito, Programa de Gestión Urbana, Oficina Regional para América Latina y Caribe, 1995.
- BRUYNE, Paul de et al. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da prática metodológica*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S/A, 1977.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34, Edusp, 2000.
- CASTELLS, Manuel; BORJA, Jordi. As cidades como atores políticos. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 45, p. 152-166, jul. 1996.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 3 ed. Porto Alegre: Editora Globo, 2001.
- FERREIRA, João Sette Whitaker. W. *O mito da cidade global: o papel da ideologia na produção do espaço urbano*. São Paulo: Editora UNESP/Vozes, 2007.
- FLORENZANO, José Paulo. *A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: FAPESP/EDUC, 2009.
- HABERMAS, Jürgen. *Técnica e ciência como "ideologia"*. Lisboa: Edições 70, s. d.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Editora Loyola, 1993.
- HALL, P. *Cidades do Amanhã. Uma história intelectual do planejamento e do projeto urbano nos séculos urbanos no século XX*. São Paulo: Editora Perspectiva S. A. Coleção Estudos, 2007.
- KOPP, Anatole. *Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.
- KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LEVY, Evelyn. *Democracia nas cidades globais: um estudo sobre Londres e São Paulo*. Studio Nobel, São Paulo, 1997.
- MARQUES, Eduardo & Torres, Haroldo (orgs.). *São Paulo: segregação, pobreza urbana e desigualdade social*. São Paulo: Editora Sena, 2005.
- OLIVEIRA, Filipi Vieira de. *Itaquera para quem? Projetos urbanos e mudanças socioespaciais na periferia de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, 2015.
- OLIVEIRA, Guilherme de; SILVA NETO, Manoel Lemes da. *Técnicas de análise de dados censitários multitemporais aplicadas às cidades estudadas pela rede nacional de pesquisa*

QUAPÁ-SEL (Resumo expandido). In: *Anais XIX do Encontro de Iniciação Científica*, 2014, Campinas. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2014.

PEREIRA, Raquel de Padua. MOBILIDADE DA JUVENTUDE DA ZONA LESTE DE SÃO PAULO: construindo representações sociais e visões da metrópole. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2012.

PESSOA, Laura C. R.; BÓGUS, Lúcia. Valorização imobiliária e renovação urbana: o caso das Operações Urbanas Consorciadas Faria Lima e Água Espraiada. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 091.06, Vitruvius, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.091/185>>. Acesso em: 11 out. 2016.

RIBEIRO, Ana Clara Ribeiro. Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. In: Silva, Catia Antonia da et al. *Formas em crise: utopias necessárias*. Rio de Janeiro: Arquimeds Edições, 2005. p. 93-111.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Cartografia da ação social: região latino-americana e novo desenvolvimento urbano*. Buenos Aires: Clacso, 2009. (Colección Campus Virtual). Disponível em: <http://biblioteca.clacso.org.ar/clacso/formacion-virtual.2013071704542514torres.pdf>. Acesso em: 13 maio 2016.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Teorias da ação social*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

RIBEIRO, Ana Clara Torres; SILVA, Cátia Antonia da. *Impulsos globais e espaço urbano: sobre o novo economicismo*. Buenos Aires: CLACSO, 2004. (Colección Campus Virtual). Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Ordenamientoterritorial/41.pdf> . Acesso em: 05 dez 2017.

RIBEIRO, Ana Clara Torres; TERRITÓRIO USADO E HUMANISMO CONCRETO: O MERCADO

SOCIALMENTE NECESSÁRIO. São Paulo, 2005. (Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina). Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/qt/20100930022258/16p6art3.pdf>. Acesso em: 13 maio 2016.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. *Cidades- Comunidades e Territórios* Jun. 2003, n.0 6, pp. 33-50 Segregação Residencial e Políticas Públicas: Análise do Espaço Social da Cidade na Gestão do Território.

ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. 3 ed. São Paulo: FAPESP/Studio Nobel, 2003. (Coleção cidade aberta).

ROLNIK, Raquel; FRÚGOLI, Heitor. Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a zona leste como território de rupturas e permanências. *Cadernos Metrópole*, n. 6, p. 43-66, 2º sem. 2001.

SANTOS, Janio. Estruturação e estrutura urbana: reflexões para a análise geográfica. *Terra livre*, Presidente Prudente, a. 24, v. 1, n. 30, p. 59-82, jan./jun 2008.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. O território e o saber local: algumas categorias de análise. *Cadernos IPPUR*, Rio de Janeiro, a. XIII, n. 2, 1999, p. 15-26.

Santos, Milton . *O espaço do cidadão*, São Paulo, Nobel, 1987.



- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Record: São Paulo, 2000.
- SARAIVA, Camila Pereira. *A periferia consolidada em São Paulo: categoria e realidade em construção*. Dissertação de mestrado, Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.
- SASSEN, Saskia. *As cidades na economia mundial*. São Paulo, Studio Nobel, 1998.
- SILVA NETO, Manoel Lemes da. *Configurações espaciais da urbanização contemporânea: adensamento urbano, sistemas de espaços livres e constituição da esfera pública no Brasil*. Campinas: PUC-Campinas, fev. 2014. Mimeo. (Relatório de pesquisa).
- SILVA NETO, Manoel Lemes da. Dispersão, adensamento e superaglomeração urbana em São Paulo: subsídios à formulação de políticas públicas de caráter territorial. In: *Anais do XVI ENANPUR: espaço, planejamento e insurgências; alternativas contemporâneas para o desenvolvimento urbano e regional*, Belo Horizonte: ANPUR, 2015.
- SOMEKH, Nadia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. 2 ed. São Paulo: Romano Guerra, 2014.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo*. Tese de Livre Docência. Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente, 2004.
- ULTRAMARI, Clovis; CIFFONI Ana Lucia. Grandes projetos urbanos: a apologia do distante e o receio do perto. Tempos e escalas da cidade e do urbanismo. In: *Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Brasília, DF: Universidade Brasília- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014. Disponível em: <http://www.shcu2014.com.br/content/grandesprojetosurbanosapologiadodistanteereceiodoperto>. Acesso em: 5 jun. 2016.
- ULTRAMARI, Clovis; REZENDE, Denis Alcides. Grandes projetos urbanos: conceitos e referenciais. *Ambiente Construído*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 7-14, abr./jun. 2007. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/ambienteconstruido/article/viewFile/3733/2086>.
- VAINER, Carlos Bernardo. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. 3. ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2002, p. 75-103.
- VILLAÇA, Flávio. Efeitos do espaço sobre o social na metrópole brasileira. In: *Anais do VII ENANPUR*, Recife. ANPUR, 1997.
- VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp/Lincoln Institute, 2001.
- REIS, Nestor Goulart. *Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano..* São Paulo: Via das Artes, 2006.
- MARTINS, Andréia. Gentrificação: O que é e de que maneira altera os espaços urbanos. Artigo Uol Vestibular, 2014. Disponível em: <http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/gentrificacao-o-que-e-e-de-que-maneira-altera-os-espacos-urbanos.htm> (Acesso em 14/03/2018)
- GOERCK, Arthur Losasso. O impacto social da construção do estádio do Corinthians no processo de desenvolvimento local do bairro de Itaquera. TCC para Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) da Escola de Administração de Empresas de SP – Fundação Getúlio Vargas. São Paulo. 2014. Disponível em: <http://qvpesquisa.fgv.br/publicacoes/pibic/o-impacto-social-da-construcao-do-estadio-do-corinthians-no-processo-de> ( Acesso em 14/03/2018).

Sobre a Zona Leste. Disponível em <http://www.zonalestedesp.com.br/> (Acesso em 15/03/2018).

FUGITA, Gabriela. Diferença na renda formal entre bairros de SP é de quase 8 vezes, diz ONG. 24.10.2017. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/10/24/diferenca-na-renda-formal-entre-bairros-de-sp-e-de-quase-8-vezes-diz-ong.htm> (Acesso em 15/03/2018).

SALGADO, Diego. Teve copa, e o resto? 2017. Disponível em [https://www.uol.esporte/especiais/itaquera-.htm?utm\\_source=facebook.com&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=fb-esporte&utm\\_content=geral#teve-copa-e-o-resto](https://www.uol.esporte/especiais/itaquera-.htm?utm_source=facebook.com&utm_medium=social&utm_campaign=fb-esporte&utm_content=geral#teve-copa-e-o-resto) (Acesso



# Anexo I

QUESTIONÁRIO APLICADO

## Racionalidades e contra-racionalidades da implantação de grandes projetos urbanos: o caso do Itaquerão

O (a) Senhor (a) esta sendo convidado a participar do projeto de pesquisa intitulada "Racionalidades e contra-racionalidades da implantação de grandes projetos urbanos: o caso do Itaquerão" com o objetivo de analisar as transformações ocorridas na autoestima cidadã da população da região do Itaquera após a implantação do Estádio do Corinthians e demais projetos. A amostra será composta por 304 questionários. O seu envolvimento nesse estudo é voluntário, e se dará a partir de um questionário, sendo lhe garantido que os seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho exposto acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada. A participação nessa pesquisa não lhe trará qualquer prejuízo ou benefício financeiro ou profissional e, se desejar, a sua exclusão do grupo de pesquisa poderá ser solicitada, em qualquer momento. Em princípio, este estudo não traz nenhum risco para a população estudada, posto que não serão tratados temas de natureza pessoal, ou que gerem algum tipo de ansiedade. A pesquisa não apresenta benefícios diretos aos respondentes. Os benefícios indiretos são coletivos em termos de conhecimento e retorno social. Além disso, caberá ao pesquisador manter em arquivo, sob sua guarda, por cinco anos, os dados da pesquisa, contendo fichas individuais e todos os demais documentos. O projeto em questão foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade da PUC-Campinas, telefone de contato (19) 3343-6777, e-mail: [comitedeetica@puc-campinas.edu.br](mailto:comitedeetica@puc-campinas.edu.br), endereço Rod. Dom Pedro I, km 136, Parque das Universidades, Campinas-SP, CEP: 13086-900, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 as 17h00, que poderá ser contatado para quaisquer esclarecimentos quanto à avaliação de caráter ético do projeto. Dúvidas com relação ao projeto entrar em contato com o pesquisador Daniel Henrique Ribeiro, telefone de contato (19) 99805-3099, e-mail: [daniel.hr1@puccampinas.edu.br](mailto:daniel.hr1@puccampinas.edu.br). Caso concordem dar o seu consentimento livre e esclarecido para participar do projeto de pesquisa supra-citado, responda sim na próxima pergunta e responda o questionário. Estou esclarecido(a) e dou consentimento para que as informações por mim prestadas sejam usadas nesta pesquisa.

\*Obrigatório.

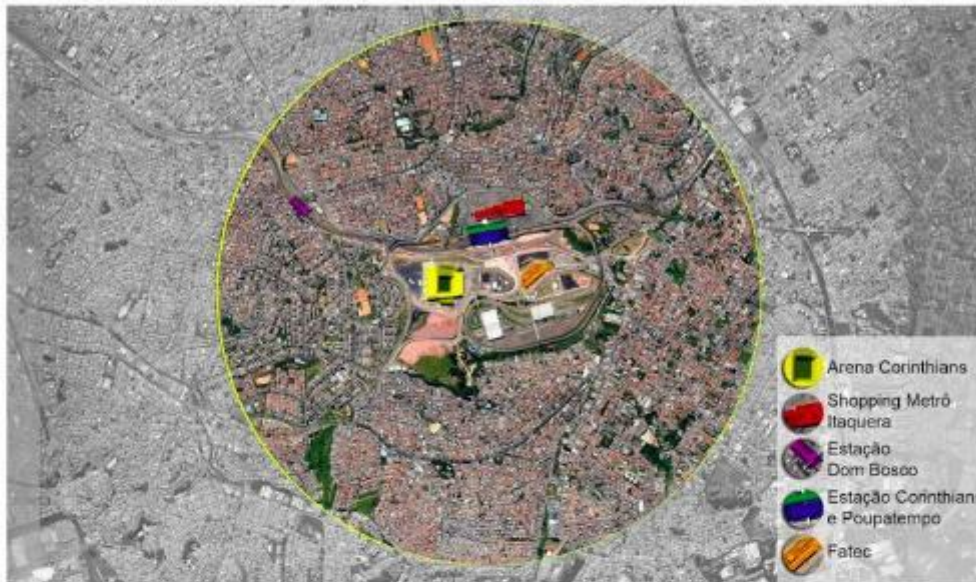
Endereço de e-mail \*

Seu e-mail

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar da pesquisa respondendo ao presente questionário: \*

- Sim
- Não

Qual sua relação com o Itaquerão? \*



- Moro na região demarcada no mapa a cima;
- Trabalho na região demarcada no mapa a cima;
- Estudo na região demarcada no mapa a cima;
- Não tenho relação. (obrigada pela colaboração, mas nosso objeto de pesquisa é com pessoas que residem, trabalham ou estudam próximo ao Itaquerão).

Qual a sua idade? \*

Sua resposta

Sexo \*

- Masculino
- Feminino
- Não quero responder

**Você mora: \***

- Sozinho (a)
- Com pai, mãe ou ambos
- Com familiares
- Com cônjuge ou companheiro (a)
- Pensão/ Hotel/ Pensionato
- Moradia coletiva (pública, religiosa, etc.)
- Não quero responder

**Qual a situação da sua moradia? \***

- Própria e quitada
- Própria em financiamento
- Cedida / emprestada
- Alugada
- Pública / gratuita
- Não quero responder

**Qual é o meio de transporte que normalmente usa para os deslocamentos diários necessários? \***

- Transporte próprio (carro, moto, etc.)
- Bicicleta
- A pé
- Carona
- Transporte coletivo (ônibus, metrô, trem, etc.)
- Transporte fretado (van, prefeitura, etc.)
- Não quero responder

Houve valorização dos imóveis após a implantação do estádio?

\*

- Sim, muita.
- Sim, média.
- Sim, pouca.
- Não.

Houve alterações nos valores dos aluguéis de imóveis após a implantação do estádio? \*

- Sim, ficou mais caro.
- Sim, ficou mais barato.
- Não.

Você já teve vergonha ou receio em dizer que morava em Itaquera antes da implantação do estádio? \*

- Sim, tinha vergonha de dizer para amigos e grupos sociais.
- Sim, em fichas e entrevistas de empregos.
- Não.

Você deixou de ter vergonha ou receio em dizer que morava em Itaquera após a implantação do estádio? \*

- Sim, após a implantação do estádio não tenho vergonha em dizer que moro em Itaquera.
- Não, continuo tendo receio ou vergonha em dizer.
- Nunca tive vergonha em dizer que moro em Itaquera.

Se houve valorização, você ou seus responsáveis pensam em vender seu imóvel e comprar em algum lugar mais barato? \*

- Sim, com a valorização eu consigo comprar uma casa melhor em outro lugar.
- Não, não pretendo vender meu imóvel.
- Não somos proprietários do imóvel que moramos.
- Com a valorização pretendemos vender por outros motivos.
- Não houve valorização.

Se houve valorização, você ou seus responsáveis pensam em vender seu imóvel para investir em um negócio próprio? \*

- Sim, com a valorização pretendemos vender e investir.
- Não, não pretendo vender meu imóvel.
- Não somos proprietários do imóvel que moramos.
- Com a valorização pretendemos vender por outros motivos.
- Não houve valorização.

Em sua opinião, houve alteração na segurança da região após a implantação do Estádio e dos demais projetos próximos? \*

- Sim, ficou mais seguro.
- Sim, ficou mais perigoso.
- Não mudou a segurança.

ENVIAR

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.



An aerial photograph of a city, showing a large stadium with a white roof and a complex highway interchange. The stadium is the central focus, surrounded by roads and other buildings. The city extends to the edges of the frame, with a dense residential or commercial area visible in the foreground and background.

## **Anexo II**

ENTREVISTA COM PROF.<sup>a</sup> DRA. VERA SANTANA LUZ

## **Entrevista com Prof.<sup>a</sup> Dra. Vera Santana Luz realizada em 24 de outubro de 2017.**

**Daniel:** Para começar nossa conversa, gostaria que você contasse um pouco sobre sua formação, desde que escolheu a formação de arquiteta e um pouco sobre sua atuação também.

**Vera:** Neste momento, eu sou uma arquiteta formada em 1978 e atuante. Nós estamos em 2017. Então eu considero que tem um percurso. Acho que para o arquiteto o percurso é muito grande. Então, assim, nós temos uma profissão de longa duração. Não é jogador de futebol (fazendo parodiazinha com Itaquera).

A gente tem um percurso de vida longa, porque ele vai sendo trabalhado em cima de maturidade sobre maturidade. Então, acho que estou no percurso médio; pode ser muito mais longo. Nesse percurso médio como é que aconteceu: eu me formei no Mackenzie em 78, que é uma escola bastante técnica, era bastante técnica, e depois eu fiz algumas disciplinas como ouvinte na filosofia, lá para trás, porque eu queria algo que fosse mais impalpável do que a construção das coisas, para eu entender o significado da construção das coisas. Então eu fiquei um tempo como ouvinte na filosofia e aí a gente vai fazendo uma formação meio autodidata, tanto na observação de coisas como estudando, então isso é impossível de contar rapidamente. Os escritórios que me formaram, além da faculdade foram: eu trabalhei no Guedes [Joaquim Guedes], toda a minha formação, desde o fim do primeiro ano até formar, e depois eu voltei formada (fiquei um ano fora e voltei); depois eu trabalhei no Barretinho, no Zanettini, como o Cândido Malta Campos, e acho que essa formação de escritórios foi só. O que que acontecia nestes escritórios? Os escritórios do Guedes e do Cândido eram escritórios eminentemente de desenho urbano, planejamento urbano – desenho de cidades, que chegavam até a telha emboçada na casinha, então era um arco imenso para se fazer arquitetura, se fazia cidades. No Cândido era a mesma coisa, foi uma coisa dupla, tanto que ajudei o Cândido no desenvolvimento de uma capela, mas a gente fez o plano do Eixo Tamanduateí, [1999-2000] que era um plano enorme. Então essa experiência de escalas eu tive a oportunidade de fazer. Eu considero formação, porque embora eu estivesse já formada, é continuidade: trabalhei como estagiária e depois formada. Quando eu estava no Zanettini, eu falei: tá na hora de ter um voo solo, nem que eu fosse trocar uma portinha, vou trabalhar sozinha. Aí eu tive o escritório sozinha muito tempo, com algumas parcerias. Eu fiz parceria com o Fernando Peres – nós fizemos a Biblioteca da PUC e outros projetos. Tenho parceria com a Mirtes, nós fizemos alguns projetos juntas e isso é uma virada de página, porque em 86 eu comecei a trabalhar na PUC, eu trabalhei na USP dois anos - 89/90, como substituta

de um professor, mas depois ele voltou [dos Estados Unidos], então eu era provisória. Trabalhei na USP em Desenho do Mobiliário; aqui na PUC eu entrei como Mobiliário Urbano [DOB], então eu peguei escala do objeto, que eu nunca fiz como projeto meu para uma clientela, seja o que for, mas trabalhei na Universidade e fiz Especialização, porque eu tinha que estudar a respeito, então eu fiz Especialização em técnicas industriais, aí eu fiz uma outra Especialização orientada, esta foi pelo Perrone [Rafael Perrone], depois eu fiz outra Especialização, todas com bolsa do CNPq, em Arquitetura no Contexto Metropolitano de São Paulo, orientada pelo Cândido. Aí em 97 eu entrei no Mestrado, que foi..., começou com a história das aberturas, das janelas brasileiras, aí eu fui focando e ficou um projeto específico trabalhando sobre a arquitetura de Lina Bo Bardi, que eu terminei em 2004, com o Doutorado; passei para o Doutorado. Depois foi publicado o livro [advindo da Tese] e então, assim, a formação acadêmica foi tomando espaço. Tenho bastante experiência com obra. Com a Mirtes, a gente desenvolveu essa hipótese de que a arquitetura tem um desequilíbrio, que é preciso pensar, que a gente chama de questão ambiental, sustentável, seja lá o nome que se dê, e nós trabalhamos nesta seara. Então a gente fez projetos públicos que foram certificados pela Fundação Vanzolini, que me parece que é a melhor Certificadora – ela tem uma técnica impecável, para chancelar e entender, assim, numericamente o que você faz de maneira não tão numérica, às vezes. Então, estes Projetos tiveram a melhor pontuação do Brasil recorrentemente e a gente ficou aperfeiçoando essa questão que para mim hoje é central. E, então, estou com esta questão central, que acho que vai ser o resto da minha vida: a questão do equilíbrio ambiental da arquitetura, que eu acho que está em pleno desequilíbrio planetário, e a questão do ensino, que, para mim, é um foco de trabalho de Projeto. Então, eu trabalho muito nos TFGs (Trabalhos Finais de Graduação) com as periferias urbanas, você conhece, pois trabalhou comigo<sup>29</sup>; que são as periferias da metrópole, com infraestrutura urbana forte, tem o Rodoanel, tem uma represa, tem alguma coisa que fale: isso aqui é metrópole, não é roça, mas na fronde, quase onde já se está em interface com o rural e o ambiental. Então, esse lugar que é desprovido de infraestrutura e de qualquer noção de cidade formal ou formalizada, é o lugar que me interessa, que é a mesma coisa: então a gente pega a questão ambiental do ponto de vista material e na Universidade eu posso pegar a questão ambiental do ponto de vista humano. É nisso que eu estou focada. A formação genericamente é essa.

Por que eu escolhi a arquitetura? Porque eu enfiei a cabeça numa casa do Guedes, num vidro, uma casa super burguesa, uma casa linda da família Mangabeira. E essa casa era uma espécie, quase uma coisa monumental, e eu estava brincando lá, jovem, e enfiei a cabeça no

---

<sup>29</sup> Referência ao estágio do Programa de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da PUC Campinas realizado no primeiro semestre de 2017.

vidro, e eu achei aquela casa uma coisa impressionante e quando quebrou o vidro, as coisas foram se dando... essa casa meio que falou: ó, arquitetura é uma coisa, vai atrás. Mas era para um princípio muito mais simples que era: ah que bonito que é. E as coisas foram se transformando muito depois disso. Mas este foi o *start*.

**Daniel:** A nossa conversa é uma conversa sobre um tema muito especial, porque na Faculdade duas professoras me fizeram a mesma pergunta em dois momentos muito distintos e isso meio que deu um toque especial na minha formação. No primeiro ano a professora Mirtes [Mirtes Luciani] me perguntou, é, perguntou para a sala – fez uma provocação: vocês estão aqui para quê? Então, vocês são privilegiados, porque, quantas pessoas tem a oportunidade de estar na Faculdade, então, vocês estão em uma das melhores Faculdades; então, a pergunta que eu tenho é: o serviço de vocês, o desenho que vocês vão fazer, que vai sair, vai ser para quem?

(Vera interfere: ...”a serviço de quem está o seu desenho?” A frase montada é essa).

Aí, depois, isso ainda veio meio que neste tom aberto. Depois, no 4º ano essa pergunta chegou formada, a professora Vera [Vera Luz]. Ela chegou e repetiu a mesma pergunta. Então, nestes dois momentos: um momento eu estava meio que sem enxergar o que era arquitetura, e depois no 4º ano, quando eu comecei a enxergar e ter experimentado um pouco, essa pergunta: seu desenho está a serviço de quem? Ela pesou muito na minha formação. E com base nessa questão - o desenho do arquiteto está a serviço de quem, que eu queria fazer o direcionamento do próximo tema. Qual que seria a responsabilidade do arquiteto se ele é uma pessoa contratada para fazer um serviço, então, quando a gente pergunta: seu desenho está a serviço de quem? Isso revela que o serviço está muito além do que a pessoa que está contratando (Vera confirma: perfeitamente! Ele está em contradição). Como a gente pode enxergar este assunto? Nosso desenho está a serviço de quem?

**Vera:** Olha, aí a gente tem uma primeira linha de abordagem, que é: depende da forma que você está projetando, porque, na vida universitária, talvez seja o único lugar em que você pode estar projetando em si; não para uma encomenda. Então, a Universidade é um lugar privilegiado ao quadrado, porque além de a gente pensar em uma estrutura social que, no Brasil, infelizmente, você está se formando e um monte de gente não está, que é uma coisa de uma injustiça inexplicável - explicável é, mas é insuportável; você tem outra possibilidade, que é que em um certo momento você projeta em si, você faz experiências de projetos sem ter uma demanda que é uma voz que, às vezes, é determinante, e isso às vezes é uma *baita* contradição. Você projetar para alguém entra em contradição com sua visão de mundo – ideológica, filosófica, material; qualquer plano que você pegar pode acontecer uma

contradição, mas isso é um fato: você está a serviço daquela encomenda, se for pegar de uma maneira bem capitalista. Quando você projeta para o Estado, como te falei, a gente fez Projetos Públicos, você, parece que estaria com isso em suspensão, porque o Estado teoricamente é a voz da comunidade ou, enfim, de um grupo. Mas, só que não. Até quando você projeta para o Estado tem muita tensão e contradição, e a gente precisa ir aprendendo a lidar com isso. Porque é um serviço. No entanto, na Universidade eu cheguei num momento, agora é uma coisa particular, biográfica, que eu não aguentava projetar em si, porque eu comecei a perceber que na Universidade você trabalha com alunos que, se não tem vivência do real... mas não é a encomenda do freguês, do cliente, é uma coisa muito mais importante. Se você não tem a noção real da demanda, de alguém que precisa do seu Projeto - porque eu faria essa pergunta de uma outra maneira: não é a serviço de quem só, que é maravilhoso, o que que é preciso para o outro? Porque a arquitetura é feita para o outro, é uma arte, uma técnica, que é feita para outro. Não para você. Então, o que é preciso? Então, o serviço quando você tem essa frase da Mirtes: a serviço de quem – já implica um descolamento do serviço no sentido de uma coisa de troca, eu vou lá e você me paga e te dou um *treco*. Uma simples troca. É mais que isso. É uma coisa de uso. Então, quando você fala a serviço de quem, a pergunta subjacente é: o que que essa pessoa precisa. E eu estou de acordo com isso, então, eu por exemplo, jamais faria uma prisão, jamais. Só se eu fosse forçada: eu não acredito nessa encomenda, então eu não posso fazer isso, entraria em contradição, assim, na origem. Então tem certos projetos que eu jamais faria, por princípio. Mas eles são necessários. Mas eu não posso fazer; passa do meu limite ideológico. No entanto, esta pergunta, ela é o que nos move. Só que acontece o seguinte, Daniel, você perguntar qual é a função social, vamos pegar uma coisa mais assim sem tanto amor, a função social do arquiteto ou da arquitetura. Se eu falar...: eu gosto de falar que *arquitetura é poesia que se faz com pedras* – ficou tão arrogante, né? Eu já ponho a palavra poesia e pedra que se monta. O que que eu quero dizer com isso? Tem que saber o que é poesia e o que é pedra. Se você falar que poesia é uma necessidade humana biológica... será que é uma necessidade biológica? Eu não conheço um ser humano que não precise de poesia. Um cara entra num buraquinho, ele vai ajeitar. Então, o primeiro gesto depois da sobrevivência estrita é uma certa ordem, uma certa beleza, um certo arranjo; você pode dar o nome que você queira, mas é uma poesia. As pessoas vivem isso intrinsecamente, qualquer pessoa. Você vê o bispo do Rosário, que era um esquizofrênico, que andava na rua, ele passava bordando para Deus mantos e não sei o que lá. A poesia é inerente ao ser humano, o cachorro não faz poesia, mas o ser humano precisa. Então eu posso falar: é fisiológica; a poesia é fisiológica? Se você pegar no limite: nós somos seres biológicos, não somos? Diferentes de uma pedra. Todos os seres biológicos, eles comem, têm sistema digestivo, a gente come e rejeita coisas, que

passam por nós. Então, todos os bichos fazem isso, só que nós fazemos poesia, inclusive com este gesto, não é? Então, se eu sou um ser biológico diferente só neste sentido – Ah, porque somos racionais, tudo isso é uma chatice, mas a gente faz poesia. Então, isso difere a arquitetura. A gente não aguenta fazer arquitetura sem ter uma organização poética, um significado qualquer. Por que? Porque a gente sabe que vai morrer, nenhum outro bicho sabe, a gente vai parar de comer e de rejeitar coisas e vai morrer; a gente vai deixar de ser biológico. A gente sabe disso. O cachorro pressente; a gente sabe. Então a gente precisa fazer poesia na vida para dar significado às coisas; e significado não é mecânico, significado tem que ter transcendência, que a gente sabe que não tem transcendência na nossa existência – olha onde eu estou chegando. Eu estou querendo dizer isso, então, porque que a arquitetura é necessária, porque ela é uma das formas de organizar qualquer coisa da vida, com poesia, como qualquer outra coisa que a gente organiza só que a gente usa toneladas e toneladas e toneladas de pedras. Então pegando o item 2 das pedras, que não somos nós, que são seres inertes e não vitais que a gente usa, a gente usa pedras demais. Então nós estamos em desequilíbrio atualmente com o uso das coisas, que a gente come [metaforicamente]: pego pedras para fazer arquitetura e jogo um monte de coisa fora, biologicamente falando eu estou comendo e devolvendo. Então eu arrebento com o planeta, porque eu estou fazendo poesia, para viver, e eu arrebento porque eu como demais e rejeito demais. Então somos um ser biológico completamente desequilibrado, mas a gente tem que fazer poesia. (Estou chegando onde você me perguntou). Eu tenho que fazer, como poética. Como é que eu posso ser um predador da natureza e dos seres – os meus irmãos vivos – e fazer poesia, não é uma contradição terrível? Então eu acho que a arquitetura ela ‘tá numa encruzilhada, porque a gente faz poética a vida inteira e chegamos num momento que, para a gente fazer poética na vida, a gente está arrebentando com tudo; entre nós... - porque não existe uma cidade justa no planeta, uma cidade que não tenha diferença importante: social, de renda, de equipamentos, de infraestrutura; então não é cidade, então a gente não tem uma cidade justa; e nós não temos uma arquitetura ou uma cidade em equilíbrio ambiental - uma - em pleno equilíbrio ambiental. Então, a gente é uma praga, biologicamente falando. E como é que eu posso ser uma praga e fazer poesia? Parece uma coisa que é um disparate e talvez seja. Então eu acho que o arquiteto é só. Se o arquiteto está pensando nisso, ao mesmo tempo que ele é o serviço para o outro - porque é da natureza da arquitetura ser para outrem -, a arquitetura que a gente conseguiu fazer até agora, em toda civilização humana ‘tá num desequilíbrio tal perante os insumos do que eu preciso para fazer, que são as pedras, e perante o outro, porque ‘tá tudo uma porcaria, porque tem gente que não tem o que comer, que não tem onde morar e tem gente que mora bem demais, exageradamente: vai entrar numa loucura. Então, nós somos sós, porque mesmo fazendo o serviço para outrem, a gente não

atinge o preceito, que é moderno, portanto, nós estamos num movimento moderno, porque ainda não atingimos o preceito de ser uma *causa*, que não um *estilo*<sup>30</sup>. A causa não foi ganha. Aí eu vou chegar no que você perguntou: A arquitetura, primeiro de tudo, antes de ser poesia e antes de ser pedra - mas ela é poesia e pedra na sua estrutura fundante -, ela é uma função social, que eu faço para o outro, mas então o que que eu posso falar? Eu posso falar que eu falar que a arquitetura tem função social é uma redundância, porque a arquitetura é a própria função social da função social, ela é construir a *utilitas*, a arquitetura é resolver o serviço, é resolver a necessidade, o que é preciso para o outro, em si. Se ela é isso por natureza, eu não posso falar mais qual é a função social da arquitetura e qual o seu objetivo, porque ela é isso, inteira, se não ela não tem sentido. Mas, tensionado, ela também é poética e também é constructo. Só que 'tá tudo no "por que", então a pergunta é urgente e a resposta: não temos - hoje em dia eu não vejo uma arquitetura em um cidade que eu gostaria de chegar àquilo; eu vejo técnicas, eu vejo procedimentos, mas a gente não construiu uma estética equilibrada, não construiu uma técnica que equilibre com as pedras, com a necessidade, com a construção. Nós estamos numa crise do caramba e a pergunta se faz necessária. Mas, a resposta abstrata a gente consegue dar, que é o que eu estou tentando, mas a resposta concreta, (estalando os dedos) tem muito chão pela frente na civilização, porque 'tá tudo em desequilíbrio, no meu ponto de vista. Entre os homens e as coisas.

**Daniel:** Agora nós vamos discutir o seguinte: depois de concebido o Projeto e essas peças estão empilhadas, tem um espaço construído, um lugar, que pode ser apropriado ou não. As pessoas podem usar ou não e, tem uma coisa que me marcou bastante, que é a seguinte, que a arquitetura ela é o desenho do vazio, então, há duas dimensões, que são uma forma que eu enxergo, as coisas, então, entre essa parede e a outra parede existe um espaço onde acontecem as coisas. Só que quando nós estamos projetando, temos que projetar o espaço para acontecer as coisas e projetar a parede, que ela em si é uma coisa e tem uma responsabilidade. Então, essa parede em si, ela tem uma carga social muito grande: tem a pessoa que fez, tem o material, e o arquiteto quando ele 'tá projetando, ele é responsável por muita coisa, tantos pelas coisas que poderão acontecer entre as paredes, quanto pelo peso social que estas paredes tem; então, como que é? O arquiteto, ele tem noção disso tudo ou é uma noção muito vaga ainda? Essa responsabilidade que ele tem no desenho...

**Vera:** 'Tá. Primeiro, que eu acho que o único cara que fala o arquiteto é o "Eupalinhos ou o arquiteto"<sup>31</sup>, porque é uma frase mitológica. O arquiteto é uma entidade, é como você falar o

---

<sup>30</sup> Referência a Anatole Kopp.

<sup>31</sup> Referência a Paul Valery.

homem moderno, a mulher... não existe este ser. Se foi por estatística, você vai juntar e você vai ter uma média que não quer dizer nada. É igual a você falar: no deserto tem 40º de manhã, de dia, e -40º à noite, porque não absorve energia; qual a temperatura média? 0º. Menos 20, mais 40, nossa tá gostoso, porque no final... Então o deserto ou é quentíssimo ou é gelado. A temperatura média é uma mentira. O arquiteto é uma mentira. Porque o arquiteto não existe. Existem arquitetos. Claro que você tem uma direção, na direção daquele arquiteto hipotético, que a gente 'tá vislumbrando aqui, e eu vou vislumbrar à minha maneira de vê-lo; aliás, ele é uma entidade, então a gente acredita em Deus ou não, mas é uma entidade. O arquiteto é uma entidade. Esse arquiteto, que dá para generalizar, não por média, mas por excelência; então, o arquiteto sublime é o ideal de arquiteto, a gente está indo atrás dele, né. Ele seria como? Ele vai fazer paredes, ou vai empilhar pedras, ou vai fazer bloqueios para pegar um espaço que já existe – você concorda que o espaço é um fato em si? O espaço existe. Se eu ponho duas paredes, um teto, ou seja, lá o que eu ponha, eu simplesmente defino um espaço, mas ele já estava aqui. Se eu tirar esta parede, o espaço continua; só que ele é indiferenciado. Então o nosso espaço hoje é concebido a partir de uma pré-existência. Ele já existe, só que eu estou condensando. E se eu faço ideia de que o espaço já existe, ele é um *a priori*, teoricamente ele seria para todos. Já é; a menos que comece a separar, e é onde vamos chegar. Então na hora que eu tenho um espaço contínuo, ele é para todos, porque ele é indiferente, indiferenciado. Na hora que eu ponho ele num lugar, então eu acho que a palavra espaço ela é muito abstrata, eu gosto da palavra lugar, porque se eu falo ambiente: cai no “Casa Cor” – aí que gostoso, aí vai criando uma coisa de “vamos cozinhar” no espaço *gourmet*, começa a me irritar. O ambiente, ele perdeu um pouco essa característica de... você fala ambiental, a pessoa corre; quando fala ambiente, a pessoa já começa a enfeitar com bobagem. Então a questão do ambiente, se a gente pegar no estado puro, é onde você constrói. Você não constrói no espaço. O espaço você tem. Você constrói no ambiente, que tem uma característica espacial, desenvolvimento espacial, sensação espacial de percepção; mas ele é transformado num certo ambiente, se levar isso numa categoria que preste. E o lugar, o que que é? O lugar é mais que um ambiente. O lugar é a fundação de uma coisa, que não tem lugar e passa a ter. Então eu acho que toda arquitetura, daquele arquiteto que eu queria alcançar, ela funda um lugar. Se é com parede, se é sem parede, se é com teto, como fundar um lugar? Eu posso falar “aqui embaixo da árvore é o melhor lugar do mundo”; eu posso fazer uma escola embaixo de uma árvore<sup>32</sup>, porque está me abrigo mais ou menos. Então, por que que eu preciso construir mesmo? Porque tem muita gente no planeta. Ok, a gente sabe que precisa construir. Mas, assim, a relação com o lugar, ou seja, a função social

---

<sup>32</sup> Referência a Louis Kahn.



da arquitetura, que não é nem a poética e nem a pedra, mas é o fato de ter um lugar para as pessoas conviverem... primeiro que eu acho que as pessoas estão resolvendo conviver só entre elas. Como a gente é um ser biológico, a gente já combinou na outra conversa – e o resto dos bichos, que também comem, também devolvem coisas que eles não querem, um come o outro, a gente é predador igual? A gente é predador demais, porque a gente não só come todos eles, como a gente come todo o espaço deles, fazendo estas paredes ou estes abrigos, seja lá o que for que a gente construa. Então, a gente constrói uma coisa que dura mais que a gente - estou falando da sua pergunta - depois que o desenho aconteceu, o desenho, ele é uma das poucas profissões que você pode ensaiar antes de fazer, arquitetura; então, a responsabilidade do desenho não é uma responsabilidade, ela é uma oportunidade, porque o médico vai fazer o parto, ele vai fazer o parto em si, ele treina com uma boneca, sei lá como é que ele treina, mas quando ele vai fazer o parto não tem como ensaiar no desenho o parto e depois fazer, quer dizer, você estuda, mas na hora do parto é o parto, na hora da cirurgia é a cirurgia, na hora do dentista é o dentista, na hora que o sujeito vai fazer a discussão mais abstrata, o advogado vai defender, ele está em si, não existe treino. A gente tem um treino chamado desenho. Então você pode desenhar as maiores barbaridades, você pode errar até você falar “agora eu acho que é isto que vai vir a ser”. Então, o desenho, ele além de ser uma oportunidade que pouca profissão tem, ele está carregado de muita responsabilidade, porque ele é um ensaio – talvez o ator seja o mais próximo, de algo que só vai acontecer em ato quando for construído. A gente tem um instrumento na mão maravilhoso, porque eu posso ver antes do que faço. É lindo isso! Então ele não é forminha, ele é uma ferramenta de ensaio. Na hora que eu falo: aqui vai ter uma coisa que não tinha no espaço, uma parede, um teto ou qualquer coisa que vai existir como ser, concreto, material, para que espaço, que é ambiente, que é lugar, se dê, eu divido o espaço que era contínuo; talvez essa seja a origem da disparidade, porque ao mesmo tempo em que eu concentro para que lá seja um lugar muito especial, que não é ao lado, pode até imantar, mas chega uma hora que não é mais – aqui é o lugar, aqui não é, aqui é meu, aqui é seu; então, ao mesmo tempo que faço uma concentração pra significar aquele lugar, isso é maravilhoso, eu aparto você de mim, porque a hora que eu ponho uma parede, você está de um lado, eventualmente, e eu estou do outro. Então, no fundo, no fundo, a parede nasce como algo, a parede ou qualquer entidade arquitetônica, ela nasce como algo que vai abrigar, acolher, unir grupos, praças, ágoras, mas ela também é um instrumento de separação. Se eu uno a isso a noção de propriedade, acabou. Temos o instrumento perfeito, eu vou apartar tudo, eu vou por aqui eu vou por lá. Então eu acho que o problema não é o desenho, o problema é que o desenho, ou ele é errado - então o espaço é ruim, ou não sei o quê, mas no sentido da arquitetura, em sentido puro, ou ele não está bem concebido como constructo para aquele lugar, aquele espaço, mas isso

a gente resolve na técnica interna; o problema é quando ele está inserido num outro sistema que não tem nada a ver com arquitetura, que tem a ver com a noção de propriedade. Vai ser difícil abolir, o Marx tentou e inclusive teorizou. Mas a noção de propriedade é que faz com que a arquitetura passe a ser qualquer problema que você achar, porque se é meu e não é teu, eu posso fazer isso num lote, não precisa ser nenhum pedacinho de parede. Se eu fizer um risco no chão e falar: essa parcela da terra é minha. O que você vai fazer depois? Já acabou. Não é vossa, eu estou me separando de você. Eu posso falar de intimidade; eu preciso ficar num lugar com uma certa intimidade para determinadas circunstâncias, até biológicas: fazer xixi, cocô, ter uma relação afetiva, então eu posso querer, em alguma cultura, isso é muito importante – os índios não estão nem aí, eles fazem numa oca coletiva, inclusive tem relação sexual, afetiva e ok. Mas, na nossa cultura ocidental, tem a noção de intimidade, que é um valor, mas noção de intimidade está associada a noção de pertencer. A noção de pertencer, posse e propriedade, elas são categorias que não tem nada a ver com arquitetura em si, interna, mas a arquitetura está completamente impregnada disso. Então, todo o resto decorre não da parede, porque a parede separa, porque se a parede fosse num mundo que não tem propriedade, que também é uma coisa eventualmente inalcançável, eu ponho isso aqui porque eventualmente para lá ‘tá falando outra coisa e eu não quero atrapalhar, e assim vamos, né. Aí entraria na arquitetura. Mas na atenção com o cliente, com “*nâ nâ nâ*”, com a função, com o serviço, é que existe parcelamento do mundo... – a gente resolveu que os homens vão tomar conta de tudo, não lembro nem que tem passarinho, cachorro sim porque é bichinho *pet*. Então a nossa noção de arquitetura é para abrigar a gente. Ué, e os outros bichos? Ficam na selva? Que selva? Sobrou selva? Não, *estamos* arrebetando com a selva. Mas quando a gente fez um grande apartado onde a cidade é só gente e o ambiente selvagem é só bicho – só que se a gente não faz isso, aí faz um zoológico, fica bem legal - eu não suporto. Então o que que acontece, se gente tivesse um espaço urbano, que tivesse ambiente e, desde o século XVIII já ‘tão tentando, porque já viram que ia ser uma porquice, não sei o que lá... Mas, é uma mediação, porque os outros seres vivos não têm lugar, a gente é uma praga do caramba, biologicamente falando. E, se além de tudo, entre nós, esse pedaço é meu, não é seu, a gente separa ele de todos os outros seres biológicos, separa entre si. Como? Juntando pedras para nós: isso aqui é tudo meu, tudo meu, tudo meu... e aí transforma em dinheiro, que é uma coisa abstrata, fica uma perfeição. Olha que perfeição. Dinheiro não é nada, é um pedaço de papel, igual a esse (pega papel sulfite na mesa), se eu falar que isso aqui vale não sei quantas toneladas de ouro – que também não é nada, é um monte de pedra - a gente inventa estas categorias que são externas à arquitetura. Então, a arquitetura está a serviço de quem? A serviço dum ideal, de fazer esses espaços maravilhosos, estes lugares, e a serviço de um sistema, que nós também inventamos ao mesmo tempo. Então, a gente ‘tá

sempre na resistência – o arquiteto, esse aí, se ele é o que eu estou pensando, ele está na resistência. Então ele tem uma certa solidão, porque o mundo está construindo de uma maneira diferente. Então é bem esquisito.

**Daniel:** Vera, outro assunto da arquitetura, que é uma coisa muito delicada e é muito discutida hoje em pesquisa, então tem uma grande linha de pensamento, que se discute a *gentrificação* que acontece após você implantar um projeto em uma periferia. Se colocar um projeto em um território socialmente delicado, ele pressupõe um certo cuidado e, às vezes, esse fenômeno da *gentrificação* ele é visto de uma forma muito unilateral. Vamos abrir este assunto. Uma destas ideias é a questão da especulação imobiliária, e quando acontece nas camadas da alta sociedade, então o rico ganhar dinheiro com a terra é normal, agora, se porventura você pega um bairro menos favorecido e a Prefeitura vai lá e implanta um posto de saúde, automaticamente o entorno daquele posto de saúde começa a valer mais e o indivíduo que mora do lado do posto da saúde, que ele foi presenteado, teve a sorte de a casa dele que valia 50 mil e passou a valer 70 mil, tem casas que até dobram o valor do imóvel. Às vezes ele, por tomar a decisão de vender aquele lugar e comprar em um local mais distante, porque para ele “morar no quinto dos infernos”, morar longe e comprar um carro ou então poder abrir um negócio próprio é, às vezes, este direito de especulação do pobre ele é negligenciado. Muitas vezes não é perguntado para o cidadão se ele quer ficar ali ou se ele quer especular. Visto que muitas das abordagens desta questão da valorização elas só são vistas da forma “como é ruim”, então, o projeto expulsa, existe até uma linha de pensamento que é melhor não projetar na vida porque você vai expulsar ou então outro assunto, que é um pouco delicado é: os projetos hoje, principalmente os Projetos urbanos públicos, eles são caminhos para corrupção, então os grandes Projetos se abrem-se grandes licitações, e grandes licitações elas são caminhos pra fraude, então, existe uma linha de pensamento que acredita que é melhor não se fazer Projetos do que se fazer Projeto e o Projeto causar um mal estar ou então provocar uma situação complicada. Então, isso talvez revela que o problema não é no Projeto, então como que nós podemos enxergar este assunto?

**Vera:** Enxergar este assunto, nós estamos enxergando. Agora a gente tem que se posicionar. O problema não é se enxergar, é se posicionar. Então, vamos lá, voltando um pouquinho para trás, no que a gente já conversou e continuando nesta história. Nós temos uma coisa engraçada na arquitetura, se falar do desenho para o “treco”, pra obra, a obra, ela é muito perene – uma arquitetura dura mais do que o seu autor, por definição. A não ser que seja uma coisa muito volátil. Então, a arquitetura dura mais. Então, a maior parte das arquiteturas, elas são perenes. Se você pegar um arco de história imenso, não é perene: o Egito já acabou, o primeiro Egito, a Grécia também já desmontou, a Grécia antiga; então, a gente tem

civilizações que se sucedem e acabam, os monumentos acabam, as casas acabam, ficam restos. Então, a civilização não é uma coisa que tem uma linha cronológica, um *telos*, uma finalidade, é uma coisa mais complicada, então tem ascensão e queda de civilizações. Portanto, não é tão perene assim, mas no nosso curso de vida a gente vê como uma perenidade, porque você vai em uma catedral de 1100 e não sei o quê, para nós é bastante tempo, mas só que não, porque se você pegar em 7 séculos, é diferente. Então vamos imaginar que a arquitetura é perene, no nosso ponto de vista, então, se você faz alguma coisa, você faz uma coisa mesmo – você faz uma UBSzinha, é durável, então é um impacto. Soma-se a isso as milhões de pedras que a gente junta, o impacto material e o impacto do lugar fundante. O que acontece nisso, a origem está na arquitetura? Não está na arquitetura. A origem ‘tá fora dela. Por quê? Porque eu acho que tem a seguinte tensão: primeiro, nós somos seres, voltando, somos seres que sabemos que vamos morrer. Um dos instrumentos para a gente apaziguar esta angústia, que é bem vulgar, é a acumulação. Então você pega, por exemplo, vou pegar a UBS do coitadinho lá, que não tem nem como escovar os dentes, aí faz a UBS e ele tem que vender a casa, porque ele ganha uma graninha e vai morar nos quintos dos infernos, mas pelo menos ele paga a comida – é terrível, isso é fim dos tempos, né. Então, não é que ele tem poder de escolha, ele não tem escolha. É sobrevivência no sentido pesado. Então, a hora que você faz... vamos pegar encomenda, a serviço de quem, você pega um cliente de classe média alta para fazer casinha de sítio, a segunda dele, ou a terceira na praia, é recorrente o sujeito falar o seguinte: mas quando eu quiser vender isso terá valor? Então, às vezes você não reforma o bendito apartamento do colega, porque se você falar: ah, eu adoraria ficar neste espaço, tem lá um quarto e isso aqui é uma sala, depois a hora que ele for vender..., então, inerente ao seu uso, prosaico, cotidiano, tem valor de troca. Na origem. Não é porque o cara não tem grana. Quando o cara tem muita grana, às vezes é pior, porque ele não consegue fazer um lugar onde ele vai usufruir da maneira que ele gostaria, porque aquilo tem que virar dinheiro no bolso, em potência. Então, os objetos arquitetônicos, eles, desde a origem eles são confundidos com uma coisa que não é ele, ele não é uso, ele é a troca. Tudo pode ser levado a isso, o pedaço de terra, que a gente falou agora a pouco, um pedaço de terra, que é geológico, vira um valor de troca. Então a gente ‘tá sempre querendo ‘tá acumulando mais, para não ter problema de sobrevivência, só que já passou do limite faz tempo. Então, a acumulação ela é quase que uma inércia. Você tem dinheiro para 7 gerações, mas você acumula mais, acumula mais, acumula mais... por que será? Acho que é a angústia de morte. Assim, pega lá no fundo do poço. E essa angústia de morte transforma a nossa vida num inferno, então a nossa vida ela fica levada pela nossa morte. Então, na hora que você tem uma acumulação tal, que tanto a pessoa milionária, não consegue fazer uma coisa porque ela precisa do valor de troca na hora, e não vai vender; o coitadinho do UBS também tem o

lugar que ele vive, que é o que ele conseguiu conquistar na vida, que é uma casinha, é um valor de troca - então ele fala: moço eu vou passar nos cobres esta casa, então eu não faço história, eu não faço significado, porque ele é um dinheiro, então tem uma coisa chamada capital. O capital é o quê? É uma entidade que nós inventamos que pode ser o intercâmbio entre qualquer troca. Então esse *mouse* eu trocava por uma caneta lá no mercado pré-medieval, aí agora eu troco por um treco, que se chama dinheiro, que eu posso comprar depois, porque nós inventamos que o capital, que é uma abstração, pode estar concretizado num pedaço de papel ou numas ações, que nem papel precisa, é uma senha, um cartão, essa nuvem de acumulação ela é o grande valor, porque ela troca tudo por tudo. Olha que maravilha. Que entidade fantástica. Então na hora que a gente vai ver *gentrificação*, que é bem objetiva, tudo é capital. Então se eu faço lá o HighLine, já virou uma espécie de evento, tem fila para entrar. Ninguém mais usa o HighLine. Tem 7 mil prédios lá da Zaha Hadid, de sei lá quem que fez, que aquilo vale muito, aí agrega-se uma arquitetura que é celebração e agrega-se um uso fantástico, porque turistas ficam tirando *selfies*, mas ninguém consegue mais andar no HighLine. Porque tem o Louvre, que é um museu, o Louvre é um museu imperial, burguês, passou do império para a burguesia, é um museu, acumulou coisa de tudo quanto é lugar, tem lá o treco tirado do Egito, colocaram lá o menir do Egito, tá na porta do Louvre, o que dizer isso? Arrancaram do Egito. A cultura egípcia, que era uma pedra, foram lá e entucharam na frente do Louvre, ai que coisa. Tem lá: tem múmia, tem o que você quiser; então a grande acumulação intelectual artística 'tá dentro de um museu deste tamanho. Vaticano, Louvre, estes museus de Império. Ninguém mais vai ao museu para usufruir arte, vai para tirar *selfie* do lado na nega lá, da Monalisa. Porque é uma coisa tão louca, que passa a ser um valor que fica só no simbólico, não é de verdade. Então, a *gentrificação* ela soma estas duas coisas, a questão simbólica: ai que bacana que eu moro do lado do HighLine, sei lá que bobagem, e a questão do valor disso não acabar virando valor de uso, é uma tragédia, porque a gente não consegue projetar, resolvendo isso, e não resolveremos, e a gente não consegue viver, como usuário, porque eu estou sempre na iminência de vender o que eu tenho, porque eu quero transformar em capital, que é uma coisa tão absoluta, tão universal, que com isso eu posso tudo. Se eu acumular um monte de grana, eu posso tudo. Tudo o que, mesmo? E se eu não tiver mais nenhum uso e só tiver grana, é o ideal, levando ao paroxismo isso, eu vou ser um ser que não tem nada, mas tem muito dinheiro. Ou seja, eu não tenho nada. Eu não troco nada para ter uso. Então o valor de troca ele está sempre comprimindo esses direitos que são de vida, viver a cidade, viver o lugar, ir na UBS, não ficar doente, passear no parquinho; o ponto de ônibus na casa do cidadão *gentrificou*. Tem o cara que não quer porque vai 'tá cheio de gente na casa dele, ai que saco na minha porta – quero o ponto de ônibus perto, mas não na minha porta – que é o outro avesso; o outro que tem o ponto de

ônibus e vai passar nos cobres aquela casa porque valorizou. É um ponto de ônibus. Não precisa ser nenhum objeto. É marcar, o ônibus parou lá... como a gente não tem transporte para todos, qualquer bem que é disputado passa a *gentrificar*. Agora vamos imaginar numa cidade ideal, que tem tudo para todos, tem esgoto para todo mundo, tem museu para todo mundo, tem parque para todo mundo, tem saúde para todo mundo; se a gente tivesse construído esta cidade, que nós contamos que íamos, como arquitetos, a gente conta como urbanista, aqui nesta escola a gente conta, lá na profissão a gente conta, como vereador a gente conta, com o Plano Diretor a gente conta que a cidade vai ser para todos. É o começo da Constituição. Em qualquer Plano Diretor está escrito isso: é para todos, mas não é. Por que não é? Por causa do capital e não por causa do desenho. Não é que desenhou mal. Não há como desenhar, por causa da pressão de transformar tudo em valor. Aí você tem o quê, um investimento, um investidor imobiliário e a especulação, que é um grau mais alto. Então, se eu posso transformar tudo em dinheiro, eu vou transformar a terra em dinheiro, eu vou investir no território urbano, que ele é um valor de troca – nós inventamos antes do investidor que era um valor de troca, o valor da terra, então desculpa, tem algum palhaço que tá a fim de investir, porque ele quer acumular. Então, é um círculo de que não se tem como escapar. Como lidar? A gente vai continuar projetando. Não vai? Como lidar? Com a resistência. Então, você está estudando o Itaquerão. Vamos usar seu elemento, precisamente. É um *baíta* de um equipamento. Talvez seja o maior equipamento imaginável fora os outros estádios, eventualmente o Jockey, que já está num outro momento da vida, vai. O Itaquerão é uma bomba atômica que caiu no lugar, que é o fim do fim, Itaquera, até chegar o Metrô lá foi um parto. Já expulsou um monte de gente com o Metrô. Agora botou o Itaquerão, como é que vai rolar? Tem a questão da identidade, como fã do Itaquerão, então vou ficar aqui porque eu amo que ele esteja aqui comigo, ele está me valorizando, simbolicamente; tem o vou passar nos cobres a minha casa, porque agora eu vou morar mais longe ainda, e tem a noção de monumento, que é *punk*, porque o ponto de ônibus não é monumento, mas o Itaquerão é, e é um monumento popular. Quanta gente cabe naquele treco? Então, o Itaquerão tem a noção de monumento por escala e por fluxo. Mas não é por tempo, porque ele *inaugurou* como monumento. O Parthenon é um monumento porque passou o tempo – ele já era um monumento na origem, mas ele virou um “monumentão”... como as pirâmides. Então, o tempo faz o monumento, ou a escala, ou a identidade; então eu me identifico, todo mundo se identifica com o Itaquerão – monumento; é grande – monumento; passou um tempão e ‘tá ali – monumento. O Itaquerão, ele concentra dois trechos, a escala e a identidade. Então é uma tensão entre: como fã, de morar perto do Itaquerão, ai que porre tem 200 pessoas passando pela minha casa, sei lá eu como que resolve isso, mas a questão dele em si, sem ser fluxo, então é uma tensão, porque ao mesmo tempo ele valoriza por tabela um especulador que eu

abomino, mas que é quem vai comprar a minha casa. Você não vai vender para o vizinho que 'tá a fim de morar, você vai vender para alguém que considera aquilo grana, então você entra no jogo simples, que é a tensão entre valor de troca e valor de uso... eu não sei se tem saída para o arquiteto, para o morador, para quem faz o Itaquerão, para quem usa o Itaquerão, para quem tá do lado do Itaquerão; não tem, porque na verdade isso é anterior à cultura, o fato é que a gente transforma tudo em valor de troca. Tem gente que faz com o [próprio] ser valor de troca, então, às vezes, tem gente que vende o corpo. Então eu valho, então chega ao nível corpóreo, então o valor de troca é uma aflição terrível, porque ele vai além da sobrevivência; porque você tem valor de troca porque você não pode comer é uma coisa, você tem valor de troca porque quer acumular, é outra. Isso não tem limite. Não tem limite nem para a acumulação e nem para a miséria. Com toda a tecnologia que a gente tem, nós estamos numa fase que se você faz conta, o mundo nunca foi tão desigual. Isso é anterior à arquitetura. Nós estamos numa resistência muito louca, porque o mundo inteiro pensa... hoje não tem nem a tensão socialismo x capitalismo, capitalismo neste momento histórico, é um pontinho no tempo, ele é o *soberaninho*, mas o fato é que enquanto a gente tiver uma coisa chamada valor de troca e que a acumulação ela é sem limite, é um convite à loucura. Então é uma questão de sistema político econômico, na minha modesta opinião. Como lidar? Eu não tenho a resposta para isso, eu sei que estou imersa nisso, e eu tento, no caso, estudar a maneira, por exemplo, eu vou fazer um edifício CEU [Centro de Educação Unificado], Mirtes e eu fizemos um CEU, em vez de cercar o CEU, a gente confundiu dentro do possível o CEU com a cidade, claro que tem lá a segurança não sei o que lá, mas a gente tentou mostrar que aquele é um equipamento da cidade, então é permeável, tem um monte de instrumentos da arquitetura que você não blinda, mas é ainda uma resistência, você não instala um novo sistema de convivência ao limite, prescindindo deste outro sistema que está por sobre, então, por exemplo, o Instituto Moreira Salles, que acabou de inaugurar, que é um banco, no fundo, no fundo, é um mecenas, que é um banco, que é um acumulador, que tem dinheiro suficiente para acumular e ainda fazer, porque é um mecenas, o bem cultural. Juntou lá tudo quanto é fotografia, um museu magnífico de fotografia, imagens de todo mundo, e construiu um edifício magnífico em termos de técnica. É quase assim virtuoso. O térreo dele é permeável. Você entra. Ele não é pago. Então existe uma coisa engraçada né, que é uma contradição, um banco faz uma coisa tão gentil, e tão urbana. Mas são instrumentos que estão dentro do universo do espaço da construção, ele não vai resolver um problema da tensão dos valores de troca, é impossível resolver se ausentando da... a gente está neste sistema, nós inventamos isto, nós inventamos que tudo que tem uso pode ter troca. Como resolver isso? Vamos resolver isso primeiro, porque senão a arquitetura não vai conseguir ser plena, mas ela vai entrar na resistência, que é o que a gente está tentando fazer, modestamente. Aí a

gente tem monte de instrumentos, né. A gente tem algumas coisas que a gente pode decidir, mas a gente não decide a alteração deste mundo, porque este mundo é um pacto, nós pactuamos coletivamente isso. Então nós estamos imersos nesta tensão. É tenso.

**Daniel:** Bom, além de arquiteta, você tem uma das profissões mais belas, que além de dar forma, você forma, e hoje a PUCC, por exemplo, tem em média 750 alunos e formam-se, sei lá, 200 alunos por ano. Então, 'tá se formando muito pensador de cidades e estão sendo arquitetos para este mundo, que como a gente já conversou, já 'tá formado né, já tem uma forma, já tem uma regra, e tem uma poesia que eu escrevi há um tempo atrás – que eu escrevo poesia, que fala sobre a dança, né, que nós chegamos neste mundo e neste mundo já tinha uma dança chamada valsa e, às vezes, nós não sabemos dançar e somos obrigados a fazer parte desta valsa. Então, tem alguma receita, tem algum caminho? Não tem. Mas qual que é o primeiro cuidado que a gente deve ter para exercer a profissão de arquiteto? Saindo neste mundo que já está pronto.

**Vera:** O mundo não 'tá pronto. Eu acho que o mundo não 'tá pronto. O mundo tem uma forma. Tudo que tem forma pode mudar a forma, na história, no tempo. Então, a forma que nós vemos o mundo hoje parece perene, porque a gente vive 100 anos, no máximo 110, mas a forma do mundo é muito muito... se a gente pegar o mundo medieval, é outro mundo, tinha suserano e servo, a gente pertencia, a pessoa valia tanto quanto um cachorro ou um pedaço de terra; se você pegar depois da Revolução Francesa é outro mundo, a República é uma coisa recentíssima – a República foi fundada em 1789, a República é muito nova em termos históricos, é uma grande revolução, a francesa. A própria tecnologia - pensando nos nossos meios -, industrial é muito recente, em termos civilizatórios. Então, o mundo não tem uma forma do ponto de vista da história, das civilizações, o mundo tem uma forma do ponto de vista do presente. O presente você vai dançando, e eu acho que aí você pode ter uma beleza, que é que você não cai no nada, você cai numa estrutura – essa estrutura tem coisas perversas? Tem. Por que será? Porque o homem tem coisas perversas internas, o homem é um ser – eu falei para você – o homem é um predador? Se ele for um predador, ele é o maior predador que o planeta já teve, entre nós, um pega o outro; e entre nós e o meio. A gente talvez seja o maior predador que tem. Então você caiu nesta dança. Não é nem “ah é o capital”. O capital é uma decorrência de uma certa natureza humana. Então a natureza humana eu acho que é o que está em xeque agora. Se eu pudesse ser *sincera* com meus alunos, e a gente de certa maneira expressa isso, não assim, porque eu não estou em uma ciência de antropologia, nem de psicologia, nem de nada disso, nem de sociologia... mas a natureza humana está em xeque não por mim, a natureza está em xeque como civilização planetária, porque nós estamos acabando com a gente e acabando com o planeta, isso é um

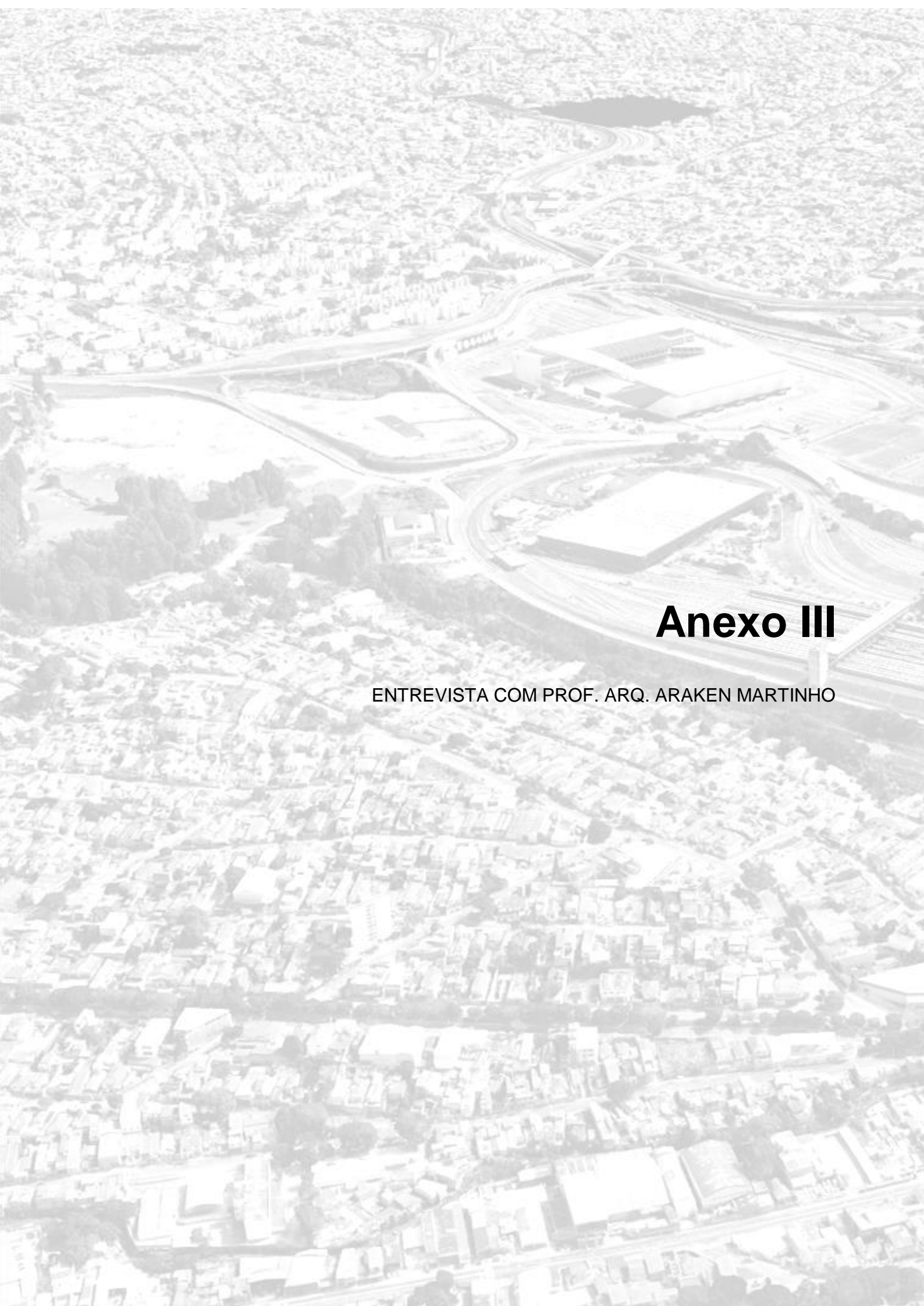


fato. Então, se a natureza humana é esta... o Freud tem um texto lindo que é o “Mal-estar na Civilização”, ele fala exatamente disso, ele estava em plena guerra mundial e ele fala: o homem tem tanto *eros* – *eros* é essa coisa de ficar fazendo poesia, de eu falar que poesia se faz com pedras e todos os homens tem esse *eros*, que seria uma energia vital pra gente se reproduzir biologicamente, que transcendeu a uma coisa até de construção geral, poesia, o bem, o que você quiser; então esse *eros*, esse impulso de vida na gente é intrínseco à natureza humana e tem outro chamado *tânatos*, que é o impulso de morte. Este texto do Freud, ele é assim quase que... ele é definidor. Só que agora a gente ‘tá ainda mais firme, porque antes a gente ia só acabar com o mundo inteiro com a bomba atômica, que nem aconteceu, agora a gente vai acabar com o mundo não só com uma bomba, vamos acabar, podemos, né? Acabar com o mundo além de uma bomba atômica, acabar com o mundo devagarzinho... vai inventando, vai inventando... então, a natureza humana, se ela é tão predadora, para a arquitetura, num limite vai acabar, não só a arquitetura como o ser humano e vai ter outro bicho, como os dinossauros, porque não vai dar para aguentar. Então a natureza ela tem existência. Se a gente acabar com tudo, inclusive com a gente, como nós temos oxigênio, a atmosfera, nós temos condições de umidade, temperatura e pressão e temos gases que seguram a atmosfera aqui, pode ter vida de novo. Então o pior que a gente pode fazer é voltar ao nosso começo, a ter umas baratas, sei lá o que... vai começar. Então, isso é o pior. Falando de arquiteto para... se eu fosse uma mal-amada não começaria falando isso... a natureza humana. Se a gente é cada um e a natureza humana é um todo, a gente está intrinsecamente num impasse de vida e morte, como ação. Segundo, o que a Mirtes falou: a serviço de quem está seu desenho? Mas é uma pergunta aberta, porque pode “estar a serviço da especulação”. Ok. O que eu vou fazer? Então, essa resposta ela vai chegar num universo que não é prático, nem da dança que se está dançando, é ético. E eu acho que a questão ética e a questão existencial elas se fundem; a minha existência no mundo é uma existência ética. Para o bem e para o mal. Então a gente também inventou uma coisa chamada ética nos nossos..., nas nossas construções abstratas, inventamos o dinheiro, inventamos não sei o quê, inventamos poesia – ai que lindo -, eu acho tão bacana quando é bonitinho, mas inventamos uma coisa chamada ética, que é o jeito de um outro pacto da gente dar um jeito neste negócio, na nossas pulsões. Então a ética, para mim, ela é a direção que tem que governar, então a arquitetura tem que ter uma ética, e ela tem que ser consciente. Então, se você for um grande malfeitor você tem que ter consciência que você é um predador, que você quer e vai assumir o ônus e o bônus disso – vai encher os bolsos de grana, eventualmente, se der muito certo, mas você tem um... você tem no lugar. Então, a questão ética, para mim ela tem que ser consciente. Então: uma das funções do professor na arquitetura, eu acho que é embeber de ética o projeto. Paralelamente, isso é uma coisa que

a Anne Marie Summer fala, eu estou usando palavras dela, mas é uma coisa universal, quer dizer, a arquitetura lida com técnica, ética e estética. Tudo rimadinho. Se eu tenho técnica, eu tenho um preceito. Faço a parede. Se eu tenho estética, eu faço belamente a parede. Mas eu só faço arquitetura se eu tiver a tríade, porque se não tiver ética é um desastre, porque aí vai chegar no mundo das baratas. Porque os homens vão se acabar e vão acabar com os prédios em volta. Então eu acho que a grande função, a grande, porque estética é obrigação, técnica é obrigação – a grande função do professor é estabelecer a consciência dos princípios éticos. Não é que você vai passar a *sua* ética, a ética é questão que o aluno tem que resolver, em que ética é que você está se inserindo. Tem sete mil termos éticos. É o que o Nabil falou estes dias, quando lançou o Plano Diretor<sup>33</sup>, ele veio dar uma palestra aqui: “Existem diferentes definições de desenvolvimento.” Desenvolver é cada vez... eu acho que não sou nem desenvolvimentista, eu cheguei num ponto que eu não sei nem se eu acredito em desenvolvimento. Eu não sei nem se eu acredito em desenvolvimento sustentável. Eu acho que não, eu acho que o desenvolvimento, do jeito que é colocado, econômico, e a sustentabilidade, são dicotômicos, eu não acredito, assim do fundo do coração, em desenvolvimento..., eu acho que esse pacto não acontece, eu acho que tem que ser não desenvolvimentista... eu posso chamar de outra palavra; se eu falar desenvolvimento ele já vem carregado de... mas eu posso chamar de desenvolvimento sustentável, mas sustentável não é a economia crescer, isso eu não consigo acreditar mais. Então, a questão ética é a nossa chave possível de um pacto de uma certa fraternidade, uma certa solidariedade, porque senão não adianta, você pode fazer a arquitetura mais linda, inebriante, mais bem construída, inebriante, no espaço mais perfeito para uso, mas se não tiver ética, não me interessa. Não sei se isso está numa direção.

---

<sup>33</sup> Referência à palestra do arq. Nabil Bonduki na PUCS sobre o Plano Diretor de São Paulo, aprovado em 2014.



# Anexo III

ENTREVISTA COM PROF. ARQ. ARAKEN MARTINHO

## **Entrevista com Prof. Arq. Araken Martinho realizada em 4 de outubro de 2017.**

**Daniel:** Bom, Araken, primeiramente é um prazer estar aqui em seu escritório conhecendo o lugar onde é pensado a arquitetura. Para começar nossa conversa, acho que seria bacana o senhor apresentar um pouco de sua formação, desde sua origem, onde o senhor se formou...

**Araken:** Eu fui uma das primeiras turmas da FAU USP, já na Rua Maranhão, quando mudou da Politécnica para a Rua Maranhão. Então foi uma coisa excepcionalmente favorecido pelo tempo. Eu tive os melhores professores que São Paulo tinha na época enquanto arquitetos, quer dizer, eu fui aluno de Zenon Lotufo, de Icaro de Castro Melo, de Vilanova Artigas, de Abelardo de Souza, Rino Levi, de gente que hoje é livro à vontade e que foram meus professores, Flavio Mota, quer dizer, gente excepcional em todas as áreas, inclusive nas áreas de cultura específica, foi muito importante. Tivemos muitas chances porque foi período, veja, eu vou entrar na faculdade em 1952, então eu pego o quarto centenário de São Paulo, de 54, no meio da faculdade, e um período onde São Paulo se enriqueceu culturalmente enormemente, né. É preciso não esquecer que foi criado a bienal neste período, é preciso não esquecer que pela primeira vez a Guernica de Picasso veio inteira para a Bienal, imagina o mundo inteiro lutando para ter e nós conseguimos essas coisas todas. Então o período da escola foi um período muito fértil. A condição da escola era excepcional, porque nós morávamos, nós vivíamos num palacete na Rua Maranhão e tínhamos professores de primeiro nível e turma de alunos de 30 alunos, né. Quer dizer, era um negócio excepcional. Praticamente você tem um professor particular. Ter Rino Levi como professor particular é brincadeira, né? A minha amizade com os professores, por exemplo, eu trabalhei com Jacob Russel, eu trabalhei com o Artigas. Eu trabalhei com a maior parte dos professores, com gente de primeiro mundo, por causa de ser pouca gente, né. Eles podiam se dedicar um pouco mais a gente, e a gente podia aproveitar um pouco mais do conhecimento deles. Então foi um período excepcional. Eu também, pela própria questão social minha, quer dizer, eu precisava trabalhar, então só que o curso era o dia inteiro: começava às 8h e terminava às seis. E eu consegui com os professores ir desenhar para eles no meio da noite. Então eu trabalhei muito com vários deles, com Jacob Russel, principalmente, mais tempo, até todas as noites fazendo projetos de qualidade, porque eles tinham clientes de qualidade naquele período de expansão de São Paulo. Então eu tenho que agradecer demais o curso que tive e os professores que tive ao meu lado.

**Daniel:** Bom, o senhor também teve um grande envolvimento com a educação da arquitetura. Poderia comentar um pouco.

**Araken:** A questão da educação sempre foi alguma coisa ligada ao meu estar no mundo, né. Eu, assim que entrei na faculdade de arquitetura, eu já fui chamado. Eu fiz uma coisa que não era muito comum na época, né, eu fiz o curso científico me preparando para fazer a faculdade, mas, como meu curso científico era à noite, então eu resolvi fazer o curso normal no período da manhã, né. Era muito compreensível isso com aquela idade porque, com adolescência, saindo da adolescência e entrando na maturidade eu estava num curso onde a maioria eram mulheres, e mulheres de 16, 17, 18 anos de idade. Então, é uma delícia você viver no meio das moças, né. Mas esse curso foi fundamental, porque ele acabou me levando para uma série de discussão de disciplinas de ordem humanística, por exemplo, sociologia, eu nunca iria ter no curso colegial – era um curso muito mais ligado à matemática, à física e química. História da educação, eu não teria. Práticas de educação, eu não teria. Então eu comecei a ser aluno de educação. Esse aluno de educação, apesar de ser alguma coisa que era muito mais o estado adolescente em que eu estava e vontade de viver entre as meninas. No entanto, eu fui flagrado por professores que disseram: não, você não veio aqui para brincar! E me colocavam, por exemplo, uma das professoras a quem eu devo minha carreira de professor me pegou com 17 anos de idade e me pôs em uma sala de primeiro grau para ensinar alfabetização. Então, imagine só você ensinar o pessoal a ler, coisa que eu nunca imaginava, eu estava no científico para fazer faculdade, né. E isso tudo me levou a sentir o prazer da questão do ensino. E ela, quando eu terminei – essa professora foi amiga minha até morrer né – quando eu terminei a aula, ela, para mim praticamente, ela me chamou de lado e falou: você nunca vai deixar de ser professor. E eu nunca deixei de ser professor, porque depois que eu saí da escola, assim que voltei para trabalhar na arquitetura, eu recebi a proposta de ensinar no colégio daqui de Jundiaí, no Instituto de Educação, e passei pelo menos 4 anos no Instituto de Educação e, em seguida, se montou o Colégio Técnico de Jundiaí. Eu fui chamado lecionar no Colégio Técnico e quando eu estava no Colégio Técnico eu recebi a proposta da PUC Campinas para ir montar o curso de arquitetura junto com amigos lá. Então, você veja que a gente faz, mas o vento leva a gente para outro lugar que não é muito, às vezes, a estrada que a gente escolheu. Acabei virando professor por essas questões, por conviver com o ambiente. Na PUC, o prazer foi encontrar com velhos amigos que tinham se formado e com velhos professores que também participaram muito, né – Chico de Oliveira foi um deles, que eu já conhecia bastante; Paulo Mendes da Rocha foi um deles – tem muita gente. Então, assim nós começamos. Começamos, acho que o importante

da PUC Campinas, como foi o primeiro curso do interior, a gente realmente não sabia o que fazer né; nós tínhamos experiência, os professores que estavam lá, saímos do Mackenzie e da FAU USP, e sabiam que não era aquele curso, era outro curso, mas que curso que seria, quer dizer - quais seriam as disciplinas que fundamentariam o curso. A gente aprendeu nesses fórum, né, quando esse pessoal de São Paulo, principalmente o Paulo Mendes da Rocha, nos convenceu de que nós devíamos fazer uma faculdade discutindo Campinas - se vocês estão numa cidade, é preciso compreender essa cidade, é preciso compreender que arquitetura sozinha não existe. A gente está acostumada a pegar a arquitetura baseada em livros e pegar alguma coisa que foi feita em Estrasburgo ou que foi feito em Lisboa e tentar dizer que aquilo é arquitetura e que vai ser aqui - não vai ser, vai ser outra coisa e vocês vão ter que aprender que outra coisa é essa aí. A escola começou, principalmente, acho que bem neste sentido. Primeiro procurando saber qual seria a raiz mestra do curso e, segundo, porque ela percebeu que tinha que fazer as avaliações permanentes para saber como é que o curso ia indo. E a gente montou o sistema de fórum que funcionou durante os primeiros 10 anos da escola muito bem e acabou dando uma espécie de coluna vertebral para o curso naquele período.

**Daniel:** Foram quantos anos ao todo na PUC Campinas?

**Araken:** Foram trinta e poucos anos. Eu fui para lá em 1975, era começo do começo mesmo, estava no seminário ainda. Depois é que fomos pro Campus I, primeiro para um lugar e depois para o prédio atual, e eu fiquei até o começo deste século aqui. Então, na realidade foi um bom tempo. Foi mais de 30 anos, quase 40 anos, lecionando arquitetura. Grandes amigos, muitos alunos, o prazer de ver alunos progredir é um negócio fundamental. Um dos maiores prazeres, por exemplo, foi quando eu fui pro TGI<sup>34</sup>, né, que eu nunca tinha experimentado o TGI. Eu dava aula no segundo ano, porque eu achava um ponto fundamental da mudança da cabeça né - alguém que entrou no vestibular, fez o primeiro ano, começou a ver as primeiras coisas e agora entrou, então como é que vai fazer. E quando eu fui para o TGI, sem parar de lecionar, fui pro terceiro ano, sem parar de lecionar no meio do curso. Eu peguei de cara alunos que tinham feito a primeira parte do TGI e que não tinham ido bem, que não atingiram a nota mínima com algumas críticas e estes alunos estavam fazendo um trabalho em São Paulo. Escolheram o Brás como área e aí eu tomei esse pessoal, e a gente fez uma análise do Brás com respeito ao passado que o Brás teve, passado até, por exemplo,

---

<sup>34</sup> Atual disciplina de Trabalho Final de Graduação (TFG).

cinema começou no Brás - começou uma tentativa de cinema lá no século passado no Brás. E a gente então começou a montar esse processo. Esse processo fez com que eles ingressassem no concurso e primeiro fossem aceitos no concurso, eles que não tinham sido aceitos na disciplina. Depois de aceitos no concurso, nós tivemos um tempo para desenvolver o projeto. Desenvolvemos o projeto, aí entramos na Bienal e de repente na Bienal nós pegamos o primeiro lugar. Então foi uma festa enorme, você pegar alunos que estavam quase para serem reprovados e que, no fim, ganharam um prêmio do Estado naquele ano. Isso foi muito bom. Fez muito bem para eles. Gente de primeira linha, gente... são arquitetos realmente bons hoje. Então a PUC me deu algumas satisfações muito grandes aí...

**Daniel:** Na vida profissional o senhor projetou muitos edifícios. Tem muitos projetos na carreira...

**Araken:** Mas muita coisa. É mais do que devia. Para você ter uma ideia, eu fiz mais de 500 casas. Porque eu comecei a trabalhar logo no primeiro ano e eu trabalhei, praticamente, no Estado inteiro. Trabalhei em várias cidades. Mas eu peguei também um período, isso não quer dizer talento meu não, sabe, eu peguei um período em que Jundiá estava mudando – Jundiá que foi uma cidade que durante muito tempo viveu, praticamente, grudada aos interesses da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que tinha suas oficinas aqui, tinha um certo tipo de desenvolvimento de arquitetura baseada na arquitetura ferroviária, quer dizer, que não avançava muito. E quando eu vim para cá, eu percebi que faltava uma visão do que era casa, atual. Nos idos de 56, 57, quer dizer, o país estava mudando, quer dizer, era um período riquíssimo do país, este foi, né. Logo em seguida, nós estava o concurso de Brasília, o qual eu participei junto com a equipe do Artigas. Então como tudo estava mudando, apareceu muita clientela para fazer casa - amigos meus, a maior parte deles, para fazer casa. E eu fiz muita casa de cara. Foi muito bom, porque os arquitetos de São Paulo, o Plinio Croce, principalmente, tinham algumas obras aqui; eles passavam e viam e mandavam o recado. Então eu continuei, praticamente, fazendo um curso de arquitetura ao fazer estas casas que tá aqui, né. Depois disso, começaram a aparecer os projetos maiores, principalmente os projetos da área esportiva. Eu fiz vários clubes aqui, projetos fora daqui. Eu comecei a trabalhar para uma firma de Campinas, hoje não existe mais, na Ativa construções elétricas. O pessoal ainda está em Campinas, a maior parte deles, que era uma firma que fazia a eletrificação que desde o Urubupunga até aqui e que fez vários serviços, por exemplo, neste período eu fui o autor das subestações do metrô, primeira linha, porque eles pegaram a concorrência deste projeto. Então eu acabei trabalhando em São Paulo, acabei trabalhando em Santos, acabei trabalhando no litoral, para as casas de praias

de amigos. Eu tive uma clientela muito grande e não foi talento, não, não foi porque a minha arquitetura era notável; foi porque tinha amigos. Meus amigos confiavam: vamos fazer, vamos fazer. Tive o cuidado de cada vez que fazia, fazer realmente uma casa muito dialogada, para que eu não fizesse um estilo. Eu queria na realidade era fazer um lugar para o cara passar um tempo da vida naquele lugar. Então sempre foi uma coisa menos, foi até ... o pessoal de São Paulo quando vinha para cá discutia muito isso aí, quer dizer, como se estivesse fora do desenho que estava sendo feito. Porque o desenho que estava sendo feito, praticamente, era dirigido pelos grandes mestres, né. Então o pessoal ia para a linha do Plínio Croce, para a linha do pessoal do Jacó Urach, ia para a linha do partidão, onde estava Artigas; e o meu não, o meu era muito relacionado realmente com o lugar e com a vida que o pessoal tinha, o que os meus amigos tinham, porque eram amigos. Por isso, talvez, tenha feito tanta obra. Eu comecei a fazer prédios ligados a esporte, porque eu também sempre fui muito ligado a esporte e, depois, quase que ao final da última década é que eu comecei a fazer mais edifícios, que os empreiteiros começaram a me chamar para fazer edifício de apartamento. Então, edifícios de apartamento eu devo ter feito uns 10, no máximo, aqui em Jundiaí. Não fiz em lugar mais nenhum. Mas tenho coisas, por exemplo, eu fui chamado com 4 anos de formado, eu fui chamado, quer dizer - chegou no meu escritório, que é um pequeno escritório, no centro da cidade, de um prédio de um amigo meu, que me ofereceu o lugar, e chegou um chinês com o filho dele que, felizmente, falava português. Meio arrastado, mas falava. O chinês era recém vindo da China e tinha vindo para cá logo depois do Governo Juscelino para montar uma tecelagem aqui. E ele tinha um terreno em São Paulo e queria fazer uma casa. Tinha pedido para um arquiteto e não gostou do projeto, pediu para outro e não gostou do projeto e veio conversar comigo. Aí eu fiz o estudo - só que eu fiz questão de conversar, não só com ele, mas com a mulher e com os filhos. Fiz o estudo para ele, que é ali em Pinheiros; fiz a casa, e ele acabou construindo a casa; e foi notável porque naquele tempo, eu me lembro, eu tinha um Austin, um carrinho de segunda mão, assim né, porque naquele tempo não tinha importação. É! E quando fui com ele para São Paulo - terminou a casa e fomos jantar em São Paulo, ofereceu um jantarzinho ali para mim, não, um almoço, nós fomos de manhã. E quando veio para cá, ao entrar em Jundiaí, ao invés de ele ir para o meu escritório, ele mudou o caminho – falei: bom vai fazer alguma coisa, né. Aí ele entrou numa concessionária Volkswagen e aí conversou com outro homem, que eu conhecia, assim de longe, mas conhecia. Aí entrou, eles trouxeram um carro e disseram: toma, esse carro é teu! - Como esse carro é meu? – Então, o Ting comprou esse carro para você porque ele gostou muito do projeto que você fez para ele. Então... imagine ganhar um carro para fazer uma casa, depois de receber os honorários da casa, né. Isso na



época eu não percebi a importância que tinha, porque eu tinha 5 anos de formado. Eu não percebi a importância que tinha. Eu achei que era uma coisa natural. Mas, depois passado 40 anos disso aí, aparece o filho do Ting aqui, junto com um grupo espanhol, pedir para que, eles queriam fazer da casa, o Ting já não morava mais lá, né, fazer da casa uma Casa Cor. Então o pessoal ia fazer a exposição de coisas na Casa Cor, mas precisava da minha permissão, segundo o Ting. Eu fui visitar a casa de novo. Realmente fiquei muito satisfeito de ver que a casa tá... tinha resistido né. Aí eles fizeram. Eu tenho até uma revista especial só sobre esta casa, sabe, quer dizer, eles fizeram. Realmente eu era um moleque, não sei como o cara teve coragem de dar uma casa para eu fazer naquela região de São Paulo. É sinal de que os outros caras que projetaram acho que eram muito ruins, porque.... Não dá para perceber. (Mostra a revista). Desse período, acho que valeu muito a pena ter ido para Campinas, quer dizer, aí não foi só uma questão do trabalho em si, mas do contato com o pessoal, do contato com a juventude foi muito importante, sabe, quer dizer, aí perceber, primeiro alertar para dizer: meu velho, o mundo não é dos arquitetos. Sabe, quer dizer, o que essa sociedade quer de nós não é muito bem o que a gente quer fazer para eles, né. A gente na realidade tem outros pensamentos. E, principalmente, durante o período que eu estive, só nos últimos anos é que a gente percebeu ser valorizado um pouco mais a questão urbana, sabe? Quer dizer, eu sentia muito essa barra pesada. Quer dizer, a PUC se preocupava com projeto, né? E não se preocupava com urbano. Eu pessoalmente acho, nada contra, mas eu acho que pessoalmente o que influenciou muito foi exatamente este bichinho (apontando para o computador). Sabe? Quer dizer, na hora que na realidade entrou a linguagem do computador na PUC, se deixou de... se desenhava menos, se começou a se projetar baseado em dados que já vinham prontos... se desdeixou um pouco, porque ela vem pronta, da própria geometria como geração de desenho. Então o desenho, do meu ponto de vista, também se desqualificou, sabe? Quer dizer, e ele começa a ser um desenho ou já conhecido e muito pouco criativo. Quer dizer, então, isso aí me preocupou. Eu acho que a gente deveria ter um pouco mais de ações que mexessem com a criatividade mesmo, em si. Quer dizer, maquetes e desenho que propiciassem trabalhar um pouco mais a transformação da gente, porque isso aqui eu considero alguma coisa que transforma a gente no objeto dele, sabe? Quer dizer, a gente fica dependente. Se eu não tiver, sabe, o meu aqui do lado, eu não sei como trabalhar. Se não tiver energia, o escritório para. Tem algumas coisas aí que a gente precisava, eu acho, que pensar um pouco mais: o que é a ferramenta e o que é coisa que realmente gera conhecimento, né. O conhecimento que vem pronto eu tenho um pé para trás com ele há muito tempo. Sabe, quer dizer, alguma coisa... ele tem o dono, ele tem um interesse, pode não ser o meu ou o da sociedade a quem eu pretendo servir.

**Daniel:** Araken, quando nós desenhamos um edifício, nós acabamos desenhando a cidade, né. E vice, versa. Então, quando a gente projeta, a gente tem uma responsabilidade muito grande, que nós estamos construindo o urbano. Então, o que que você tem a nos dizer sobre essa responsabilidade que o projeto tem de construir a cidade?

**Araken:** Eu não vou te dar uma teoria, eu vou te mostrar um fato. Há uns 5 anos atrás, mais ou menos, eu fui procurado por um cliente, que tinha na região da entrada aqui da nove de julho, uma das rua daqui, tinha um terreno. Uma família que eu conheço, que eu trabalhava lá, já tinha feito arquitetura né. Uma firma de Recife estava aí para fazer um prédio de 14 andares. Eu nunca imaginei um prédio de 14 andares naquela avenida, até porque a avenida não tinha dimensão para isso. É uma avenida que tem uma ligação importante. E aí eu comecei a perceber que acontecia alguma coisa, porque na ora que eu comecei a fazer o projeto, a empresa que estava fazendo me levou a São Paulo e eu fui conversar num “booker”, eu poderia chamar assim. Quer dizer, um prédio que parecia uma coisa do FBI, quer dizer, todo ele protegido; e o que que era? Era uma incorporadora imobiliária em São Paulo. Então os caras foram me mostrar o que estava nos planos, vejam bem isso, como isso alerta vocês, o que estava nos planos da incorporação em São Paulo. Olha como funciona e como a gente, como arquiteto, pode ser o dedo do demônio mexendo nas coisas. Eles tinham pensado muito claramente nos paulistanos que moram distante do trabalho, moram em bairros de São Paulo, e que levam um tempo para sair de casa e chegar no trabalho, no trânsito infernal que é São Paulo, e bolaram um troço muito importante. O Alckmin estava fazendo a última pista da estrada, né, então eles começaram a vender a ideia: morar em Jundiaí e trabalhar em São Paulo. Morar em Jundiaí, em uma cidade do interior, que ainda tem jardim, que ainda tem a praça no centro da cidade, que ainda tem uma vida quase que modorrenta, tudo mais, e, ao mesmo tempo, claro, tá ganhando dinheiro trabalhando em São Paulo, vivendo em São Paulo na área cultural, que tem tudo que você pode imaginar. Então, iniciou-se um movimento naquele período e eu estava começando a fazer o primeiro trabalho, naquele momento – felizmente eu não fiz mais nenhum. Esse trabalho fez com que todo setor imobiliário de Jundiaí - arquitetos entraram também, engenheiros entraram nessa, e a prefeitura, principalmente, entrou nessa, com os planos facilitando coisas, né, e fez com que houvesse um acréscimo de construção extraordinário em Jundiaí, rapidamente. Evidentemente, hoje você construindo em blocos estruturais, você consegue fazer muito mais rapidamente a construção do que se fazia estrutura de concreto, e você tinha que fazer a forma e depois a estrutura. Depois desformar, e depois fazer as alvenarias, e depois fazer as instalações. Você

subia o prédio em tijolos, já ia subindo tudo junto, né, então isso reduzia para burro o custo da construção, não o preço – o preço continua o mesmo, porque é o mercado que faz. Então, o cara fazia o prédio barato e vendia caro. Isso fez com que se construísse, veja o grotesco dessa história, quer dizer, a desrelação entre humanidade e urbanismo e essa corridas que acontece no setor imobiliário, né. Todas as construções foram feitas onde? Às margens das rodovias, porque os caras queriam sair rápido para ir para São Paulo. Queriam entrar na rodovia rápido. Ora, eles estão no pior lugar da cidade. Eles construíram estes prédios todos em locais onde a atmosfera é terrível. Se a gente conseguisse ver sob as rodovias, você tem um tubo de monóxido de carbono, você tem gases letais ali em cima. Então o cara sai para o trabalho dele em São Paulo e deixa a família com os filhos dele respirando um ar para morrer mais cedo. Quer dizer, que tragédia é uma coisa assim. E a arquitetura, no entanto, foi obediente. Ela foi construir aonde vendia. Ela foi construir exatamente nestes locais que a gente não defende nem um pouco. E não foi possível sequer discutir com os arquitetos isso aqui. Nós tentamos discutir com a empresa aqui que representa o Secovi de São Paulo, né, do setor de construção civil; e aí então viramos inimigos deles. Eles queriam vender e ganhar dinheiro. Não existe nenhuma proposta humanitária colocada neste setor. Então a gente tem, os arquitetos têm que tomar muito cuidado com o seu trabalho. Normalmente quando as construções existem, elas existem, e tem coisas que não estão sendo ditas, ou não estão sendo estudadas. Tanto é que a primeira coisa que aconteceu aqui, primeiro, fizeram um shopping, e depois em volta do shopping, na saída aqui desta avenida, você vai perceber isso aí – tem um lugar terrível, carregado de edifícios... você vai perceber a mudança da cidade, todos eles passaram pela prefeitura sem ter uma análise correta de solo. Porque a legislação, para facilitar, desapareceu a ideia de que eu tenho que comprovar a qualidade do projeto enquanto vida humana. Então se construiu baseado na quantidade de metros quadrados que pode construir, ainda que se volte quarto para o sul, ainda que se volte a sala para barulho, aonde você não tenha vista a não ser para o prédio vizinho. E a coisa aconteceu. Então, com muita facilidade eu acho que a gente pode ser o advogado do diabo, sabe? Quer dizer, a gente precisa tomar muito cuidado. A gente precisa ter um sentido muito alto de humanismo para tentar trabalhar com essa coisa. E essa coisa você percebe, ela tá lá atrás, ela tá no plano diretor. Então, quando é feito o plano diretor, é preciso que isso seja, que os arquitetos participem, é preciso que os arquitetos, que a população participe e que a população seja instrumentada para compreender o que ela tá decidindo. Nós estamos, principalmente estas cidades mais próximas de São Paulo que vive baseado nesse fluxo que a economia dá, na flexibilização que aconteceu agora com a globalização, né. A gente não sabe como é que ela se deu. O mundo antes da globalização era... cada

cidade, na realidade, era praticamente autônoma no sentido de conduzir os seus espaços para o que eles deviam ser. Cada cidade tinha o seu distrito industrial, a sua área comercial, e, por sua vez, ela conseguia organizar na agricultura o que ela tinha, o que seria a área de habitação, onde é que estaria... Agora não, agora como você viu aqui no caso de Jundiaí, não tem nada que ver com Jundiaí. O interesse lá de São Paulo foi transportado para cá, quer dizer, isso é globalização. Se uma cidade tiver no caminho dum fluxo por onde passam caminhões que tem que fazer alguma coisa para resolver a globalização, a cidade vai se transformar numa estrada que vai levar isso. Não interessa a gente desse lugar. Interessa a produção, que é internacional. Então, isso é muito... Nós estamos vivendo um instante assim que a gente precisa ter coragem de enfrentar, principalmente, as questões do urbanismo com uma... primeiro com conceitos que a gente tem que adquirir, nós temos que estudar para burro, para começar compreender que lugar... – se todos nós aprendemos na escola que você fazer um plano era pensar em funções e aí você dizia é o local da habitação, você tinha o trabalhar, recriar e circular. O trabalhar era a indústria e comércio. A lavoura era muito pouco. Era dos comércios. Isso não existe mais. A cidade hoje você fala em fluxos e fixos, isso é a tese do velho Milton Santos já e que Manuel<sup>35</sup> conhece muito bem. Quer dizer, fluxo e fixo, não tem cidade, não tem município. O mundo é que tá organizando essa relação entre o que é fluxo e o que é fixo. E, portanto, Jundiaí por exemplo corre riscos enormes com isso, se você pensar em termos de fluxo existente. Uma cidade cortada pela Anhanguera, pela Bandeirantes – dentro da cidade, né, e pela rodovia que vem da área de Sorocaba – pela Dom Gabriel, que por sua vez se liga com a rodovia que vai dar na Dom Pedro... poxa, é uma cidade onde o fluxo está dentro dela. Então é muito mais difícil ela ser controlada e nós percebemos com esta jogada simples, simplória, que o pessoal da venda de imóveis fez trazendo o paulistano para morar nas periferias de rodovia que, apesar de ser lugares aonde aparentemente a riqueza está ali, são lugares mortais para este pessoal morar. Então a gente precisa estudar um pouco mais, a gente precisa, além da responsabilidade, nós precisamos nos preparar para as mudanças. As mudanças são grandes e elas entram rapidamente, como entraram aqui em Jundiaí.

**Daniel:** Os projetos, quando nós fazemos no escritório, além de ter o usuário final, a quem ele é destinado, ele tem ainda as pessoas que vão utilizar este projeto de uma forma indireta que, às vezes, elas não são levadas em consideração e... Mas o arquiteto também é responsável pelo projeto destas pessoas, os que vão usar

---

<sup>35</sup> Orientador deste trabalho.

indiretamente. É, como que você vê este impacto do projeto nessas pessoas que tão usando o projeto indiretamente?

**Araken:** Olha, eu tenho dois casos. Um caso que foi concurso, e que a gente tomou uma decisão e acabou dando prêmio pra gente, e tem o caso de um cliente que foi típico, pelo acidente que aconteceu, e que fez com que a gente tomasse posição. O primeiro é o do Paço Municipal. Quando projetamos o concurso do Paço Municipal, a gente, foi dado o programa que dizia a quantidade de escritórios que a gente teria colocando as várias secretarias e as pessoas que trabalhariam nas várias secretarias e mais a administração, o prefeito e os auxiliares. E a gente iniciou o lugar, em cima daquele morro, dá para vocês verem o prédio daqui, até. Nós iniciamos colocando isso como edifício. Percebemos que dava um edifício de 20 andares, e como o território é alto para burro, você não tem cabimento, em cima de um morro você fazer um edifício de 20 andares, né. Então a gente... daí partiu para a ideia, e isso está na apresentação do concurso, partiu para a ideia de 2 prédios de 10 andares e da ideia de dois prédios de 10 andares, por quê não juntar estes dois prédios. E a gente acabou criando um tipo de arquitetura, que criou dois prédios, que com uma cobertura transparente e translúcida criou um grande pátio para o qual os dois prédios se voltam. Portanto, a prefeitura se transformou num único prédio com 10 andares e que circula por anel em volta de um pátio que, na realidade, tem 10 andares de altura. Isso na verdade foi um prédio. Eu tive até em Ribeirão Preto explicando para o pessoal de Ribeirão Preto qual foi o conceito, né, mostrando para eles que o conceito fundamental não era só esse de você ter um prédio com grande hall de 10 andares de altura, um jardim que tem na entrada, a maneira como as pessoas entram e naturalmente elas vão a qualquer – não tem ninguém impedindo, ela vai a qualquer daqueles corredores que circulam e vai a secretaria que ela quiser. Lá ela vai ter que se inscrever para dizer se quer conversar, ela entra na lista. Então, esse foi um exemplo muito claro que a gente nem sequer conseguiu imaginar. Eu acredito ali que foi uma espécie de um piparote, que a gente teve como ajuda, sabe, de alguma coisa ali para chegar a este projeto. O projeto, a realidade, ele se... até hoje nós estamos contratados para fazer coisas ali, mudanças que são fáceis de mudar, porque é um contínuo. Uma secretaria pode aumentar e ela simplesmente vai para o outro andar. E aí a secretaria que diminuiu vai ficar menor. E a outra que aumentou... então, eu tenho uma flexibilidade enorme de uso dessas condições, né. Hoje, algumas coisas têm que mudar, por exemplo, a questão da informática mudou bastante, né, então o setor de informática ali vai ter que se ampliar. Este vai ficar fora, vai ficar... só que isso vai ajudar, porque ele ficando fora, ele vai prestar um serviço não só para a Prefeitura, mas também para entidades privada. Eu

acho que tudo tá indo de acordo com o que a gente imaginava, aliás, excedeu. Na realidade nós tivemos muitas coisas a favor.

O segundo deles foi um projeto de uma das redes de supermercados que nasceu em Jundiá. Essa rede são os Russi. A família Russi começou com um armazém e o pai deles nos convidou para fazer uma reforma no armazém dele. E, ao fazer a reforma no armazém dele, nós fomos estudar um pouco mais a questão e dissemos: olha, o problema não é reformar o armazém; é reformar o conceito de venda. Hoje o que está se pensando é o supermercado, né, é alguma coisa que os caras entram e se servem. Eles vão buscar a mercadoria e depois o senhor tem só o caixa que vai a conta disso aí. E o velho Russi topou a parada e a gente reformou, ampliou, ficou o dobro do que era. Assim que nós terminamos aquela ampliação, eles já pediram um novo prédio na Vila Arens, que era mais ou menos a uns 10km ali de onde eles estavam. Feito o da Vila Arens, eles foram para a Ponte São João, para fazer um prédio na Ponte São João, e criaram uma rede na região toda, inclusive nas cidades próximas. Mas esse, por exemplo, da Ponte São João talvez seja o exemplo disso que você disse. O Orides Russi, que era o mais novo deles, comprou o terreno na Ponte São João. Aí veio pro escritório e disse - o terreno está pronto, precisamos começar a projetar. Eu olhei para o terreno e falei - mas isso aqui é a dimensão do quê? Da onde você tirou? Por que que você comprou esse terreno? – Não, eu peguei a dimensão que a gente pretende de vendas. Essa é a dimensão de vendas. – Muito bem, e estacionamento? – Meu Deus do Céu! Eu falei – É meu Deus do céu mesmo, porque agora que você comprou esse terreno lá na Ponte São João, se você for comprar um terreno para estacionamento é do tamanho desse terreno que você comprou e imagine o quanto você vai pagar, porque você valorizou a área. Agora você vai pagar a valorização que você mesmo fez. – Mas eu não tenho dinheiro para esse troço todo aí! Aí ficou essa discussão durante uma semana, até que eu propus para ele, disse – Olha, uma coisa a gente poderia fazer, junto com o calculista, o Renato Camargo de Andrade, que naquela época também lecionava na PUC, de estrutura, nós podíamos pensar uma estrutura em laje pré-moldada e fazer esse teu supermercado em cima, fazer sobre pilot, e vamos usar a mesma área embaixo para os automóveis. Então, primeiro as pessoas estão no supermercado, elas entram de automóvel dentro do supermercado e, portanto, não tem essa coisa da distância entre um e outro. Agora, em seguida o que eu quero de vocês é fazer uma rampa que permita que se consiga descer com o carrinho, né, portanto ela tem que ser uma rampa leve. – Mas não tem espaço? Eu falei - tem, porque a gente pode fazer circular, e esse circular pode ser o motivo até da publicidade do supermercado, porque ela vai ficar bonita, ela vai chamar a atenção. Então esse foi o

tipo do projeto em que o problema virou a solução, né. E essa solução foi feita baseada exatamente com respeito aos compradores, não com respeito a eles, que estavam perdidos, completamente, não sabiam o que fazer. Mas, eu pensando como comprador, eu e minha mulher se vamos fazer compra, quer dizer, esse é o que eu gostaria de ter. O carro tá aqui embaixo, eu subo e faço as compras, pego o carrinho, desço a rampa e põe dentro do carro e vai embora. Então esse foi um exemplo bom, em que tudo era contrário. E que a gente ao nível do projeto é que conseguiu a solução, quer dizer, foi o projeto que conseguiu a solução. Então esse foi o exemplo e que se perdura até hoje, né, não teve nenhuma alteração. Eles construíram vários supermercados, mas este continua sendo aquele que tem mais prestígio.

**Daniel:** O projeto ele tem o poder de mudar a vida das pessoas, de educar as pessoas. Então, quando a gente faz um projeto pensando, refletindo sobre o uso, sobre as pessoas que vão usar, a gente acaba contribuindo no modo de vida das pessoas. Como que o senhor vê a implantação de projetos, desses grandes, desses projetos, por exemplo, podemos citar essas escolas de FDE, que são colocadas em bairros carentes. Então, qual que é a importância de se colocar arquitetura é para uma população que ela é, dificilmente ela tem acesso a uma arquitetura boa, de qualidade?

**Araken:** Pessoalmente eu acho que há uma diferença aí entre arquitetura boa e de qualidade e entre o exibicionismo da arquitetura. São duas coisas completamente diferentes. Você pode ter uma arquitetura boa e de qualidade, como vários dos arquitetos do século passado fizeram, e que, no entanto, não são nem um pouco exemplo dessa arquitetura de shopping que a gente vê hoje. É uma arquitetura ao contrário, que deixa você muito à vontade e cuja escolha de materiais já é exatamente para dar para você este tipo de vida, saber que aquilo é uma região que você considera como sua, que você se sente à vontade dentro dela. Isso você tem ainda exemplos muito claros, por exemplo, em prédios que foram feitos, principalmente, estes desta década de 50 e 60 em São Paulo, né. Você vai ver prédios do Artigas, você vai ver, por exemplo, os prédios da Bienal, né. Quer dizer, como é que a população se sente completamente à vontade no prédio da Bienal, no entanto, é um prédio aonde tem riquezas enormes de matéria de obra de arte. Portanto, o que faz a arquitetura não é qualidade do cerâmico estilizado que você mandou fazer especialmente pintado, que custa uma fortuna, não é; ela continua ser um jogo inteligente entre luzes e sombras. Portanto, isso não quer dizer nada com respeito de dinheiro. Ela pode ser um jogo inteligente, feito com vara de bambu e terra, e continua a ter a qualidade de ser um jogo inteligente.

Mas o que me parece mais sério é que cada vez fique mais claro aos estudantes de arquitetura que o nosso problema não é a arquitetura; o nosso problema é o território, o nosso problema são as novas formas de produção que estão acontecendo e que nós temos pouca teoria para dar conta delas, com respeito ao desenvolvimento que isso se faz sobre o território hoje. Então, me parece muito importante que a gente mantenha muito coligado todas as áreas do conhecimento e os profissionais que estão trabalhando para que cada vez mais a gente tenha consciência da responsabilidade da nossa profissão, que cada vez é maior, quanto mais o mundo progride.



An aerial photograph of a city, showing a dense residential area in the foreground and a large, complex highway interchange in the middle ground. A large stadium or arena is visible near the interchange. The text is overlaid on the right side of the image.

# Anexo IV

ENTREVISTA COM PROF.<sup>a</sup> DRA. LAURA BUENO

## **Entrevista com Prof.<sup>a</sup> Dra. Laura Bueno realizada em 24 de outubro de 2017.**

**Daniel:** Para começar nossa conversa seria bacana a senhora contar um pouco de sua trajetória, desde a sua formação, e a sua atuação profissional hoje.

**Laura:** Bem, eu me formei há bastante tempo, 76. Nessa época eu tinha escritório mesmo de arquitetura. Tive escritório de arquitetura ainda estudante em Jundiaí e fiz algumas obras desde arquitetura Industrial até habitação para a classe média, classe média alta e tal. Depois, logo depois de me formar, meu primeiro estágio foi na Secretaria de Planejamento de São Paulo, depois Itaim Plaza e eu acabei me tornando planner – planejadora. Trabalhei bastante tempo, 10 anos, na Emplasa ainda naquele período. Um trabalho de planejamento é um trabalho muito bonito, instigante, mas ao mesmo tempo muito frustrante. Naquele período, crise econômica, crise política, ditadura, tudo desfavorável vamos dizer... então, naquele momento eu resolvi, dei uma guinada na minha vida. Eu pedi demissão da empresa Emplasa, passei a fazer mestrado, comecei a dar aula. Aí você atuar na academia com tendo tido experiência profissional é uma coisa muito boa porque você consegue uma ponte com o aluno através da vida profissional e uma reflexão mais teórica, mais política, sobre o que é ser arquiteto urbanista. Não posso deixar de lembrar que durante todo esse período eu fiz bastante militância política, atuei assim no apoio à oposição dos metalúrgicos, apoio a movimentos de moradores clandestinos, mas sempre nesse apoio trabalhando com o meu assunto, ajudando em projeto, ajudando em levantamentos espaciais, discutindo política urbana com os movimentos populares. Depois, eu já estava no mestrado, e fui convidada a trabalhar na Prefeitura de São Paulo, no programa de urbanização de favelas. Na verdade, não no programa de urbanização de favelas, na política habitacional em área de manancial, porque a minha pesquisa na área acadêmica era relacionada à questão da água, gestão dos recursos hídricos e saneamento na grande São Paulo. E isso acabou que o problema, a maior crise habitacional, é em São Paulo, na área de mananciais. Então, uma coisa leva à outra, e eu acabei coordenando lá o programa de erradicação de área de risco e urbanização de favelas em São Paulo, e daí nasceu a minha tese de doutorado, que é a questão de projeto, como é que você faz projeto, qual é o método que você deve ter em projeto em áreas deste tipo, em assentamentos precários. Daí para frente eu tenho trabalhado bastante, nunca deixei a consultoria para políticas públicas, mesmo ONGs, tal, mas tenho me dedicado como você sabe à vida acadêmica.

**Daniel:** Do arquiteto estar infiltrado, estar atuando junto com as pessoas com o menor poder aquisitivo, então no caso, como na urbanização de favelas, é fundamental

que tenhamos pessoas capacitadas para poder instruir e direcionar para que possa ter um melhor aproveitamento. Então queria que você comentasse um pouco sobre a importância do profissional atuar nestas camadas menos favorecidas da população.

**Laura:** Bem, eu diria para você o seguinte, o arquiteto urbanista ele precisa ter claro, primeiro para si, e demonstrar para a sociedade que a sociedade precisa de um profissional que tenha expertise na organização do espaço. Eu uso o termo organização do espaço para descrever o nosso campo profissional. Eu gosto muito do trabalho do Frederico Holanda que, ao definir arquitetura, - ele tem uma definição ampla de arquitetura, ele junta arquitetura, cidade, urbanismo e, para ele, tudo é arquitetura, até a paisagem natural e tal, mas não é isso o meu assunto... mas ele propõe que a arquitetura, ou seja, um bom resultado de organização do espaço que tenha função para a sociedade tem que ter algumas características. Então ele tem que responder às necessidades funcionais, ele tem que ter condições de climatização adequadas, ele tem que ter uma resposta de localização e percepção do espaço da pessoa, do ponto de vista de se referenciar num espaço maior, tem lá uns requisitos. Ele propõe seis ou sete referenciais. Um deles é as pessoas se sentirem bem dentro daquele espaço e ele também ter, o espaço ter, a capacidade de dar sensação estética ao usuário, um termo que não é muito bom, mas é o usuário, a sociedade que estiver usando. Então, eu acho que é essa, a função social do arquiteto, é que a população tenha espaços desta qualidade. No Brasil, boa parte da população não tem acesso a espaços de qualidade. Os espaços são desorganizados, são mal construídos, tem todos os defeitos que você possa imaginar e é dever do arquiteto sanar estes problemas. Como é que você vai sanar estes problemas se você não estiver próximo aos problemas? É essa a minha visão em relação a isso.

**Daniel:** Tem linhas de pensamentos dentro da academia que trabalham muito com a atuação de projetos em periferia e algumas destas linhas dizem que ao implantar um projeto, ou seja, ao colocar um grande empreendimento em uma região carente, mesmo que não haja remoção, que é um dano imediato, ao implantar o projeto acontece um fenômeno que a gente chama de gentrificação, ou seja, a valorização da terra, o aumento do custo de vida, e essa população acaba saindo dali. Então, na sua visão como a gente deve olhar para este assunto, sobre a implantação de grandes projetos em áreas delicadas?

**Laura:** Eu acho que a gente deve olhar com cuidado, mas a gente deve tomar a atenção para não se colocar na posição daquela... é o que vem primeiro: o ovo ou a galinha? Porque numa sociedade capitalista e tão... com diferenças sociais tão grandes

como a nossa, esse fenômeno é exacerbado. Entretanto você negar a existência de melhoria dos espaços e dos equipamentos, principalmente dos espaços e equipamentos públicos, negar que eles sejam executados, porque este fenômeno vai acontecer, é mais triste ainda. Vamos dizer, se você tem a consciência, o conhecimento que estes fenômenos vão ocorrer, o que seria correto seria que as políticas públicas, as políticas dos conselhos profissionais, dos órgãos sindicais, dos órgãos de associações envolvidas propusessem que em paralelo com a implantação de um projeto, você dispusesse de medidas para minimizar esses impactos negativos. Entretanto, não, eu acho que quando você, é como você ir numa, eu tenho uma experiência, uma leitura assim... as crianças que estudam em escola privada, de classe média, classe média baixa, vou te dizer assim, a experiência que eu tenho de vivência, geralmente as escolas são pequenas e são em casas ou mansões adaptadas para escola, então não são prédios feitos para a educação... essas crianças estão pior servidas. As crianças e os professores, os educadores, são pior servidas em termos de organização do espaço do que uma escola pública que foi projetada pela Conesp, antigamente que chamava, agora não lembro o nome, a fundação do estado de São Paulo, que projeta, que... então os projetos são pensados para ser escola, então tem pátio, tem quadra coberta, tem espaço, tem um monte de coisa. Depois, a falta de manutenção, as mexidas que são feitas nas escolas onde põe grade, põe cadeado, põe não sei o quê, é um outro problema.

No caso, por exemplo, dos estádios da copa, eu me lembro muito bem de ter discutido muito com muita gente no Brasil esta discussão. Então você nega a existência do estádio enquanto, na verdade, você devesse fazer algumas ações articuladas ao estádio para que ele tivesse menos impacto negativo, né. Essa é a minha visão, senão, é o ovo ou a galinha.

**Daniel:** A questão é um conjunto de medidas para que seja feito, não é só o projeto ou não fazer o projeto.

**Laura:** É! Exatamente. Acho que a opção fazer ou não o projeto porque o sistema capitalista tem dentro dele a valorização especulativa do território é uma simplificação muito grande. Então, talvez seja o caso de você ver quais são as formas de reduzir a especulação ou fazer com que essa valorização retorne ao pequeno e médio proprietário, morador, que tá ali ao lado, sei lá, tem outras..., mas negar o equipamento não tem sentido, né, porque os equipamentos são necessários.

**Daniel:** Essa semana, estava no Rio de Janeiro e estava conhecendo o projeto Porto Maravilha. É um projeto que causa bastante discussão, mas grande parte das

peças com que a gente estava conversando eles negam projeto, por ser, por ter ocorrido hipóteses de fraude, de corrupção. E hoje no país, a gente carrega uma carga muito grande, porque estes grandes projetos eles se tornam grandes espaços para que ocorra, infelizmente, corrupção. Será que hoje no Brasil a ideia de projetos urbanos de grandes intervenções ela não tá meio demonizada por conta deste histórico nosso de fraudes no sistema ou será que isso não pesa muito na decisão ou na opinião da discussão de grandes projetos?

**Laura:** Eu não tenho uma reflexão muito grande sobre isso não, mas eu acho que certamente o senso comum, a mídia, trabalha demonização, como você falou, de projetos negociados pelo Estado, pelo poder público, dizendo que eles, por princípio, o principal objetivo é a corrupção. E de fato parece que há casos, inúmeros casos, em que isso ocorreu. Entretanto, eu considero que é mais factível você ter transparência, contratos bem feitos, equipes licitatórias certificadas, auditadas, me parece que é muito mais conveniente você fazer isso do que você dizer então que não é para fazer nada. Porque, o Estado, ele tem um capital enorme, que é o espaço público, e ele tem que gerir o espaço público defendendo o interesse público e social. Quando uma grande indústria constrói um grande edifício para fazer sua sede e tal, você acha que não há nenhum risco de corrupção? Você acha que ninguém..., nas construtoras, eu que tenho alguma experiência profissional, não muita, é conhecido que o setor de compras de uma construtora é sempre um setor que deve ser auditado e, geralmente, uma vez por ano, gerente, o subgerente muda, porque é um campo de... até em condomínios, grandes condomínios, prédios que tem mais de 50 apartamentos, o setor de compras, que compra detergente, papel higiênico, sei lá o quê, ele é... tem que ser auditado, alguém tem que tomar conta, porque é um... (seria uma porta de entrada para possível corrupção – Daniel fala). Então, eu acho que o nosso próprio poder público por ser um poder público – eu uso o termo patrimonialista, no sentido de que o nosso setor público ele é muito dominado pelos próprios interesses da elite econômica local. Vamos dizer, o nosso poder público é muito pouco profissional no sentido de que como defender o interesse público nestas negociações, então, o próprio poder público deixa a porta aberta para que os interesses privados que ele representa entre e dominem estes negócios do Estado. Mas, acho que problema é este, o problema não são as políticas públicas, não são os investimentos públicos.

No caso do Porto Maravilha, eu não conheço muito, mas o que acho mais delicado na discussão é que de fato numa cidade como o Rio de Janeiro não ter tido espaço para a habitação popular – habitação assim, sem aquele monte de vagas de estacionamento, porque lá tem um subsolo, uma coisa muito pesada, que é realmente

para outro público – então o fato de não ter espaço para a habitação popular naquela localização é muito grave. Mas, faz parte do problema de quem dominou a concepção da proposta não..., poderia ser outro projeto, né?

**Daniel:** Mas você acha que essa concepção ela está vinculada ao arquiteto ou existe o poder financeiro que determina o que seria o projeto?

**Laura:** Eu acho que ela tá vinculada ao setor da incorporação, que tem muito arquiteto que trabalha, que é do setor, mas não é um problema da categoria. O incorporador imobiliário, ele não é necessariamente do ramo da arquitetura e do urbanismo, um profissional de arquitetura e urbanismo, geralmente ele é economista, engenheiro, administrador, advogado. É só olhar: incorporador imobiliário, é outra profissão. É lógico que ele precisa do arquiteto e do urbanista. Existem escritórios no mundo inteiro, os maiores escritórios de arquitetura, são aqueles que fazem aqueles estudos de viabilidade; pega a legislação, ver quantos apartamentos cabem, se pode isso, se pode aquilo, verifica se mudar a legislação o que que melhora, o que que piora e tal. Mas isso, o arquiteto, quando há um arquiteto e urbanista fazendo isso, geralmente ele considera aqueles aspectos que eu falei relacionamentos à definição do que é arquitetura e organização do espaço. Outra coisa é você tá tendo como negociador o incorporador que visa à lucratividade. Agora, então, quando é mercado de ações, aí então é mais grave ainda, porque o incorporador, ele inclusive, a decisão dele fica distanciada do próprio objeto, porque é o valor da ação é o que vale e não o valor do produto do espaço que vai ser resultante.

**Daniel:** Isso é bacana de discutir, porque, né, muitas das vezes existe um olhar meio que, um sobrevoo sobre a profissão do arquiteto que acaba quando se fala “grandes projetos urbanos”. Então, já se pega a figura do arquiteto, o Calatrava, e já joga ele na cruz como grande culpado pelo Porto Maravilha inteiro. Então tem muitas leituras simplistas e, às vezes, muita gente, por falta de informação, acaba seguindo esta mesma onda, e sem ir um pouco a fundo, acaba jogando na conta de todos os arquitetos esse poder de desenhar sem pensar no todo. Então, quando a gente para um pouco para refletir sobre de fato quem faz o desenho, quem encomenda o desenho, a gente consegue enxergar que é um problema do sistema e que muitas vezes, infelizmente, alguns arquitetos eles respondem ao sistema sem agregar valor, aqueles valores que estão na faculdade.

**Laura:** É, e talvez tenha o seguinte, talvez a formação do arquiteto que, por ele não ter um domínio - não um domínio - ele conhecer na verdade, eu acho que na faculdade se tem pouca informação sobre o que é a incorporadora, o processo de

produção do espaço urbano do ponto de vista dos negócios de incorporação, empreiteira, legislação e tal. Então, muitas vezes o próprio arquiteto faz essa crítica, porque ele tem um desejo de fazer grandes projetos, mas ele não alcança. Por que que ele não alcança? Porque ele não tem vínculo, não tem articulação com incorporadora. Ele não tá nem entendendo o que tá acontecendo. Então, eu acho que às vezes acontece um pouco isso. A falta de informação de como a gente se coloca, a própria profissão, pro senso comum.

**Daniel:** Então, esse seria o próximo assunto que ia propor, justamente é isso, que a formação do arquiteto hoje – então hoje a gente tá aqui na PUCC, que é uma das melhores faculdades da América Latina, e com um quadro de profissionais altamente qualificados e professores altamente competentes, e mesmo assim a gente vê pouco essa questão, de fato, o que acontece entre o aluno que forma e até ele começar a produzir. Então, a gente enxerga talvez um déficit na formação do profissional, ele por não conhecer este processo, quem são os agentes, quem são os incorporadores, quem tem o dinheiro para construir, quem faz os grandes projetos, quem faz os pequenos projetos. Será que a gente não precisaria de uma revisão no sistema de ensino incorporando também esta visão de funcionamento de mercado?

**Laura:** Eu concordo plenamente com você. É uma coisa superdelicada, assim, delicada porque nossa... vamos por partes. Primeiro: concordo, eu acho que seria importante o arquiteto, na sua formação, ele tivesse mais informação, mais informação sobre como se organiza um escritório de arquitetura, o que que é negócio, o que é custo, o que que é lucro, como você valora um projeto, coisas que as pessoas não aprendem. A gente não tem aula disso na faculdade. Ao mesmo tempo, então, eu acho que certamente este tipo de informação, que a nossa profissão vê com muito preconceito, é fundamental, porque os arquitetos sofrem muito, especialmente os recém formados. Eles são muito explorados por outros escritórios até perceberem as regras do jogo. E são poucos os alunos que eu já tive, que eu percebi, que eles tinham uma visão profissional do que eles estavam fazendo na faculdade, - então o grupo de vocês era um grupo bem mais maduro em relação a isso, saber o que que é trabalhar em equipe, como ter uma estratégia de abordagem de problemas própria, que é o que faz um escritório se diferenciar de outro, tal. E então eu concordo plenamente. Ao mesmo tempo, eu penso que o arquiteto urbanista em países como os nossos, da América Latina, na América Central, na Ásia, na África, os nossos arquitetos urbanistas, deveriam ter uma percepção de quais são as estratégias para ampliar o campo profissional, porque um escritório de arquitetura aqui no Brasil eu não vejo como ele possa sobreviver, ir bem economicamente, se ele não tiver contratos grandes, médios

e pequenos. Eu que já tive escritório, empresa de consultoria, tal, existe uma regra nas empresas, que é melhor você ter diversos pequenos contratos do que só ter uma grande contrato, porque se ele aquele contrato falhar, você tá ferrado. Se você tiver diversos trabalhos em andamento – um não paga, o outro paga; um dá problema na fundação, tem que refazer. Então, essa visão de que o campo profissional tem que ser mais amplo, eu acho que também falta. Neste sentido é que eu acho que discutir essa questão de assistência técnica, de política de reforma de equipamento público, política de como o serviço de arquiteto pode ser prestado de outras maneiras, né, eu acho que deveria ser mais criativo, dez vezes mais criativo do que a gente é. Inclusive, um outro aspecto que eu acho neste mesmo campo, é que especialmente na área de moradia e na área de pequenos negócios, o usuário, o contratante, a pessoa que nos quer pra..., ela não quer serviço de projeto, ela quer serviço de organização de espaço, ela quer projeto e a obra. Então, precisaria você ter também escritórios que sabem administrar uma obra, desenvolver detalhe, porque projeto, você vai dar um projeto de habitação popular para uma pessoa, a pessoa vai fazer o que com aquele projeto? Ela..., geralmente você tem, na verdade, até mesmo a classe média faz isso, você já sabe... você tem um empreiteiro que você conhece, você chama o cara e fala: preciso reformar esta cozinha aqui; então, se você não tiver um mediador pra dar qualidade àquele espaço, que é o serviço de um profissional, a gente perde o campo profissional, porque outro pega – pega e faz errado, pega e refaz, pega e a cozinha fica com mau cheiro, para dar apenas um exemplo. Então, eu acho isso, você tem ampliar o campo profissional e realmente tratar sobre como se organiza a prestação deste serviço.

Eu tenho muita vontade de participar da montagem de um desses cursos que tão chamando de Residência arquitetura e urbanismo mais engenharia, AU+E, lá da Bahia. Eu acho que é uma necessidade para a profissão. Se a gente tiver uma parte dos arquitetos formados faça essa especialização, você vai ter, com o tempo, uma ampliação do campo profissional, porque você criou um profissional que atende melhor uma parte da demanda. Outra coisa que acho que você tá colocando aí é a ação do poder público, né? O poder público criar uma estrutura de assistência técnica, mas o que talvez seja importante, seja colocar que é uma assistência técnica para a arquitetura em geral. Eu acho muito restrito a proposta, a lei de assistência técnica federal, que é para habitação popular e social, porque o espaço urbano não é assim. Vou tentar me explicar. Uma experiência que achei muito interessante, mas ela foi lá em 2004 no Rio de Janeiro, foi o IAB que fez com... acho que foi com a Federal do Rio de Janeiro mesmo, com a arquitetura do Rio de Janeiro, eles fizeram um ... era um, como se fosse um curso de especialização para recém-formados e tinha aulas e depois a pessoa tinha



que ir lá fazer prestação de serviço – o Gerônimo, que é um arquiteto lá do Rio, ele era o Presidente ou Diretor de IAB na época e ele tocou...tinha um nome, mas eu não me lembro agora, e eles prestavam serviço em favelas. Então, por exemplo, e o que tinha de importante: o programa tinha um, através da Caixa Econômica, havia um subsídio, sei lá, de R\$ 500 para material de construção que o morador interessado comprava, ou seja, juntava projeto e obra. Primeira coisa: era para realizar uma coisa. E eles tinham casos, por exemplo, muito interessantes. Uma pessoa que morava lá numa favela, e tinha lá a casa dela, e construiu em cima uma sede de uma igreja. E qual que foi o serviço de arquitetura que foi feito? Convencer o cara e executar que tinha que ser ao contrário; é muito mais perigoso você ter 200 pessoas em cima do que a família dele e o fluxo, do ponto de vista de fluxo, de infraestrutura, tudo que você possa imaginar, não tem nenhum sentido o que o cara tinha feito né. Então, assim, o que eu quero dizer, um bairro popular precisa muito mais deste projeto, dessa assistência técnica do que fazer um projetinho de habitação de quarenta metros quadrados para um cara num lote... (seria muito mais a orientação – diz Daniel). A orientação é, porque aí ele está trabalhando dois usos. Então, se for assistência técnica para habitação já é proibido, porque o cara é uma igreja, não é habitação popular. Então, é um..., tem muita coisa, boa parte das políticas públicas, elas são assistencialistas e preconceituosas em relação as pessoas de baixa renda, como se as pessoas de baixa renda por ser de baixa renda não tivessem multiatividades. Hoje, todo mundo é multiativo: você faz curso de inglês, aeróbica, faz não sei o quê, dá aula, estuda, trabalha; então por que você acha que uma pessoa de baixa renda não... ela só pode ir para casa! Ela só mora. Do lado da casa dela não tem que ter parque, não tem que ter igreja, não tem que ter academia. Então, é isso que que quero dizer, o espaço urbano é muito mais... e as necessidades sociais de organização de espaço são muito mais complexas do que as políticas públicas que vieram somente do serviço social, que foram... então, é um negócio difícil de pensar, mas acho que é necessário mesmo repensar. Neste sentido, o programa deveria ser um programa para a organização do espaço, sei lá, cidade saudável, estado sustentável, e não habitação social, isso que eu queria... não pode reduzir o objeto à moradia. Isso é um erro muito grave, isso que tem feito surgir, fez ressurgir das cinzas, esses conjuntos habitacionais do “minha casa, minha vida” que você parece que está num filme dos anos 60.